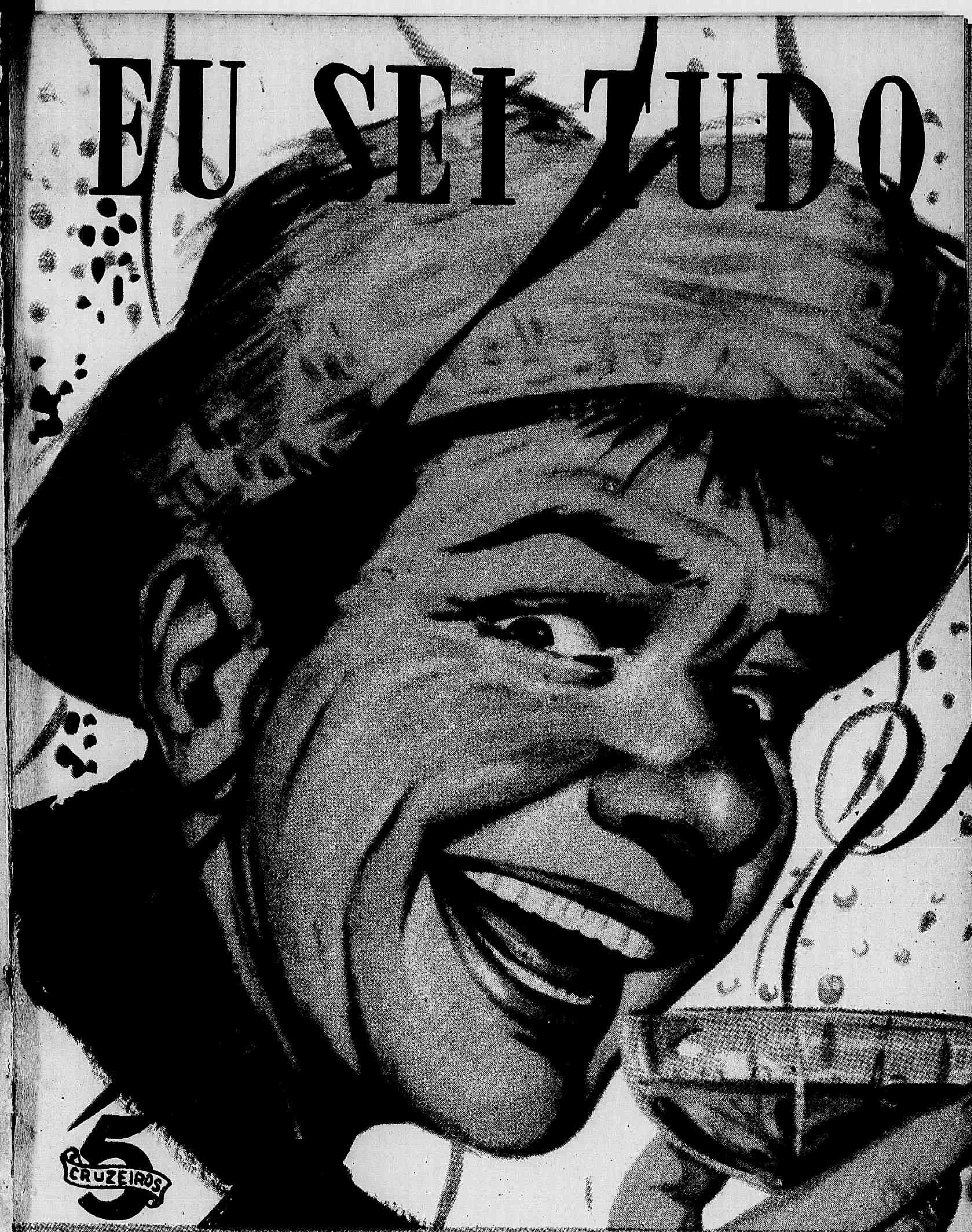
1955

FEVEREIRO - N.453



MISTERIOS DA ALERGIA ★ NÃO RECEIE DIZER: EU VI UM DISCO! ★ OS CIRURGIÕES JÁ OPERAM O MICRÓBIO!



A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS



O LIVRO MARAVILHOSO QUE TUDO SABE E TUDO INFORMA

★

DA MAIOR UTILIDADE PARA TODAS AS IDADES E TODAS AS PROFISSÕES!

★

MINUCIOSAS E VARIADAS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

★

CALENDÁRIOS

★

O ANO: HOROSCÓPICO, AGRICOLA, AERONÁUTICO, CIENTIFICO, CATÓLICO, ARTISTICO, ETC.

★

O BRASIL E O MUNDO HA 100 ANOS

★

UM ROMANCE COMPLETO!

★

UMA COMEDIA PARA REPRESENTAR!

★

ARTIGOS ESPECIAIS: CONTOS, LENDAS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

★

DISTRAÇÕES PARA OS DIAS DE CHUVA ADIVINHAÇÕES E PROBLEMAS PARA OS QUE SE JULGAM SABIDOS

★

CONSELHOS ÚTEIS: DOMÉSTICOS, LITERÁRIOS E DE MEDICINA — PÁGINAS DE ARTE

★

O MAIS COMPLETO ARTIGO SÔBRE "O UNIVERSO, UM ETERNO SHOW"

Almanaque

EU SEI TUDO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE 15 — RIO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



MILAGRE

Por WYATT BLASSINGAME

MEU irmão menor, Joe, tinha nove anos quando ganhamos o nosso barco a vela. Eu tinha doze e não acreditava em milagres.

De qualquer maneira, desde que fomos para a pequenina enseada, na costa do gôlfo da Flórida, sempre desejáramos ter uma dessas embarcações. Eu havia trabalhado, nas férias, prontificando-me a realizar pequenos serviços para os vizinhos e, dessa maneira, conseguira juntar algum dinheiro. A posse do barco tornara-se quase uma obsessão. Sabia onde poderia comprar o que desejava por cento e cinqüenta dólares.

No entanto, após seis meses de esforços, eu possuía apenas nove dólares e quarenta e cinco centavos! Mas não desistia.

Uma certa manhã, fui perguntar a mamãe se ela queria framboezas:

— Posso apanhá-las por dez centavos o quilo — propus.

— Você já apanhou muitas, ontem... — disse ela. — E estão ainda no mesmo lugar em que você as deixou, no armário da cozinha. Não sei o que possa fazer com tantas framboezas.

— Vamos brincar de esconder, na praia — pediu Joe, desinteressado pelo trabalho.

Perguntei ainda a mamãe se precisava de mariscos.

— Não... se tiver que pagar por isso — disse ela.

— Vamos brincar, anda! — insistiu Joe.

— Não!

Eu estava de mau-humor e deixei-me ficar sentado, diante da mesa da copa, tentando descobrir um meio de arranjar dinheiro. As oportunidades eram extraordinàriamente limitadas.

— Vamos procurar conchinhas — propôs Joe.

— Não amola! — respondi, com maus-modos.

— Talvez eu encontre algumas que você possa vender — disse Joe, procurando tentar-me.

— Quem iria comprar conchinhas? — perguntei, azêdo.

Mas, apesar de tudo a coisa me interessava. Tinha havido ressaca durante a noite e a praia devia estar coberta de conchas. E, algumas vêzes, os turistas se interessavam por essas coisas...

— Pode ser, até, que eu encontre um barco! — disse Joe, com os olhinhos redondos de entusiasmo e procurando convencer-me. Se não tiver ninguém dentro dêle poderá ficar sendo nosso.

— Ora, não amola! — tornei a dizer, irritado.

— Vai ver que vamos encontrar algum! — insistiu.

E, realmente, tinha essa esperança, sincera. Sempre era assim. Podia acreditar fàcilmente em tudo o que desejava acreditar. Nunca vi garôto igual. Nascera absolutamente certo de que tudo aconteceria, se desejasse que assim acontecesse. E, não sei explicar como, a verdade era que acontecia mesmo. Certa vez, por exemplo, êle desejou possuir uma cabra que pertencia ao velho capitão Matson, que vivia isolado, cêrca de milha e meia de distância.

O velho marinheiro dissera a Joe que lhe daria a cabra se êle a pudesse lavar tanto que não tivesse mais cheiro algum. O capitão era homem de gênio alegre e gostava muito de gracejar. Falara por falar, mas Joe não. Joe acreditou na seriedade da proposta. Lavou a cabra muito zelosamente e levou-a, depois, para a casa do lôbo-do-mar, apresentando-a como "pronta". O capitão Matson cheirou o animal e declarou que *ainda sentia qualquer coisa*. Isso, porém, não desanimou o meu irmão. Levou a cabra para fora e tornou a lavá-la pacientemente. Essa manobra durou vários dias. Com isso, a cabra acabou enchendo-se de amizade por Joe. Seguia-o até dentro de casa, e se papai enxotava o animal êle tornava a voltar. Finalmente, ficou mesmo conosco e o capitão, segundo desconfio, até gostou de se ver livre do bicho.


Joe ia um pouco adiante e, ao contornar

Agora, Joe repetia que algum barco devia ter dado à costa, perdido na praia de Tampa ou na de Clearwater, durante a ressaca, ou mesmo encalhado na nossa pequenina enseada. Caso o encontrássemos seria nosso, pois tínhamos ouvido papai falar sôbre as leis de salvamento das embarcações.

— Ou, talvez, alguém tenha saído de barco — continuava Joe, sonhando acordado — naufragado, e nós...

— Cala a bôca de uma vez — disse eu, irritado — e vamos procurar conchas.

A maré estava baixa e, realmente, havia grande quantidade de conchas, porém nada de extraordinário. O céu estava limpo após a tempestade, embora o vento continuasse forte. A enseada se apresentava suja e o mar pontilhado de pequenas cristas formadas por espumas muito brancas.

Joe ia um pouco adiante e, ao contornar uma velha cêrca, que servira, tempos antes, de guarida para rêdes de pescadores, gritou alegremente:



uma velha cêrca, que servira, tempos antes, de guarida para rêdes de pescadores, gritou, alegremente: Achei!

— Achei!

De fato, ali estava um bote. Fôra, certamente, jogado contra a praia e rolara pela areia, ficando nela enterrado ligeiramente de lado.

Joe e eu corremos até junto dêle e paramos, sem poder acreditar no que víamos.

Aquilo era como um sonho. A pintura do casco era nova e tôda branca. A quilha também era novinha e brilhava ao sol.

— Eu disse que encontraríamos um barco! — gritava Joe, pulando em redor do casco.

— Isto deve pertencer a alguém — disse eu. — Mas conheço todos os barcos desta região e nunca vi nenhum como êste. Devia haver alguém dentro dêle! — conclui, pensativo.

Não queria deixar que a esperança me dominasse inteiramente. Trepei para o barco e examinei seu interior.

O capitão Matson estava estirado no fundo da embarcação, com o rosto voltado para baixo.

— Capitão? — chamei. Porém êle não se moveu. Havia um pouco de água no interior da canoa e chegava até junto da bôca do velho marinheiro.

— Êle está morto — murmurou Joe.

— Como você pode saber? Nenhum de nós viu, até hoje uma pessoa morta!

Ali ficamos algum tempo e eu já começava a sentir mêdo. Não sabia o

que fazer e tinha mesmo esquecido a embarcação por alguns minutos. Mas, não Joe.

— Quer dizer... que, agora, êsse barco... é nosso, Willie? — perguntou êle.

— Hein?

Repentinamente, minha respiração ficou ofegante. Era quase certo que o velho capitão tinha morrido. Todos sabiam que êle bebia mais do que podia. Talvez tivesse sofrido um ataque do coração e caído no fundo do barco.

Eu sabia alguma coisa a respeito das leis de salvamento, mas não o suficiente para ter a certeza. Um barco abandonado pertence a quem o encontrar. Mas, *se o dono nêle se encontra, mesmo morto...*

Olhei para Joe e compreendi que êle estava pensando a mesma coisa.

— É melhor ir perguntar a papai.

— Espera um pouco — disse Joe. — Se o capitão Matson não estivesse no barco... Se tivesse, por exemplo, tombado na areia...

— Mas não está.

— Mas podemos colocá-lo fora do barco, um pouco mais para cima, na praia — insinuou Joe.

— Não podemos fazer isso! — respondi, apressadamente.

— Por que não? — insistiu Joe. — Seus olhinhos continuavam azuis e inocentes. — Não lhe faremos nenhum mal com isso... E êle, de qualquer maneira, não poderá mais usar o barco...

A coisa tinha seu fundo de verdade — segundo refleti. — O capitão Matson não tinha família. Não tinha, mesmo, para quem deixar o barco. O casco iria parar nas mãos das autoridades, que o venderiam em leilão ou coisa parecida.

Joe já começava a agir, e eu o segui nessa emprêsa. Êle segurou o capitão pelas pernas, enquanto eu suspendia o corpo pelos ombros. Fazíamos esforços tremendos para passá-lo pelo bordo e levá-lo para a areia enxuta, quando êle escapuliu de nossas mãos e caiu na água rasa.

O capitão soltou um grito terrível. Isso assustou a Joe e a mim e logo tratamos de pular atrás dêle. Matson se debatia, na água, e, no justo instante em que tentava levantar-se, uma grande onda o cobriu inteiramente. Joe e eu nos atiramos à água, procurando socorrê-lo.

— Socorro! — gritava o capitão. — Socorro! — E debatia-se de tal forma e violência que derrubou a Joe e a mim, lançando-nos também dentro d'água. Depois continuou a gritar e a debater-se, até que, encharcados e fatigados conseguimos tirá-lo da água e levá-lo para a praia, onde o deixamos sentado e semiconsciente.

— Que aconteceu? — gritou então. — Onde estou?

— Nós... Nós pensamos que o senhor estivesse morto — disse eu.

— Estávamos tentando tirá-lo *dali* — explicou Joe.

Êle pensou que o "*dali*" fôsse o barco e imediatamente voltou o olhar, cheio de horror, para a feia enseada, para a espuma e para as ondas furiosas.

— Devo ter naufragado! — exclamou, pálido de mêdo. — Recordo-me de haver comprado êsse barco... Não precisava, realmente, mas como o preço era tentador... E lembro-me, também, de que alguém me aconselhou a não trazê-lo, ontem, para casa, pois o mar anunciava tempestade... Mas, eu...

Parou, remexeu nas algibeiras do seu capote de lã, de onde tirou uma garrafa de "rum" já quase vazia. Olhou-a por alguns instantes e depois atirou-a, com raiva, nas águas da enseada.

— E vocês, meninos, salvaram-me a vida! — exclamou, com ar pensativo. Mas, logo a seguir, começou a gritar, como louco: "Êles salvaram a minha vida! Êles salvaram a minha vida! Que posso fazer para premiá-los?"

AINDA por muitos meses, depois disso, pensei em contar ao capitão Matson o que exatamente acontecera. Porém Joe disse-me que não devia. Contou, então, o que mamãe lhe dissera: que o susto fôra a melhor coisa que poderia acontecer ao velho marinheiro. Nunca mais tornou a beber e, antes disso, bebia tanto que sua vida não poderia durar muito, pois qualquer dia sofreria um ataque e cairia no mar, sem qualquer possibilidade de salvação. Por isso, penso que, afinal, salvamos mesmo a vida do velho Matson.

De qualquer maneira, foi assim que se realizou o "milagre" e ganhamos o barco, que êle nos ofereceu, decidido a encerrar sua carreira de marinheiro.



OS ÚLTIMOS DESCOBRIMENTOS DA CIÊNCIA PARA COMBATER VELHO PROBLEMA DOMÉSTICO

DORMIR E RONCAR

O roncar é uma das mais antigas, mais comuns e desoladoras aflições humanas. Atacando uma em cada dez pessoas, tem provocado divórcios sem conta, desequilíbrios nervosos, processos judiciários e outras complicações. Apesar de tudo — e inacreditàvelmente — jamais encontramos qualquer comentário ou discussão séria do problema em uma literatura médica.

O dr. Abraham, antigo presidente da Associação Americana dos Conselheiros Matrimoniais (sim; nos Estados Unidos tem essas coisas), escreveu, recentemente, que "essa miserável aflição" tem contribuído muito para criar dificuldades no lar.

Isto impressionou profundamente ao dr. James F. Bender, diretor do Instituto Nacional de Estudos das Relações Humanas e que é, ao mesmo tempo, uma autoridade em... sono.



DOUTOR BENDER — o homem que conseguiu medir um ronco.

Usando um delicadíssimo medidor de som, o dr. Bender pôde verificar que o ronco de um homem adormecido equivale a 69 por cento do som de um sino, o que significa dizer: 25 por cento do ronco de um leão.

COMO EVITAR? — O que causa, realmente, o ronco da pessoa que dorme e como pode ser êle evitado? Por assim dizer, tudo o que estreita ou obstrui a passagem do ar pode produzir o ronco.

No fundo da bôca há o palato macio, que termina numa espécie de cauda, como uma úvula.

Quando êsses tecidos macios encostam contra as membranas da garganta, também macias, pequenas e rápidas vibrações são provocadas pela entrada do ar por essas passagens.

O mesmo acontece quando a base da língua, devido à posição da pessoa que

RESOLVA SEUS PROBLEMAS



[illegible]

Antes de passada uma hora já era a orgulhosa proprietária de um dos melhores relógios-de-pulso de tôda a Suíça.

dorme, repousa contra o faringe. Em muitos casos, as passagens do ar estão obstruídas pelas adenóides, cabelos compridos, etc. Uma inflamação nasal crônica também pode provocar um aumento dos tecidos suficiente para fechar a passagem do ar por êsse caminho. Quando a causa é patológica, a remoção do excesso pode acabar com o ronco desagradável.

Mas, que fazer, se tudo está normal e o indivíduo continuar roncando?

Uma mulher resolveu o problema a seu modo, mandando o marido dormir junto da porta da rua.

— Êle era um excelente alarma contra os ladrões — explicou, com a maior naturalidade. — Antes de enxotar Bob do quarto, fomos roubados duas vêzes. Mas, desde que foi dormir junto da porta, há dois anos, nenhum ladrão mais ousou penetrar na nossa casa!

A cura pelo isolamento é, de fato, um método que oferece boas possibilidades. Porém, em casa, temos um sem número de remédios, que atacam o mal pela raiz. Alguns são mesmo bem velhos e, embora não seja possível garantir resultados favoráveis nem sequer confôrto, a verdade é que, surpreendentemente, têm surtido efeito, segundo o depoimento de antigos roncadores.

Sabemos, por exemplo, que o dormir sôbre as costas provoca a descida do palato macio e da úvula contra as membranas da garganta. Por isso, devemos adotar:

1 — Prendam um objeto qualquer, mesmo de pequenas dimensões, porém inconfortável, nas costas do pijama. Em poucas semanas, estarão curados dêsse hábito. (Variações: uma simples toalha de rosto, amarrada com um nó, grande, nas costas, depois de passada sôbre o peito... ou um bôlso extra nas costas do pijama e no qual se coloque meia dúzia de bolas de vidro, para o mesmo objetivo.)

2 — Amarrem uma das mãos na cabeceira da cama, por meio de um elástico forte e curto. Isso impedirá que se voltem na cama, fugindo à posição mais favorável.

PARA OS QUE DORMEM DE BÔCA ABERTA — Muitos casos são provocados pela respiração bucal. Para evitar êsse vício temos:

1 — Coloquem uma tira de esparadrapo fechando estreitamente os lábios, antes de dormir. Ao fim de uma semana o vício estará dominado... caso não haja obstrução nasal crônica. Nestas condições, o indivíduo continuará roncando.

2 — Amarrem um lenço sob o queixo, amarrando no alto da cabeça. Isso manterá a bôca fechada.

Mas os sabidos estão sempre alertas e vamos contar o que fêz um indivíduo, recentemente, nos Estados Unidos. Anunciou nos jornais e por meio de papeletas, que distribuía nas ruas, declarando que tinha o remédio infalível contra o "ronco". Pedia que escrevessem, juntando um dólar para a resposta. Centenas de pessoas escreveram para o indivíduo em questão e receberam, em resposta, a seguinte "receita":

"PARA CURAR O HÁBITO DE RONCAR" (E, em baixo, em letras pequeninas: *não durma*!)

TEMPESTADE DE VERÃO

Por LUCY CUNDIFF

Nory sabia que nada seria mais delicioso, emocionente e fantástico, como nesse perturbado verão...

QUANDO Nory surgiu na porta da cabana, sua mãe baixou a revista que tinha em mãos e olhou para ela, ao mesmo tempo que perguntava:

— Pensei que fôsse nadar... Onde pretende ir?

— Creio que vou apenas dar um pequeno passeio.

A sra. Bingham sorriu com simpatia e desviou o olhar para maravilhar-se com o espetáculo que o lago oferecia. Nory não voltou sequer a cabeça para saber que sua mãe havia identificado o maiô de Sheila Carr no lago e, bem junto dêle, o calção de Brad.

Com uma voz apenas ligeiramente alterada, mas que era escandalomente alta para quem sempre falava mansamente, a sra. Bingham declarou:

— O que vale é que os Ransoms não foram para a Europa! Graças a Deus aqui estarão no próximo ano! — Próximo ano! Para Nory, o próximo ano não existia. Para ela o que importava era aquela hora, aquêle dia. No próximo ano os Ransoms estariam de volta; não haveria *outra família* na terceira cabana, nem Sheila Carr *à vista!*

No próximo ano, os Ransoms, os Kingsley e os Bingham teriam mais uma vez êsse cantinho de lago só para êles e então tudo seria como tinha sido sempre, cada verão, nos últimos dez anos; como sempre tinha sido, desde que Nory tinha seis anos e Brad sete.

— Não pensou ela. — Não poderia ser o mesmo, outra vez! Mesmo que Sheila não aparecesse, não poderia ser o mesmo! Não esperava que assim fôsse, pelo menos. Teria que ser diferente e excitante, como sempre havia sonhado, quando findava o inverno e como sonhara êste ano, quando em casa



Costumavam sentar naquele cantinho e ficar, quietos, durante muito tempo, apreciando a beleza do lago...

arrumaram as malas para vir para o lago. Sorriu quando abriu a porta. — "Talvez pare um instante para conversar um pouco com Yancey" — anunciou.

Suas palavras eram um ardil para desviar a atenção de sua mãe, que já andava desconfiada de que ela sofresse com a amizade de Brad com Sheila. *"Conversar com Yancey"* era coisa que todos os *habituées* daquele cantinho costumavam dizer em tom de gracejo, pois que êsse velho eremita não pronunciara mais que quatro palavras seguidas, em tôda a sua vida.

Subiu, ligeira, a rampa que conduzia à floresta e à estrada que passava ao lado. Depressa, para que quem a visse passar imaginasse que caminhava para um alvo certo. Sòmente depois que ultrapassou a curva da estrada e o lago e desapareceu de sua vista foi que passou a caminhar devagar. Não queria ver ninguém! E muito menos Brad. Brad, aliás, não via nada nem ninguém, além de Sheila, ùltimamente.

Quando Nory chegou ao cantinho arenoso e estreito, o sol caía, como duas enormes mãos, quentes e espalmadas, sôbre os seus ombros. Os grilos saltaram como pipocas, quando começou a pisar a parte ligeiramente relvada. O lago estava muito azul e liso como um espelho, mas sons de risos e gritos chegavam aos seus ouvidos. Hesitou, sem saber o que fazer: deixar-se ficar indiferente, fingindo não notar a presença dos demais, tomar parte nos folguedos das crianças ou escolher um local de onde não as pudesse ver, onde não pudesse, sequer, imaginar o que faziam. Abaixou-se para colhêr umas framboezas maduras, que comeu enquanto caminhava. Um ano atrás teria corrido para avisar a Brad, para dizer-lhe que as framboezas já estavam maduras. E teriam passado o resto da manhã, sob um sol abrasador, suados e arranhados, procurando os frutos mais vermelhos.

E isto era o que tornava mais difícil de suportar a vida presente. Êle parecia haver perdido o interêsse por tôdas as coisas que sempre tinham feito, juntos. E porque a ilha separava os três "cottages" do resto do lago, sempre haviam imaginado que aquêle lago era dêles! Essa sensação dera a ambos um sentimento de propriedade, de responsabilidade... Cuidavam dos bichos de pêlo e de pena, que eram muitos e variados, nas árvores e nos campos; defendiam as árvores enfêrmas... Mas Brad, agora, parecia distante dêsse mundo.

Há um ano... Nory parou, refletindo profundamente. No último dia subiram até ao alto do bosque, para dizer adeus a Yancey. Viajariam antes do sol nascer, no dia seguinte e despedir-se de Yancey era quase um ritual. A estação começava quando êles iam dizer *"Olá, Yancey!"* e terminava quando diziam *"Adeus, Yancey!"* Yancey respondia sempre a mesma coisa: *"Adeus, Felicidades..."* Depois ela e Brad desciam até à curva do lago, onde todo amanhecer esperavam que surgissem as borboletas de maio. Sentada, agora, ali, nesse entar-



Estava sentado, à beira do cais, com os pés dentro d'água e todo curvado, olhando o «cara nova», que se deixava ficar dentro d'água.



decer, tudo parecia feio e triste e ela não se sentia com fôrças para nada, senão talvez para morrer.

Há um ano, Brad vira chegar em desespêro o dia da partida. Também ela. Haviam descido a ladeira, desde a casota de Yancey e, para sustentá-la no solo difícil, Brad se apossara de uma de suas mãos e tinham terminado o percurso, de mãos dadas, em passos muito lentos. Chegados diante da cabana, êle lhe dissera, parodiando Yancey: "*Adeus. Felicidades.*" A seguir, levantando-lhe a cabeça, com gesto sem pressa, beijara-a. Uma só vez, mas demoradamente.

Depois afastara-se, deixando-a imobilizada, quase sem poder respirar, mas sentindo-se deliciosamente feliz.

Passara todo o inverno amando-o ardentemente, escrevendo-lhe cartas intermináveis, que êle recebia, mas não respondia. E como sonhava com êle! Nunca se interessara por outro qualquer rapaz, até então, e achava mesmo bem tôlas as moças que só falavam em namorados. Para ela a vida era diferente. Escola no inverno. Lago no verão. Não precisava de nada mais para ser feliz. Pelo Natal enviava-lhe um cartão de "Boas-Festas". Quanto a êle, nos cartões que enviava (para seus pais) punha sempre um *post-scriptum* ligeiro, coisa como "*Olá, Nory! Conserve bem lubrificadas essas natatórias para o lago!*". E Nory conservava o cartão na bôlsa de mão, o resto do ano.

Agora recomeçava a caminhar, refletindo que Sheila não seria capaz de pensar tanto assim num rapaz, depois de um primeiro beijo e de um simples cartão de Natal. Em um só dia, Sheila recebia mais atenção dos rapazes do que Nory tinha merecido em tôda a sua vida. Os rapazes dos outros acampamentos de férias, na ilha ou na outra margem do lago, nunca demoravam muito neste ladó, embora êste ano tivessem aparecido, em grupos numerosos, quase diàriamente.

No dia em que os Bingham tinham chegado ao lago, a sra. Kingsley, comentando o fato dos Ramsoms haverem arrendado seu *cottage* aos Carr, havia dito a Nory: "*Para você e Brad vai ser excelente, pois terão mais companheiros, êste verão*". Nory vestira seu mais bonito maiô de duas peças e se aproximara do pequeno cais, imaginando o que diria Brad, quando a visse. Ao vê-la, de fato, o rosto de Brad se abriu num sorriso de boas-vindas. Estava sentado à beira do cais, com os pés dentro d'água e todo curvado, olhando para a "cara nova", que se deixava ficar dentro d'água, a seus pés. Levantou-se logo e ajudou Nory a sentar-se ao seu lado. Mas, enquanto era apresentada a Sheila, Nory não pôde deixar de notar



que não havia nos olhos dêle nenhum entusiasmo por seu maiô.

Agora, caminhando na direção da cabine de Yancey, Nory pensava que seria magnífico se Sheila não soubesse nadar, remar, mergulhar ou pescar. Mas sabia! Entretanto, de qualquer maneira, não fazia nada disso, preferindo o esporte mais perigoso do flêrte e dos ares de sereia. E Brad, que sempre fôra o mais intrépido pescador e mergulhador daquele lago, deixava-se, agora, ficar na beira do cais, sem fazer nadar... Mas com Sheila! Mas não era só... Tôdas as quinta-feiras, havia danças no pavilhão ao ar livre, junto de um grande hotel. Sheila não gostava de dançar e Brad, repentinamente, também deixara de gostar dos *blues* e *boleros*, passando a maior parte do tempo sentado. E, por falar em danças. Esta noite, sendo quinta-feira, também haveria baile. O pior era que também havia uma "Noite do Bridge", em que os maiores tomavam parte. A sra. Bingham também iria. Isto significava para Nory uma noite enfadonha, miseràvelmente esquecida

entre Brad e Sheila, a menos que decidisse aceitar, pois, recusando, correria o risco de revelar quão magoada estava. E nem queria pensar nisso!

— Irei com mamãe! — decidiu. Mas logo mudou de idéia. — "Não! Isto seria pior! Brad ficaria sabendo que o que desejo, simplesmente, é estragar o baile, pois não teria acompanhante para Sheila! Oh, como o mundo é complicado e mau!

Yancey estava sentado na velha cadeira de balanço, fora de sua choupana. Retirou o cachimbo apenas o suficiente para "*Olá!*", quando ela o saudou. Uma espêssa rôsca de veludo marrom, a seus pés, se distorceu, num lento ziguezague, transformando-se num cão. Depois veio cheirar a mão dela, por alguns instantes, findo o que, aparentemente satisfeito, voltou ao lugar anterior onde não se deitou, antes se deixou cair preguiçosamente. Alguém perguntara, certa vez, a Yancey, por que êle dera ao animal o nome de "Feijão", e êle respondera com simplicidade:

— Porque gosto disso.

Nory olhou para Yancey. Parecia não mudar nunca. Os cabelos e os bigodes eram brancos, as faces enrugadas, como da primeira vez em que o vira. Até mesmo o velho paletó de xadrez devia ser o mesmo de muitos anos antes.

Algumas vêzes ficava pensando como seria o interior da sua cabana e tentava compreender como conseguia sobreviver ao longo e áspero inverno. Mas não se atrevia a fazer perguntas. Todos os visitantes deixavam alimentos para êle.

Quando passavam em seus automóveis, os residentes nos "cotaggens" acenavam para o velho eremita, que respondia com gesto igual. E era tudo.

Nory ouviu o ruído de um automóvel subindo a ladeira. Era a caminhonete que servia ao acampamento dos meninos de um colégio. Todd Warren vinha na direção. Nory levantou a mão, numa breve saudação, quando êle passou junto da cabana de Yancey. Nunca prestara muita atenção a Todd. Era moreno e



A sra. Bingham sorriu com simpatia e desviou o olhar para maravilhar-se com o espetáculo que o lago oferecia.



YANCEY

simpático, de elevada estatura, musculoso e desenvolto. As senhoras, que acompanhavam as filhas, nas férias, pouco sabiam a seu respeito, mas como tinha boa aparência e maneiras amáveis com elas, diziam que era "um bom rapaz". Nory ficou pensando que elas não pensariam da mesma maneira se o ouvissem conversar. Brad chamara-lhe a atenção, mais de uma vez, quando sua linguagem se tornava um tanto atrevida. Não pensariam o mesmo dêle, se o vissem lidar com os garotos, no acampamento, especialmente os novatos.

Ficou observando, quando êle parou, pouco adiante, junto da bomba dágua de Yancey, e serviu-se dela. Assim era a sua maneira de agir. Todos tinham o direito de tomar água da bomba de Yancey, mas naturalmente pediam licença, primeiro. Todd jamais se deu o trabalho de saudar Yancey e muito menos de pedir licença.

Olhou para ela, enquanto bebia, com a cabeça deitada para trás e os músculos da garganta movendo-se. Quando descobriu que, por sua vez, êle a observava por cima da caneca de fôlha, mas baixou a cabeça.

POUCO depois, êle se aproximou, logo perguntando, sem cerimônia: — Como pode você estar aqui, em vez de ir gozar as delícias do lago? Não me diga que marcou encontro com Yancey!

Nory nada respondeu, surpreendida com a brutalidade de suas palavras. Falava como se Yancey fôsse surdo ou não estivesse ali.

Porém, já êle se voltava para Yancey, perguntando:

— Então, Yancey? Você pretende levá-la ao baile de quinta-feira?

Yancey também não respondeu. Seu olhar se desviou de Todd e foi pousar, além, numa árvore do bosque.

Nory raciocinava com a velocidade do relâmpago. Aquela era a solução! E ela própria se surpreendeu com a desenvoltura da própria voz:

— Vim para cá, justamente, com a esperança de que você me convidasse.

Todd a fitou, desconfiado. Ficou assim tanto tempo que Nory corou até às orelhas. Mas, já êle falava, mansamente:

— Hm, hm... Assim a linda Nory está querendo gracejar...

Passeou o olhar por sua interlocutora, que tinha plena consciência de estar com um "short" realmente muito curto. Depois, com uma brusca mudança, que era uma de suas características, o sorriso morreu em seus lábios e êle declarou, com certa rispidez:

— Não sirvo para o que você quer... Acho que valho mais do que isso. Como Brad vai acompanhar Sheila, você quer ver se me pega... para "limão", com certeza!

Ela abriu a bôca, para protestar, porém êle declarou:

— Não há de ser nada. Eu levarei você à festa! Essa atitude de "irmão e irmã", de você e Brad, sempre me fêz mal aos nervos. Vou ajudá-la a melhorar a situação. Esteja pronta às oito!

Logo que êle se afastou, Yancey se levantou, vagarosamente, do seu banquinho de madeira. Ao se voltar, para entrar na cabana, tirou o cachimbo da bôca e falou:

— Fedelho!

Quando descia a ladeira, de regresso ao *cottage*, Nory dizia a si mesma que Yancey não gostava de ninguém, e principalmente dos intrusos que se aproximavam da sua cabana. E por que pensara ela que o lago era dêles? Êles, os visitantes, só tinham o lago durante o

verão. Na verdade, aquilo tudo pertencia a Yancey. No inverno, êle era o senhor da região — e talvez até passeasse até muito longe da cabana. Via-o descendo a rampa, acompanhado do "Feijão", até à beira do lago. Então devia exclamar: "*Uff! Já foram, todos!*" E suas palavras ecoariam sôbre o lago, repetidas de árvore em árvore, de animal em animal, como se todos reclamassem o lugar. Continuou a caminhar, procurando deter as lágrimas com as costas das mãos.

SUA mãe ficou encantada, quando soube que Todd a acompanharia ao baile. Sua fàcil aprovação, deixou Nory desalentada. "*Ela também se sente triste por ver Brad preferir Sheila...*" — pensou Nory. — "*Por isso, gostou de saber que outro rapaz se interessa por mim. Não deve saber, jamais, que Todd não é, realmente, quem ela julga... e que fui eu quem pediu que êle me levasse à festa.*"

Estavam sentadas à mesa e sua mãe perguntava com que vestido pretendia ir ao baile, quando ouviram passos pesados, na varanda. Nory levantou a cabeça e viu o vulto de Brad. Seus olhos azuis pousaram sôbre ela, deixando-a inconfortável por alguns instantes, antes de que êle entrasse e se instalasse numa cadeira. Rezou, então, para que sua mãe não comentasse o fato dêle andar desaparecido do *cottage*, ao contrário dos anos anteriores. Porém, ela imediatamente saiu da sala, para ir apanhar leite para Brad. Êste, com gesto natural, apanhou uma torrada no prato de Nory, enquanto dizia:

— Onde você se tem escondido, êstes dias? Não tenho visto você em parte nenhuma!

Ela achou de mau-gôsto a pergunta. A cabana dêle ficava a menos de cem passos daquele *cottage* e ela sempre estivera em casa. Êle poderia vê-la quando quisesse... se realmente quisesse!

Mas, já sua mãe voltava. Por isso, Nory respondeu, fingindo indiferença:

— Oh... Tenho andado um pouco... Ora aqui, ora ali...

Êle sorveu o seu café com leite, pousou a xícara e levantou-se.

— Que distraído sou! Por que aceitei o café, se acabei de comer em casa? Hábito, talvez... Mas, ouça, Nory... Vim para falar com você... É a respeito do baile de quinta-feira...

Nory ficou esperando. Uma pequenina esperança nasceu no fundo do seu coração. "*Posso procurar Todd* — pensou, ràpidamente. — *Posso dizer que esqueci... esqueci que Brad já me havia convidado...*"

Porém, Brad prosseguiu:

— Você quer ir com Sheila e eu? Mamãe me contou que ela e as outras senhoras terão que ir à reunião, no hotel, e assim...

Nory se levantou, num salto. Mágoa e desespêro a invadiram. Sua mãe pressentiu a tempestade. Pôde ouvir sua mãe dizer: "*Mas, Nory não poderia ir, a menos que você...*"

Sua própria voz a surpreendeu:

— Oh, Brad... É muita amabilidade, convidar-me... Mas, vou com Todd!

Houve um pequeno silêncio. Nory o observava atentamente, percebendo que a notícia não o alterara muito.

— Oh... Então, está bem. Todd, hein? Muito bem...

Retirou-se ràpidamente e ela ouviu a porta bater um pouquinho mais forte que de costume. Olhou, então, para sua mãe e viu que seus olhos estavam brilhantes de admiração.



TODD

Na quinta-feira, pela manhã, Nory saiu para pescar. Acenou e gritou um "bom-dia" carinhoso para Brad, ao passar por sua rampa, no lago. Notou que êle continuou olhando para ela, quando prosseguiu, remando. Mas, não olhou uma só vez para trás. Uma vez fora do alcance da vista, além da ilha, arriou a âncora, mas não lançou a linha. Deitou-se no fundo do barco e ficou olhando o céu sem nuvens. Sem dúvida, tinha agido muito bem. Mas, tinha que ser cautelosa, pois Todd era gabola e bem poderia vangloriar-se, dizendo a todos que ela mesma lhe pedira para ser seu acompanhante. Por crueldade. Para humilhá-la diante de todos. E já podia ver o olhar azul de Sheila assistindo à cena. Oh, não! Teria muito cuidado, muito mesmo, com Todd, procurando ser amável e mesmo conquistá-lo. Mas, o mêdo provocou-lhe uma pequenina cólica do estômago.

À tarde, quando voltou ao seu pequenino ancoradouro, notou que o automóvel desaparecera. Um bilhete estava pregado na cortina de seu dormitório: *"Vou à cidade. Talvez volte tarde. Mamãe"*. Depois havia acrescentado, à guisa de explicação: *"Cabelos. Unhas"*.

Nory ficou acordada até tarde, pensando nesses cuidados exagerados de sua mãe. Despertou quando ela a sacudiu por um ombro.

— Demorei mais do que imaginava. Mas, aproveitei para ir até Riverton comprar um vestido para você!

Nory saltou da cama, desolada. Beijou sua mãe, enquanto pensava que ela não devia ter feito aquilo. Viajar mais de 50 quilômetros para comprar um vestido! Usaria o vestido, é claro, para lhe ser agradável, embora não sentisse qualquer entusiasmo por êsse baile.

Desatou o cordão do embrulho e abriu a caixa. Então, o coração saltou em seu peito:

— Mamãe! Oh, mamãe!

Era uma maravilha de vestido. Azul-pálido, com saia rodada e corpete bordado de miçangas. Mas sua mãe já propunha:

— Vamos comer alguma coisa, primeiro; depois, você experimentará êsse vestido.

Mas, Nory mal pôde comer sossegada. Aquêle era um vestido maravilhoso e, por certo, Brad ficaria encantado.

Quando sua mãe ficou pronta, surgiu no quarto de Nory, que estava parada diante do espelho, esquecida do tempo. Ao ouvir os passos, voltou-se, como se acordasse... e viu um deslumbramento no olhar da boa senhora.

— Nory! Você... Você está lindíssima!

Nory sabia que era verdade. O espelho já lhe dissera a mesma coisa e, por isso mesmo, ficara tanto tempo, quase imóvel, diante do armário.

— Oh! Como gostaria que seu pai tivesse vindo, esta semana! Ficaria encantado com você, minha querida!

Nory não compreendia porque, mas, na verdade, sentia-se mais fresca, mais animada e corajosa, àquela noite, naquele vestido!

DEPOIS que sua mãe se retirou do quarto, Nory sentou-se no *living-room*. Ouvia os automóveis que passavam, fora, a caminho da festa. Ouviu também o riso claro de Sheila e a voz grave de Brad. Soube, assim, que êles já partiam. Depois foi a buzina do automóvel de Todd e o gemido dos freios, funcionando violentamente.

Não olhou para êle, quando caminhou na direção do automóvel. Fingiu procurar alguma coisa na bolsinha de miçangas. O assobio encantado dêle, porém, a encheu de prazer. Todd saltou do carro, espalhafatosamente, e abriu a porta para ela entrar.

— Por que veio ao meu encontro? Eu teria ido apanhá-la à porta de casa. Você está uma delícia para os olhos, Nory! Espero que a noite também seja uma delícia para nós dois.

E fêz um gesto para abraçá-la. Nory, porém, esquivou-se, pensando no que dizia sua mãe: *"Todd é um bom rapaz..."*

— Não amarrote o meu vestido — pediu ela. — Quero chegar ao baile com êle perfeito!

— Oh! Posso esperar, Nory, querida. Posso esperar! — disse êle, com uma grande risada.

Em meio do caminho, repentinamente, êle falou:

— Sheila não vai gostar nada de você, esta noite. Vai recear a concorrência!

Porém, Nory queria ir ao baile para ser vista por Sheila e por Brad. Não fazia questão dos elogios de Todd. Brad, sim, teria que confirmar o que lhe dissera o espelho.

PASSAVAM diante da cabana de Yancey e ela levantou o braço para uma saudação. Êle ali ficava, tôdas as quintas-feiras, à noite, sentado em seu velho banco, fumando o seu último cachimbo da noite. Mas, Nory, logo baixou o braço. Yancey não estava à vista! Só o "Feijão", junto da porta. Olhou para trás, através da vidraça e logo tornou a olhar. Um automóvel passou por êles, lançando-lhes poeira. Quando a poeira desceu, êles chegavam a uma curva e depois dela não mais veriam a cabana. Nory se endireitou no banco, mas, realmente, não estava tranqüila. Repentinamente, pediu a Todd:

— Por favor, vamos voltar, um instantinho... Quero saber por que Yancey não está na varanda.

— Ora! Que diferença faz que não esteja ali?

— Mas, êle sempre fica, ali, sentado, nas noites de baile!

— Mas, está proibido de entrar, mesmo que seja para apanhar mais um pouco de fumo para o cachimbo?

Nory, sentada junto da janela, insistia:

— Mas, o cão... Está sempre com Yancey. E, agora, não... Estava à porta, indo e voltando do interior para a varanda...

— Ora, Nory! Que está imaginando?

— Todd... Por favor! É apenas um minutinho.

Êle parara o veículo, em obediência ao sinal vermelho, numa encruzilhada da estrada:

— Não. Se você quiser, poderemos fazer uma parada na volta. Agora, não. Não vou voltar, à-toa...

Nory, enquanto êle falava, abrira a portinhola e saltara, ligeira, para a estrada. Êle gritou, chamando-a. Ela, porém, moveu a cabeça, negativamente, declarando que êle seguisse, caso não quisesse esperar. Ela ia ver o que havia com Yancey. Ouviu-o praguejar e proferir ameaças. Porém, continuou a caminhar de volta, esperando que ao compreender que sua resolução era inabalável, êle cederia e voltasse, também com o automóvel.

Porém, na verdade, Nory não pensava em Todd, nem no baile. Nem queria pensar naquele bosque escuro e silencioso, que tinha em seu redor. Só uma vez murmurou, em voz baixa: *"Ah! O meu lindo vestido!"* e tratou de levantar quanto pôde a saia rodada. De qualquer maneira, poderia usá-lo outra noite qualquer, embora não fôsse mais o mesmo deslumbrante vestido que retirara da caixa.

Yancey talvez estivesse bem... Só porque o "Feijão" ia e vinha, parecendo desorientado, ela estragara aquela bela noite!

Ao se aproximar da cabana, tudo estava mais escuro ainda. Começou a ter mêdo. Não pensava no que poderia ter acontecido a Yancey, mas, sim, no que poderia fazer, se tivesse acontecido alguma coisa com êle. Pediu a Deus, fervorosamente, que a lâmpada de querosene estivesse brilhando na pequenina varanda. Mas, não estava. Tudo era escuridão.

Diminuiu os passos, ao se aproximar, e chamou, com voz hesitante: *"Yancey!"*

Mas, só o cão respondeu, com um grunhido. Depois foi até ela, cheirando-lhe os pés e voltando, rápido, ao interior da cabana. Nory chegou até à porta e tentou ouvir. *"Yancey..."* — tornou a chamar. Podia ouvir uma respiração forte, mas irregular. Abriu a porta e "Feijão" entrou, depressa, desaparecendo, na escuridão. Caminhou, então, cautelosamente, procurando afirmar a si mesma que *"era só Yancey"*. E assim pensava quando se ajoelhou, procurando aproximar-se do homem que respirava ruidosamente e com dificuldade. Havia um lampião próximo e também fósforos, sôbre uma mesinha tôsca, junto da simples cama, no chão. Acendeu e voltou-se para ver. Oh! O infeliz estava doente... Muito doente!



Seu rosto estava tão branco como os seus cabelos e os lábios azulados. O cão procurou lamber-lhe as faces e depois olhou para ela, como se pedisse ajuda.

— Oh, "Feijão"... — murmurou Nory. — Não sei o que devo fazer. Êle tem que ser socorrido... Mas, as cabanas, no lago, estão abandonadas. Todos foram dançar ou jogar bridge! Ninguém voltará antes de quatro ou cinco horas... Era preciso voltar, caminhar pela estrada e encontrar alguém. Sim, ela caminharia, a pé, até seu *cottage* e dali, com a lancha a motor, alcançaria mais depressa o hotel. Mas isso levaria tempo... *Tempo de mais*. Yancey não porecia poder esperar tanto! Havia um telefone no acampamento dos colegiais, na ilhota. Teria que ir até lá!

Corria já, quando ouviu o ruído de um automóvel, que se aproximava velizmente. Parou no centro da estrada e ficou quase cega, com os faróis do veículo. Acenou, então, movendo os braços frenèticamente e, pouco depois, ouviu a voz de Brad, gritando:

— Nory! Yancey está bem?

— Brad! Oh, Brad! — gritou ela, por sua vez, e, a seguir, correu com êle na direção da cabana. — Êle está muito doente!

Brad se ajoelhou ao lado do enfêrmo, como ela própria fizera. Ao se erguer, seu rosto estava grave:

— Temos que levá-lo para a cidade — explicou. — Se eu fôsse chamar o doutor Bailey, levaria muito tempo. Temos que levá-lo... quanto antes!

Não havia tempo para estar fazendo perguntas a Brad, querendo saber quando fôra informado; quem lhe dissera... e por que viera. Apanharam Yancey, com cuidados infinitos, depositando-o no fundo da caminhonete, bem escorado com cobertores, e vigiado pelo cão, que não quis ficar só em casa.

— Coitado! Pesa tão pouco... — murmurou Brad, provocando um soluço de Nory.

Depois, instalaram-se à frente do veículo e partiram, enquanto "Feijão" ficava ganindo, baixinho. Nory ouviu Brad dizer: "Fica tranqüilo, Feijão!" e pensou: "Oh, Brad! Quanto o amo!"

Êle dirigiu a caminhonete velozmente, embora com cuidado, evitando buracos e explicando que era uma felicidade conhecer bem o caminho, podendo até mesmo guiar de olhos fechados. Quando atingiram a estrada principal, ela perguntou:

— Foi Todd quem disse a você?

Brad apertou os lábios, com expressão de furor, antes de responder:

— Sim. Foi êle!

Era bastante, para o momento, e Nory não quis fazer outras perguntas. O hospital era apenas um anexo da residência do dr. Bailey, com sòmente dois leitos. O médico foi ao encontro dêles, quando os viu parar diante do portão. Logo que Brad explicou, foram, todos, para a parte traseira do veículo e, depois, Nory, segurando o "Feijão", pelas orelhas, seguiu os dois homens, que transportavam Yancey. O médico pediu que ambos esperassem na sala. Depois, vendo o cão e consultando Brad com um olhar, acabou dizendo que podiam deixar o cão onde estava.

Brad levou Nory para a varanda. Agora, nada mais podiam fazer por Yancey. Restava-lhes esperar a palavra do médico. Brad segurou uma das mãos de Nory, sentindo que estava fria e trêmula.

— Tem calma, Nory — disse êle, carinhosamente. — Você foi maravilhosa. Não deve desesperar, agora.

Isso a reanimou. Instantes depois, o dr. Bailey reapreceu, fechando a porta cuidadosamente. Retirou os óculos e poliu-os com o lenço. A seguir, disse, lacônicamente: *"Coração. Êle está mal."*

Tudo era silêncio na pequenina sala. Nory podia ouvir a música vinda distante, do pavilhão de festas. Parecia-lhe estar vivendo num outro mundo.

— O que vocês fizeram foi muito bom — disse o médico. — Imaginem só se o desgraçado tivesse que ficar, sem socorro, a noite tôda... Infelizmente, seu estado é gravíssimo, embora não desesperador...

Yancey nunca estivera só, nas férias, pelo menos. Brad e ela, além do "Feijão", sempre estavam com o pobre homem.

Agora precisamos decidir o que fazer — disse o médico. — Quem vai tomar conta dêsse animal?

— "Feijão"? — perguntou Brad. — Oh! Nós podemos tomar conta dêle. Não agora, mas depois... quando Yancey...

Deteve-se, a tempo, e concluiu:

— Sim. Podemos cuidar dêle enquanto viver. Também já é tão velho!

Parecia não haver nada mais a dizer. Ficaram um instante, os três, emocionados, e repentinamente o médico estendeu a mão para êles, primeiro para Nory e depois para Brad. Era uma despedida.

Nory seguiu Brad até ao veículo. Antes de iniciar a marcha, êle perguntou:

— Você não vai querer ir para a festa, agora...?

— Oh, não, Brad! Não quero!

— Vamos levar de volta êstes cobertores à cabana de Yancey e tratar de fechar a porta.

DIRIGIU, de vagar, de volta ao lago. Ela repousou a cabeça na almofada do banco e fechou os olhos. Os músculos das pernas estavam doloridos por haver corrido pela estrada arenosa. Rodaram uns instantes em silêncio, depois Brad falou, com enorme satisfação:

— Eu sempre desejei dar um murro em Todd. Hoje, felizmente, pude realizar êsse meu desejo!

Nory saltou no banco:

— Quem?

— Todd! Onde já se viu, deixar você voltar sòzinha — e a pé!

Ela tornou a repousar a cabeça, com imensa preguiça. Depois, recordando os fatos, perguntou:

— Brad. Como Sheila vai voltar para casa?

Êle continuou dirigindo, alguns segundos, antes de responder:

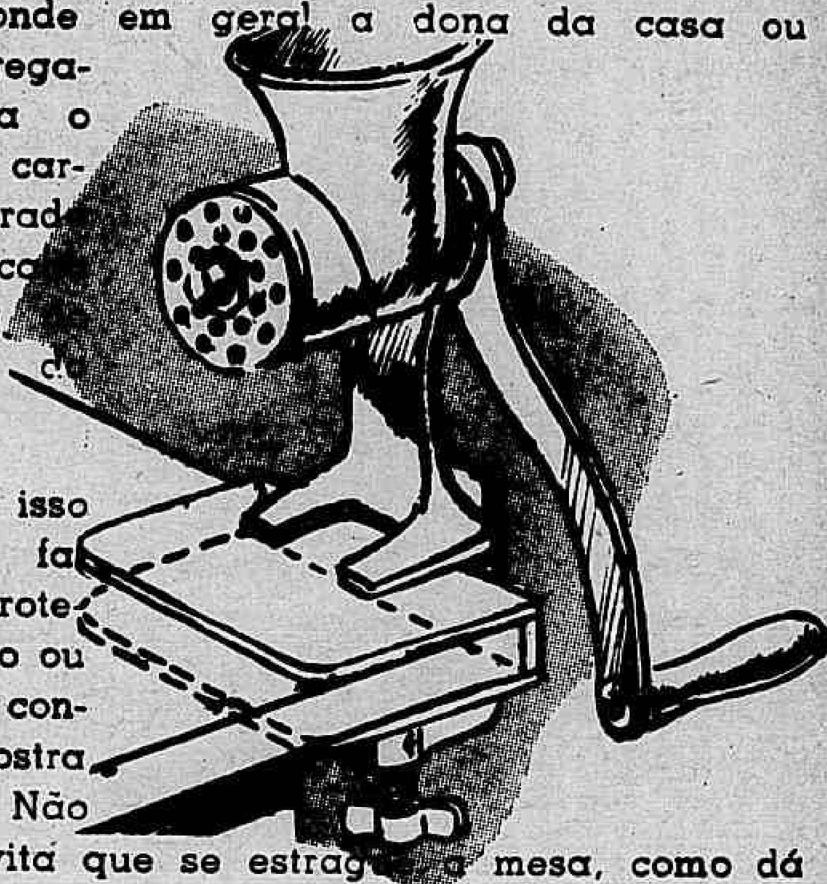
— Todd, provàvelmente, a levará de volta. Êles são do mesmo tipo e devem entender-se bem. Ela ficou furiosa quando eu disse que vinha também ver Yancey!

— Oh!

Nada mais havia a dizer. Ela conteve um arrepio quando saltaram diante da cabana de Yancey e Brad apanhou seu próprio sobretudo, colocando-o sôbre os seus ombros. Guardaram os cobertores na cabana, que pareceu mais triste e

NÃO ESTRAGUE A SUA MESA

SEMPRE que observamos um cantinho de mesa, na copa ou na cozinha, notamos o local onde em geral a dona da casa ou sua empregada coloca o moedor de carne. A beirada está marcada pela alça pegador do aparelho.



Evitem isso mandando fazer um protetor de ferro ou alumínio, conforme mostra o clichê. Não apenas evita que se estrague a mesa, como dá maior firmeza para o trabalho.

mais vazia, quando Brad tornou a apagar a luz, antes de fechar a porta.

Deixaram o veículo parado diante da cabana e desceram, de vagar, na direção do lago. A lua cheia estava bem alta e o lago era um grande espelho, cercado pela muralha negra dos pinheiros. Quando chegaram junto da margem, Brad parou, olhou para baixo, para ela e pousou as pontas dos dedos de cada lado do seu rosto:

— Você está linda, Nory — disse êle, mansamente.

— Linda! — pensou ela. — Linda! O sobretudo de Brad cobria o seu vestido grotescamente. Um dos babados estava rôto. Sentia, também, que seu penteado se transformara numa ruína lamentável...

— Isto não vai ser a mesma coisa, sem Yancey — falou Brad, pensativamente.

— Não — pensou ela. — Não vai. Nada vai ser mais como antes. É como se hoje deixássemos de ser o que éramos...

Quando o braço de Brad cerceu seus ombros, ela pôde ouvir ao longo o ruído das lanchas trazendo sua mãe e as amigas da reunião no hotel. Rezou, então, para que sua mãe a esperasse, acordada, até a madrugada. Tinha tanto que lhe contar! Pretendia contar-lhe tudo, exceto que êsse pequenino milagre, êsse "*no ano que vem*", já havia chegado aquela noite mesma!

★ ★



ECONOMIA DOMÉSTICA

AS CANETAS COM PONTA DE BILHA, em geral, não têm tido boa aceitação. Ou «engasgam» ou derramam tinta excessiva. A verdade é que têm ficado esquecidas e dadas como imprestáveis no fundo de muitas gavetas. Agora, porém, voltaram a ser usadas com entusiasmo, não mais para escrever, por certo, mas como aplicadores de cola.

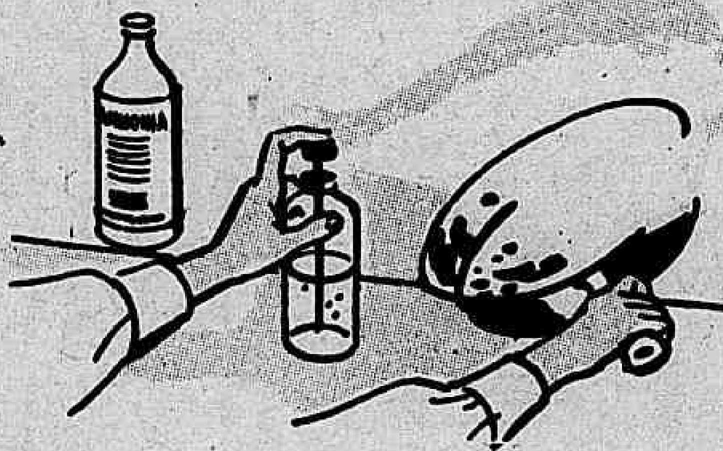


Para colocar documentos é bastante um simples «risco» de cola. E porque é deitada em pequena quantidade, seca imediatamente, não deixando excessos nem manchas desagradáveis. E muito menos sujam os dedos.

CONVÉM «TESTAR» O REFRIGERADOR caseiro, para que o mesmo opere econômicamente. A temperatura no seu interior nunca deve ser inferior a 10 graus acima de zero e só mesmo no compartimento de congelação a temperatura deve cair abaixo de zero. Mesmo assim, jamais deverá descer além dos 10 graus sob zero.

Coloquem um termômetro no interior do refrigerador durante uma hora, aproximadamente, e verifiquem essas indicações. Positivamente, economizará dinheiro se, em caso de mau funcionamento, mandar corrigir êsse defeito para que obedeça às indicações acima.

TER UM VELHO VAPORIZADOR contendo uma solução de partes iguais de amônea e água, numa cozinha, ajuda muito e a qualquer tempo. Antes de deixar a cozinha para ir sentar-se à mesa, a dona de casa vaporiza essa solução sôbre tôdas as panelas e frigideiras, caçarolas e outros recipientes nos quais preparou o jantar.



Acabado êste, volta à cozinha e, então, a limpeza de tôdas essas coisas é uma brincadeira, que não exige esfôrço, ficando tudo limpinho e sem gordura com os primeiros jatos d'água.

QUANDO NÃO SE PODE ou não se deseja comprar caixas de metal para organizar banquetas de flores para uma janela, há um recurso que recomendamos às nossas leitoras: o aproveitamento de velhas calhas, retiradas dos beirais dos telhados e jogadas como imprestáveis. Mesmo as que estejam furadas servem — e até poupam o trabalho de furá-las. Tratem de cortá-las do tamanho necessário, fechando dos lados e soldando nas juntas. Com um pouco de palha de aço bem fina, como as que são usadas para burnir as panelas, elas ficarão novas e brilhando.

MUITAS SENHORAS PREFEREM preparar os sais para o banho, porque é mais econômico. Eis aqui uma boa receita. Misturem ½ k de soda de lavar e de bórax; a seguir comprima-se (mas sem reduzir a pó), apertando com uma colher de pau ou batendo suavemente com um martelo.

Coloquem os cristais em um jarro de bôca larga, que tenha tampa de rôsca. Junte-se 15 gramas de óleo de verbena sôbre os cristais. Tampa-se bem o frasco e deixa-se que os cristais se impregnem dêsse perfume durante alguns dias. Uma colherada bem cheia é a dose usada para cada banho.

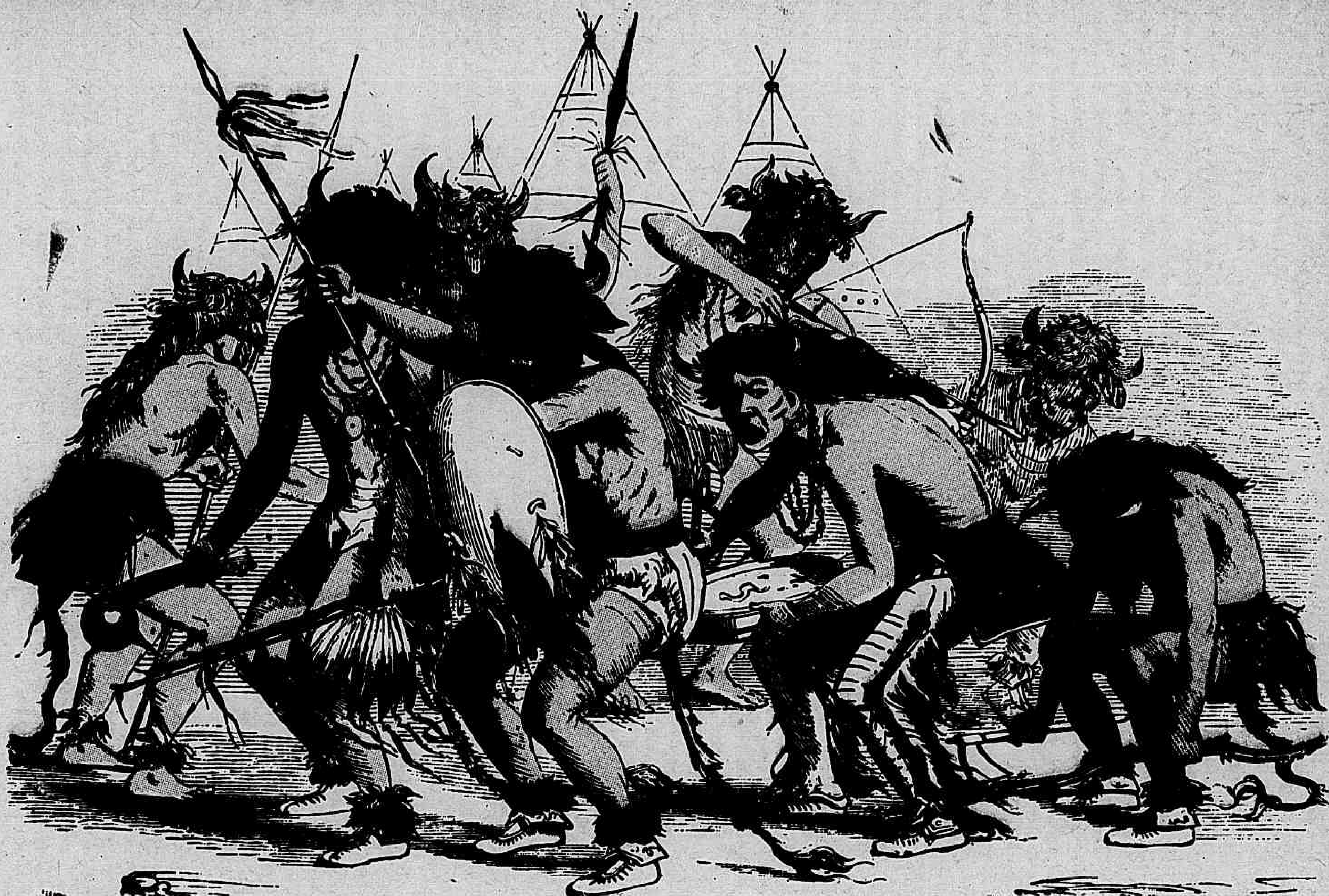
BOA MANEIRA DE RETIRAR O PAPEL VELHO de uma parede é juntar duas colheres (das de sopa) de vinagre a um litro de água fervente e espalhar essa mistura sôbre o papel. Ao fim de dois minutos, êste poderá ser retirado com tôda a facilidade.

AS ESCÔVAS DE VALOR, tais como as de marfim ou de tartaruga, devem ser limpas com talco e não com água e sabão. Esfregam-se os pêlos como se lhes desse uma boa ensaboadela e depois retiram-se as partículas de talco com um pano sêco, batendo levemente com a escôva contra o mesmo. O sistema poderá ser mais lento, mas evita o mau efeito da umidade, que arruina os fios. Retirado o talco, a escôva fica perfeitamente limpa e livre de gordura.

PARA CONSERVAR os objetos de prata, convém envolvê-los em papel assim preparado: embebe-se papel comum, sem goma, em uma solução de 500 gramas de soda, que se faz ferver juntamente com 170 gramas de óxido de zinco, até ficar bem dissolvido e a tudo se juntam 600 gramas de água quente. Uma vez sêco, o papel fica pronto para ser usado. Impede o enegrecimento da prata e a mantém brilhante.

BICARBONATO DE SODA não deve faltar jamais em nenhum lar. Para as queimaduras não há nada melhor, pois faz desaparecer a dor ràpidamente, se se converte em uma pasta com um pouco de água fria, estendendo-se depois sôbre a parte queimada e cobrindo-se com algodão ou uma gaze.

OS OBJETOS e recipientes de toucador devem ser limpos, esfregando-se os mesmos com sal bem sêco, o que retira o sujo e os deixa limpos e reluzentes, sem arranhá-los.



Nas danças lúgubres que eram executadas pelos selvagens, o psicólogo pode adivinhar a expansão dos sentimentos primitivos, baseando-se nas gesticulações, quase carnavalescas, que eram feitas nessa ocasião.



Carnaval

O FESTIM QUE SALTA DOS GUIZOS ESTRIDULANTES... — AS MULTIDÕES EM PÂNICO JOVIAL.

SOOU a hora da jovialidade em pânico, vinda de longínquas paragens mitológicas. O riso brinca sôbre a cidade, os reco-recos gargalham loucamente. Momo, o deus da alacridade e da galhofa, inunda a terra com os seus trejeitos e suas caricaturas. Deportado do Olimpo, porque escarnecia dos outros deuses, refugiou-se em nosso Vale de Lágrimas e substituiu a tragédia pela bufoneria da mascarada.

Os seus guizos cantam o festim da alegria, entoam a sonoridade do prazer, celebram a tumultuosa fanfarra do amor. Irresistível juventude renasce nos corações, rejuvenesce os sentimentos estiolados e ressuscita o júbilo do instinto, na plenitude da sua graça primitiva. De onde vem êsse jovial mito, que demite as superstições sociais e restitui a gargalhada ao regaço do povo? Hoje, como ontem, o tamborim ri e o seu riso inebria as criaturas. O festim salta dos guizos estridulantes e domina as multidões em pânico jovial.

Por
DE MATTOS PINTO

A ANTIGUIDADE TAMBÉM BUSCAVA O PRAZER DA VIDA — As festas religiosas e populares, comemorativas do ano-novo, às quais se relacionam o carnaval, datam de tempos imemoriais. Cublize faz remontar o brinquedo do boi, cujo ritual cômico todos conhecem, às populações do Vale do Nilo.

Na sua fantasia poética, o povo faraônico inventou a lenda de que Osíris se transfigurou num boi, puxando o arado e lavrando a terra. Osíris, o deus da fecundidade e da vida, tomou, sob a nova forma, o nome de Ápis. Homenagens religiosas, mas nitidamente festivas, lhe de-



Figura alegórica da «Primavera» — quadro de Sandro Botticelli, que se encontra na Academia de Florença. Simboliza o prazer e o amor.

saturnais do paganismo romano, festa celebrada no mês de dezembro. Trata-se de uma comemoração que vem dos primeiros tempos, da fundação do Lácio.

Os folguedos coletivos em honra de Saturno, filho de Urano e de Veste, muito divertiram os romanos, pela tolerância e liberdade que nêles haviam. Destronado pelo seu filho Júpiter, que usurpou os direitos celestiais, refugiou-se nas terras do Lácio, difundiu a paz entre os homens e implantou a era da abundância.

Saturno doou aos latinos, o segrêdo de cultivar os campos e de saber amar a vida pelo prazer da própria vida. Além dos benefícios materiais, trouxe consigo o regime de igualdade, ideal congênito da espécie humana. Celebravam nos festins de Saturno, o júbilo da igualdade utópica, que os sêres humanos sonham há milênios. Os romanos comemoravam, entusiásticos e febris, nos dias 16, 17 e 18 de dezembro, num tríduo de festividade pública. Ao lado dos cerimoniais religiosos, cujo advento se atribuiu a Jânus, predominavam os divertimentos populares. A lei mandava encerrar a vida oficial, os tribunais entravam em férias e os juízes recusavam-se a executar condenações. Iam mais além os romanos e concediam liberdade aos prisioneiros durante as saturnais. Os escravos recuperavam, por momentos, os direitos e regalias dos homens livres, concedidos pela livre natureza. Enquanto duravam os folguedos saturnicos, Roma ficava impedida de fazer a guerra.

Os poetas cantaram a era de Saturno, como a idade de ouro do Lácio. Nesse recreio anual dos romanos, Trousset situa

votavam os egípcios anualmente. Depois de o conduzirem pelas ruas, entre danças e cânticos, afogavam-no nas águas do Nilo. O ritual carnavalesco do boi perdurou na França, até 1870, sendo substituído por alegorias sociais e políticas, sátiras mundanas.

No Brasil, tornou-se alegremente popular e ainda conserva sua jovialidade no interior, nas povoações simples e pacatas, que ainda não ostentam o luxo dos clubes de Momo. Se dermos crédito a essa origem, o carnaval procede de quatro mil anos antes de Cristo.

Não encontramos no boi egípcio Ápis, a única fonte mitológica dessa periódica alegria, que salta dos guizos e dos tamborins tangidos por mãos femininas. Há quem a faça uma derivante das antigas

o berço do carnaval moderno. "Tem-se muito disputado sôbre as origens dêsses divertimentos. Tudo leva a crer, conclui Jules Trousset, que derivam das antigas saturnais, modificadas pelos primeiros cristãos e conservadas pelo povo italiano". Outros julgam o Carnaval a reminiscência das lupercais, festa a Lupércus, que algumas vêzes identificam com Pan, o querido deus dos pastôres, a figura mitológica da Natureza.

AS DANÇAS TUMULTUÁRIAS DO PAGANISMO ROMANO — De tôdas as festividades antigas, nenhuma recorda melhor a brincadeira de Momo, do que as bacanais, com o silvo das gaitas, a algazarra dos tambores e os tinidos dos címbalos. Tanto pelos ruídos e pelos batuques, como pelas momices e extravagâncias, as bacanais assemelhavam-se às loucuras carnavalescas pelos saltos libérrimos e movimentos ousados, pelas frenéticas danças e convulsões febris.

Os primórdios do culto de Baccho parecem tão confusos como a origem moderna dos festivais de Momo, apesar de tentarem identificar um com o outro. Acredita Trousset que os ilustres sacerdotes dos faraós veneravam a divindade, que preside aos delírios do vinho. Outros o vão buscar na Etruria, de onde saiu para a Ática. Supõe-se que os gregos só travaram relações com o bacanismo em 1415, antes de Cristo. Isso não impede de vermos Baccho, instalado no Olimpo como jovial e apreciado filho de Júpiter. Da Grécia, o deus da ebriedade e das suas entorpecentes delícias, emigrou para Roma, onde a sua glória saltou da mitologia para a história. De onde vem realmente, êsse indomável Baccho? Na tragédia "As Bacantes", o poeta trágico Eurípedes, que viveu de 484 a 407 antes de Cristo, faz o deus assim falar:

"Deixei os vales da Lídia, onde abunda o ouro e os campos frígios. Atravessei as



Festim no tempo de Carlos V, em que os poderosos misturam o prazer e as ambições políticas, com festividades palacianas



abrasantes planícies da Pérsia e as muralhas da Bactriania, as geadas da Média e a feliz Arábia e a Ásia inteira, cujo mar salgado banha as costas repletas de cidades florescentes, cujo povo é, às vêzes, uma mistura de gregos e de bárbaros. É aqui, a primeira cidade grega onde entrei. Conduzi as sagradas danças e celebrei os meus mistérios, para manifestar a minha divindade aos mortais. Thebas é a primeira cidade grega, onde fiz ouvir os ululos das bacantes e onde as ostentei cobertas de nebrides e armadas de tirso, envôltas de heras".

Assim falou Baccho sôbre a sua origem, pela inspiração poética de Eurípedes, trágico contemporâneo de Anaxágoras, Protágoras, Sócrates e Pródico. O paganismo romano apoderou-se do inebriante filho de Júpiter, transfigurando-o em deus popular, o deus frenético, o deus tonto. E nos seus místicos folguedos, em que repicavam os címbalos e riam os tamborins, as bacantes saltavam desordenadas, os cabelos enfeitados de eras, povoando os ares de gritos estridulantes. Na guerra dos deuses contra os gigantes, Júpiter bradava e exortava: "Evohé, Baccho! Evohé!". E quando a bacanal arrebatou as multidões de Roma, como em nossos dias inflama o povo, os ébrios do Lácio gritavam: "Por Baccho! Por Baccho!". As mesmas flautas assoviavam, os mesmos falsetes rouquejavam e os guizos zuniam espalhafatosos. Porque Baccho encarnava bem a sonoridade da alegria, deram-lhe o epiteto de "Brômius", que significa "Retumbante". Passou a ser um símbolo de eterna jovialidade, evocado para dissipar as tristezas e as ansiedades da existência.

FESTEJO MITOLÓGICO E LIBERTAÇÃO SENSORIAL — As tumultuárias danças das bacanais fascinou os sentidos humanos da antiguidade, também sequiosa de divertimento e libertação sensorial. Ao atroante grito de — "Evohé! Evohé!" — homens e mulheres cantarolavam, corpos se contorciam, batiam os címbalos e sopravam os pífanos. Na Grécia, celebravam as bacanais quatro vêzes por ano, dezembro e janeiro, fevereiro e março, em meio da risonha expectativa. Recebendo o cerimonial dos gregos, exageraram a sua prática os romanos.

Pouco a pouco tornaram-se freqüentes e os ululos báquicos reboavam quase todos os dias. De contentamento religioso, onde o vinho alegrava o corpo e o corpo se divertia com a alegria do vinho, as bacanais se converteram em danças epiléticas e lúgubres. Brômius, o deus do estrépito, via os seus adoradores rolarem de fúria em fúria. As bacanais adquiriram formas assustadoras, com delírios e berros, violências físicas e contorsões nervosas. Cabelos revoltos, o olhar esgazeado, as mulheres pinoteavam e com danças babélicas mergulhavam tochas incandescentes nas águas do Tibre. O escândalo provocou a reação do Senado Romano, que proibiu no ano 186 antes de Cristo, a prática do culto de Baccho. O historiador latino Tito-Lívio refere-se à interdição senatorial, que deixou a impressão de que tôdas as bacanais primaram pelos desregramentos e pelas licenciosidades.

C. L. Mollevaut, um poeta do século XVIII, que traduziu as "Geórgicas" e a "Eneida", de Vergílio, cantava: "O ôlho ardente, o seio nu, salta a tropa das bacantes. O vento brinca entre as suas tranças flutuantes".

Cublize contesta, firmemente, que o ruidoso culto do filho de Júpiter se compusesse de práticas grosseiras, levianas e de intoleráveis costumes. Insiste ainda que tal interpretação não passa de estupidez e calúnia histórica. "Assim, as bacanais ou dionísicas, refutou Buchot-Cublize, não eram orgias, cenas afrontosas como nos habituamos a pensar. Mas sòmente festas, onde as mulheres, longe de ofenderem o pudor público, rendiam piedosamente, solenes homenagens ao deus da fecundidade no homem, ao princípio divino do amor gerador".

Pelo menos parece ter sido assim na Grécia, quando Eurípedes fala em "As

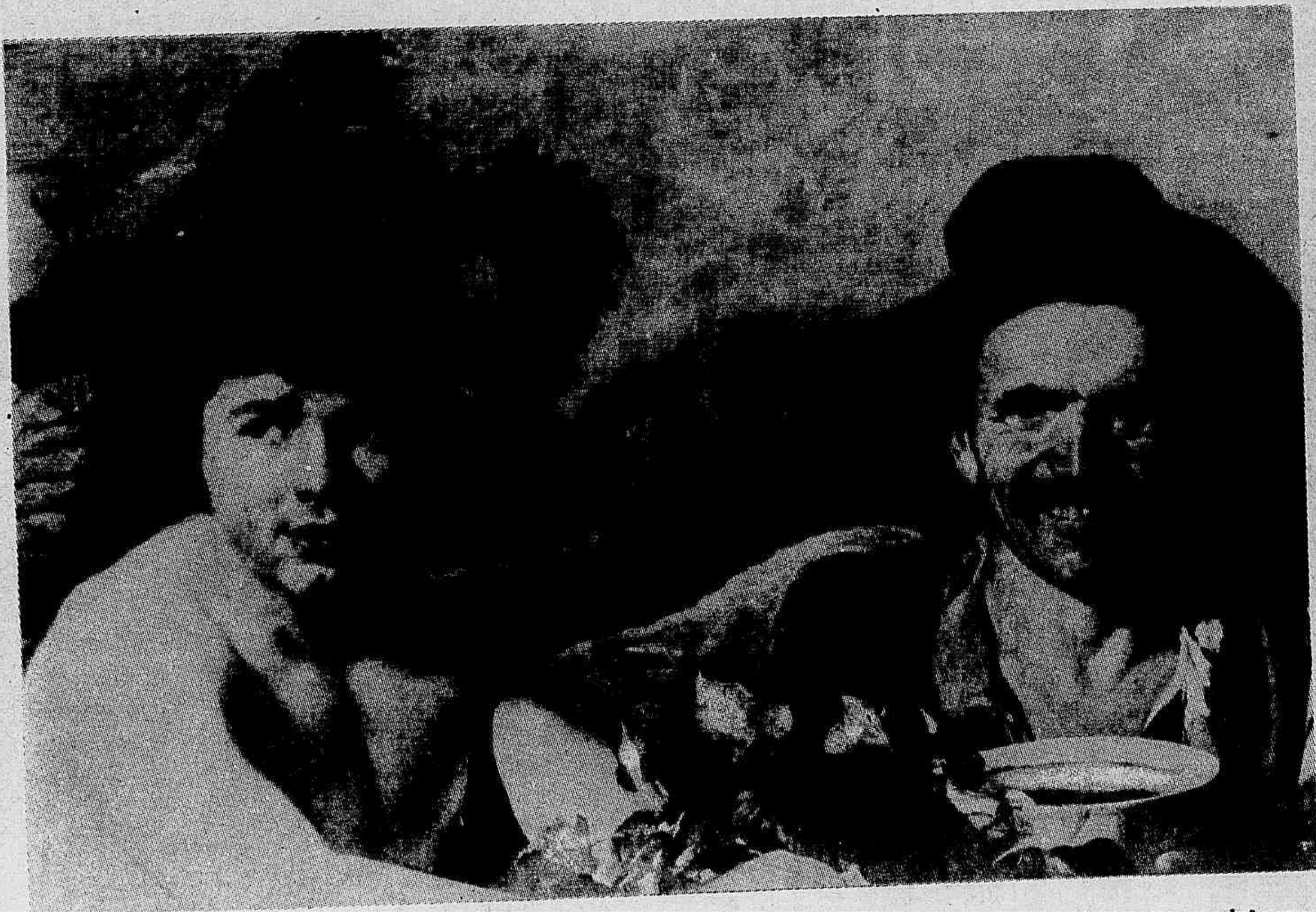
Bacantes" de "santas orgias", o que dá ao carnaval uma origem honesta e sadia. "Por que não estou eu na Ilha de Vênus, nos bosques de Chipre, onde habitam os amôres, que encantam o coração dos mortais, e em Paphos, que fertiliza o rio de cem embocaduras e que não recebe jamais as águas do céu? Ou nos sagrados vales do Olimpo, delicioso retiro das Musas Peridas? Conduzi-me a êsses lugares, Brômius, deus das bacantes! É aí que moram as Graças e o Amor! É aí que as bacantes celebram, em liberdade, as tuas santas orgias!". Assim cantava Eurípedes as olímpicas alegrias das bacanais, o estridulante festim de gaitas e guizos, que inspirou quadros memoráveis a Ticiano e a Poussin..

A MASCARADA QUE DISSIPA A ANSIEDADE DOS MODERNOS — O estrepitoso brinquedo de Momo, êste moderno sabat das alegrias e das gargalhadas, parece bem haver sido gozado pelos antigos. E se o não saborearam no nome, certamente gozaram-no nos saltos e nas cantigas, nos movimentos de bufoneria e no profundo instinto, que manda o corpo se desforrar do cilício do espírito.

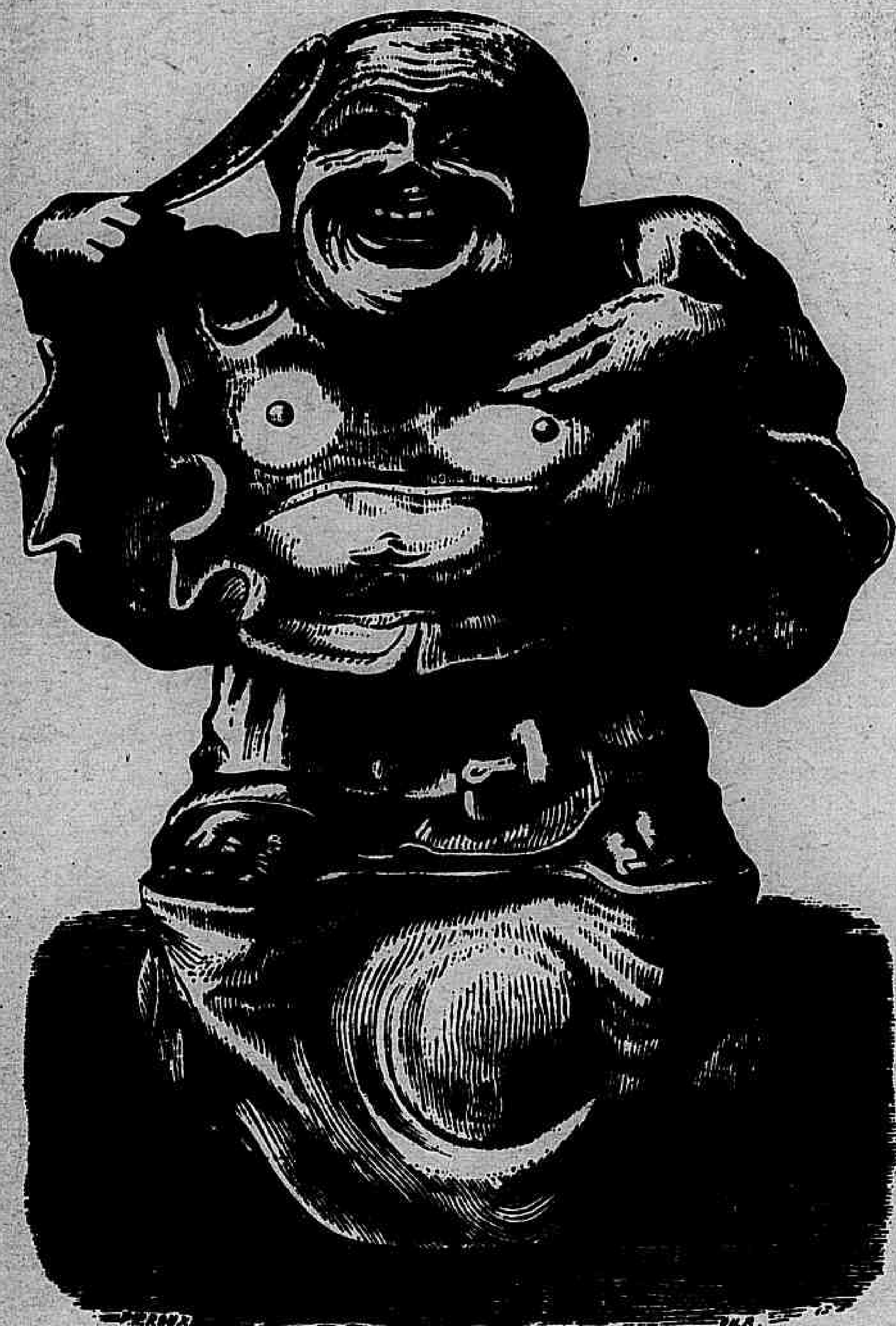
"É assim, concorda Buchet-Cublize, que o carnaval nos veio de muito alto: a perodicidade, os festins, a licença, as mascaradas, as danças, os cortejos, os emblemas, o cerimonial, descendem evidentemente da antiguidade".

Como em nosso trepidante tempo, os antigos sentiram a sedução fisiológica do riso e da brincadeira coletiva, sem a impertinência da censura. Insatisfeitos de explicar pelo mito e pela história, a procedência bufã de Momo, a imaginação recorreu às investigações etimológicas.

Apesar do lexicógrafo Emile Littré e Ph. Le Bas julgarem incertas e confusas as decifrações etimológicas do vocábulo "Carnaval", outros tentaram executar a psicologia do divertimento, dissecando a palavra, examinando as articulações. Camille Flammarion faz derivar do baixo latim — "*carnelevamen*" — significando o arroubo da carne". Menage tira do italiano — "*carnavale*" — que se traduz por o "adeus à carne". Filosòficamente,



Fragmento de «Os bebedores», de Velasquez, que evoca a busca do prazer, que impulsiona as criaturas.



«Pussah» — o deus do contentamento — numa figura feita em porcelana da antiga China.

Du Cange rebuscou a expressão — "*carn - à - val*" — querendo dizer "a carne se vai". Talvez prevendo a teria da psicanálise, onde Segismund Freud pintou a rebeldia do inconsciente e das paixões recalcadas, François Rabelais, o imortal criador de "Gargantua" e "Pantagruel", — "*carnis levamen*" — que se pode ler como "o desafôgo da carne".

Parece que ouvimos nessa hora de facécia, quando os tamborins gargalham e os guizos contentes excitam as formas sensoriais da vida, os apelos de Baccho: "Coragem! Coragem, bacantes, delícias do Timolus, cujo ouro enriquece o Pactolo! Cantai Baccho, ao ruído dos tambores ribombantes. Evohé! Celebrai o nosso deus Évius, por gritos de alegria, por cantos frígios, quando os doces sons da flauta sagrada anunciam os sagrados jogos ao vosso ardor infatigável. À montanha! À montanha!".

Então, descreve o inspirado Eurípedes, a bacante saltava e agitava-se em cadência. Apesar das analogias mitológicas e históricas, devemos duvidar psicològicamente, que as saturnais, as bacanais e as lupercais, possam ser identificadas como os divertimentos populares da atualidade.

Até à Idade-Média, festejava-se popularmente o carnaval entre o povo e aristocràticamente entre os aristocratas. Sòmente para o fim do século XIV, Momo se popularizou na França. Nos bailes da "Ópera" e do "Palais Royal", burgueses e nobres confraternizavam pagãmente. Sob a máscara e o falsete, as classes olvidavam os seus litígios. O povo brincava sòzinho nas ruas, saltando e gritando, vingando-se pelo assovio e pela chalaça da augusta importância dos pedorosos.

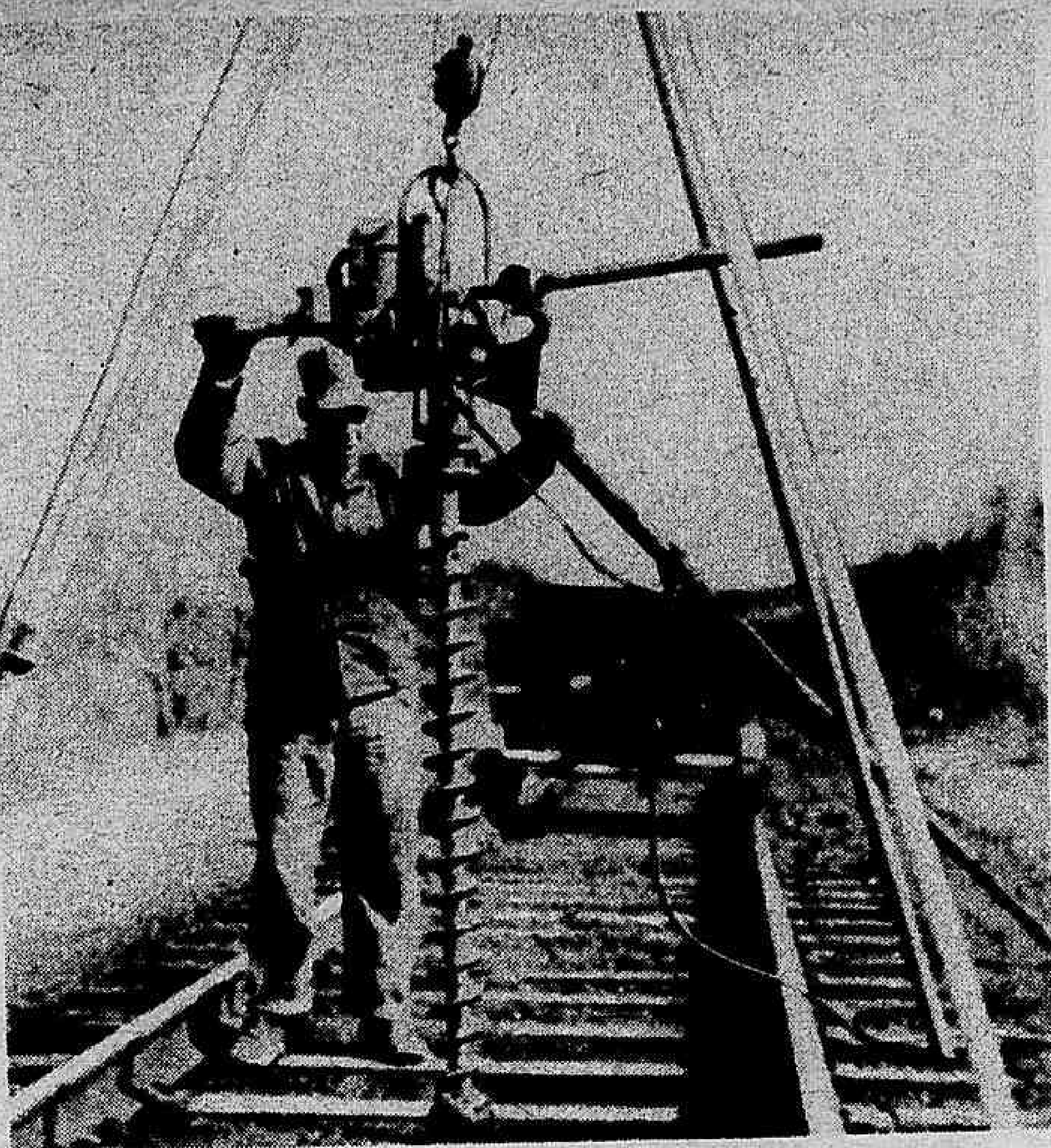
Com o século XVI, o carnaval tomou, em Veneza, essa pompa e êsse esplendor, que legaram a fama das gôndolas esculpidas e douradas, dos balcões enfeitados de tapêtes, dos canais iluminados pela formosura das mulheres venezianas.

Sob Luís XIV, os franceses conheceram a mascarada no gênero italiano, cuja expansividade ecoava perfeitamente com a índole do povo francês

A Revolução Francesa suprimiu o carnaval na França, mas o povo o restaurou no primeiro lustro do século XIX. Só agora, Momo implantou definitivamente a sua popularidade.

Confundiu-se e fundiu-se com a massa popular, num festim tumultuário e universal. Só agora, Momo pôde anunciar à multidão delirante, que soara a democracia da alegria e o pânico da jovialidade em que o prazer salta dos guizos estridulantes, enquanto as mulheres amam e os tamborins riem festivos.





Poderosas perfuradoras elétricas sondam o terreno para encontrar os pontos fracos no leito da estrada.

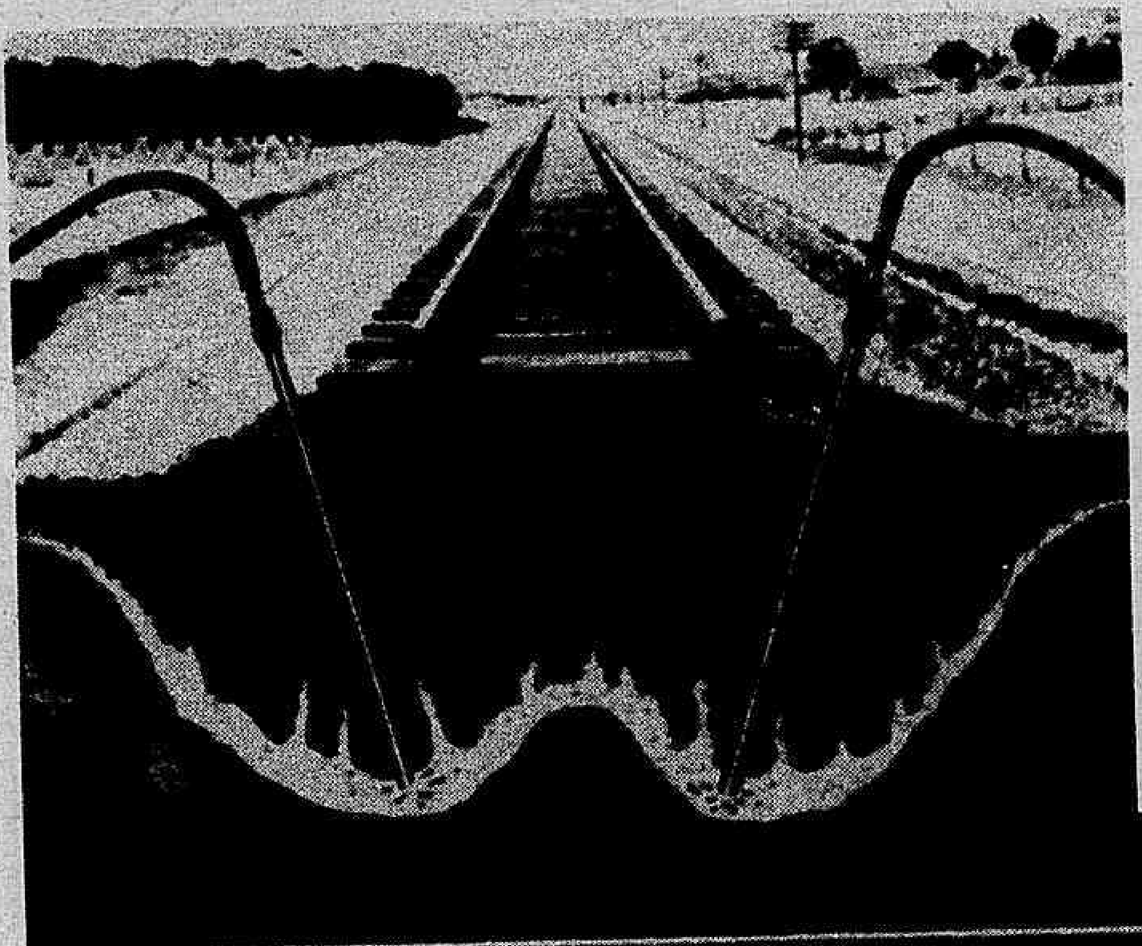
PARA REFORÇAR O LEITO DAS VIAS-FÉRREAS

Colossais "agulhas hipodérmicas" injetam cimento sob os dormentes.

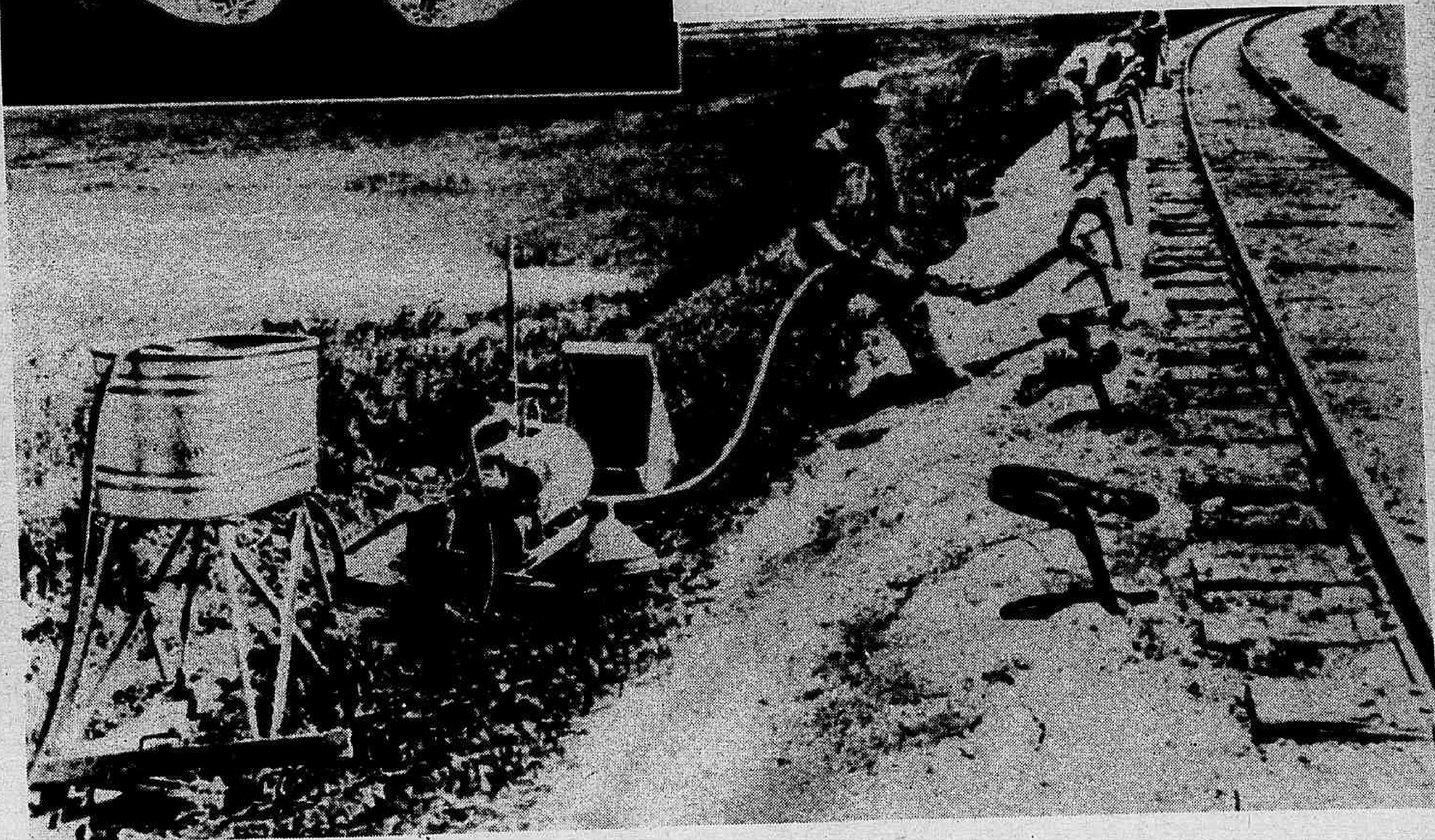
DEPOIS de longo uso, o leito das estradas de ferro começa a apresentar pequenas fendas e depressões. Reparar êsses defeitos ou substituir tôda a base é trabalho longo e caríssimo. Por isso, os engenheiros estão resolvendo o problema com **injeções de cimento** sob o leito dessas estradas, por meio de colossais «agulhas hipodérmicas».

Descobrir essas falhas subterrâneas não é muito fácil, porém, os técnicos desenvolveram um teste de resistência bastante eficiente, a fim de localizar as áreas onde o material de sustentação se encontra em mau estado. Empregam uma possante perfuradora elétrica, que penetra entre os trilhos e os dormentes, de cem em cem metros, e, quando é revalada qualquer fraqueza do material subterrâneo, injetam cimento num largo trecho do terreno.

Outra turma executa o trabalho de injetar cimento, começando por enterrar as «agulhas» profundamente; a seguir, o cimento é injetado por pressão de 60 a 100 libras por polegada quadrada. Êsse cimento desloca ar, água e materiais saturados pela água. Logo que seca e solidifica, o leito da estrada recupera sua primitiva resistência. Êsse processo tem prolongado a vida de muitas estradas de ferro norte-americanas, promovendo economias notáveis.



Corte de terreno mostrando onde estão as depressões e como são feitas as injeções de cimento.



ESSA ESTRANHA

A palavra *alergia* foi criada há apenas cinqüenta anos e tornou-se, desde logo, muito popular por ser um dos têrmos médicos mais geralmente pronunciados, mesmo pelos profanos. Ouvimos ser pronunciada, mais ou menos, em todos os discursos, muito embora não esteja muito claro o exato significado do têrmo, nem a essência daquilo que o mesmo indica. Em geral, acreditam os estudiosos do assunto que a alergia seja uma moléstia e o doente declara que "tem alergia", como quem diria que tem uma outra moléstia qualquer, não muito grave, mas muito desagradável e da qual é difícil libertar-se; fala de alergia quando se manifestam com insistência sintomas muito variados, como afecções cutâneas, teimosos resfriados, ataques de asma e principalmente quando aparece a chamada "febre do feno", que se manifesta apenas na primavera, com tormentosa insistência e com fenômenos semelhantes ao do resfriado comum, porém muito mais graves e obstinados, dos quais raramente a vítima consegue libertar-se.



Na realidade, porém, a alergia não é uma moléstia, mas uma série de fenômenos que manifestam uma reação e uma defesa insólita ou inesperada do nosso organismo contra a penetração de uma substância a êle estranha.

A palavra deriva de duas palavras gregas, a primeira das quais *allós*, significando diferente, e a segunda *ergòs*, que significa trabalho. Êste nome foi criado por um célebre cientista, Clemente von Pirquet, professor de pediatria em Viena, em 1902. Havia observado os fenômenos que seguiam a penetração no corpo humano de um germe infeccioso. Depois de um certo período, que se chama de incubação e que pode durar poucos ou muitos dias, podem ser observados os primeiros fenômenos. Os germes se multiplicam ràpidamente, atingindo um ponto em que a soma das substâncias tóxicas que produzem perturbam as condições normais do indivíduo. Mas, ao mesmo tempo, o organismo cria à sua defesa, isto é: os "anticorpos", que combatem os germes, começando por deter seu desenvolvimento.

Os que foram chamados — e assim continuam sendo considerados — os sintomas da moléstia (os exantemas, ou manifestações cutâneas, a febre, o pulso

Aqui está êste menino de dois anos de idade, entre as grades de cama, como se estivesse numa prisão. Sofre de asma e de erupção cutânea...

ALERGIA...



Com esta substância os laboratoristas preparam os extratos. O líquido é obtido dos pêlos de cão.

acelerado, etc.) são, na realidade, manifestações dessa defesa do organismo, que se prepara durante o período de incubação. A moderna medicina criou a cura racional da moléstia infecciosa, que consiste em ajudar o trabalho defensivo da natureza, aumentando os anticorpos com o sôro obtido de animais aos quais a toxina dêsse mesmo germe infeccioso foi preliminarmente injetada, assim produzindo a necessária antitoxina. Fica, dêsse modo, a natureza ajudada com as mesmas armas que já fabricara, por si mesma, para combater o *assaltante*; de uma arma derivada de um idêntico processo provocado nos animais e, a seguir, atenuado.

Os primeiros êxitos desta cura foram conseguidos com o sôro antidiftérico, graças ao qual a difteria, há tempos uma das mais graves moléstias, é hoje enfrentada com a quase certeza de vitória. Mas, ao mesmo tempo, foi observado que, depois de alguns dias após uma *segunda* injeção de sôro, as crianças apresentavam erupção cutânea e febre alta. Qual o motivo? *Porque, depois da primeira injeção, o organismo da criança reagia diferentemente e essa reação "diferente" foi chamada de "alergia", segundo Pirquet.*

Tais fenômenos (que foram estudados atentamente por Pirquet e Schick, um ilustre cientista, que atualmente vive na América do Norte e ao qual se deve a introdução do sôro contra a escarlatina) foram ligados ao fato do corpo humano não tolerar a penetração, no sangue, de uma proteína estranha como o sôro de cavalo. Isso não ocorre após uma primeira injeção, *porque essa defesa do organismo contra a substância estranha não está pronta ainda*. Mas a *segunda injeção* a encontra *já organizada* e daí ser rapidíssima a reação do paciente!

Essa explicação da alergia se aplica a uma quantidade de fatos e, sobretudo, à imunidade contra certas moléstias, após ser superada a infecção: os "anticorpos" circulam ainda no sangue e agem contra uma nova penetração da infecção. Nisso se baseia a cura preventiva com a injeção de um sôro que contenha uma pequena parte dos germes atenuados: nisto, igualmente, está baseada a vacinação contra a varíola, a difteria, o tétano e outras moléstias. Nisso, ainda, estão baseadas as reações que demonstram a presença de uma moléstia — ou o contrário. A reação positiva da tuberculina de Koch, universalmente conhecida — e temida — demonstram à evidência que estêve no organismo ou ainda está presente uma infecção tubercular.

A HIPERSENSIBILIDADE — Dêsses estudos derivou a descoberta sensacional: certas moléstias, como freqüentes ataques de asma e as manifestações da febre do feno, derivam de uma hipersensibilidade do nosso organismo à penetração das várias substâncias heterogêneas. Um fenômeno geralmente conhecido, mas ainda pouco explicado, estando amparado apenas por vagas hipóteses é o seguinte: — alguns alimentos, como, por exemplo, os crustáceos, certos peixes e, em muitos casos, a ova, podem provocar vários sintomas análogos e, sobretudo, a aparição súbita de

Está provado que quase tôdas as substâncias com as quais temos contacto podem provocar êsse fenômeno: — dos travesseiros ao pó dos livros, dos cosméticos ao pólem das flores, da lagosta aos esmaltes!



Nos laboratórios são examinados os mais disparatados objetos da casa do paciente, para descobrir a causa.

manifestações cutâneas. Não tardou, porém, a ser demonstrado que a "febre do feno" estava em estreita relação com a inalação do pólem das flores e especialmente do feno. Surgiu, então, o problema

A seguir, injetam no paciente extratos de várias substâncias, a fim de identificar a causadora da alergia e, assim atenuar e curar o fenômeno morboso.



de *se* e *como* era possível evitar êsse perigo. Talvez fôsse aconselhável manter afastado o indivíduo sujeito a êsses acessos.

A "febre do feno", que se manifesta com maior intensidade na Escandinávia e na América do Norte é, sem dúvida, a mais freqüente e também a mais grave das moléstias de origem alérgica. O único meio de evitá-la ou mesmo curá-la era, até pouco tempo, ó de enviar o paciente para qualquer lugar onde não houvesse qualquer espécie de flor, como a ilha de Heligoland, onde o terreno rochoso torna impossível a vegetação. Ou, então, muito mais fácil, segundo se adota hoje, é proibir aos pacientes os alimentos que dão origem a essas manifestações alérgicas: as ovas, os mariscos, os peixes em geral e a lagosta.

Mas, como era possível impedir o contacto com substâncias não identificadas? Como era possível saber se era o pólem de certas flores ou o pó derivado de certas substâncias... ou outros fatôres desconhecidos que causavam êsses fenômenos?

Foi então que pensaram os médicos em pesquisar por meio de um sistema idêntico ao empregado para a reação da tuberculose; isto é: injetando ou enxertando sob a pele, em pequenas quantidades, a substância que pudesse ser a causa dêsses fenômenos alérgicos. Os resultados foram eloqüentes, pois coisas bem estranhas e insuspeitadas revelaram ser as causadoras dos citados fenômenos: Muitas vêzes, uma só substância, entre centenas, produz a vermelhidão ou a inflamação do ponto em que entrou em contacto com o organismo, enquanto a enorme maioria não produz qualquer reação.

Com isso, não sòmente a cura pôde ser em grande parte delineada, como o doente passou a ser protegido, tornando-se insensível ao veículo inimigo por meio de injeções de extrato da mesma substância. Por outro lado, foi notado — e o dr. Schick, que tem a maior experiência neste campo, ao qual dedicou quase tôda a sua vida de médico, o afirma — que, em geral, com o avanço da idade, há um aumento dessa hipersensibilidade e que as crianças que sofrem dêsse mal não se

DEFESA SALUTAR — Ainda sôbre a estranheza dessas manifestações alérgicas, é preciso dizer que, como já foi dito acima, em certos países são particularmente mais freqüentes, sem que se possa, de fato, apontar como causa as diferenças climáticas. Um dos países em que a moléstia é coisa freqüente, podendo quase ser considerada doença nacional é a Finlândia, onde se calcula que o 50 por cento dos habitantes são afetados pela alergia em questão.

Uma das mais insignes personalidades na luta contra a moléstia alérgica é a



Depois de breve tempo, se a substância causadora da alergia é aquela já transformada em injeção, surge mancha difusa, acompanhada de ligeira inflamação.

tornam imunes, quando atingem a idade adulta. Na "febre do feno", a injeção de extrato de pólem deu resultado confortador.

Para demonstrar a estranheza do caso e a importância destas pesquisas, diremos que quase tôdas as substâncias com as quais temos contacto podem determinar fenômenos alérgicos. Foi demonstrado, por exemplo, que a asma, em certo caso, era causada pelo conteúdo do travesseiro sôbre o qual o enfêrmo repousava. No caso de um cientista, que passava quase tôda a vida na biblioteca, pela poeira dos seus livros. Por sua vez, é muito comum que os cosméticos, os esmaltes para unha e as tinturas para os cabelos possam causar fenômenos alérgicos. Até mesmo, como bem sabemos, os antibióticos podem ter essa conseqüência. Todavia, a moderna ciência médica está, sem dúvida, em caminho de atenuar e mesmo de curar, com estudo meticuloso e paciência, êsses fenômenos morbosos.



Essas crianças já podem sentir o perfume das flores sem nada sofrer. Poucos meses antes sofriam de uma tormentosa «febre do feno», com violentos ataques apenas se aproximassem de um prado

dra. Zaida Eriksson-Lihr, a qual criou, em Drumsö, próximo de Helsingfors, um instituto que é atualmente, o único hospital em todo o mundo no qual vão curar-se exclusivamente os doentes alérgicos de tôda espécie. Nêle se alojam, num só



Exame da chapa radiográfica, a fim de descobrir a eventual moléstia orgânica. A seguir, os pacientes são levados para hospitais, onde ficam, durante algum tempo, em observação, em leitos cujos lençóis e travesseiros são cobertos de material-plástico, a fim de evitar a poeira.

ano, cêrca de 15 mil pacientes e já agora está em construção, em Helsingfors, um grandioso hospital tendo anexo um instituto de pesquisa que será o primeiro dêsse gênero. O problema principal no laboratório de Drumsö é o de descobrir, como dissemos acima, quais as causas que determinam em alguns pacientes os fenômenos alérgicos; se após a injeção de um dos preparados se nota a manifestação sob a pele, fica averiguada a hipersensibilidade dêsse paciente à substância injetada. A cura virá habituando-se por meio de injeções da substância atenuada e à qual é alérgico. Mas, em muitos casos, isso não é possível, como, por exemplo, no caso de certo agricultor que adoecia sempre que entrava em contacto com um cavalo, em cuja pele havia erupção. Nesse e em outros casos se procede com injeções de pequenas doses, que são gradualmente aumentadas, da mesma substância que causa a alergia, oportunamente atenuada. Como se verifica, a cura é perfeitamente análoga à vacinação e seroteria contra as moléstias infecciosas.

A alergia, portanto, não é uma moléstia, como não é nenhuma reação do organismo contra a penetração de germes estranhos: não é moléstia a febre, não são moléstias os exantemas e assim por diante.

A alergia indica, ao contrário, uma enérgica e salutar defesa da natureza, que procura curar, expelindo o invasor do organismo. O médico, nesse caso, como em muitos outros, procede simplesmente ajudando a ação da natureza. O estudo acurado e paciente do fenômeno e de suas causas, os êxitos já obtidos em casos análogos muito ajudarão na terapia e na prevenção das moléstias infecciosas, em outros tempos consideradas mortais. Já hoje, felizmente, está aberta a estrada que conduzirá à vitória final da medicina.

O instituto finlandês vem provar até que ponto pode chegar o êxito de uma sábia organização, com uma sistemática aplicação dos resultados dessas novas e acuradíssimas pesquisas.

O Instituto Modêlo de Helsingfors, criado pela pequenina Finlândia, que em todos os campos da medicina social e da prevenção sanitária está na vanguarda, estará, certamente, em condições de recolher e oferecer à medicina resultados precisos, determinando, sem dúvida, rápido progresso não apenas na observação científica objetiva e sistemática e na cura dos fenômenos alérgicos, em suas variadas e múltiplas manifestações, mas também no estudo e na prevenção de muitos problemas estreitamente ligados à alergia e que ainda aguardam uma total solução.

"EL REVÓLVER FATAL"





DON ARTÊMIO E O REVÓLVER FATAL

A história dramática de um revólver belga, imitação barata de um "Harrington and Richardson", calibre trinta e dois, e com carga para seis tiros.

DE tempos a tempos, nos anais do crime, surge uma "arma fatal"; suas histórias falam por si mesmas, não havendo explicação para elas. Quem conversar, por exemplo, com o velho policial Guillermo Bernal, chefe do Departamento de Criminologia e Identificação, da polícia da capital do México, êle contará uma dessas histórias — e talvez a mais curiosa de tôdas. E poderá documentar a sua narrativa. Além disso, quem visitar a pequena loja de armas de Don Artêmio Ruelas, em El Paso, e souber "levá-lo na conversa", êle talvez mostrará a própria arma da história. Guarda-a em lugar seguro, sob chave, e escondida dos visitantes. Aliás, pouco se tem que ver nessa arma, de fabricação belga e que não passa de uma imitação barata de um "Harrington and Richardson", calibre 32, de 6 tiros.

O primeiro proprietário dêsse revólver que o comprou em primeira mão, em El Paso, num armeiro, foi um agricultor chamado Wilcox. Em 1908, Wilcox fêz uso da arma e matou sua jovem espôsa. Alegou, em seguida, que a mesma lhe fôra infiel. A polícia, entretanto, pôde provar que Wilcox assassinara a infeliz num acesso de cólera injusto, estando embriagado. Wilcox foi condenado à morte, embora a sentença nunca tivesse sido executada. Durante uma reconstituição oficial do crime, o desgraçado, num gesto imprevisto, tomou a arma de um policial e matou-se, desfechando um tiro no próprio peito.

A êsse tempo, havia em El Paso um certo policial que auferia bom lucro obtendo para vender, as armas que tinham servido para os crimes mais sensacionais, não tardou a levar a arma para a casa e logo que o drama foi esquecido, levou a arma à loja de Ruela. Ali, procurando enaltecer o seu valor, explicou que a mesma tinha servido para um crime.

Ruela comprou a arma por nove dólares.

Em 1910, Don Artêmio vendeu a arma por onze dólares a um jovem mexicano, Samuel Careaga. No dia seguinte leu nos jornais que o mesma indivíduo matara sua namorada, a própria irmã, suicidando-se em seguida. Desta vez a polícia decidiu guardar a arma em seus arquivos, como um "souvenir"... até que a mesma, misteriosamente, desapareceu.

Num certo dia de 1913, um chinês, Luís Chew Sin, levou um revólver "32" à loja de Ruela, a fim de fixar um parafuso. Ruela reconheceu imediatamente a arma e desejou comprá-la, porque conhecia a sua sinistra história e sabia que aquela era uma arma

EPISÓDIO REAL

disputada pelos colecionadores. O chinês recusou vendê-la... mas foi assassinado por outro chinês, dez dias mais tarde, num pequeno hotel de Durango. Don Artêmio foi apurar e verificou que a arma do crime tinha sido a mesmíssima arma. Na ocasião, suas informações muito serviram à polícia, para a caça ao criminoso.

Em 1917, visitando Chihuahua, Ruela foi chamado pela polícia, como perito em armas. Uma pobre mulher, Adelaide Reynosa, fôra assasinada misteriosamente, no seu quarto, em um hotel suspeito. Don Artêmio examinou as balas e declárou que a infeliz fôra assassinada com um revólve 32.



— Não sei bem por que — explicou êle às autoridades — mas estou pensando num certo revólver belga, que já tem uma história dramática. Creio que está também metido nesta história...

Realmente, dias mais tarde, um engenheiro de estrada de ferro, Antônio Echevarria, era prêso e confessava ter assassinado a mulher, num acesso de ciúmes. Entregou às autoridades a arma que usara. Não era outra senão o famoso revólver! O chefe de polícia, grato à ajuda de Don Artêmio, fêz-lhe presente do revólver Ruelas colocou a arma na sua vitrina, com um cartaz em que se lia:

"El Revolver Fatal", detalhando a seguir sua história sinistra. Em 1921, a pequena loja de Don Artêmio sofreu um incêndio arrasador, findo o qual encontraram apenas metais retorcidos. Pensou le que o Revólver Fatal também tinha sido destruído pelas chamas. Porém a arma fatídica tinha sido, simplesmente, roubada juntamente com outras, pelos aproveitadores desonestos, que sempre surgem nestas horas de aflição e confusão. E continuou sua marcha mortal.

Em 1927, em El Paso, o gerente de uma loja de antiguidades foi surpreendido por um audacioso ladrão, que exigia o dinheiro da caixa, de arma em punho. Corajosamente, o comerciante se atracou com o assaltante, tomou-lhe a arma e com ela o matou com um tiro no coração. Provada a legítima defesa, foi absolvido.

Lendo os detalhes do drama, inclusive a descrição da arma, feita pelos jornais, Ruelas ficou absolutamente certo de que o famoso "32" era o responsável por mais essa morte. Correu à loja de antiguidades para ver se a conseguia. Muito tarde. Era, realmente, a mesma arma, segundo a descrição do comerciante, mas acabara de ser por êle mesmo vendida, poucas horas antes, a uma jovem mulher loura.

Ruelas não se preocupou muito, certo de que tornaria a encontrar o revólver. Ficou, apenas "de ôlho" nos jornais. Menos de duas semanas depois, os cabeçalhos dos matutinos anunciaram novo drama. Uma jovem norte-americana, Mary Sanders, matara a tiros seu marido Emílio Cortazar, num trem, perto de Gallego, província de Chihuahua. Êle tinha fugido com outra jovem norte-americana e ela o seguira, conseguindo alcançá-lo no local indicado, matando-o com quatro tiros.

Algumas semanas mais tarde, uma mulher loura (Mary Sanders) apareceu na loja de Ruela, desejando vender uma arma. Logo que viu o revólver, Ruela tratou de prevenir a polícia, que logo apareceu para prender a assassina. E, por êsse serviço, a polícia tornou a ceder a arma a Don Artêmio, recomendando-lhe, porém, que guardasse a arma, não tornando mais a vendê-la, para que fôsse encerrada de uma vez a sangrenta história do revólver.

— Assim fiz eu — explicou Ruelas. — Creio que é meu dever manter esta arma bem guardada, pois assim serão evitados outros dramas.

— Por que não faz coisa mais simples? Por que não a destrói? - perguntou Bernal.

— Creio que porque adoro tôdas as armas, mesmo um revólver fatal, como êste.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Como te chamas? — perguntou o príncipe a Esopo.

— Assine, Mon senhor — respondeu o corcunda em tom alegre — Assinem todos. Quanto ao meu nome, escrevê-lo-ei eu próprio.

E os convivas foram assinando.

— Vá ver se a minha noiva está pronta! — pediu o corcunda a Choisy, que lhe compunha o *jabot*.

— A noiva!... Aqui está a noiva!... — gritaram naquele instante.

Aurora surgiu, com efeito, no limiar do *boudoir*, com o seu vestido branco de noivado e a simbólica flor de laranjeira nos cabelos. Estava linda mas as suas feições conservavam aquela estranha imobilidade que a tornava parecida com uma estátua encantadora. Estava ainda sob a influência do malefício...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699 em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o de Lagardère, o maior espadachim de França. cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha.

Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil dicurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo conduto para Lagardère, promotendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali. Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe as revelações que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos, e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber

Ouviu-se um longo murmúrio de admiração. Quando todos os olhares se desviaram de Aurora para verem o corcunda, êste batia as mãos de contente e repetia :

— Palavra de honra que a minha mulher é linda! Agora nós, meu amor, cabe-nos a vez de assinar!...

Então pegou na mão de Aurora. Todos esperavam vê-la protestar, mas a noiva seguiu-o com surpreendente docilidade.

Ao aproximar-se da mesa onde estava o notário, o olhar do corcunda cruzou-se com o de Cocardasse que acabava de entrar com Passepoil. Fêz-lhes um rápido sinal, levando a mão à anca. Cocardasse compreendeu o que êle desejava porque cortando-lhe o passo, disse:

— Com os diabos! Parece que te falta uma coisa, Esopo!

— O que é? — perguntaram todos.

— O que é? — repetiu o corcunda com fingida candura.

— Desde quando se casa um fidalgo sem espada? — disse Cocardasse.

— É verdade! É verdade! Precisamos dar uma espada ao corcunda. Deve ficar admirável!

Navailles media com a vista tôdas as espadas, enquanto Esopo protestava:

— Não estou habituado! Isso entrava os movimentos!

---

secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apênas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali, ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga.

Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro.

Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flores. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos que acusam o corcunda de possuir artes mágicas. Então, Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. Depois das saudações, o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

De entre tôdas as espadas de parada havia uma grande e forte espada de combate: era a de Peyrolles, que nunca falhava. Navailles pegou nela e entregou-a a Esopo.

— Não é preciso!... Não é preciso!... — repetia êle.

Colocaram-lhe a espada e Cocardasse e Passepoil viram que êle ao tocar-lh no punho estremecera involuntàriamente. Só os dois inseparáveis notaram isso.

Depois de lha terem cingido, o corcunda deixou de protestar. Aquela espada davalhe um aspecto de cômica arrogância. Principiou a pavonear-se de um lado para o outro de modo tão grotesco que ninguém pôde conter o riso.

O notário interrogou-o:

— O seu nome, apelidos, estado e lugar de nascimento?...

Em vez de responder, o corcunda perguntou se ela já assinara.

— Sim...

— Nesse caso vá em paz. Eu farei o resto... — disse Esopo empurrando-o suavemene e colocando-se no lugar dêle.

Peyrolles falava com o príncipe, o qual encolhia os ombros de quando em quando. É que o *factotum* via em tudo quanto se estava passando motivos para inquietação, mas Gonzaga ria, chamando-lhe covarde e visionário.

— Por que será que êle quer escrever o seu nome e não deixa o notário fazê-lo? — perguntou Navailles.

— Já vai ver... Vão ficar pasmados!... Será um verdadeiro assombro!... Mas entretanto, bebam! — respondeu o corcunda com a sua vozita aguda.

Seguindo o seu conselho, os copos encheram-se de novo. Esopo escrevia.

— Diabos levem a espada! — disse o corcunda procurando colocá-la de forma menos incômoda.

Rompeu nova gargalhada. Esopo cada vez se embaraçava mais e a espada parecia para êle um instrumento de tortura.

Por fim, tirou a espada da bainha e colocou-a em cima da mesa, a seu lado. Continuaram a rir. Cocardasse apertou o braço de Passepoil, e murmurou:

— Já está preparado!

— A música vai começar! — respondeulhe o amigo.

O relógio ia dar as quatro da manhã.

— Assine — disse o corcunda estendendo a pena a Aurora.

Ela hesitou. Esopo olhou-a.

— Assine o seu verdadeiro nome — murmurou êle — visto que o sabe...

Aurora curvou-se para o pergaminho e assinou. Viram Dona Cruz espreitar por cima do ombro da amiga e fazer um movimento de surprêsa.

— Já está?... Já está pronto?... — perguntavam os curiosos.

O corcunda, contendo-os com um gesto, pegou na pena e por sua vez assinou.

— Pronto! — exclamou — Venham ver! Vai ser um assombro!

Todos se precipitaram. O corcunda largou a pena e pegou negligentemente na espada.

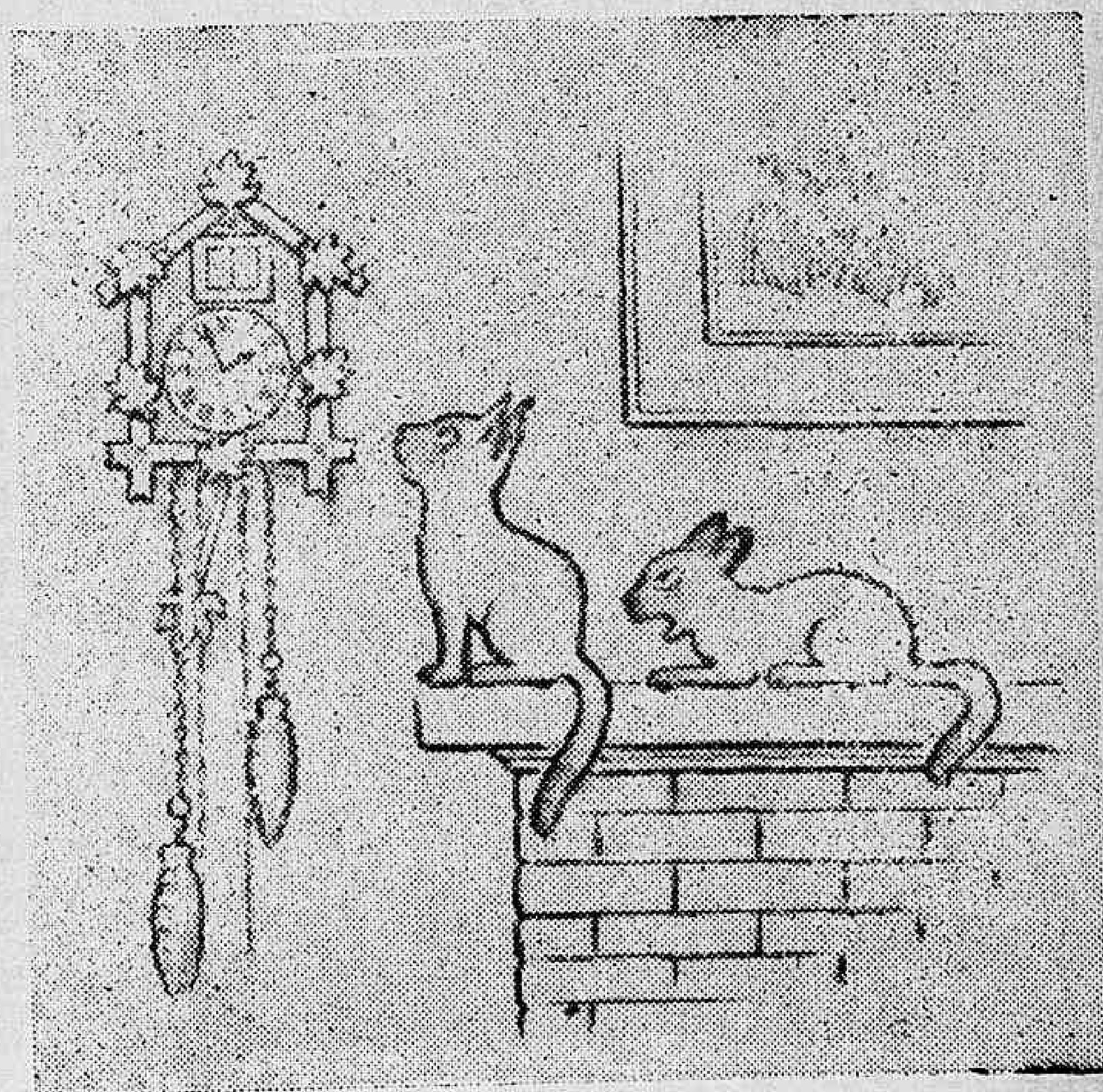
— Atenção! — murmurou Cocardasse.

— Pronto! — respondeu Passepoil.

Gonzaga e Peyrolles foram os primeiros a chegar. Vendo o cabeçalho do contrato, recuaram três passos.

— Que foi?... O nome?... O nome?... — pediam os que estavam mais afastados.

✶



— Você terá mais chance, se esperar a meia-noite.

XII

A VINGANÇA DE LAGARDÈRE

Esopo prometera assombrar tôda a gente e cumprira a palavra...

Naquele momento as pernas disformes endireitaram-se repentinamente, o tronco cresceu e a espada estava segura por mão firme!

— Ah! O maroto fazia ainda maiores habilidades no pátio das Fontes, quando era pequenino! — resmungou Cocardasse.

Ao retomar a sua verdadeira figura, o corcunda puxara o cabelo para trás e sôbre o seu corpo direito, robusto e elegante, brilhava uma nobre e bela cabeça.

— Venham ler o nome! — disse, passeando o seu olhar ardente pela multidão estupefata.

E ao mesmo tempo a ponta da espada indicava o lugar da assinatura. Todos os olhares seguiam aquêle movimento.

Um grande clamor encheu a sala:

— Lagardère... Lagardère!...

— Lagardère! — repetiu êle próprio — Lagardère nunca falta às entrevistas que marca!

Neste primeiro movimento de verdadeira estupefação, o cavaleiro podia ter talvez passado e rompido as fileiras dos seus inimigos em desordem, porém não se mexeu.

Com uma das mãos segurava de encontro ao peito Aurora, trêmula de emoção, e com a outra mão a espada.

Cocardasse e Passepoil tinham-se colocado atrás dêle, de espada desembainhada.

Gonzaga desembainhou a sua e todos os seus amigos o imitaram. Em suma: eram pelo menos dez contra um. Dona Cruz foi colocar-se entre os dois campos, mas Peyrolles arrancou-a dali à fôrça.

— É preciso que êste homem não saia daqui, meus senhores! — pronunciou o príncipe, pálido de morte e de dentes cerrados — A êle!

Navailles, Nocy, Choisy, Gironne e os outros fidalgos carregaram impetuosamente.

Lagardère, sem largar Aurora, cobriu-a com o seu corpo e pôs-se em guarda. Cocardasse e Passepoil auxiliavam-no à direita e à esquerda.

— *Aqui estou!* — gritou Lagardère à sua primeira estocada.

Após alguns segundos, a gente de Gonzaga recuou. Gironne e Albret jaziam no solo, num mar de sangue.

Lagardère e os seus dois auxiliares, sem ferimentos, imóveis como estátuas, esperavam o segundo choque.

— Senhor de Gonzaga — disse Lagardère — quis fazer um caso ridículo com o casamento, mas afinal é válido! Tem a sua própria assinatura!... Eis a minha vingança!...

— A êle! A êle! — exclamou o príncipe espumando de raiva.

Desta vez avançou à frente dos seus.

Soaram as cinco da manhã...

Ouviu-se um grande barulho do lado de fora e pancadas repetidas à porta principal, enquanto uma voz gritava:

— Abram em nome do rei!...



Aquêle salão onde a orgia deixava traços por tôda a parte, tinha um aspecto estranho. A mesa ainda estava cheia de comida e de garrafas meio vazias. Copos e taças partidas aqui e acolá, punham grandes manchas de vinho entre os sangrentos despojos do combate.

No meio do salão, Gonzaga e os seus amigos, surpreendidos pelo grito — "Abram em nome do rei!" — olhavam espantados para a porta de entrada. As mulheres, loucas de mêdo, pretendiam esconder-se por todos os cantos.

Os guardas, que naquele momento batiam à porta do salão, contavam certamente que não lha abrissem, porque à terceira intimação meteram-na dentro.

Gonzaga sentiu um arrepio percorrer-lhe a medula. Era a êle que a jusiça procurava?...

— Meus senhores — disse, embainhando a espada — não poderemos resistir aos soldados do rei.

E acrescentou em voz baixa:

— Até vermos o que êles querem!

Um capitão surgiu à porta do gabinete e declamou:

— Meus senhores, em nome do rei!

Cumprimentou o príncipe e afastou-se para os seus soldados entrarem.

— Que deseja, capitão? — perguntou Gonzaga.

O oficial olhou para os cadáveres e para o grupo formado por Lagardère e pelos espadachins que se conservavam em guarda e exclamou:

— Bem me diziam que êle era valente!...

E voltando-se para o príncipe, acrescentou:

— Esta noite, por mandado de Sua Alteza, estou às ordens da Princesa vossa espôsa...

— E foi minha mulher?... — principiou o príncipe, furioso.

Mas não pôde acabar a frase porque a viúva de Nevers entrou no salão. Ia como sempre de luto pesado. Ao ver aquelas mulheres, as pinturas das paredes e dos tetos, e os restos da orgia e do combate, baixou o véu para o rosto.

— Não venho por sua causa! — exclamou sêcamente, dirigindo-se ao marido.

E avançando para Lagardère, disse:

— As vinte e quatro horas que pediu já passaram, cavaleiro. Entregue a sua espada. Os seus juízes aguardam-no.

— E é esta mulher minha mãe! — murmurou Aurora tapando o rosto com as mãos.

— Senhores — acrescentou a princesa dirigindo-se aos soldados — Cumpram com o seu dever!

Lagardère atirou com a espada aos pés do capitão. Gonzaga e os seus não fizeram um movimento, nem pronunciaram uma só palavra. Quando o capitão designou a porta ao cavaleiro, êste adiantou-se para a princesa levando sempre Aurora pela mão, e disse-lhe:

— Senhora, neste momento eu arriscava a vida para defender sua filha.

— Minha filha? — exclamou a viúva de Nevers em voz trêmula.

— Mente! — gritou Gonzaga.

Lagardère não fêz caso daquela injúria.

— Pedi vinte e quatro horas para lhe restituir sua filha — disse o cavaleiro lentamente, dominando com a sua cabeça altiva os cortesãos e soldados — decorreram as vinte e quatro horas e digo: aí tem Aurora de Nevers!

As mãos geladas da mãe e da filha tocaram-se. A princesa abriu os braços para Aurora que precipitou-se para êles chorando.

Naquele momento brilhou uma lágrima nos olhos de Lagardère.

— Proteja-a, senhora — disse, fazendo esforços sôbre-humanos para dominar a sua emoção — e ame-a! A partir dêste momento só a tem a si no mundo!

Aurora desprendeu-se dos braços da princesa para se dirigir a Lagardère; Henrique, porém, repeliu-a docemente.

— Adeus, Aurora! — exclamou — Os nossos esponsais não terão dia seguinte. Guarde êsse contrato que a tornou minha mulher diante dos homens, já que o era, desde ontem, perante Deus. Sua mãe há-de perdoar-lhe esta aliança com um morto.

E beijando-lhe a mão, cumprimentou reverentemente a princesa e saiu dizendo:

— Conduzam-me perante os juízes!





— Gostaria de saber quem ensinou você a ver as horas. Pedi para ser acordado às 9,15 e não às 2,45!

XIII

NOS APOSENTOS DO REGENTE

Eram oito da manhã. O marquês de Cossé, o duque de Brissac, o poeta La Fare e três damas, numa das quais o porteiro Le Breánt jugara reconhecer a duquesa de Berri, acabavam de sair do Palácio Real pela porta a que nos temos referido várias vêzes.

O Regente estava agora sòzinho no seu quarto com o abade Dubois e dispunha-se a ir para a cama.

Haviam ceado no Palácio Real, tal como no Palácio de Gonzaga. Essas ceias estavam em moda. A de Filipe de Orléans, porém, não acabara de forma tão desagradável.

Dubois despediu-se do Regente quando êste, morto de sono, se preparava para ir descansar, mas ao dirigir-se para a porta, esta abriu-se e apareceu um criado anunciando o senhor de Machault.

— Recebê-lo-ei ao meio-dia — respondeu o Regente, de mau-humor — Esta gente brinca com a minha saúde e ainda acaba por me matar!

— O senhor Machault — insistiu o criado — tem comunicações importantes...

— Já as sei de cor...

O criado saiu.

Dubois dirigiu-se de novo para a porta, mas a porta voltou a abrir-se.

— O senhor Secretário do Estado tem importantes comunicações a fazer...

— Todos dizem o mesmo — murmurou o Regente — Diga-lhe que venha às duas horas.

O criado saiu e Filipe de Orléans fechou os olhos; momentos depois dormia.

Quando Dubois saiu, o chefe da Polícia e o secretário de Estado encontravam-se na ante-câmara, conversando. A sua aparição interrompeu a conversa, por momentos, mas logo que êle desapareceu, Le Blanc perguntou a Machault:

— Sabe ao certo o que se passou em casa do príncipe de Gonzaga?

— Sei que os soldados retiraram dois mortos, fizeram três prisioneiros, dos quais um é Lagardère, e que a princesa, entrando à fôrça na casa de recreio do marido, em nome do Rei, os surpreendeu em pleno combate. Havia também duas raparigas... Mas isto é um enigma que ninguém, a não ser a esfinge, poderia decifrar...

— Uma delas era com certeza a herdeira de Nevers — disse o secretário de Estado.

— Não se sabe... Uma é apresentada por Gonzaga, a outra, por Lagardère!

— E o Regente tem conhecimento desses fatos? — perguntou Le Blanc.

— Ainda não...

— Quando o Regente souber, o príncipe deve preparar-se...

— Não sei... das duas, uma; ou o senhor de Gonzaga perde ou ganha! — disse o chefe da Polícia.

— O tribunal foi convocado para esta noite.

— Sim, para Lagardère e a pedido da princesa de Gonzaga...

— Pensa que Sua Alteza estará disposto a proteger o príncipe?...

— Não penso coisa alguma enquanto não souber se o príncipe continua a gozar da amizade de Sua Alteza... — respondeu o chefe da Polícia.

Mal acabara de pronunciar-se esta frase, abriu-se a porta da ante-câmara e o príncipe de Gonzaga surgiu no limiar.

Trocaram-se afetuosas saudações entre os três.

— Sua Alteza está visível? — perguntou o príncipe.

— Acaba de se deitar e negou-se a receber-nos — respondeu Machault.

— Então não deve querer receber ninguém — apressou-se Gonzaga a comentar.

— Bréon! — chamou o chefe da Polícia — Vá anunciar a Sua Alteza o senhor príncipe de Gonzaga!

Gonzaga olhou para Machault, desconfiado. Isto não passou despercebido aos dois magistrados.

— O Regente deu ordens especiais a meu respeito? — perguntou o príncipe.

E nesta pergunta havia uma evidente inquietação.

O chefe da Polícia e o secretário de Estado inclinaram-se, sorrindo.

— É que — explicou o primeiro — Sua Alteza Real... cuja porta está fechada

para os seus ministros... pode sentir prazer com a companhia do seu melhor amigo...

Bréon regressou, dizendo em voz alta, no limiar:

— Sua Alteza consente em receber o senhor príncipe de Gonzaga!

Uma surprêsa sem igual, mas cujos motivos eram diferentes, desenhou-se no rosto dos três senhores. Gonzaga estava comovido. Cumprimentou os dois magistrados e seguiu Bréon.

— Sua Alteza continua a ser a mesma pessoa! — censurou Le Blanc, despeitado — O prazer antes dos negócios!

— Mas dêsse fato — replicou Machault com um sorriso equívoco — podem-se tirar várias conclusões...

— Pois sim, mas o que não pode negar é que o crédito de Gonzaga...

— Ameaça ruína! — interrompeu Machault.

No corredor que separava a ante-câmara do quarto do Regente, Gonzaga teve apenas alguns segundos para refletir. Empregou-os bem... O seu encontro com Machault e Le Blanc modificou profundamente o seu plano de conduta. Êles nada tinham dito, mas o príncipe, ao deixá-los, ficara com a impressão de que uma nuvem ameaçava eclipsar a sua boa estrêla... Talvez mesmo suspeitasse qualquer coisa de pior...

O Regente estendeu-lhe a mão. Gonzaga, em vez de a levar aos lábios, como faziam alguns cortesões, apertou-a entre as suas e sentou-se à cabeceira do leito, sem pedir licença. O Regente continuava com a cabeça sôbre a almofada e os olhos semi-cerrados, mas Gonzaga via perfeitamente que o observava com atenção.

— Então, Felipe — disse Sua Alteza em tom de afetuosa bonomia — como vês, tudo se sabe...

O coração de Gonzaga oprimiu-se, mas êle nada deixou transparecer.

— És infeliz e não sabíamos! — continuou o Regente — Isso representa, pelo menos, falta de confiança...

— Falta de coragem, Mon senhor — interrompeu Gonzaga em voz baixa.

— Compreendo, ninguém gosta de mostrar as misérias da sua vida. A princesa está muito magoada...

— Mon senhor deve saber como a calúnia é forte...

O Regente ergueu-se sôbre o cotovelo, olhou bem de frente o seu mais velho amigo, e replicou.

— Tenho sido caluniado quanto à minha honra, à minha probidade, afeições de família, enfim, em tudo quanto um homem tem de mais querido; no entanto, não adivinho a razão por que tu, Felipe, me vens recordar uma coisa que os meus amigos procuram fazer-me esquecer...

— Mon senhor — respondeu Gonzaga inclinando a cabeça sôbre o peito — peço que me perdoe. O sofrimento é egoísta... referia-me a mim, não a Vossa Alteza!

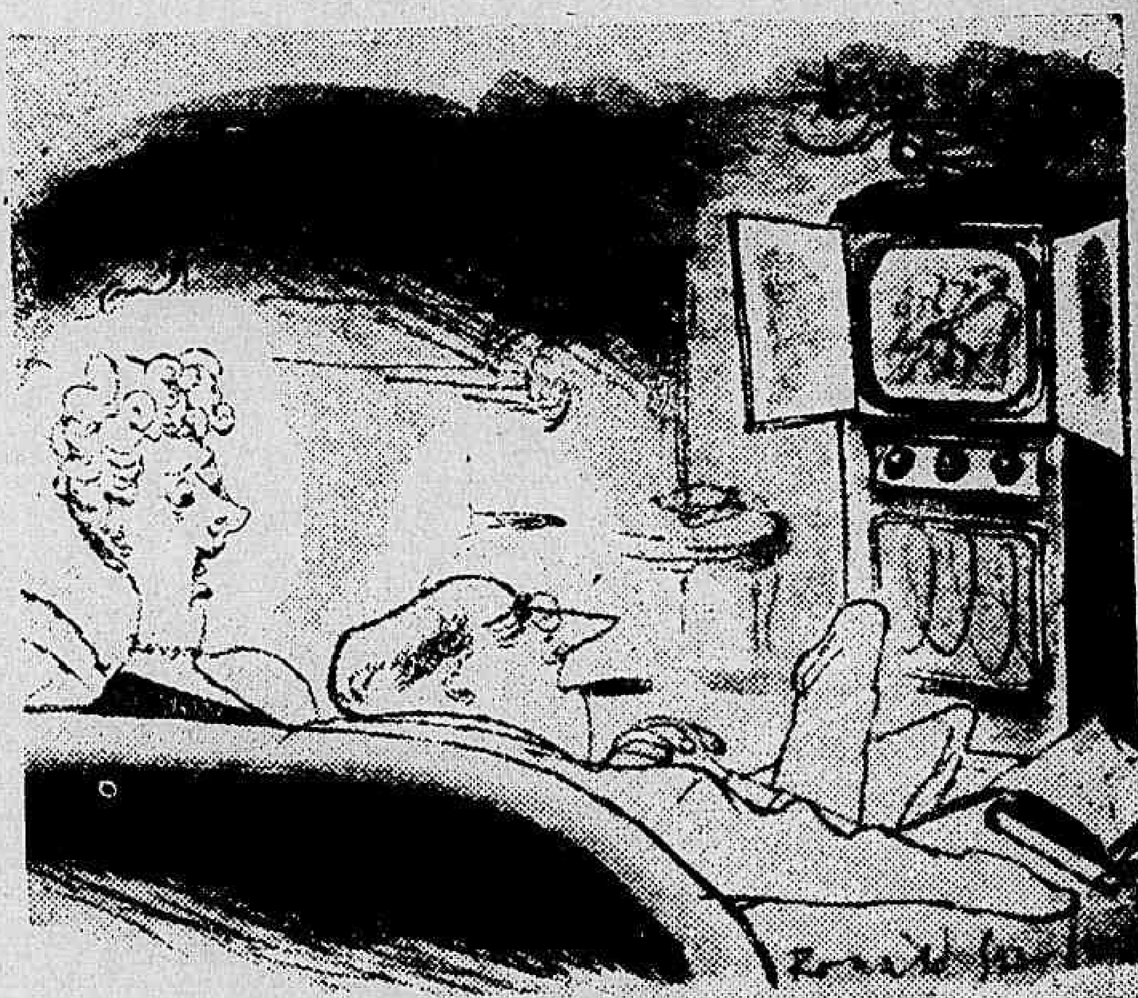
— Perdoo-te, Filipe, mas com a condição de me contares os teus sofrimentos...

Gonzaga meneou a cabeça e pronunciou tão baixinho que o Regente teve dificuldade em o ouvir:

— Vossa Altêza e eu, estamos acostumados a brincar com as coisas que se relacionam com o coração... há, porém, sentimentos...

— Bem, Filipe! Vejo que estás apaixonado por tua mulher, que é uma nobre e formosa criatura. É certo que quando es-





— Assim não pode ser! Êles estão apresentando os mesmo filmes que enxotam a gente do cinema, mandando de volta para casa!

tamos ébrios, muita vez nos rimos disso, e de Deus também... no entanto...

— Fazemos mal! — exclamou Gonzaga com a voz alterada — Deus pode vingar-se...

— Dizes isso de uma forma!... Tens alguma coisa para me comunicar?

— Muitas, Mon senhor. Esta noite cometeram-se dois assassínios no meu pavilhão.

— Aposto em como um foi o do cavaleiro de Lagardère! — exclamou Filipe de Orléans, sentando-se na cama — Se fizeste isto, procedeste mal! Confirmaste certas suspeitas...



O Regente já não tinha sono. Franzira as sobrancelhas enquanto olhava para Gonzaga. Êste, porém, ergueu a cabeça com admirável expressão de orgulho.

— Suspeitas ! — repetiu — Por acaso Mon senhor desconfia de mim?

— Pois bem — prosseguiu o Regente após um breve silêncio — A tua presença afasta-as, porque tens o olhar de um homem leal. Procura dissipá-las com as tuas palavras: fala!

— Mon senhor quer fazer-me o favor de dizer que suspeitas são?

— Umas antigas... outras recentes...

— Comecemos pelas antigas, se Mon senhor se dignar consentir em dizer-me!

— A viúva de Nevers era rica, tu, pobre; Nevers era nosso irmão...

— E eu não devia ter casado com a sua viúva?

O Regente não respondeu.

— Mon senhor — prosseguiu Gonzaga baixando os olhos — as nossas brincadeiras são a causa de certas coisas soarem mal entre nós.

— Que queres dizer? Explica-te.

— Quero dizer que se há na minha vida uma ação que mais me deva honrar, é essa! O nosso muito querido Nevers morreu-me nos braços, Mon senhor bem sabe... já lho disse. Sabe também que eu me encontrava no Castelo de Caylus para ver se conseguia fazer ceder a cega teimosia do velho marquês, furioso contra o nosso querido Filipe, que lhe roubara a filha. O Tribunal de que vos falarei depois, já me ouviu como t e s t e m u n h a esta manhã.

— Ah! — interrompeu o Regente — Diz-me, qual foi a sentença? Êsse Lagardère, então, não foi morto em tua casa?

— Se Mon senhor me tivesse deixado prosseguir...

— Prossegue. No entanto, previno-te: procuro a verdade! A verdade, nada mais!

Gonzaga inclinou-se friamente.

— É por isso — replicou o príncipe — que falo a Vossa Alteza, não como amigo, mas como ao meu próprio juiz. Lagardère não foi assassinado em minha casa esta noite; foi êle quem, esta noite, matou em minha casa Albret e Gironne.

— Ah! E porque se encontrava êle em tua casa?

— Creio que a senhora princesa podia explicar o motivo... — respondeu Gonzaga.

— Toma cuidado! Essa criatura é uma santa!

— Que detesta o marido, Mon senhor! — pronunciou Gonzaga com energia — Não tenho fé nas santas que Vossa Alteza canoniza!

Gonzaga parecia ter marcado um ponto, porque o Regente em vez de se irritar, sorriu.

— Vamos, meu bom Filipe, tranqüiliza-te. Talvez tenha sido duro para contigo, mas, como sabes, houve escândalo. Ora os escândalos que vêm de cima fazem muito barulho, tanto barulho que podem abalar um trono... Mas, voltando à nossa conversa. Pretendias que o teu casamento com Aurora de Caylus fôra uma boa ação. Prova-o!

— Não é uma boa ação cumprir a última vontade de um moribundo?

O Regente ficou de bôca aberta. Houve entre êles um longo silêncio.

— Sei que não te atreverias a enganar-me tratando-se de uma coisa sagrada — disse o Regente — Por isso, acredito-te...

(*cont. no próximo número*)

FOI ÊSOPO QUEM COMEÇOU

A arte de criar fábulas não morreu com Esopo e La Fontaine. Continua florescendo, diàriamente, em todo o mundo, particularmente entre os políticos, maridos e mulheres, e até mesmo entre as crianças, que as criam por assim dizer naturalmente.

E aqui estão alguns exemplos:



UMA princesa da tribo dos Cherokees, índios norte-americanos, depois de jejuar uma semana, foi levada para um imenso círculo formado por espigas de milho, maduras e douradas. Ali lhe disseram:



— Pode apanhar quantas espigas quiser, desde que consiga contê-las entre os braços. Mas, com uma só condição: não poderá tornar a pisar o mesmo caminho já percorrido!

Ela começou a caminhar de vagar, sôbre as espigas, apanhando-as uma a uma, mas logo abandonando-as no mesmo lugar, depois de examinar o seu tamanho e a qualidade dos milhos, pensando:

— Devo escolher as maiores!

Mas, de repente, viu-se no fim do percurso — não podendo colhêr sequer uma simples espiga!

E isso nos recorda o velho adágio a respeito do pássaro na mão.

O PEDIDO — Uma linda moça, ambiciosa, mas um tanto desleixada, desejava, ardentemente, possuir um colar de pérolas. Numa noite escura, apareceu um gênio, disposto a ajudá-la.

— Faça um pedido — disse êle. — Ao amanhecer, êle estará realizado!

A bela criatura murmurou, trêmula de emoção:

— Dê-me o que mais preciso para o meu pescoço!

Na manhã seguinte, ao despertar, encontrou ao lado do seu travesseiro, uma caixa contendo seis sabonetes.

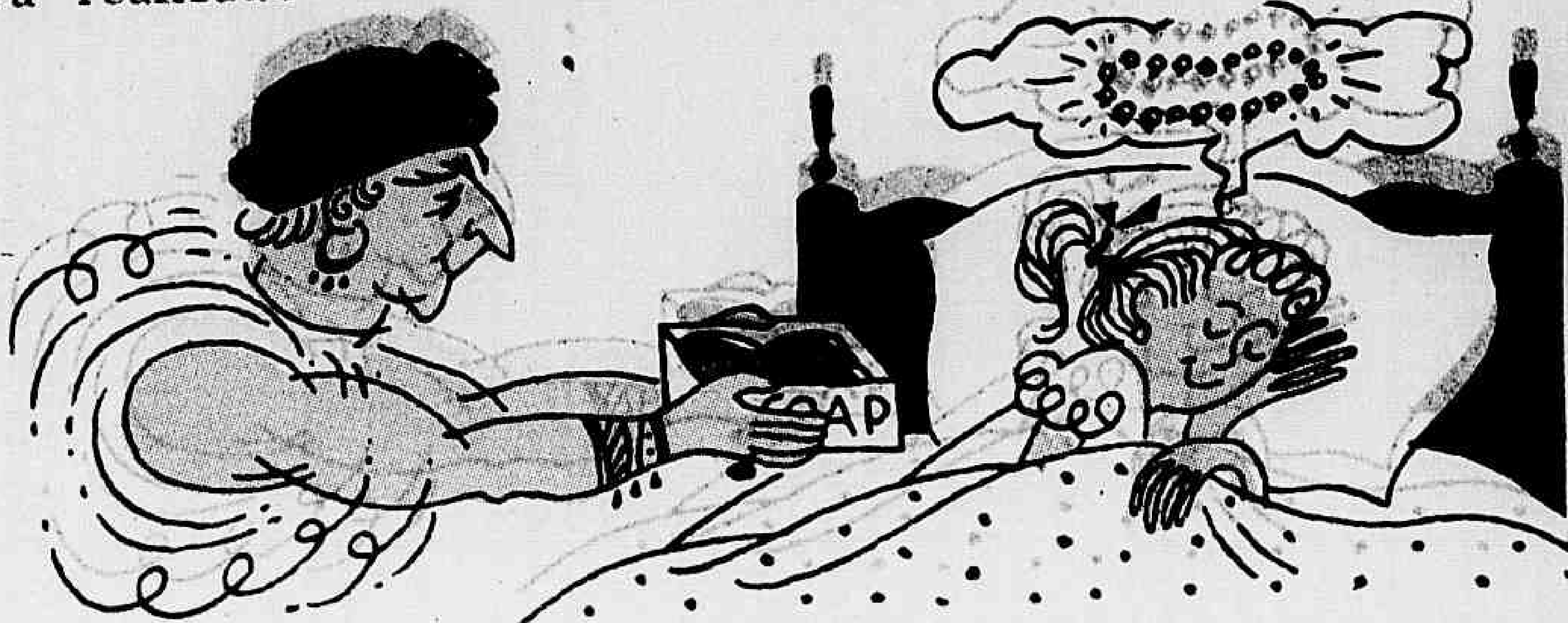
AS FERAS do mato reuniram-se, certa vez, numa conferência em prol do desarmamento, comparecendo cada animal disposto a empregar-se a fundo nesse louvável esfôrço em prol da paz e da felicidade gerais. O leão deu início aos debates com um olhar desconfiado na direção da águia, acabando por propor a abolição das asas. A águia, sem perder de vista o touro, declarou que as asas não ofereciam qualquer ameaça para a coletividade, achando, antes, que os chifres, sim, deviam ser cortados. O touro, bufando e olhando com ódio para o tigre, gritou, afirmando que os chifres eram uma necessidade e propondo a total abolição das garras. O urso, muito calmo e sorridente, levantou-se sôbre as duas patas traseiras e declarou que todos escondiam pérfidos interêsses. Êle não... E como prova do que afirmava propunha a abolição total de tôdas as armas de defesa. "E então eu os reunirei, todos, no meu abraço fraternal!", concluiu com o olhar cândido.

UM RATO vivia em constante terror, quase morrendo de mêdo dos gatos e por isso um mágico, apiedado, transformou-o em gato. Imediatamente, porém, o desgraçado começou a tremer com mêdo dos cães. O mágico, mais uma vez, apiedade, veio em seu socorro, transformando-o em um cão. Mas, pouco adiantou com isso, pois que o animal logo começou a ter mêdo dos javalis. O mágico, novamente, foi em socorro do desgraçado, transformando-o em javali. Mas nem assim resolveu a situação, porque logo o infeliz começou a sentir mêdo pânico dos caçadores.



Então, o mágico concluiu sàbiamente:

— Vou transformá-lo outra vez em rato, meu patético amigo — disse êle. — Você terá sempre um coração de rato... E nisto, infelizmente, não posso ajudá-lo.





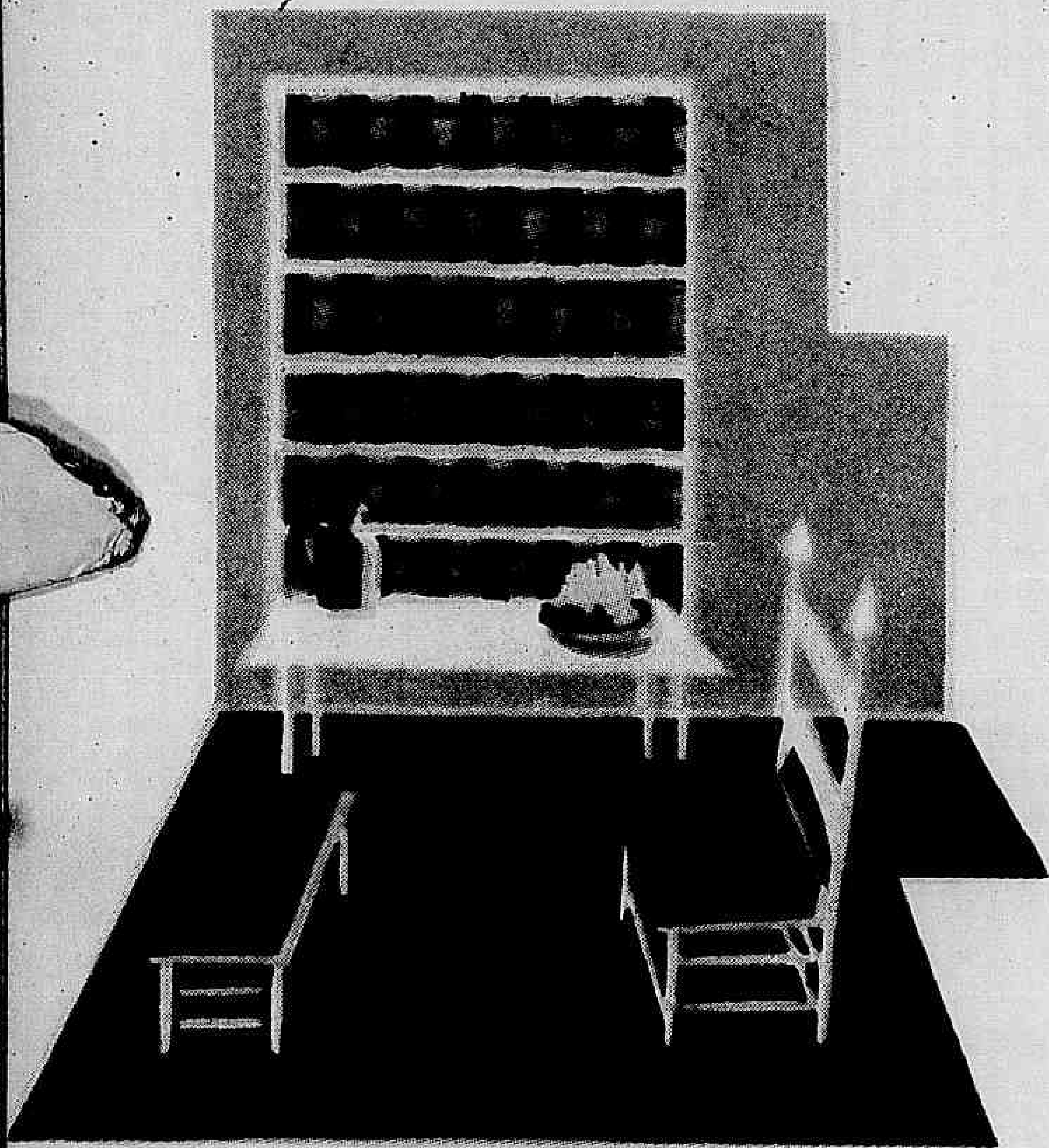
OS LIVROS ENFEITAM

JÁ se foi o tempo em que a biblioteca era a grande peça de um lar, com as suas paredes largas e altas, cobertas de estantes e estas bem arrumadinhas, como num museu, como para «ficar assim mesmo», escolhendo os assuntos à moda descrita pelo grande Eça «a Anatomia bem no alto, nas prateleiras mais próximas do céu». Nada disso. Hoje o livro, continuando a instruir e a deleitar, é feito também para enfeitar uma casa, uma sala, um cantinho qualquer. Veja, por exemplo, as sugestões para estantes ligeiras ou que possam abrigar grande quantidade de volumes. Aí estão os mesmos livros antigos e modernos, clássicos ou não, mantendo-nos sempre próximos e sempre amigos dos bons autores, de ontem e de hoje, porém sob outro aspecto, apresentados de maneira mais agradável e, por isso mesmo, mais desejáveis.

As estantes devem ser, de preferência, abertas, bem arejadas e permitindo limpeza mais fácil e também mais constante. Os livros nunca devem estar comprimidos, como se fôssem sardinhas enlatadas.

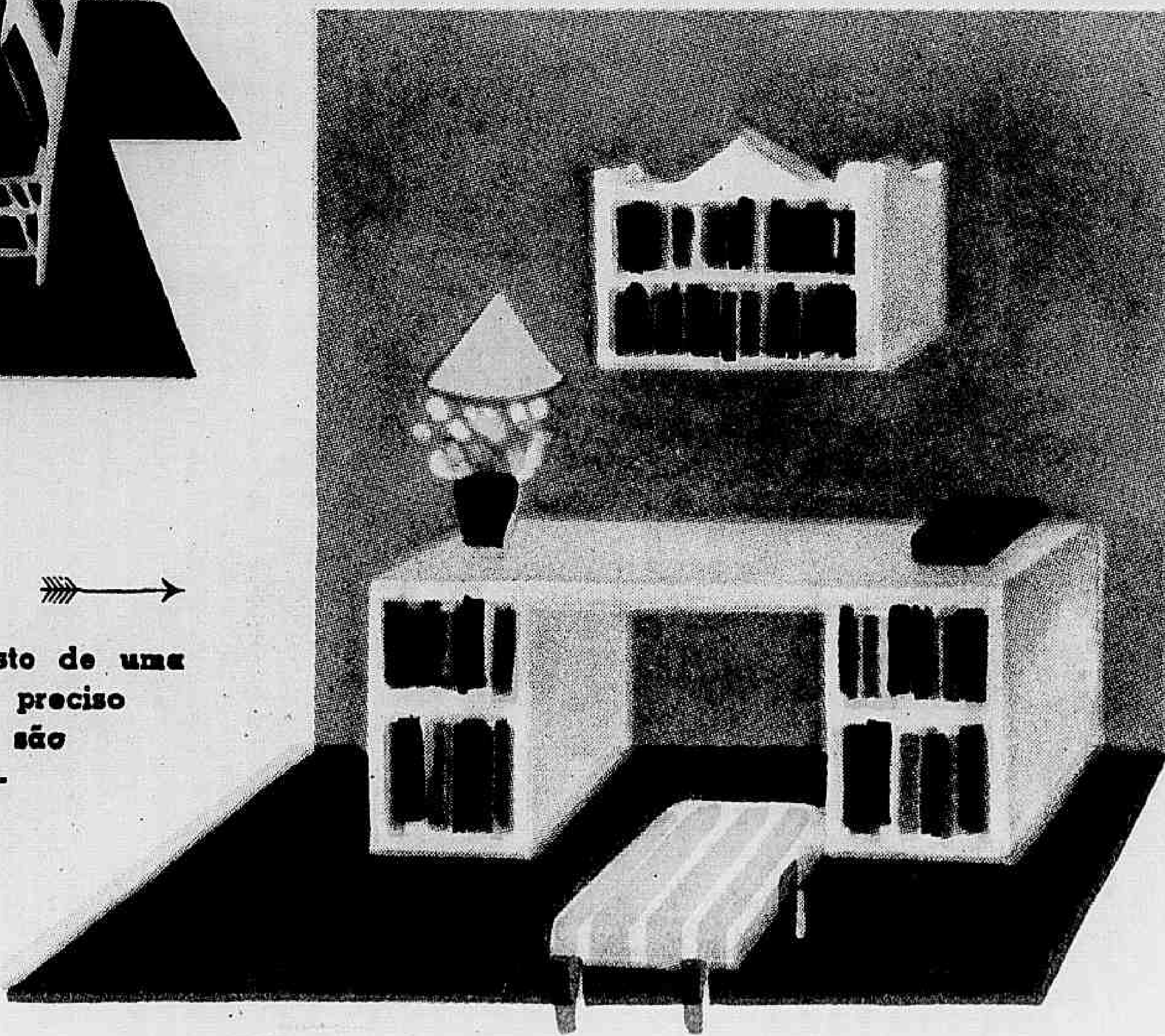


Arrumar os livros é coisa que varia muito. Quando os autores são igualmente queridos e a leitura constante, não devem seguir temas nem autores. Da mesma forma é preciso fugir dos volumes de encadernação igual. A variedade de tamanho e colorido dá muito mais graça a um cantinho de leitura

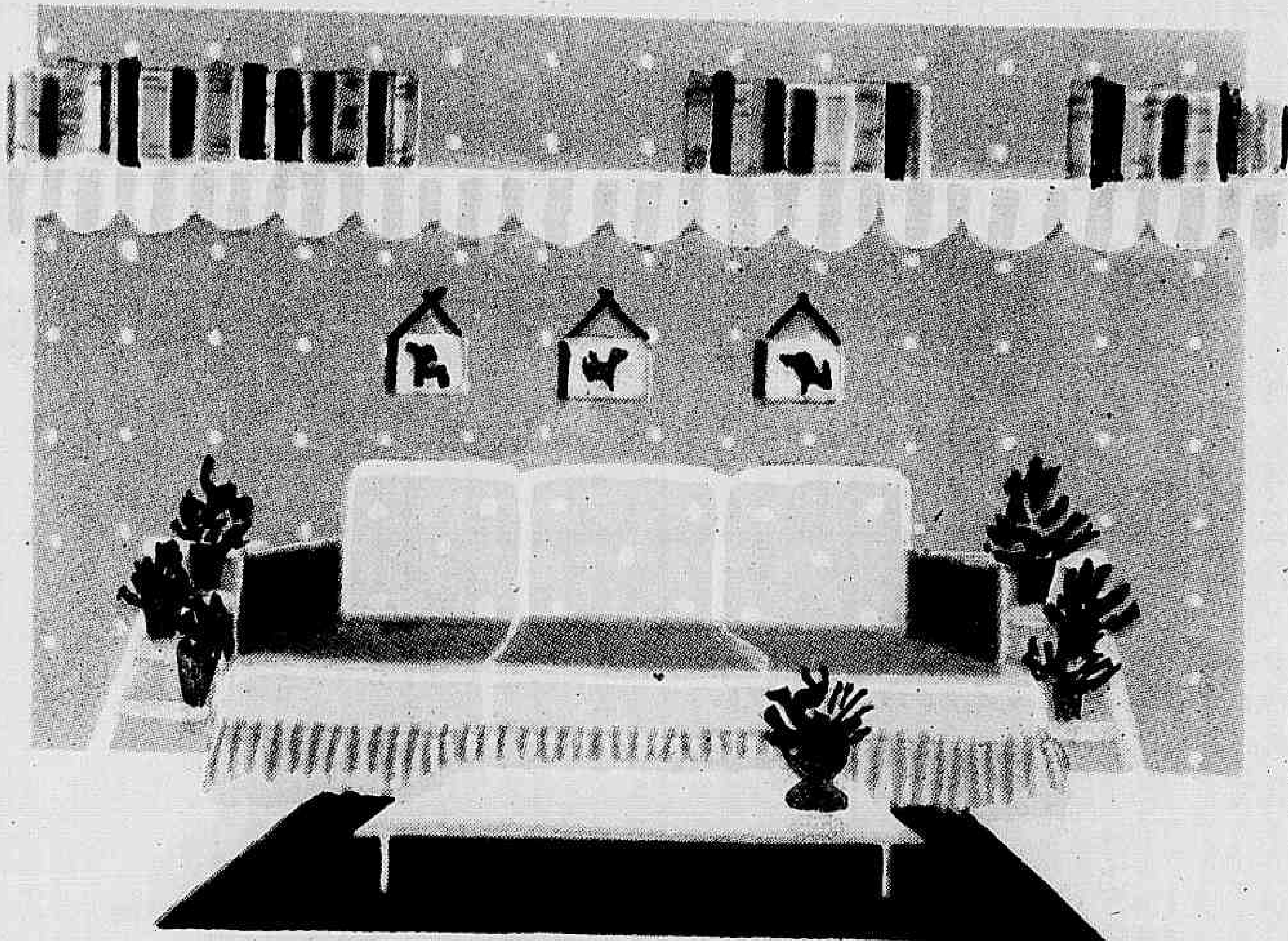




Nada de linhas severas, quando o resto de uma sala não apresenta êsse aspecto. É preciso acabar com a idéia de que os livros são para meditação. Há livros que são apenas para alegrar, embora instruindo.



TAMBÉM UM LAR





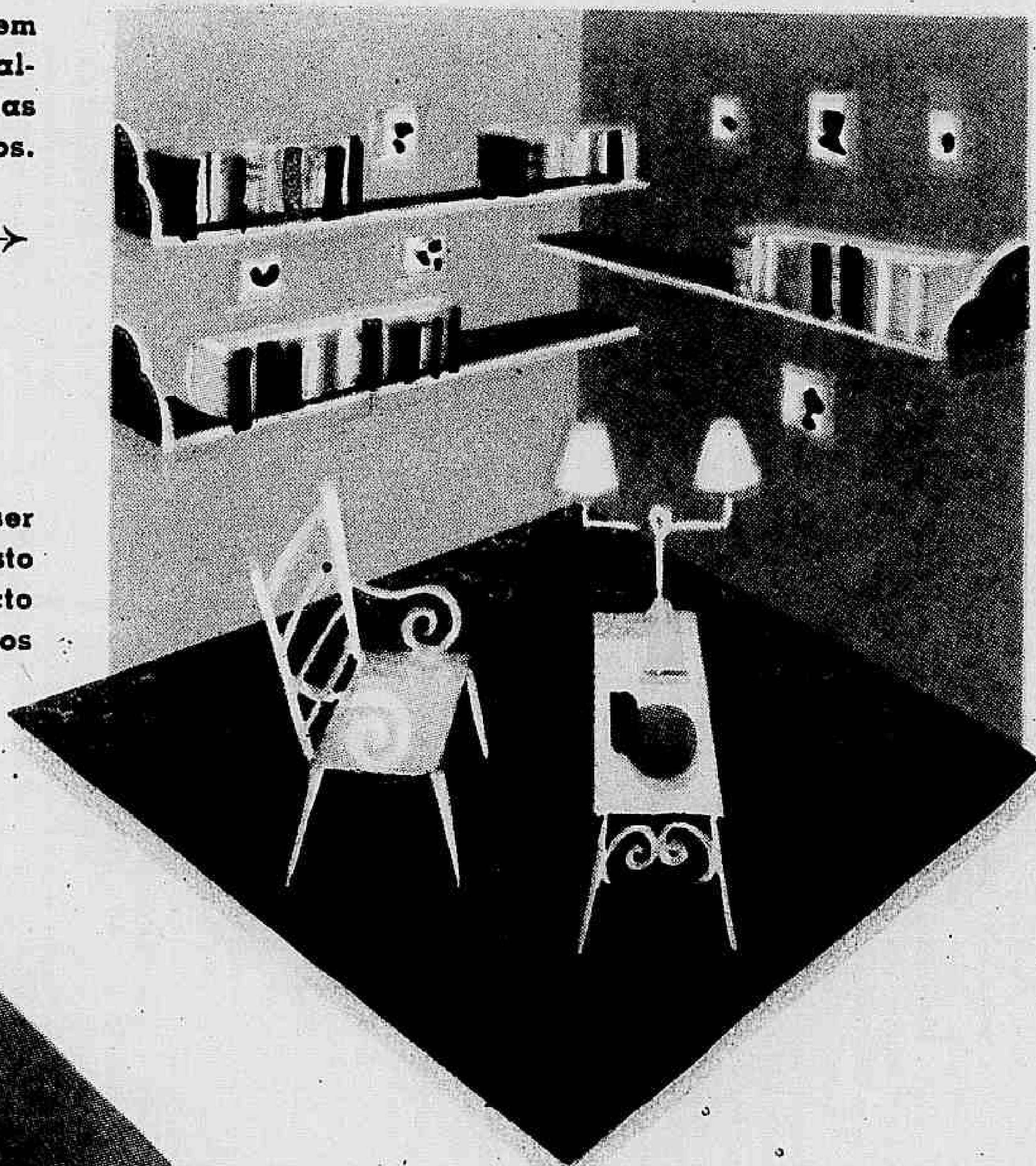
Altas ou baixas, compridas ou quebradas, tanto faz. O que adianta é que estejam sempre próximas de confortáveis poltronas, com os livros bem à vista e de remoção facilitada.





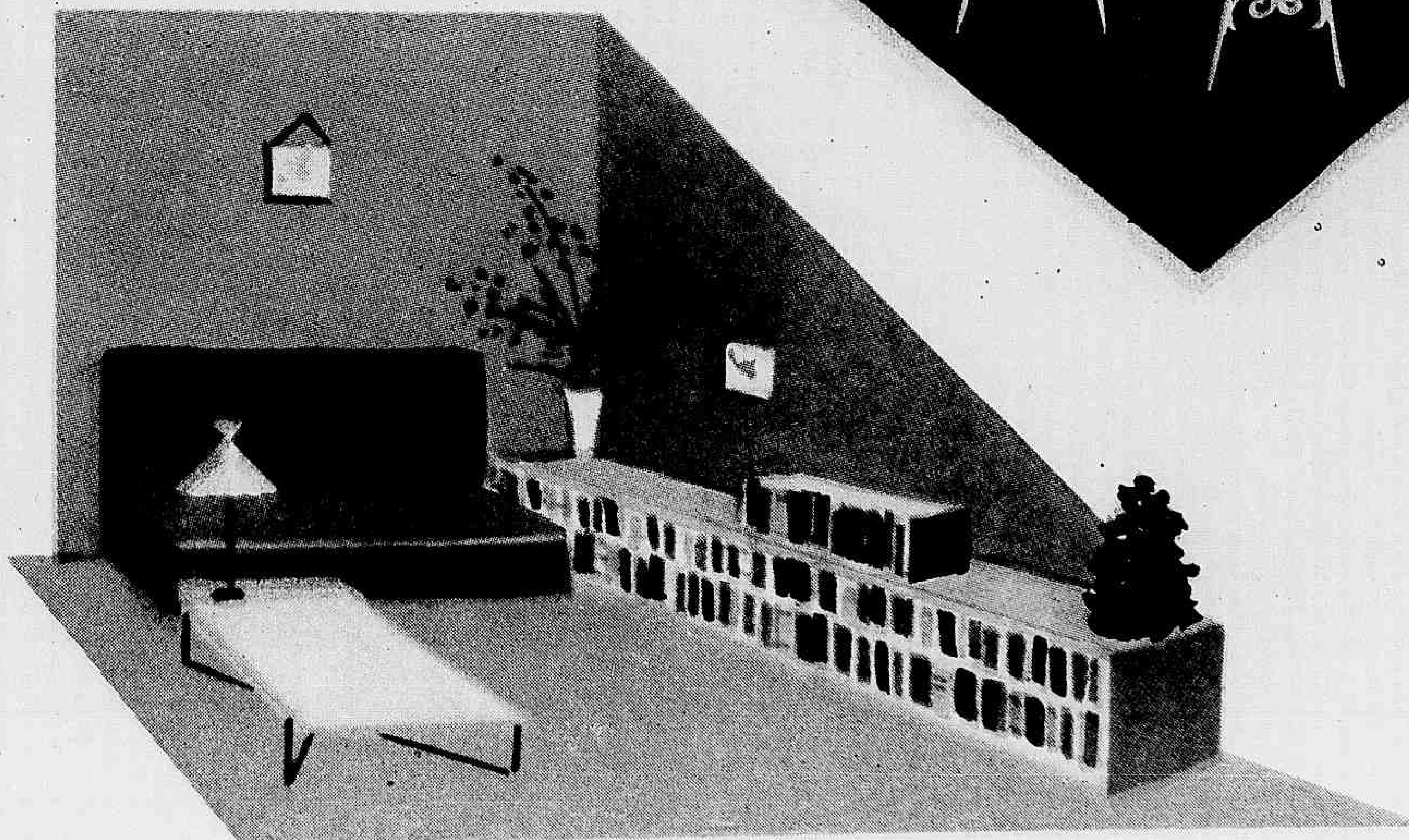
Qualquer móvel pode ser transformado em estante, não sendo necessário que seja totalmente aproveitado para êsse fim. Até que as flores e os bibelôs se dão muito bem com os livros.







A fantasia de cada um os livros devem ser arrumados, escolhendo-se com cuidado, isto sim, para que não surja uma fila de aspecto pesado. Um pouquinho de variedade nos tamanhos, uma hábil mistura de côres, tornam uma estante mais convidativa.



SAPATOS DOURADOS

SE algum dia o leitor vir um homem caminhando pelas ruas com sapatos dourados, ou côr-de-rosa, não se espante. Segundo o Conselho dos Curtidores dos Estados Unidos, essa vai ser a tendência da moda.

A indústria de calçados norte-americana é de opinião que as côres brilhante que estão dominando em outras peças da indumentária masculina, para os trajes de esporte ou de passeio, se estenderão aos pés. Êste ano, já apareceram algumas côres novas para sapatos, como o azul-marinho, que tiveram muito boa aceitação e mesmo os sapatos côr-de-rosa para homens têm tido boa venda.

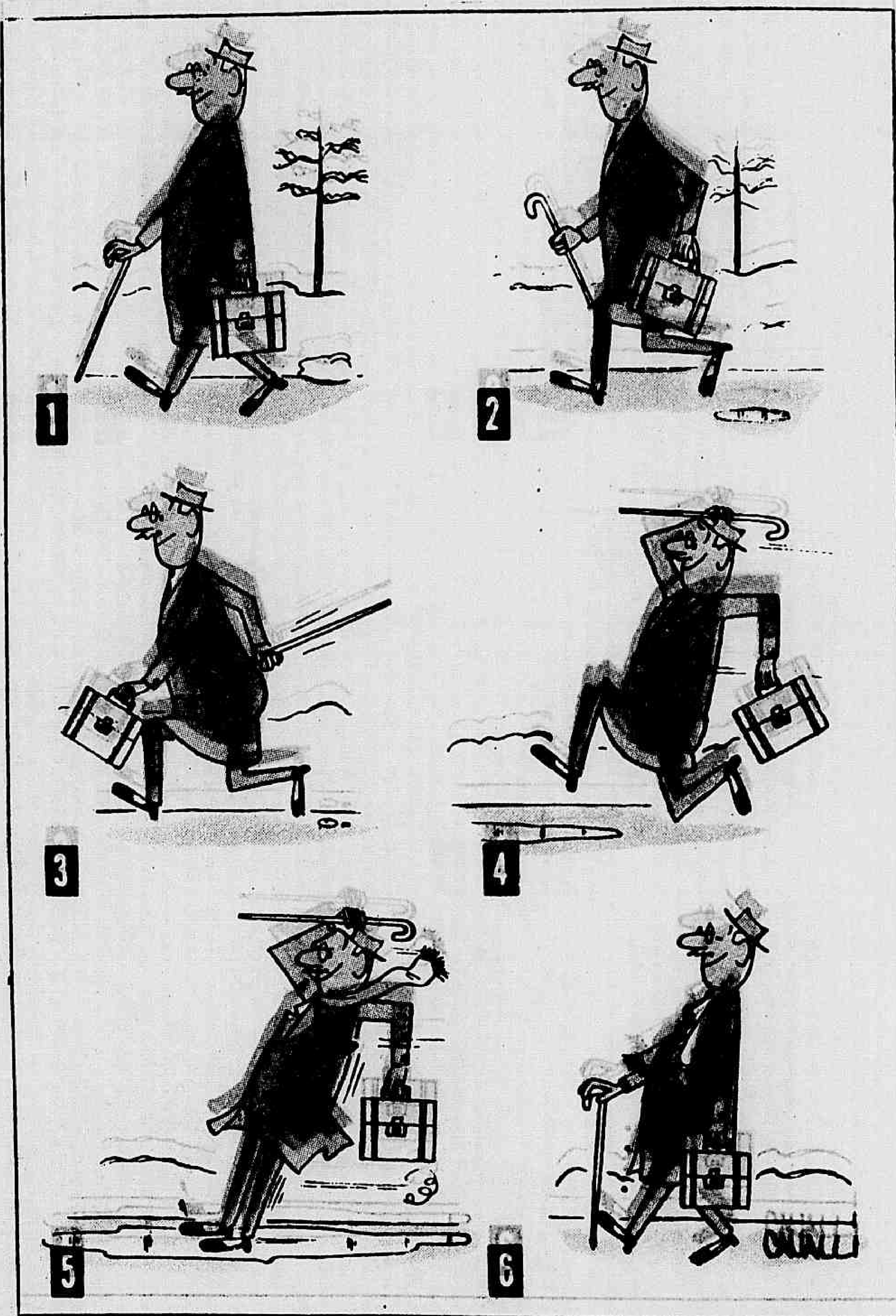
Os desenhistas já estão projetando lançar sapatos em outras côres, como verde, amarelo e combinações tais como branco com pontos côr-de-rosa ou negros com pontos também côr-de-rosa.

Naturalmente, são sapatos para trajes de passeio, e serão confeccionados em couros tão macios como luvas. A comodidade que representa o uso do couro extremamente macio, em vez do couro mais grosso, habitualmente usado, constituirá, sem dúvida, uma grande atração. A possibilidade de se tingir o couro, com grande variedade de côres, continuando o mesmo notàvelmente elástico, é devida em grande parte, a uma série de colorantes novos. As côres não escorrem nem se desbotam, não manchando as meias ou outras peças do vestuário. A beleza se alia ao confôrto.

★

A POÇA D'ÁGUA IRRESISTÍVEL

Por CAVALI



OUVINDO A CÔR

SEGUNDO parece, quando algumas pessoas ouvem música, estão «ouvindo» côres, que correspondem aos sons! Por exemplo: um trompete poderia ter um som «vermelho», para alguns. Embora só ouçamos sons, e não côres, quando escutamos música, ficamos interessados pelo assunto, quando dêle tivemos conhecimento, recentemente. E resolvemos consultar alguns especialistas em questão de côres, para ficarmos mais bem informados a respeito.

Um especialista da General Dyestuff Corporation, uma das maiores produtoras de tintas dos Estados Unidos, veio em nossa ajuda, informando-nos que a idéia da relação entre o som e a côr não é nova. Aristóteles já a comentara e, no século XVI, um tal Arcímbolo tentou criar a «música colorida», usando uma escala de côres semelhante à escala musical.

Mais recentemente, Spengler e Albert Lavignac, do Conservatório de Música de Paris, estudaram o fenômeno da música que estimule uma imagem cerebral colorida.

Spengler acreditava que os instrumentos metálicos produzem sons amarelos, alaranjados e vermelho e a flauta sons azuis celestes. Os instrumentos de corda seriam verdes ou azulados. Para Lavignac, o clarinete produzia sons vermelhos, os tambores sons negros e o piano negros e brancos.

Depois de adquirir essas preciosas noções, fomos para casa escutar música e — podem acreditar — finalmente conseguimos ouvir as côres...

QUANDO Barney Adams viu a pequena, naquela chuvosa manhã de segunda-feira, parou *de estalo*, como se um raio tivesse atravessado o seu corpo. Era de estatura um pouco superior à mediana e estava protegida por uma capa de matéria-plástica transparente, que apenas cingia o seu corpo, deixando à vista a sua elegância e as suas linhas aerodinâmicas. Tinha cabelos louros dourados, olhos azuis e suficientemente profundos e grandes







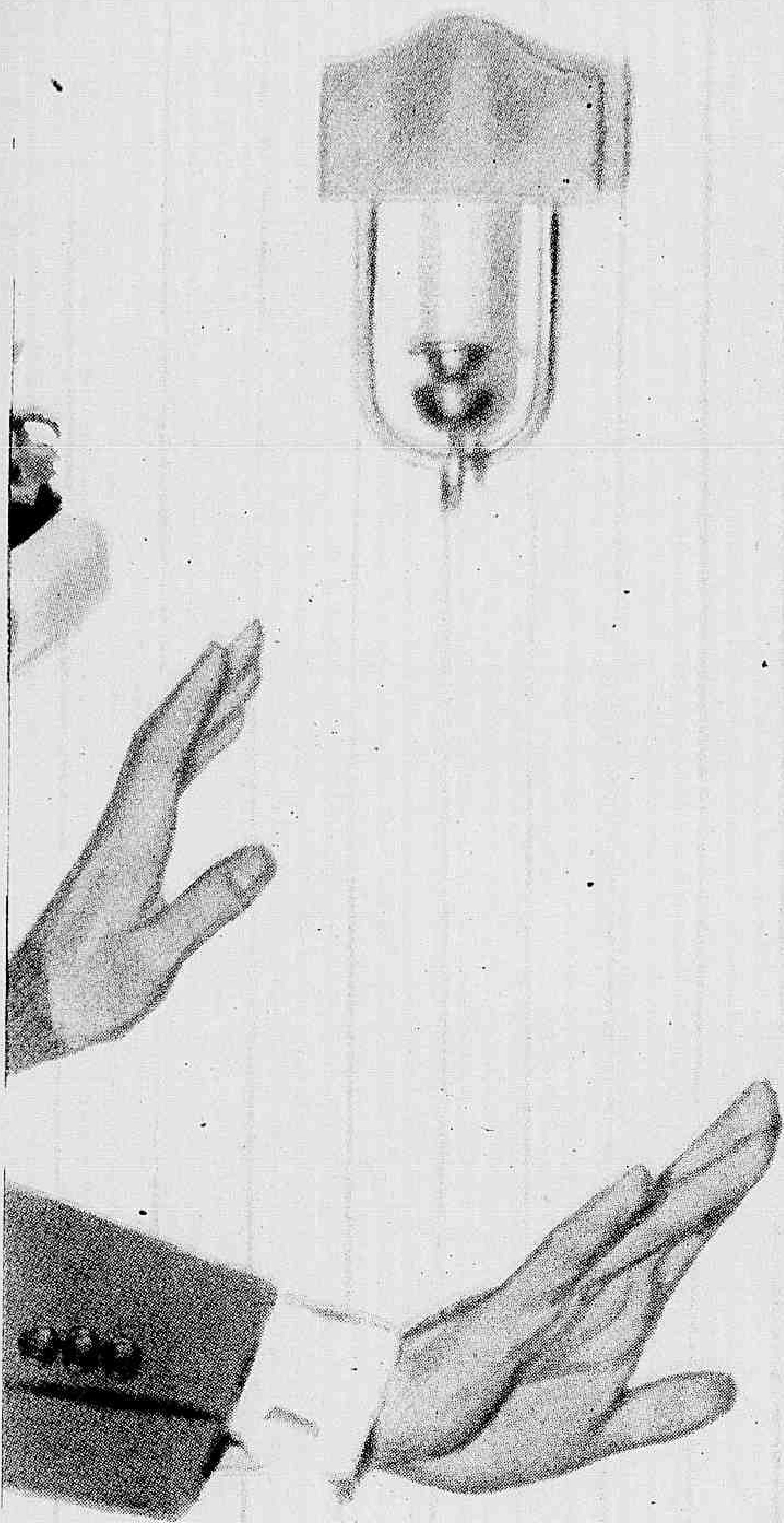
— Não faz mal! Eu tomarei o máximo cuidado! — disse a encantadora Linda, com sua voz mais

para qualquer um nêles se afogar. Parou um instante diante do painel do *hall* do edifício, procurando um enderêço, enquanto retirava o impermeável com gestos lentos.

Ordinàriamente, por fôrça de sua profissão, Barney procurava prevenir-se contra essas *emoções*, e, principalmente, evitava demonstrá-las. Mas, desta vez, foi diferente. Automàticamente, franziu os lábios, soprando um "fi-fiu" sincero e entusiasmado. Porque ela era uma dessas garôtas que sempre provocam tais assobios.

Quando ela, muito lenta e muito natural se voltou na sua direção, êle baixou a cabeça, batendo as pálpebras. Barney era assim. Não pròpriamente um tímido ou um "envergonhado", mas apenas discreto e bem educado, e sentia-se realmente escandalizado pelo que havia feito. Para disfarçar, levantou também a cabeça, fingindo consultar por sua vez o painel onde se alinhavam nomes de firmas, médicos, dentistas, etc. Depois, rodou nos calcanhares e entrou num dos elevadores.

Ela era de fato um sonho e Barney estava sonhando quando a *Visão* também se encaminhou para o mesmo elevador, que ficara aguardando outros passageiros.


suave, ao mesmo tempo que beijava Barney Adams

— Terceiro, por favor — disse ela para o cabineiro, com uma voz que levou Barney, num rodopio vertigonoso para ilhas de coral e areia, palmeiras e enseadas azuis como a própria côr dos olhos dela. E já estava entre círculos de guitarristas, ouvindo música dolente, quando o elevador parou e a pequena saiu.

Imóvel, como se tivesse esquecido o mundo, o cabineiro ficou olhando quando ela caminhou pelo *hall* e, então, maquinalmente, assobiou, num longo e magoado "fi-fiu". Isso foi o bastante para despertar Barney, que, repentinamente, compreendeu que *aquêle era também o "seu" andar!* Com estranho apêrto na garganta, seguiu, a respeitosa distância, o gracioso e ritmado *top-tap* daqueles pés e daquelas pernas simplesmente inacreditáveis, ao longo do corredor. Ela passou, indiferente, pela porta de "Shasta's-Arquitetura" — o que pareceu a Barney muito razoável. Talvez procurasse "Benson & Benson, Advogados"... Mas, não! Ela continuou até ao fim do corredor, onde se lia: "Amalgamated Investigations, Inc., B. J. Adams".

Ali chegada, hesitou ligeiramente. Barney sorriu e deu volta por trás dela, a fim de abrir a porta.

— Queira seguir-me — disse êle, abrindo passagem, num gesto de boas-vindas.

A surprêsa nos olhos dela foi como todo um filme em *technicolor* e o seu sorriso iluminou o pequeno escritório.

—Que engraçado... — murmurou ela, como se falasse para si mesma. Depois moveu a cabeça, com ar de dúvida, enquanto gôtas de chuva caíam em seus ombros, com reflexos brilhantes como jóias..— O senhor é detetive?

— B. J. Adams — respondeu Barney. — Detetive particular.

Ela aceitou o cartão que êle lhe oferecia, mas olhou com ar hesitante, em roda. Nada sério. Mas, ao contrário, agradável e bem estudado com a bonita coleção de armas, enfeitando o alto de um armário, alguns espécimes de rochas, cadeiras e tapêtes. Sorriu com ar de aprovação e, depois, notando uma segunda mesa, perguntou:

— Suponho que tenha, também, uma secretária... Alguma criatura bonita e um tanto irreal, que fuma e mastiga *chiclet?*

—Minha secretária está de férias, mas não fuma.

Engraçado... — tornou a repetir a bela desconhecida. — O senhor também não parece... não parece ser um detetive!

Êle teve que lhe dar razão. Como o mais moço dos Adams, sempre fôra de estatura mediana e seu pêso jamais passara dos 70. Os irmãos, todos com mais de 1 metro e 80, gracejavam com êle, chamando-o de "Curtinho" e se escandalizaram quando, no colégio, longe de se interessar pelo futebol, êle preferia ler e escrever sôbre geologia. As rochas eram a sua paixão;

tinha sido mesmo professor de geologia até um ano atrás, quando seu pai lhe passara o escritório.

— "Você é o único de meus filhos capaz de ficar com o meu escritório e com o meu revólver" — disse-lhe o velho, ao aposentar-se das atividades sherloquianas e ir descansar na Flórida. Barney não acreditava que essa "retirada dos negócios" fôsse durar muito, mas a ocasião surgiu quando o caçula estava em luta com seus patrões, que lhe recusavam licença para ir numa expedição geológica ao Tibet. Por isso aceitou o escritório e o revólver que o pai lhe oferecia.

DEPOIS de olhar longamente para a larga *visão*, clareou a garganta e perguntou:

— Em que lhe posso ser útil?

— Desejo que o senhor encontre alguém para mim... O senhor faz... êsses serviços?

— Sim... Mas... De quem se trata? — perguntou Barney decidido a não fazer muitas objeções.

— Um marido — respondeu a desconhecida, com a maior simpliciade.

Sua ilha de coral e areia foi tragada repentinamente numa onda terrível. As doces guitarras emudeceram. Aquêle passou a ser apenas mais um dia de chuva.

Teve que pigarrear fortemente, antes de dizer:

— Bem... Isso é muito simples. A senhora terá que se dirigir à Polícia, "Departamento de Pessoas Desaparecidas". Êles descobrirão o indivíduo em quarenta e oito horas...

Enquanto êle falava, ela movia a cabeça negativamente.

— Não... O senhor não me compreendeu. Eu não perdi *um* marido! (Deteve-se para retirar as luvas e reforçar as palavras com um gesto gracioso.) Não sou casada!

O sangue voltou a correr, vigoroso, nas veias de Barney. Então era aquilo? Mas, por que precisava ela de um detetive para conseguir um marido?

— É o seguinte — disse ela, olhando-o bem de frente e falando com a paciência da mãe com um filhinho obtuso. — Simplesmente desejo casar. Tôda moça de juízo deseja isso... e estou cansada de procurar por tôda parte... Sim, por tôda a parte. Por isso resolvi fazer alguma coisa, *para ajudar*... Entendeu?

— Hmmm... Às vêzes, custo um pouco a entender — confessou êle.

Ela sorriu, levantou-se, retirou a segunda luva e tornou a sentar-se.

— Meu nome é Linda Thomson. Não sei se isso significa qualquer coisa para o senhor...

— Não me é estranho e... Realmente! Agora recordo. Linda! Aquela do Concurso...

— Sou eu mesma! Primeiro fui "Miss Pêssego de 1953". Entrei no "Concurso do Sabonete Suave" e ganhei. Depois, sem saber o que fazia, assinei uma porção de declarações publicitárias em favor de caramelos, perfumes e motocicletas.

Barney se lembrava, realmente, de alguns dêsses anúncios. Levantou-se para abrir a janela e então perguntou:

— Vem de New York?

— Exatamente. Isso faz parte do novo contrato de publicidade. Também apareci na Televisão e ganhei outros prêmios. Não sei mesmo como, da noite para o dia, me vi com bastante dinheiro — disse ela, sacudindo a cabeça, como se estivesse surpreendida com a sua boa fortuna. — Mas, a partir de então *os lôbos começaram a uivar* em meu redor... E passei a considerar todos os pretendentes como lobos esfaimados em meu redor...

— Nem todos, por certo — protestou Barney, descobrindo na própria voz qualquer coisa que lembrava o uivar da fera.

— Bem, o senhor deve compreender... Como isso que aconteceu, há pouco, no *hall* dêste edifício... *O assobio!* Sei que isso é muito lisonjeiro... Mas não pode ser essa tôda a história da minha vida, não acha?

— Peço que me desculpe... — pediu Barney, corando até à ponta das orelhas.

— Sempre desculpo aos que fazem "fi-fiu"... Mas, afinal, já estou com vinte e três anos e desejo ouvir não mais êsses assobios e sim a *Marcha Nupcial*, compreende?

— Sim, sim... Mas, o que não compreendo, ainda, é porque... veio a mim.

(*Conclui no fim da revista*)

O SUBMARINO QUE VOA...



Em virtude do pouco pêso que possuem, os submarinos de bôlso podem ser transportados em helicópteros depositados num mar interior (como o mar Cáspio, por exemplo, que o leitor bem conhece)

A NOVA ARMA DA MARINHA NORTE-AMERICANA PESA SÓ 25 TONELADAS. MENOS, PORTANTO QUE A ÂNCORA DO "QUEEN MARY" E PODERÁ NAVEGAR, MERGULHADO, POR TÔDA A EXTENSÃO DO MAR BALTICO.

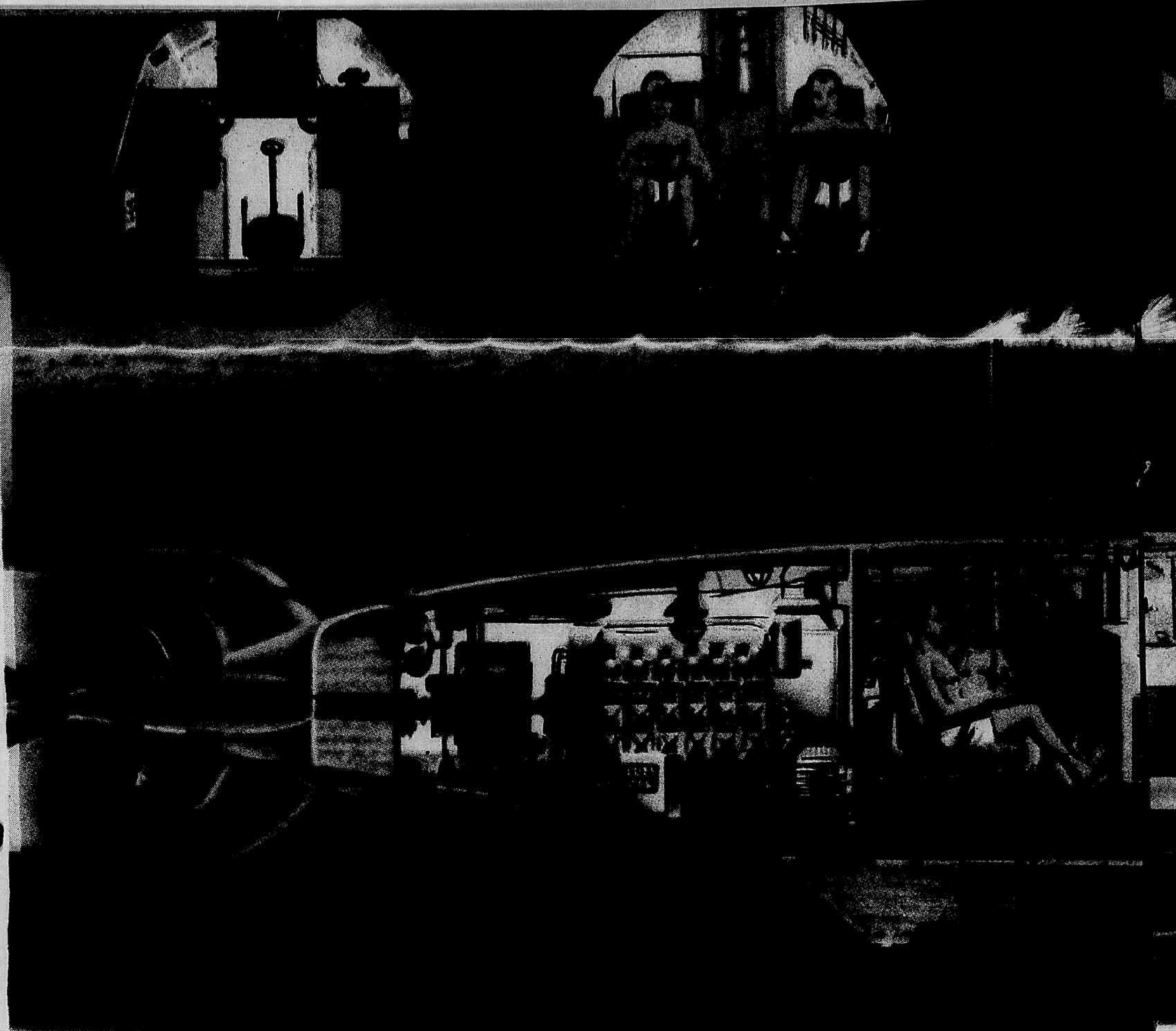
ESTRATÉGIA e tática naval odierna estão por ser revolucionadas pela Marinha dos Estados Unidos, com o lançamento de um novo, mortal meio de assalto sob a água, de dimensões tão diminutas que quase poderia ser tomado por um brinquedo, se confrontado, por exemplo, com o atual submarino atômico "Nautilus".

Na segunda guerra mundial, a esquadra norte-americana, com ação no oceano Pacífico, afundou tal número de naves japonêsas, que a unidade nipônica se viu forçada a fugir e a refugiar-se em águas costeiras ou em portos, onde os submarinos norte-americanos dificilmente poderiam agir. Todavia, em uma próxima guerra, mesmo em tais águas, não haverá mais segurança.

Os novos submarinos "de bôlso" norte-americanos poderão explorar os fundos e cortar as rêdes protetoras, tornando vulneráveis todos os portos; agirão em mergulho, sob a linha-média comum dos demais submersíveis, para atacar as naves inimigas, tudo silenciosamente, em imersões tanto em rios, canais ou enseadas marinhas, sendo facílima sua ação também em locais de pouco fundo. E êsses submarinos terão pêso tão insignificante que um helicótero gigantesco poderá levantá-lo de bordo de um porta-aviões e lançá-lo mesmo em lagos e mares internos, a fim de destruir objetivos de outra forma inatingíveis.

A nova arma da marinha norte-americana é um submarino de minúsculas dimensões.

Com uma equipagem formada de quatro homens e com o principal armamento constituído de minas, tôdas atômicas, manobrará perfeitamente até chegar à quilha da nove ancorada em um pôrto inimigo. Munidos com escafandros de borracha, de um tipo especial e que lhes permite agir livre e prolongadamente,

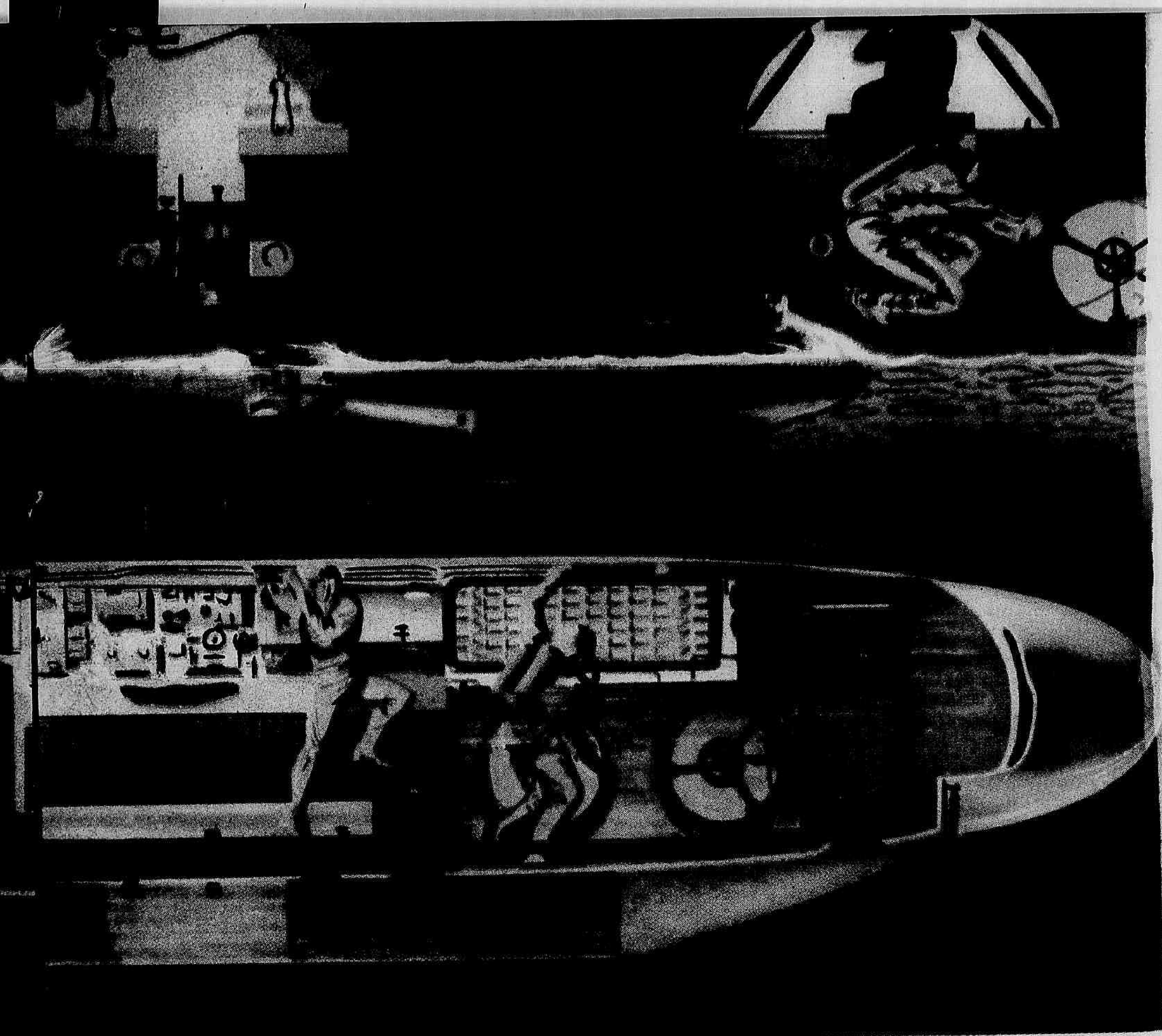


Desenho do submersível de bôlso, feito com a ajuda de peritos navais, mostra como os 4 homens da equipagem

sairão dois operadores do interior do submarino mergulhado, colocarão a mina sob a nave visada ou naves, se tal fôr necessário, retornando depois ao interior do submarino, que se afastará do local, antes de que ocorra a explosão, a qual poderá ser deflagrada até mesmo um dia ou uma semana depois da operação submarina.

Essa nova arma submarina se diferenciará substancialmente das usadas pelos alemães e japonêses durante a última grande guerra. De fato, enquanto aquêles não passam de naves suicidas, as equipagens dos novos submarinos terão largas probabilidades de sobreviver como qualquer outro tripulante dos submarinos normais. Os adversários deverão temer êsse novo meio de incursão submarina. Nenhuma pôrto, esteja êle onde estiver, mesmo, fortemente defendido, estará seguro de agora em diante; nem mesmo haverá águas impenetráveis porque os novos submarinos poderão manobrar em menos de quinze metros de fundo, insuficiente para submarinos comuns e de deslocamento normal.

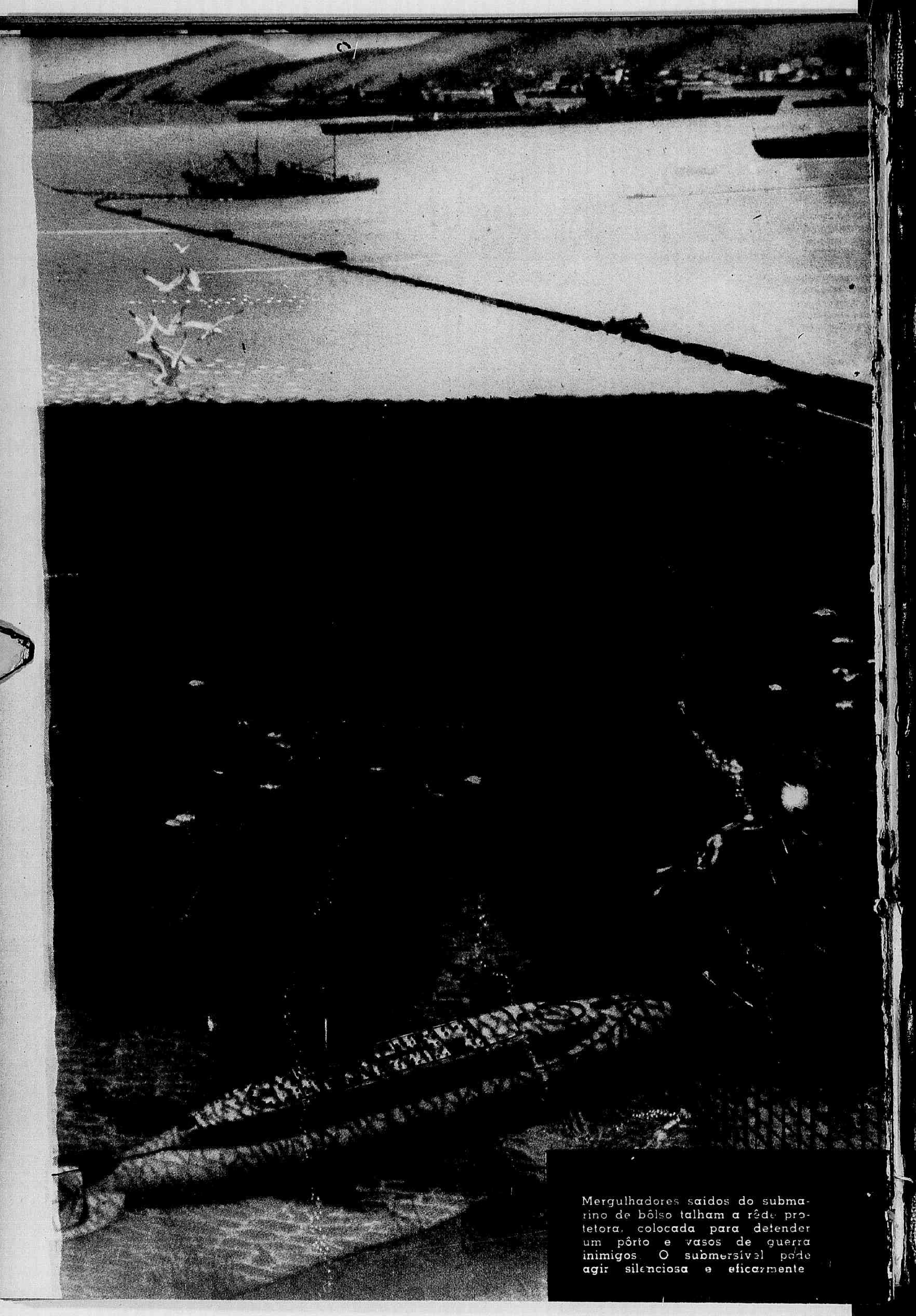
Mas não é tudo. Dadas as suas dimensões, os novos submarinos poderão manobrar tão silenciosamente que não poderão ser percebidos pelos mais modernos aparelhos de escuta, porque sua propulsão, conservada em segrêdo, não produz qualquer ruído, sendo possìvelmente eletrônica. Também os modernos submarinos se encontrarão em dificuldade e em dificuldade maior, para defender-se dessa nova invenção. Naturalmente essa ameaça



operavam. O submarino pode navegar na superfície, com uma vedeta na prôa, quando o mar está calmo.

não interessa aos submarinos atômicos, que viajam a enormes profundidades, como temos o exemplo do "Nautilus" e o já projetado "Lôbo do Mar", também norte-americano, os quais, dotados de uma velocidade de imersão de aproximadamente 25 milhas horárias, terão recursos suficientes para distanciar-se de qualquer atacante. O primeiro submarino "de bôlso", norte-americano, o USSX 1", está, agora, em vias de construção sob a égide da Marinha, que entregou os trabalhos à Fairbanks Engine & Airplane Corporation, de Farningdale, New York.

E não sem razão o submarino foi entregue, para sua construção, a uma conhecida companhia de aviação, pois a fabricação do minúsculo submarino exige, por sua técnica e desenho, a experiência dos construtores de aviões. Nessas condições, poderão êsses barcos ser construídos, às centenas, com facilidade, nos mesmos pavilhões em que são construídos os aviões. Naturalmente, o novo submarino não poderá substituir nenhum dos tipos de barcos hoje existentes, mas trabalhando em combinação com êles, e até mesmo com os grandes submarinos atômicos, poderá aumentar as possibilidades de todos êles em suas complexas manobras, facilitando-lhes em muito o trabalho justo e concorrendo para o êxito absoluto de suas operações. Assim, enquanto os demais tipos de barcos agirão no sentido de limpar os mares das embarcações inimigas, o submarino de bôlso poderá completar a obra, entrando em ação nos locais onde os barcos maiores



Mergulhadores saídos do submarino de bôlso talham a rêde protetora, colocada para defender um pôrto e vasos de guerra inimigos. O submersível pode agir silenciosa e eficazmente

não poderão chegar. Dessa forma atacarão os portos inimigos, destruindo as naves ali ancoradas ou forçando-as a sair para o mar livre, onde serão prêsas fáceis dos submarinos maiores.

Os submarinos de bôlso poderão assim efetuar proezas tão memoráveis como as dos mais modernos submarinos norte-americanos de fôrça nuclear. Dotados de um instrumento que regula seu balouço e seu propulsor segundo o som da hélice de uma nave, isto é: dos aparelhos acústicos colocados em seus flancos, um submarino de bôlso poderá ser lançado do tombadilho de um porta-aviões, a fim de atacar um comboio. E quando fôr necessário levar para território inimigo sabotadores ou agentes secretos ou, ainda, eliminar minas e outros engenhos traiçoeiros, colocados a meio fundo, êsses submarinos entrarão em ação espionando e preparando o caminho para o ataque anfíbio das embarcações de assalto.

O submarino de bôlso, que pesará apenas 25 toneladas, isto é: menos que a hélice do transatlântico "Queen Mary", será acionado por um motor comum, completamentamente isolado, porque não deverá provocar vibrações que revelem sua presença aos aparelhos de escuta inimigos.

Em superfície, poderá atingir a velocidade máxima de 10 milhas horárias, enquanto em profundidade e em águas calmas poderá chegar às 12 milhas. A sua velocidade será devida a um novo carburante mais potente que o X-1 e poderá percorrer 500 milhas, com uma duração de mergulho de aproximadamente dois dias. Isto significa que poderá cruzar todo o Mar Báltico sem necessidade de vir à superfície.

Terá doze metros de proa a pôpa, ou seja, menos da metade de uma lancha-torpedeira da segunda Grande Guerra. Sua ponte será completamente chata, sem a superestrutura dos submarinos comuns. O periscópio, a antena, o conduto para o ar e o resto da aparelhagem serão escamoteados quando submersos, c que lhe permitirá circular através das rêdes de defesa dos portos sem tocar nos fios de arame, que poderão instantâneamente revelar sua presença. A sua hélice, como os lemes horizontal e vertical, será protegida por uma antena avisadora, que permitirá evitar o contacto com a rêde ou com os cabos das minas.

A ponte chata dará à embarcação uma linha muito baixa, ficando fora d'água uma ligeira parte do periscópio, o que o tornará quase invisível em mar normal. Mesmo o radar só a muito custo poderá distingui-lo, em razão de estar protegido pelas ondas. Totalmente mergulhado, então, jamais será descoberto.

No seu bôjo minúsculo caberá quase completamente o equipamento nos mais modernos submarinos de porte normal (dispositivos gerais, aparelhos de propulsão e manobra, instrumentos eletrônicos, condicionadores e purificadores de ar. Tudo, é claro, em miniatura).

Embora êsses instrumentos, como a própria equipagem, sejam em ascala menor, no seu interior não sobrará muito espaço para mover-se. A pôpa será ocupada pelo motor; logo acima estará a cabine de contrôle (o cérebro da embarcação), que se assemelhará, em muitos aspectos, à de um avião.



Um submarino «de bôlso» japonês encalhadr numa praia da ilhota de Oahu, no Pacífico. No seu interior foram encontrados dois tripulantes morto«

Os primeiro e segundo pilotos sentarão lado a lado, num espaço que medirá menos de dois metros de largura e um metro e meio de altura.

INSTRUMENTOS PERFEITOS

Quando o submarino de bôlso estiver pronta para a imersão o capitão acionará a alavanca para a frente; em sentido contrário o barco subirá à superfície. Para fazê-lo voltar à direita ou à esquerda, será suficiente fazer êsse mesmo movimento com o volante que se encontra sôbre a coluna de contrôle.

Um número infinito de instrumentos, tais como indicador de profundidade, taquímetro, manômetro, os indicadores do ângulo da barra do leme, ocuparão três painéis diante do primeiro e segundo pilotos. Mas, talvez, a mais interessante e, sem dúvida, a mais necessária inovação na cabine de comando será um pequenino periscópio muito diferente dos atuais, usados nos submarinos normais. Êsse aparelho "encolherá" no interior do bôjo, diretamente diante dos aparelhos de contrôle e projetado de tal forma que qualquer dos dois homens, sentado e embora guiando, poderá usá-lo sem mudar de posição. Um braço, em ângulo reto, conterá complicado sistema ótico, que poderá ser regulado de modo que qualquer dos pilotos possa observar a superfície e guiar o marco, ao mesmo tempo.

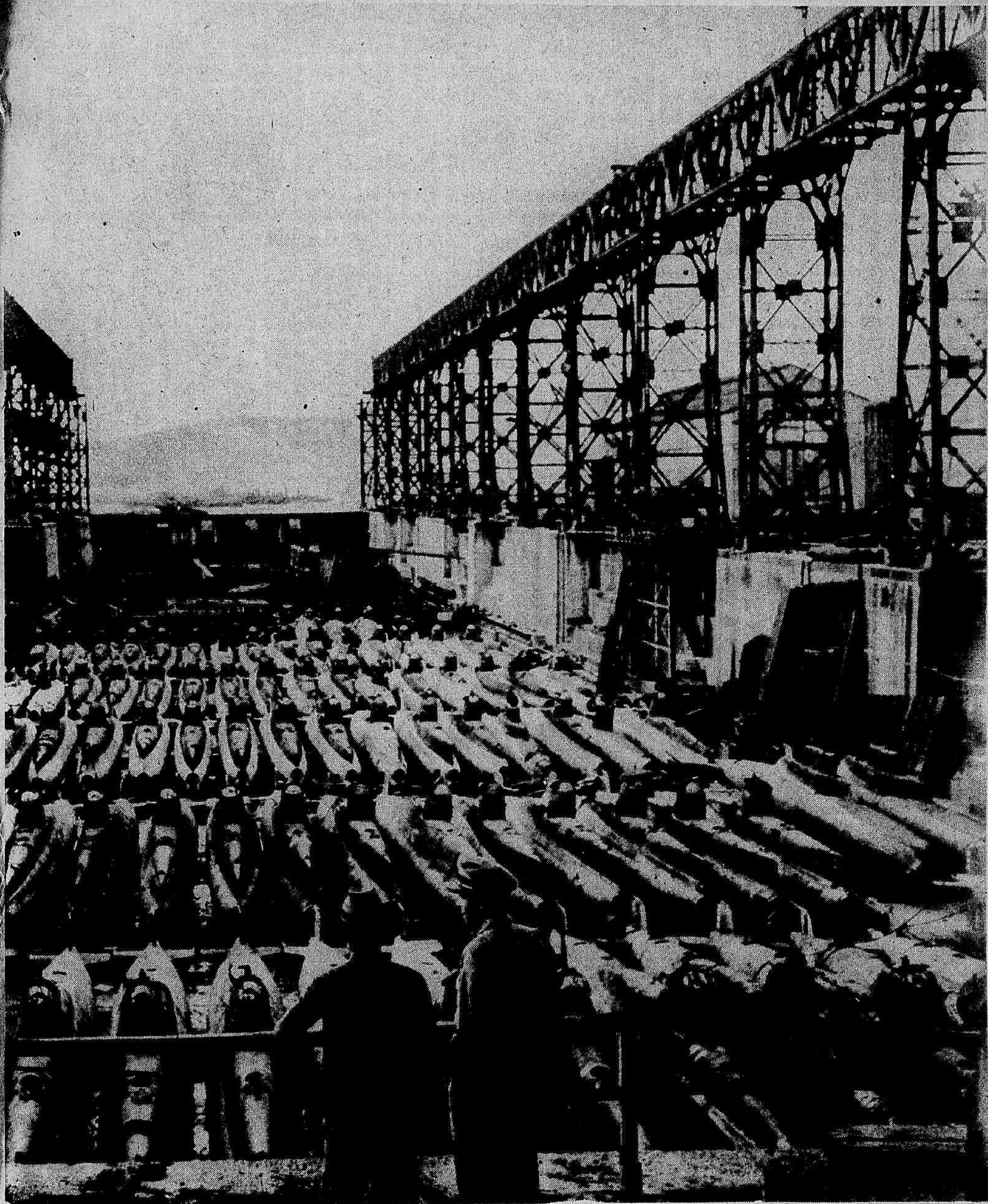
Se o comandante desejar ter uma visão do horizonte de 360º, um giro de manivela fará rodar o periscópio, permanecendo entretanto a lente na mesma posição.

Embora a parte diante do submarino de bôlso tenha uma vedeta-guia, a equipagem usará o periscópio na maior parte do tempo, e por uma simples razão: o submarino viajará na superfície, tão raso com a água que, com mar grosso, uma onda maior poderá partir a vidraça protetora, provocando a brusca invasão da água, que, mesmo não sendo muita, poderá afundar o barco.

O centro será a parte mais espaçosa da embarcação. Com cêrca de três metros de comprimento e dois de largura, conterá câmara de oxigênio, bombas de ar, baterias e outros elementos essenciais. Nesse espaço, um homem de estatura normal não poderá ficar inteiramente de pé. Mas, se a vida a bordo possa parecer como a do pinto num ôvo, para quem goste de muito espaço, os quatro homens da equi-



Base dos submarinos de bôlso japonêses, capturada pelos



norte-americanos, após o armistício. Eram barcos-suicidas, que operavam até na superfície e em pleno dia.

pagem não passarão assim tão mal. Não terão, é claro, muitas utilidades, que estão ao alcance dos demais marinheiros, como, por exemplo, refrigerador, lavatório, cama, etc. Terão apenas o equipamento indispensável para viver: um pequeno fogão para esquentar café, rações balanceadas, etc.

Durante a Segunda Guerra mundial, esquadras de mergulhadores salvaram milhares de vidas retirando ou inutilizando os numerosos e variados obstáculos submarinos que entravariam grandemente o desembarque na Normandia e no Pacífico. Hoje essa tarefa cabe inteiramente a um pequeno, novo e eficiente núcleo naval, capaz de grandes proezas.

Cada um dêsses novos submarinos terá como comandante um oficial jovem, um tenente, portanto, pois que um oficial de grau superior não seria tão moço como exige a operação. Como equipagem outro tenente (mais jovem ainda) ou um simples guarda-marinha e dois marinheiros; além de ser hábil nadador, bombeiro e mecânico, cada homem terá uma especialidade: um deverá ser engenheiro, outro radiotelegrafista; dos dois restante, um será eletricista e outro torpedeador.

Mas, qualquer dêles, além de experiente em seu próprio campo, deverá poder assumir o pôsto de qualquer outro, em caso de necessidade. Por isso mesmo, sòmente com uma estreita colaboração entre os quatro homens poderá ser levada a bom têrmo a missão do submarino de bôlso.

De enorme importância, sob êsse aspecto, será a certeza e a confiança de cada homem de não ser enviado a uma missão que possa ser classificada de "suicida"; o submarino de bôlso não será uma nave fabricada apenas para ter como têrmo a morte, como acontecia com os torpedos humanos, que os japonêses usaram nas Filipinas e os alemães durante o desembarque aliado em Anzio e no sul da França. Um dêsses submarinos, o "Neger", alemão, não podia reemergir; êsses barcos consistiam em um longo cilindro contendo motor e comando, além do pilôto, que sôbre êle montava como num cavalo. Disparado o torpedo o minúsculo barco não podia fugir, dado que tinha uma velocidade de apenas quatro milhas horárias.

O "torpedo-humano" japonês parecia mais seguro, mas o encontrar-se a seu bordo equivalia igualmente a um suicídio. Êsse meio de assalto tinha cêrca de nove metros de comprimento e portava 300 quilos de alto explosivo na sua parte anterior. Uma cabine minúscula, no centro, hospedava o infortunado pilôto. Durante a última parte da guerra os japonêses introduziram êsse "torpedo" no gôlfo de Lingaye; porém êsses barcos puderam ser fàcilmente identificados pelas vedetas, pois que operavam na superfície. Apesar disso, por duas vêzes ameaçaram a esquadra americana, atrevendo-se a operar durante o dia!

Os japonêses também possuíam submarinos minúsculos, com cêrca de três metros e meio de comprimento e dois homens de equipagem os quais usaram durante o ataque a Pearl Harbour, em 17 de dezembro de 1941. Porém êsses submarinos não conseguiram afundar uma só nave.

A equipagem, segundo parece, não estava perfeitamente treinada e os próprios submarinos, do ponto-de-vista tático, não foram usados adequadamente. Em vez de minar a quilha dos navios ancorados, os pequenos barcos entraram no pôrto e a seguir dispararam seus torpedos. O rastro dêstes revelou instantâneamente a posição dos submarinos. Dos cinco, dois foram afundados e um terceiro encalhou sôbre umas pedras; nunca se soube o que ocorreu com os dois restantes.

Depois de descobrir os graves defeitos dos seus "torpedos-humanos", a Alemanha começou a pensar no submarino-de-bôlso e, assim, foi construído o Seehund, de 18 toneladas, carregado de torpedo e de mina, que entrou em ação no final da guerra, não chegando a prestar qualquer contribuição decisiva.

Os italianos e os inglêses, na última guerra, compreenderam a mortal capacidade do meio de ataque submarino e, usando equipamento e homens muito capazes, obtiveram notáveis resultados com um número mínimo de incidentes.

Os "maiali" italianos arrombaram o fundo de duas poderosas naves de batalha inglêsas, de 35.000 toneladas, a "Queen Elizabeth" e o "Valiant", no fundo do pôrto de Alexandria, no Egito. Além disso, em apenas três anos, os italianos afundaram e danificaram 150.000 toneladas de naves aliadas, projetando mesmo um audacioso ataque ao pôrto de New York, que, felizmente, foi evitado com a assi-

natura do armistício. A Real Marinha Britânica também usou os "torpedos-humanos e os "submarinos-de-bôlso". Em 1943, mergulhadores inglêses introduziram um par de torpedos elètricamente comandados na base naval italiana de Palermo, fortemente protegida, e fixaram a proa do próprio submarino em que viajaram, carregado de explosivo, na quilha de um cruzador italiano e de um navio-transporte.

O cruzador foi afundado e o transporte sèriamente danificado. No ano seguinte, o mesmo tipo de barco submarino de assalto afundou no pôrto de La Spezia, na Itália setentrional, o "Bolzano", cruzador capturado pelos alemães; porém o mais audacioso e notável ataque dêsses "submarinos-de-bôlso" ocorreu em 1943, quando três dêles, de construção inglêsa, imobilizaram uma nave de batalha alemã, o "Tirpitz", de 41.000 toneladas, num "fjord" norueguês, com 50 milhas de profundidade. Navegando silenciosamente sob a água, os "submarinos-de-bôlso" conseguiram passar os postos de vigilância e os obstáculos defensivos, entrando nos campos minados, ultrapassando ainda duas fileiras de rêdes anti-torpedos. Um dêsses barcos foi descoberto e aprisionado, mas os outros dois continuaram a ação; as equipagens, minada a quilha do "Tirpitz", afundaram seus próprios e minúsculos submarinos e trataram de nadar para uma das margens rochosas. O comandante de um dêles foi capturado e levado para bordo; estava êle tranqüilamente sorvendo um café quente, na sala de oficiais do cruzador de batalha alemão quando a mina explodiu, arrombando o fundo da poderosa unidade.

Terminada a segunda guerra mundial, muitas nações continuaram a experimentar os submarinos-de-bôlso; os inglêses atualmente possuem modelos muito superiores àqueles que afundaram o "Tirpitz"; o novo submarino XE, por sua vez, já foi submetido a uma série de provas na base naval



Arma submarina alemã, encalhada na areia de uma praia holandesa, a vinte milhas de Amsterdam. Êsse tipo de submarino, deslocando dezoito toneladas, entrou em ação quase ao findar a última guerra.

norte-americana de Norfolk, na Virgínia. Também dois "submarinos-de-bôlso" alemães, do tipo Seehund, de 18 toneladas, capturados pelos franceses e logo aperfeiçoados, iniciaram provas ainda em Norfolk. Êsse tipo francês do Seehund tem um raio de 350 milhas, em emersão e de 50 milhas em imersão. Dois torpedos elétricos de quase uma tonelada cada um são enganchados em seus flancos. Êsse submarino francês, de bôlso, pode atingir uma profundidade de 75 metros, tem uma velocidade de imersão de cêrca de quatro milhas horárias e pode permanecer 24 horas mergulhado, sem vir à superfície. Sua velocidade máxima é de 9 milhas horárias.

Nos oficiais dos grandes submarinos, que sempre preferiram o emprêgo de barcos normais para o afundamento dos navios inimigos em mar aberto preferentemente a agir no interior dos portos, os submarinos-de-bôlso não causaram grande impressão. Hoje, no entanto, muitos mudaram de opinião e acreditam que submarinos do tipo do Xi sejam mais poderosos e manobráveis que os modelos usados na última guerra e poderão ser

arma mais nociva que todo o resto da frota. Acreditam mesmo que êsses submarinos minúsculos poderão ser encaixados na ponte dos submarinos normais para que sejam usados nos ataques aos comboios. Êsses pequenos barcos poderão ser lançados da sua base submarina, a muitas milhas de distância dos comboios, navegando mergulhados até chegar a pequena distância e lançar seus torpedos.

Os modernos métodos de deteção impediriam qualquer aproximação dos grandes submarinos, porém os submarinos-de-bôlso, por suas dimensões e a possibilidade de operar silenciosamente, serão ideais para tal emprêsa. Depois de atacar o comboio poderão ser recolhidos durante a escuridão, pelo submarino base.

A possibilidade de transportá-lo com os modernos helicópteros (que podem levantar até 40 toneladas) para mares internos, como, por exemplo, o Cáspio, na Rússia, poderá ser da maior utilidade numa guerra. Durante a noite, o submarino e sua equipagem poderão ser depositados nesses mares, para afundar navios e destruir portos. Essa operação poderá causar a perda do submarino-de-bôlso, porém sua tripulação poderá ser recolhida pelo mesmo helicóptero.

Essa operação, como qualquer ação numa futura guerra, terá que ser efetuada com habilidade, audácia e coragem. O atual submarino, que a Marinha dos Estados Undos ensaia secretamente, poderá ser o precursor de um novo setor dos serviços em mergulho; assim esperam os técnicos norte-americanos, porque sabem muito bem que o contrôle dos mares, numa guerra futura, dependerá da audácia, da imaginação e da iniciativa.

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



Por GRACIELA ELIZALDE

LEMBREI-ME de transmitir, hoje, às minhas leitoras, duas receitas apropriadas para a estação. Uma delas será de um delicioso bôlo para ser servido frio e outra de uma salada.

BÔLO DE CAFÉ

- 3 xícaras de leite.
- 1 xícara de café forte.
- 2 colheres de farinha de trigo.
- ½ xícara de açúcar.
- 5 ovos ligeiramente batidos.
- 1 colherinha de essência de baunilha.

Mistura-se o café com o leite, a farinha de trigo com o açúcar, juntando-se, depois, uma das misturas com a outra, e mexendo-se bem. Cozinha-se em banho-maria, até que fique macio, e ligeiramente espêsso. Junta-se uma pequena quantidade de ovos, misturando-se bem. Cozinha-se o resto da mistura quente durante mais cinco minutos, mexendo-se constantemente. Põe-se a mistura em caixinhas de papel e deixa-se congelar, no refrigerador, durante o espaço de três a quatro horas, ou até que fique bem duro. Serve-se enfeitado com creme batido.

SALADA DE ABACATE

- 1 dente de alho.
- Alface e outras verduras.
- 2 cebolas verdes.
- 3 rabanetes.
- 12 azeitonas.
- Um pouquinho de cuentro.
- Mostarda em pó.
- Pimenta-do-reino.
- Azeite.
- ½ limão.
- 1 colher de vinagre de vinho.
- 1 abacate.

Antes de mais nada, precisa-se de ter todos os ingredientes frescos, bem esfriados no refrigerador, antes de se começar a preparação.

Em seguida, esfrega-se, com o dente de alho, a vasilha onde se vai preparar a salada. Depois, pica-se em cima muitas fôlhas de alface, que devem ter sido lavadas e secadas prèviamente.

Os rabanetes e as cebolas devem ser cortadas em talhadas bem finas, juntando-se às verduras. Junta-se, também, as azeitonas, cortadas em fatias largas. Tempera-se com sal, um pouco de mostarda e pimenta-do-reino.

Espalha-se azeite em abundância sôbre a salada e sacode-se, até que tôdas as verduras estejam bem cobertas. Espreme-se o limão sôbre as verduras, depois espalha-se o vinagre e sacode-se de novo. Corta-se o abacate em talhadas, sôbre a salada e serve-se imediatamente.

E, SE EU VIVER...

Conto de FRANCES WHITING

A MORTE PASSOU A NÃO ASSUSTAR ELLEN, DEPOIS QUE SEU MARIDO PERECEU NO MAR. PORÉM, NUM MOMENTO DE TERROR, ELA VEIO A DESCOBRIR QUE GOSTAVA, REALMENTE, DA VIDA...

QUANDO Ellen entrou, o solário estava concorrido, porém tranqüilo. O ruído de seus saltos, batendo no chão de cerâmica, pareciam um sinal dentro do silêncio. Alguns rapazes levantavam os olhos da leitura e outros suspendiam os chapéus que os protegiam do sol. Todos sorriam, acenavam e cumprimentavam quando ela passava. Naquela manhã não havia tempo para falar com cada um, individualmente; ela os encontraria, todos, mais tarde, no piquenique.

No fim da longa fila-dupla de cadeiras estava um rapaz alto, de pé, em frente da larga janela e que se voltou para saudá-la. Ellen se encaminhou para êle e falou:

— Como vai, Roy?

— Que bela manhã está fazendo, não acha, sra. Patterson?

E voltando-se outra vez para a janela continuou:

— O verde da grama é tão vivo, e as fôlhas novas têm um tom tão delicado! Nuvens enormes flutuam no céu de puro azul! Não é assim, sra. Patterson?

— Sim, é verdade; o céu está lindo, azul e puro! Diga-me, Roy, como é que você sabe tôdas estas coisas?

— É fácil — respondeu êle. — Quando o sol bate no meu rosto, com êste calor, e no ar sentimos êste cheiro de fôlha, podemos calcular como será o aspecto do dia. Chego a lembrar certos detalhes que pensei nem haver raparado

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO



antes de ficar cego. — Ellen pousou as mãos sôbre as do rapaz, que seguravam com firmeza a bengala e sorriu com ternura.

Êle prosseguiu:

— Não devo detê-la aqui. O dr. Graham a espera, de pé, na porta, possìvelmente olhando para nós.

Ellen olhou por cima do ombro na direção da porta do consultório, perto do corredor, e comentou:

— É fantástico! Não sei como você sabe estas coisas!

Êle se mostrou satisfeito, soltando uma gargalhada jovial. Encostado à parede, próximo da porta, o jovem dr. Graham meneou a cabeça, quando viu Ellen se aproximar.

— Não a compreendo bem, senhora Patterson...

Ellen pensou, inquieta: "Lá vem a mesma conversa de sempre... e eu devo sorrir". Mas, o dr. Graham continuou:

— Cinqüenta por cento uma bênção, cinqüenta por cento uma ameaça! Pelo menos metade dêstes rapazes que estão aqui são apaixonados por você — e não lhes tiro a razão! Êles lhe devem muito...

Ellen sorriu vagamente:

— Êles nada me devem! Se não fôsse por êles, a minha vida nem teria finalidade.

O jovem médico foi positivo:

— Você é muito jovem para falar uma tolice destas.

Ellen rebateu imediatamente:

— Algumas vêzes o senhor se parece exatamente com mamãe, dr. Graham. Pensam, ambos, que palavras podem compensar certas perdas. Mas não podem...

E mudou bruscamente de assunto:

— Já estive tratando de todos os detalhes para o piquenique com o superintendente. Os ônibus-especiais estarão aqui às onze e os pacientes devem chegar ao Point Park às doze. Comeremos às 13 horas e, se o tempo estiver firme, não será necessário voltar antes das três e meia. Enquanto isso, tôdas as outras providências já foram tomadas: a comida, os convidados... e alguns jogos e diversões.

O dr. Graham respondeu no mesmo tom ligeiro e formal que Ellen usara:

— Estou certo de que tudo sairá bem, sra. Patterson. E muito obrigado.

E entrou ràpidamente para o seu consultório.

ENQUANTO se afastava Ellen ia pensando que preferia ter dissimulado um pouco a irritação que sentia. Afinal, ela admirava o jovem dr. Graham, do Hospital dos Ex-Combatentes; respeitava e simpatizava com êle.

Desde o comêço êle fôra solidário, compreendendo logo a sua ânsia de dissipar a mágoa da perda que sofrera e permitia que se distraísse, ajudando a cuidar dos ex-combatentes enfermos.

Mesmo quando ela expressou sua intenção e sua crença de que fazia tudo pelo marido perdido, o dr. Graham ouviu com atenção e compreendeu.

O próprio dr. Graham tomara parte na guerra e, ao voltar, havia recusado uma boa oferta, preferindo tratar dos corpos e mentes doentes dos rapazes daquele hospital.

E êle mantinha Ellen afastada dos casos que pudessem despertar lembranças mais dolorosas, permitindo-lhe, no entanto, cuidar das diversões, tais como música, jogos, passeios e até permitira que organizasse um espetáculo teatral com elenco de rapazes enfermos do hospital.

Acontece, porém, que ninguém, nem mesmo o dr. Graham, conseguia compreender como Ellen se sentia realmente — *ela se considerava morta por dentro*.

Por certo, quando êle a ouvia rindo e brincando com os rapazes havia de pensar que o gêlo de tristeza em volta do seu coração começava a derreter; mas não era verdade! Ela tentava apenas retribuir a confiança e galanteria dos pacientes; todos lhe faziam lembrar Ralph, o marido perdido.

Como poderia, pois, achar interêsse na vida quando a todo instante via à sua frente a expressão de terror que Ralph devia ter sentido ao certificar-se de que o navio em que combatia fôra atingido em alto-mar e estava afundando?

Então, o dr. Graham não compreendia que ela nada estava fazendo ali, por todos aquêles rapazes? Que poderia fazer *muito mais* (e queria fazer muito mais) trabalhando, por exemplo, em favor dos pacientes com psicose de guerra?

Mas o jovem médico fôra objetivo e, para afastá-la da idéia, dissera francamente que *aquela não era missão para amadores*.

Cedera um pouco com relação ao piquenique, permitindo mesmo que alguns pacientes, de estado mais delicado, fôssem acompanhados de enfermeiras e em condução separada.

CHEGANDO ao Park, Ellen deixou o veículo aos cuidados do zelador. Até ela chegavam as vozes alegres dos rapazes e fortes risadas felizes, vindas do ponto onde dedicados amadores desde cedo

haviam preparado o fogo e os espetos para o churrasco.

Sob as árvores a nota alegre dos vistosos tecidos coloridos, dos vestidos das moças que, animadas, arrumavam as mesas, desempacotando sanduíches e descarregando cestas de provisões.

Estava um piquenique maravilhoso, um churrasco apetitoso, com as terrinas de môlho trescalando, saladas preparadas com capricho, tudo arrumado com gôsto.

Encostada a uma mesa, já no fim da festa, Ellen olhou para os pacientes, um pouco fatigada, porém satisfeita. Em seu redor sentia a atmosfera de felicidade que reinava entre os doentes, todos pareciam ter apreciado ao máximo o piquenique e a sobremesa, que fôra uma torta bem ao gôsto da rapaziada.

Agora, os mais fortes, que podiam caminhar bem, passeavam com as moças pelas alamêdas ensombradas do parque. Outros, rindo e contando casos, descansavam nos bancos debaixo das árvores frondosas.

As mesas, agora, estavam sendo desfeitas e os talheres e pratos arrumados nas cestas pelos colaboradores, cansados mas alegres. Outros *voluntários* ajudavam a extinguir o fogo onde fôra feito o churrasco. Valera a pena o trabalho, pois saíra tudo bem!

Perto de Ellen uma moça visìvelmente fatigada acabou de arrumar umas louças dentro da cesta e suspirou; o marido, ao seu lado, aproximou-se mais e abraçando-a murmurou: "Pronto, querida. Estêve tudo ótimo! Já podemos ir para casa".

Ellen se afastou ràpidamente com os olhos cheios de lágrimas. Para êles era hora de "ir para casa" e, para ela, havia apenas aquela solidão desoladora que a apunhalava. Ralph estava morto e ela voltara à casa materna, não mais a sua casa. Caminhando com passos ligeiros, chegou à sua alamêda favorita, que circundava a margem e ia dar num ponto onde havia um banco, sob uma árvore frondosa.

Dali se via a baía perdendo-se depois a superfície da água pela linha do horizonte. Uma brisa suave ondulava levemente as águas e o sol, descendo, punha reflexos dourados no telhado do abrigo das canoas, um pouco adiante. Estava tudo tranqüilo, pois não começara ainda a estação das férias com sua multidão barulhenta.

Fôra ali que ela estivera longo tempo com Ralph a última vez em que êle obtivera licença.

Ali fôra mais fácil, um pouco, a despedida; podia sempre evocar a lembrança querida naquele



«Então, enchendo os pulmões, num longo fôlego, que era ao mesmo tempo uma oração, começou a correr...»

recanto; o último beijo, as últimas palavras de carinho... Mesmo durante o verão ela sentia, ali, naquele recanto tranqüilo, a presença dêle, como que um fantasma querido e bem-vindo.

Quando uma voz grave às suas costas murmurou: *"Não se mova, por favor!"*, ela não se assustou, a princípio. Tinha, porém, o rosto magro, com aspecto de convalescente e os olhos azuis eram da côr das águas da baía. Ellen não se recordava de ter visto aquêle rapaz, antes, no hospital; mas não era para admirar, pois havia tantos que ela não conhecia ainda!

— Sente-se aqui e descanse um pouco — disse ela.

Êle deu a volta ao banco e respondeu:

— Eu não queria perturbá-la. Pareceu-me tão bela e tranqüila, sentada aqui como se fizesse parte da paisagem...

— Eu faço parte desta paisagem — respondeu Ellen.

— Também detesta as multidões?



— Não *esta* multidão, que ainda há pouco estava pelo parque; mas gosto de estar sòzinha — *para pensar*...

O rapaz sorriu ligeiramente e comentou:

— É o que acontece comigo, porém não tenho muita oportunidade, *lá onde estou*.

— Deve ser um sacrifício para você — disse Ellen. — Há quanto tempo está no hospital?

— Há tempo... *de mais*!

Ellen sorriu, por sua vez, comentando:

— Todos dizem a mesma coisa e, às vêzes, têm razão; mas não quer sentar um pouco?

— É que... é tão bom poder sair e andar!

Olhou para a água um instante e, depois, continuou:

— Adoro a água! Se tivesse um barco entraria nêle e sairia por aí... para não mais voltar!

— Compreendo — concordou Ellen, sinceramente. — Eu também sempre quis ter um barco... Meu marido também queria, mas, agora...

— Por que não, *agora*? — perguntou êle.

Ellen contou a respeito de Ralph. Êle ouviu com os olhos cheios de simpatia e ela sentia que também simpatizava com o rapaz. Enquanto Ellen falava, êle concordava, acenando com a cabeça. E quando sentou ao seu lado e segurou-lhe as mãos ela deixou que passassem alguns minutos antes de retirá-las, pois sentia que aquela era a sua maneira de mostrar solidariedade para com a mágoa que ela acabara de revelar.

Quando êle começou, por sua vez, a contar a própria história parecia querer encontrar nela a mesma compreensão que tivera ao ouvi-la. Contou que detestava o Exército; como lhe



fôra difícil adaptar-se como os outros àquela vida de dura disciplina. Contou que sentira pavor, desde o primeiro momento, mas sempre dissimulando, para que não rissem dêle, e esperando pela oportunidade para mostrar que era tão bom como qualquer outro!

— Minha oportunidade veio — prosseguiu êle. — Porém, depois... fiquei muito doente.

Mas, disse a Ellen que *esperava ter algum dia outra chance para mostrar do que era capaz*.

— Naturalmente que você a terá! — afirmou Ellen.

— Telvez *esta* seja a oportunidade — falou êle, gravemente.

— Como assim? — indagou ela, com paciência.

— Sim; hoje, encontrando você aqui... Eu precisava de alguém como você!

Levantando-se, começou a caminhar de um para outro lado, com passos largos e lentos.

Ellen lembrou, com um sorriso, as palavras do dr. Graham:

Cinqüenta por cento uma ameaça! Quis achar graça, mas sentiu apenas piedade do rapaz. Não o ofenderia por nada dêste mundo, era tão simpático, tão amável e triste! Mas, já era tempo de pensar em voltar, estava ficando tarde e já estava sentada, ali, bastante tempo antes do rapaz aparecer. Estava pensando numa desculpa gentil para retirar-se quando reparou que êle estivera o tempo todo, em que fizera estas conjeturas, falando sòzinho. Pouco depois, arrematou seu solilóquio com estas palavras:

— Sim! É isso o que eu vou fazer. Que *nós* vamos fazer!

— Que é que vamos fazer? — perguntou Ellen, com voz calma.

Êle parou de caminhar e fitou-a, de frente, fixamente:

— É melhor que eu lhe conte tudo, para que possamos planejar *juntos*. Eu fugi da enfermaria! A estas alturas êles devem estar vasculhando tudo por lá, à procura de um louco perigoso e... imagine: *sou eu!*

Ellen sentiu um arrepio, como se estranha mão de gêlo a segurasse pela nuca. Segurou firmemente as bordas do banco com ambas as mãos, para conter-se, enquanto êle continuava falando:

— Não consigo fazer alguém entender por que tive que matar o sargento, lá na frente de batalha, na África! É que êle riu de mim. E eu tive de mostrar-lhe que não tinha mêdo de matar. Apenas não queria matar os alemães, porque os alemães nada me tinham feito de mal, enquanto que o nosso sargento... Êle chegou a dizer que eu não teria coragem para matar um rato!

Ellen pensou que se não inclinasse um pouco a cabeça para a frente poderia desmaiar e ela *não podia desmaiar, agora!* Então resolveu pretextar que estava amarrando os cordões do sapato até sentir-se um pouco mais firme.

O rapaz, agora, falava mais apressado:

— Nós vamos fugir! Vamos nadar até onde estão aquêles barcos e ficar escondidos; então, quando vier a noite, eu tiro um dos barcos... e estaremos livres, *nós dois*! É o que temos que fazer, compreende? É o Destino! Você me foi enviada para que eu me salvasse. E eu preciso de você, para mostrar a todo mundo que sou corajoso e muito inteligente.

Ellen sentiu que, se quisesse ficar de pé, seus joelhos não agüentariam. Sentiu os lábios secos e umedeceu-os com a língua. Fêz um esfôrço supremo para fitar o rapaz à sua frente. Se, ao menos, conseguisse dissimular o terror que sentia e aparentar calma talvez pudesse ganhar tempo e, talvez, Deus ajudasse, fazendo alguém aparecer para a salvar.

Êle continuava a repetir:

— E não voltarei nunca mais, nunca mais, nunca mais!

— Sim; é um plano muito interessante...

Ouvia a própria voz como se fôsse a de outra pessoa.

— Mas, alguém precisa arranjar mantimentos, comida...

— Sim — repetiu êle. — Comida, comida...

— Sobrou muita coisa do piquenique e eu sei onde está guardada e vou buscar porque, se você fôr, êles o apanharão.

Êle parou um pouco, como se meditasse. Ellen aguardava, aflita, e aproveitou para dizer:

— Há um barco muito bom, logo ali adiante; você vai buscar, enquanto eu arranjo uma cesta com alimentos. Ninguém me perguntará nada porque sou da comissão.

A expressão do rapaz era um misto de animação infantil e reflexão adulta. Voltou-se obediente e começou a caminhar para o local que ela apontara, enquanto o observava, trêmula de mêdo. E embora sentisse uma fôrça ordenando-lhe que corresse continha-se a custo, aguardando o momento propício. Êle chegou ao ponto, olhou para o barco e voltou-se. Talvez tivesse reparado que o barco não tinha nem remos nem fundo. Mas não. Apenas olhava para êla. Começou a caminhar de volta, falando:

— Como vou saber que posso confiar em você? Quem me garante que você vai voltar?

— Voltarei sim — respondeu ela, aparentando calma e acenando com a mão. — Esconda-se que já volto.

Porém êle chegou mais para perto e, como se pedisse uma opinião dela ou um conselho, falou:

— Talvez seja melhor eu matar você agora, para ter a certeza de que não irá contar nada aos outros...

Para Ellen aquelas palavras pareciam zombar dos seus pensamentos, quando ela repetira tantas e tantas vêzes para si mesma que *não se importava de morrer*!

Agora sentia o horror pânico, e compreendia como haviam sido ôcas aquelas palavras que repetia para si mesma, e como era doce sentir a vida e o ar entrando nos pulmões, e o solo debaixo dos pés e a reação de reunir tôdas as fôrças físicas e mentais para combater a morte, agora que se achava frente a frente com ela!

Conseguiu reunir fôrças para dizer:

— Se você fizer isso ficará sòzinho outra vez. *Você precisa de mim*!

— Sim; isso é verdade — respondeu êle, sério.

Ellen o viu caminhar novamente para o velho barco. Então, enchendo os pulmões num longo fôlego, que era ao mesmo tempo uma oração, começou a correr.

A seguinte sensação que teve foi a de que dois braços a carregavam e que ela murmurava algumas palavras... depois completa escuridão...

QUANDO a escuridão se dissipou Ellen sentiu que estava deitada sôbre lençóis macios e sentiu no ar o perfume de rosas frescas. Abriu os olhos e viu que os botões, da roseira, que espiavam pela janela do seu quarto de dormir, estavam abertos em belas rosas perfumadas.

Estendeu os braços e ficou surpreendida ao verificar que seus músculos de pernas e braços doíam como se houvesse corrido muito; respirou fundo e tentou pensar mais claramente. Devia ter ido dormir muito tarde, na véspera, para acordar assim com o dia tão brilhante de sol.

A porta se abriu mansamente e sua mãe entrou no quarto com um jeito que lhe pareceu mais cuidadoso ainda do que de costume, e parecia cansada e preocupada. Talvez precisasse de ir para fora repousar.

— Creio que dormi de mais esta noite, mamãe — disse Ellen.

— Não tem importância, querida — respondeu a senhora, inclinando-se para beijá-la.

E atrás dela, de pé, junto à porta, Ellen viu a figura de um homem.

— Posso entrar? — perguntou o doutor Graham.

A seguir, dirigindo-se para junto da cama, tomou-lhe o pulso e comentou:

— Muito bem; está acordada afinal!

— E por que não? — perguntou Ellen, intrigada. — E por que o senhor não está no hospital, no consultório a esta hora?

— Porque hoje é o meu domingo de folga — respondeu êle.

Domingo?! Mas não podia ser! Ontem fôra sexta-feira, o dia do piquenique! Sim, o piquenique! E um arrepio percorreu todo o seu corpo. O dr. Graham tomou-lhe as mãos nas suas e segurou-as firme e ternamente.

— Calma, Ellen! — pediu.

E a voz dêle, firme e calma, realmente afastou o pânico, que começava novamente a dominá-la.

Com a garganta sêca, ela murmurou:

— E já... encontraram o rapaz?

— Sim. E êle está bem, agora.

Quando as lágrimas começaram a descer pelo seu rosto, ela começou a sentir um grande alívio, como que um pêso que fôsse tirado do seu peito. Deixaram que ela chorasse porque sabiam que isso lhe faria bem. Pouco depois ouviu sua mãe murmurar:

— Minha pobre filhinha...

Ao fim de alguns momentos, Ellen murmurou, um tanto acanhada:

— Tenho sido tão tôla, tão tôla... Não sei como vocês dois me aturam...

Sua mãe sorriu, dizendo:

— É porque lhe queremos muito, meu bem. *Nós* a amamos!

Ellen corou, repentinamente:

Olhou para a mãe e disse, com voz tímida:

— Você disse "nós", mamãe; isso me deixa um tanto embaraçada.

O dr. Graham a fitou com olhar honesto e carinhoso:

— Mas é a verdade, querida! Todo mundo sabe isso. Todo mundo menos você...

AGORA JÁ FIZERAM isto!

RADIO-TELEFONE DE BÔLSO — Hoje é possível chamar telefônicamente, na rua ou no interior de uma casa, por meio de um receptor especial, de bôlso, sempre alerta para recolher uma mensagem. Êsse serviço existe em tôdas as grandes cidades norte-americanas. O serviço dos assinantes ausentes alerta uma estação emissora com um raio de 50 quilômetros de ação. Um receptor minúsculo, colocado no bôlso do assinante dá o sinal. O assinante coloca o aparelho junto do ouvido. Uma voz anuncia: «Aqui, radioligação». «Pode falar» — responde o assinante. «Não desligue. Vamos ligar com seu correspondente».



Certos indivíduos dirão que já chega a preocupação de estar atendendo os telefonemas comuns. Porém os médicos, os viajantes comerciais e, em geral, os que precisam estar em contacto com seu escritório, acharão êsse micro-radiotelefone muito útil.

★

CARTAS RODOVIARIAS QUE NÃO RASGAM, NEM DESBOTAM — Os que viajam muito, os excursionistas, etc., sabem que a despeito de tôdas as precauções, têm que renovar, cada ano, seu estoque de mapas de estradas para as regiões percorridas. A última aplicação do «nylon» veio em seu socorro: de fato, acaba de ser fabricados mapas e roteiros de estradas que não rasgam nem desbotam; também não amarrotam e podem ser lavados. Além do mais, um tratamento especial da superfície permite escrever anotações a lápis sôbre êsses mapas ou mesmo a tinta, que logo desaparecem com a primeira lavagem de água com sabão.



★

A BORRACHA PARA MAQUINA DE ESCREVER — «Onde deixei minha borracha?» — Eis o grito que ressoa cem vêzes por dia num escritório. A datilógrafa sai em busca da pequena rodela de borracha, interrompendo o trabalho e gastando os nervos. Isso não mais acontecerá, dado que a moderna técnica dos ímãs permanentes e leves resolveu definitivamente o problema. O círculo metálico que há nesse tipo de borracha aderirá sôbre o corpo de aço da máquina de escrever.



Mesmo as máquinas de ligas ligeiras de alumínio têm um suporte ou um cárter de aço mais apurado e suficiente para reter o disco de metal e a borracha. Quando a borracha acaba é fácil passar o pequeno ímã para outra, nova.

★

DE TODOS OS MATERIAIS USADOS PELA INDÚSTRIA, o vidro é, certamente, o que melhor resiste às vicissitudes de um uso prolongado. Não enferruja, não apodrece, resiste ao contacto com os ácidos e os álcalis. Infelizmente, é frágil e só pode ser modelado em elevadas temperaturas. Eis porque os inventores procuravam, desde há muito, o endôsso universal, transparente, que pudesse proteger de maneira eficaz os metais, a madeira, o cimento...



Depois de experiências sem conta, uma emprêsa francesa acaba de lançar no mercado um «vidro sintético», capaz de atender a êsse desejo. Fabricado a partir de carbureto de cálcio, trata-se de uma resina vinílica de um tal poder de proteção que se generaliza ràpidamente. Com um simples pincel poderá «vitrificar» todos os objetos de que nos servimos, assegurando com isso sua conservação indefinida.

QUE ACHA O LEITOR?

AQUI nos dirigimos aos nossos leitores (os velhos amigos de trinta e sete anos e os últimos que conseguimos conquistar) a fim de realizar entre êles uma "enquête" para saber aquilo que mais apreciam em EU SEI TUDO, o que gostariam de ver alterado, aumentado ou simplesmente cortado, enfim pedir que nos indiquem como gostariam de ter cada mês, esta publicação. Para ajudar, vamos apontar alguns detalhes técnicos e aguardar a resposta dos nossos bons amigos, que deverá ser pelo Correio e dirigida à Redação do EU SEI TUDO (INQUÉRITO). Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

ROMANCES

O leitor prefere que continuem sendo publicados dois romances, com oito páginas cada um, ou apenas um romance, com 16 páginas?

Que tipo de romance prefere? De amor, aventuras, policial, fantasioso, alegre, trágico...?

De autor nacional ou estrangeiro? (Sublinhar a sua preferência).

CONTOS

Prefere que continuem sendo publicados quatro ou cinco, por edição, ou em número muito menor, porém com histórias mais desenvolvidas? (Sublinhar o que prefere).

Que gênero prefere, em matéria de contos? — Amor, policial, misterioso, alegre, trágico? (Sublinhar o que prefere).

Que autores prefere? Franceses, inglêses, norte-americanos, espanhóis, italianos... ou nacionais? (Sublinhar os de sua preferência).

CIÊNCIA

No vasto campo da ciência, que prefere? Astronomia, Medicina, Matemática, Geografia, Cirurgia, Hipóteses audaciosas, Viagens, Arqueologia, Astrologia, etc.? (Sublinhar a sua preferência).




SEÇÕES

Quais as que prefere em EU SEI TUDO?

☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....

Quais as que gostaria de ver incluídas em nossas páginas?

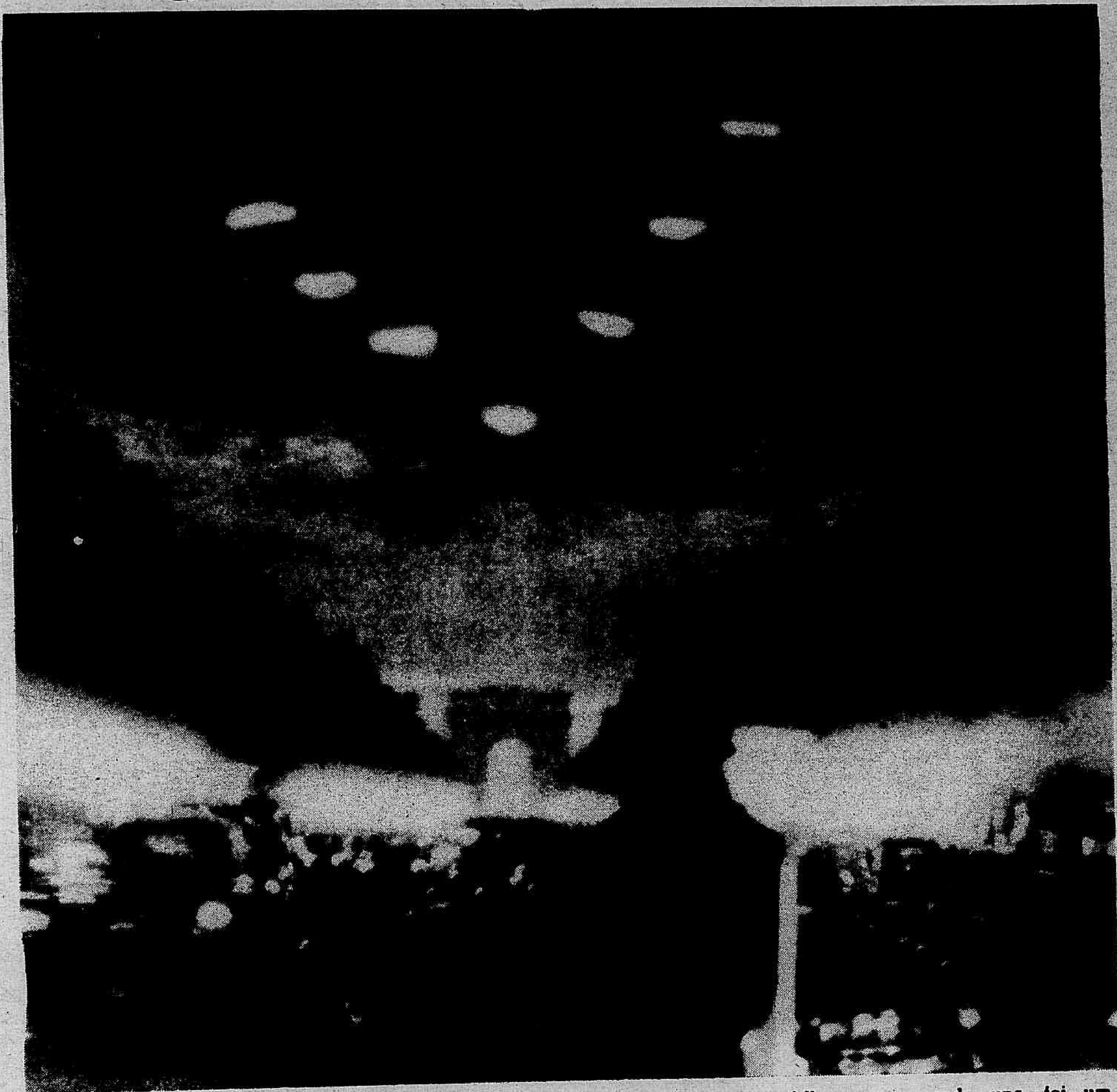
☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....
☐ ....

QUAIS OS ASSUNTOS QUE MAIS LHE AGRADARAM NO PRESENTE NÚMERO?

☐ .... ☐ .... ☐ ....
☐ .... ☐ .... ☐ ....

NÃO RECEIE DIZER:

EU VI UM DISCO!



Frota de discos sôbre os Campos Elísios, em Paris. A fotografia que publicamos, segundo uns, foi um truque; segundo outros, trata-se, tão sòmente, de reflexos da iluminação pública! O leitor que julgue...

O mistério dos discos voadores — que assusta a muitos e diverte outros, trazendo, por assim dizer, o mundo todo de olhar levantado para o céu — para o exército do ar, norte-âmericano, tem constituído verdadeiro martírio. E, isso, desde 1947.

Num momento em que o ar já estava cheio de problemas, tais como a quebra da velocidade supersônica, o estabelecimento de uma rêde de radar e as escaramuças orçamentárias com o exército de terra e a marinha, viram-se diante de um quebra-cabeça inteiramente novo. Por tôda parte, no país e no resto do planêta centenas de pessoas começaram a ver objetos estranhos, que percorriam o céu em velocidades fantásticas. E, embora,

entre os observadores, pudessem ser contados velhos conhecedores das coisas celestes e da aeronáutica, êstes não conseguiam identificar o que viam, embora descrevessem de maneira minuciosa.

Tais objetos foram batizados de "pires" ou "pratos" voadores, para mais tarde firmarem-se com o nome de "discos". O presidente e os membros do Congresso receberam um dilúvio de cartas e telegramas, exigindo explicações *ou fornecendo-as*. Em geral, afirmava-se que tais aparelhos eram russos e que, feitos êsses "reconhecimentos" voltariam, por certo, carregados de bombas atômicas. Alguns opinavam que se tratava de astronaves vindas de algum planêta vizinho. Todos, porém, tinham um só pensamento: cabia à Fôrça Aérea, guardiã do céu norte-americano, dar uma explicação.

Assim resultou que, em 22 de janeiro de 1948, foi aberto um inquérito especial, que não terminou ainda. A aeronáutica dos Estados Unidos tinha três desconfianças. Podia, primeiro que tudo, partilhar da idéia geral de que tais discos vinham da Rússia; poderia, igualmente, suspeitar de coisas "de outros mundos", realizando sindicâncias a respeito. Podia, finalmente — e isto não exclui as duas outras considerações — espalhar em tôrno de tudo uma cortina de fumaça, para proteger, no interêsse da segurança nacional, o segrêdo de certos objetos voadores em experiência. De qualquer maneira, foi e continua sendo um inquérito exaustivo.

O primeiro incidente ocorreu em 27 de junho de 1947, em Yakima, Estado de Washington, com Kenneth Arnold, que viajava em seu avião particular. Repentinamente, um brilho intenso e fugaz quase o cegou. Voltou-se e, a 35 quilômetros, mais ou menos, viu o que considerou tratar-se *de nove aviões sem cauda*, dirigindo-se para o Monte Rainier.

"Distingui, nitidamente, seus contornos sôbre a neve. Voavam perto dos cumes, como fazem os gansos selvaegns, na diagonal, como se estivessem acorrentados uns aos outros. Uma "corrente" formada por coisas como pires, com oito quilômetros, no mínimo, de comprimento. Todos desapareciam por trás dos picos. Chatos e tão brilhantes eram que o sol nêles se refletia como em espelhos."

Arnold observou êsses objetos durante três minutos e calculou sua velocidade em dois mil quilômetros a hora.

Os técnicos, consultados por jornalistas, declararam que qualquer objeto tão rápido, seria invisível a tal distância. A imprensa zombou das declarações de Arnold, que, zangado, declarou:

— Mesmo que veja voar um prédio de cinqüenta andares, nada direi!

Porém, logo depois dessa primeira notícia, informações análogas afluíram. Sôbre isso disse um psicólogo da Universidade de Ohio:

— Nossos relatórios confirmam que os incidentes a respeito de discos voadores se multiplicam consideràvelmente, desde que recebem uma certa publicidade. O céu, como todos sabem, é uma fonte de visões excitantes, desde tempos imemoriais, e sua atração é particularmente forte em nossa época.

Interrogado, o capitão Jerre Boggs, sôbre tais declarações, respondeu:

— Sim. Se olharmos o céu bastante tempo, poderemos, quase sempre, notar alguma coisa que parecerá estranha. E hoje, mais que nunca, há maior número de pessoas olhando para o céu. Mesmo as crianças não olham mais para os carroções dos circos, mas para os aviões. As pessoas encarregadas de vigiar o céu durante a última guerra, continuam olhando para o alto. E o público não ignora que o segrêdo da Bomba Atômica lhe foi dissimulado durante três anos. Desta vez êle quer saber o que tramam as autoridades e vive alerta.

E concluiu, com ar desolado:

— Outrora, as pessoas viam uma estrêla filante e faziam um voto; hoje, telefonam para nós!

O único fator tangível que possuíam, no início, era êste: *o céu se encheu de "coisas"*. Seria impossível dar, mesmo aproximadamente, o número de aparelhos comerciais ou militares que se encontram no ar, num momento dado. Além do mais, existem mais de 500 organizações de todo gênero, que soltam balões, periòdicamente, desde o simples balão meteorológico, pouco maior que uma bola de

praia, até as "complicações" do tamanho de uma casa, que servem para as sondagens dos raios cósmicos. À noite, êsses balões sempre têm fogos. Além dêles, devemos contar (principalmente nos Estados Unidos) os balões publicitários, os holofotes, as luzes dos aviões, as nuvens que passam diante da lua, os pedaços de papel arrastados pelo vento e, naturalmente, os pássaros, os papagaios de papel, os meteoros, os cometas, os relâmpagos e as bolas de fogo — os bólides, se assim preferem — que são pedaços de matéria interplanetária, com trajetórias que, muitas vêzes, parecem paralelas à superfície da terra, dexando um rastro de fogo e só desintegrando-se quando esbarram contra a atmosfera densa do globo.

Os oficiais, encarregados do Inquérito dos Discos, começaram por dividir o problema. A seguir procuraram encontrar as pessoas que acreditavam ter visto êsses misteriosos aparelhos. O dr. Hynek, do "Observatório Emerson Mc Millim", foi convidado a estudar o problema de origem astral possível. Os organismos lançadores de balões solicitados a informar se seus balões — segundo as datas das "aparições"



O jovem Jean Fontaines, apaixonado da astronáutica, construiu êsse disco voador, com um minúsculo motor, que o faz voar a mais de 200 km horários.



Foto tomada por um cineasta, nas ilhas Baleares, no mês de abril de mil novecentos e cinqüenta.

-- podiam ser responsabilizados. Foram estudados os vôos das companhias de aviação comercial. Especialistas de aerodinâmica, de Wright Field, sabedores das modificações sofridas pelos pilotos e passageiros contribuíram para êsse inquérito. Combinaram não confrontar suas idéias "para que uns e outros não sofressem *influências*, pois havia muita *sugestibilidade* no ar".

Naturaumente, entre os que viram ou acreditavam ter visto um disco, havia os brincalhões e loroteiros, ou, simplesmente, os maníacos e os desequilibrados. Mas, também indivíduos cujas palavras deviam ser tomadas em consideração, mesmo que tivessem afirmado ter visto gorilas voando. Dois dêles, o capitão C. S. Chiles e o

pilôto John B. Whitted foram pilotos experimentados das "Eastern Air Lines". Às 3 da manhã de 24 de julho de 1948, conduzindo um avião de passageiros a 1.500 metros de altitude, próximo de Montgomery, no Alabama, êsses homens viram *qualquer coisa* que os jornais batizaram, mais tarde, de "astronaves". Ambos, porém, falaram "de um aparelho sem asas", de 30 metros de comprimento, em forma de charuto, de um diâmetro o dôbro da fuselagem de uma B-29 e que se deslocava um têrço mais depressa que um avião a jato. Parecia ter uma série de escotilhas, acima de uma cabine globular, que podia ser a cabine de pilotagem. O interior dessa cabine era extraordinàriamente luminoso — *como uma tocha de magnésio* — e, ao longo de seus flancos, havia um halo azul fosforescente. O escapamento deixava uma chama vermelho-alaranjado. Não viram os ocupantes. A *coisa* ia sôbre êles, que trataram de virar à esquerda. O aparelho estranho fêz o mesmo e passou a menos de 200 metros, um pouco para a direita e para cima. Depois, como se tivessem notado a presença do avião de passageiros, acelerou a velocidade, com um terrível jato de chamas e perdeu-se nas nuvens, enquanto a "onda" de seu propulsor sacudiu o DC-3. O único passageiro do avião que se mantinha acordado àquela hora, também viu o aparelho misterioso.

Uma hora antes, os observadores terrestres do aeródromo Robbins, a mais de 350 quelômetros para o nordeste, viram também "qualquer coisa estranha" no céu. Voava mais depressa que um avião, deixava uma esteira de chamas multicores e desaparecera velozmente. Verificados os vôos civis e militares, nenhum dêles poderia ser relacionado com essa aparição. Os astrônomos foram chamados a opinar e o dr. Hynek entreviu a possibilidade de algum meteoro brilhante e pouco rápido. Porém os psicólogos jogaram água fria na fervura, declarando que *os pilotos e o único passageiro acordado eram humanos e, como tais, sugestionáveis*...

Em 7 de janeiro de 1948 "qualquer coisa que parecia um sorvete de baunilha, coroado de vermelho", foi vista acima do campo de aviação de Godman, em Fort Konx. Quatro E-51 estavam pousados e prontos para levantar vôo, sob o comando do capitão Thomas F. Mantell, veterano de glorioso passado, também viu o objeto. Levantaram vôo os quatro aviões e Mantell logo se separou do grupo de caça, radiotelegrafando para terra e para seus companheiros no ar.

— Estou próximo. Está diretamente acima de minha cabeça. Sempre mais vagoroso do que meu aparelho. Parece metálico e muito grande. Agora sobe e segue mais veloz do que eu, que estou a 600 horários. Estou a 7.000 metros e se não conseguir aproximação mais estreita, abandono.

Foram suas últimas palavras. Seu corpo foi encontrado, pouco depois, entre os destroços do aparelho. O comando declarou, oficialmente, que Mantell se asfixiara por falta de oxigênio, tendo morrido antes mesmo do aparelho tocar o solo espatifando-se. Cinco minutos depois de Mantell sair da formação, os outros aparelhos desceram em Godman Field. Um dêles se reabasteceu, tornou a subir e voou 150 quilômetros para o sul, a onze mil metros. Nada viu!

Segundo o *Inquérito do Disco*, Mantell tomara Vênus por um disco voador! Vênus, naquele dia, estava mais brilhante que qualquer outro elemento do céu. O doutor Hynek concluiu seu relatório dizendo:

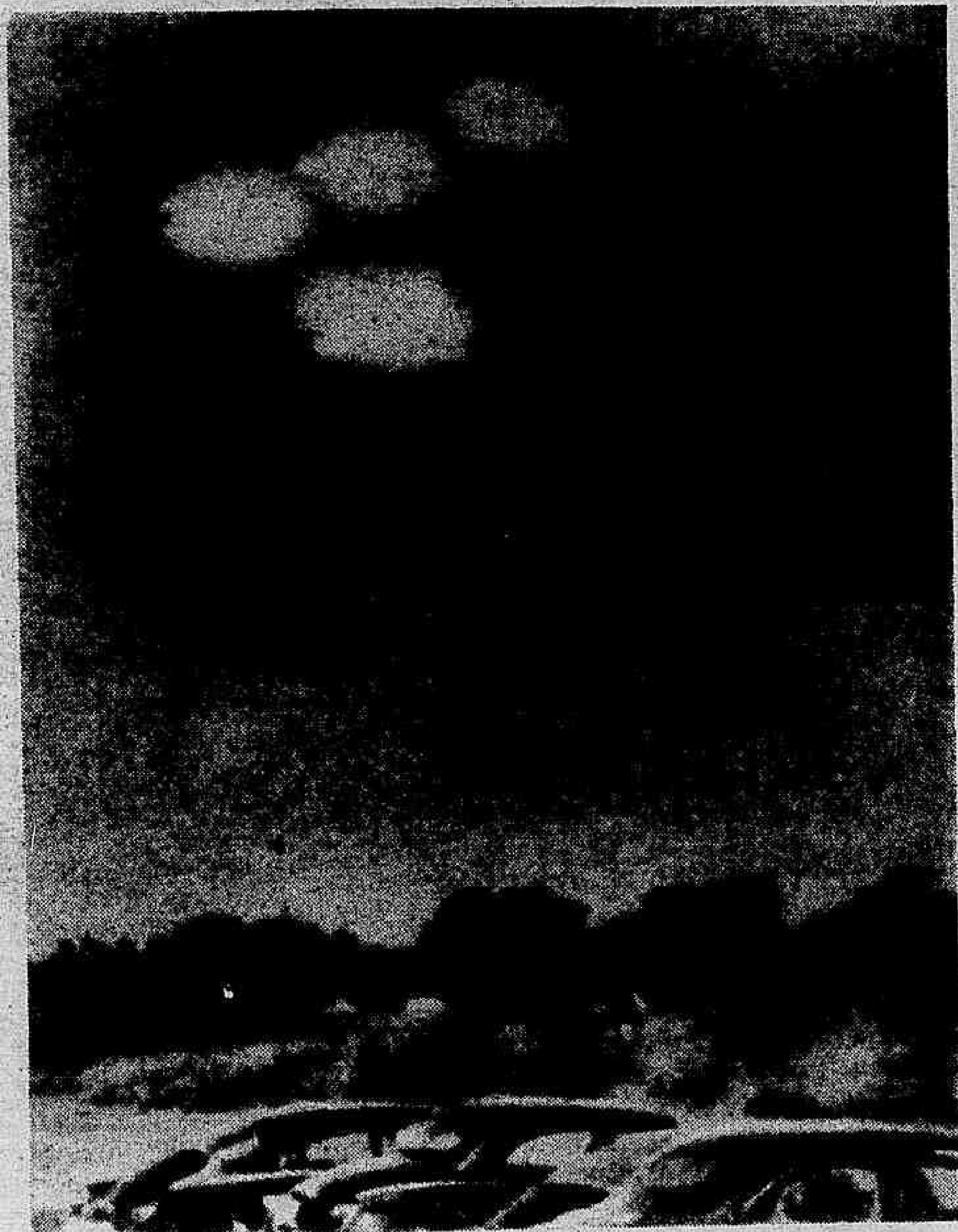
"A prova principal de que Mantell tomou Vênus por um disco e tentou caçá-lo está em que o objeto aparecia essencialmente fixo (ou afastando-se regularmente dêle), não parecendo batê-lo em velocidade."

As raras vêzes em que fragmentos de objetos suspeitos foram levados aos peritos do *Inquérito do Disco*, durante seus dois primeiros anos de existência oficial, tais "destroços" foram ràpidamente identificados. Por exemplo, pouco depois de Arnold avistar seus nove aparelhos sem cauda, perto de Mont Rainier, residentes de Jackson, no Ohio, assinalaram, muito excitados, a descoberta de um disco... caído! O exame revelou que se tratava... de um balão meteorológico.

No início de 1948, alguns residentes do Kansas, do Nebrasca do Sul e do Oklahoma do Norte, assinalaram *"violenta*

explosão em pleno céu. Os imóveis tremeram, as janelas se partiram. Um fazendeiro de Stockton afirmou que êle e sua espôsa tinham visto *um incêndio no céu*, depois uma grande nuvem e, finalmente, tinham ouvido violenta explosão. Dois meses mais tarde, um astrônomo encontrou, semi-enterrado, a 70 quilômetros de Stockton, a possível explicação do mistério: um fragmento de achondrita de 500 quilos, tipo pouco freqüente de meteorito. Dois pedaços menores foram encontrados não muito distante. Outros objetos se revelaram também conhecidos: restos de foguetes militares, balões incendiários japonêses, pedaços de jornais, apanhados nos turbilhões de vento, etc.

Entretanto, como — passando o tempo — aumentassem as comunicações sôbre coisas vistas no céu, os generais do Pentágono decidiram alargar suas investigações. Preparam questionários e os oficiais da Aeronáutica, em ligação com os agentes do F.B.I. tiveram a missão de encher tais questionários sempre que algum disco fôsse assinalado. Algumas histórias eram tão ingênuas ou irrisórias que os funcionários não perdiam tempo



Fotografia publicada no Boletim da Marinha Norte-Americana. Foi tirada por um marinheiro — em Massachussetts — no mês de julho de 1952.

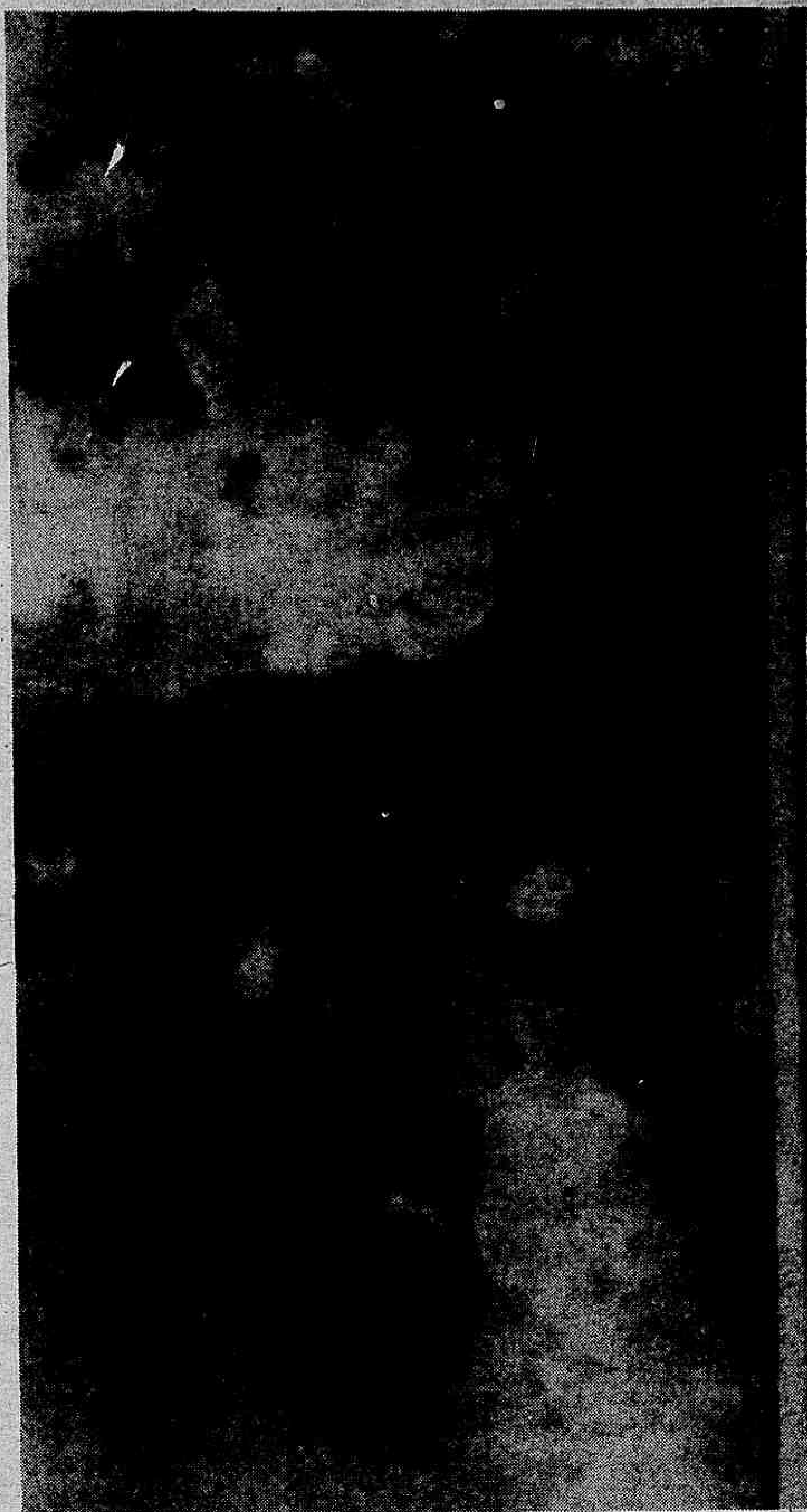


Foto publicada num jornal de Dublin (março de 1950).

anotando-as. Em Seattle, por exemplo, "*um disco inflamado aterrou no telhado de uma senhora*". Tratava-se apenas de um tambor de petróleo com as letras U.R.S.S. Estava pintado de vermelho e a êle haviam prendido um pedaço de estopa embebida em querosene, ao qual atearam fogo. "Uma brincadeira (de mau-gôsto, aliás)" — concluiu o funcionário. E não foi a única, sem dúvida. Algumas dessas brincadeiras terminaram até em tragédia, como esta, por exemplo:

Dois habitantes de Tacoma tinham tentado entrar em contacto com um magazine de Chicago, a fim de vender-lhe uma história de disco voador. Segundo êles, seis discos tinham sido vistos voando ao largo da ilha Maury, sendo que de um dêles caíra sôbre os narradores uma

chuva de pedras, matando um de seus cães. O magazine pediu a Arnold que verificasse a informação. Os informantes exibiram alguns dos fragmentos do disco. Na manhã seguinte, os pesquisadores oficiais subiram numa B-25 para sondar o céu e, ao mesmo tempo, analisar os fragmentos. O avião caiu. O pilôto e o passageiro se salvaram em pára-quedas, mas os dois oficiais morreram. Pouco depois, em Tacoma, os jornais e as companhias telegráficas recebiam um telefonema anônimo, revelando que sabotadores haviam abatido o avião a tiros de canhão de 20 milímetros em razão do valor estratégico do seu carregamento! Mais alguns dias... e os dois habitantes de Tacoma confessavam que haviam inventado a história e que as rochas provinham de uma formação geológica incomum na ilha Maury.

Físicos, técnicos eletrônicos e de aerodinâmica procuraram, por sua vez, explicação mais física que fisiológica. E por suas cabeças passaram algumas teorias singulares: a possibilidade de que se tratava de *animais volantes extraterrestres*, por exemplo... ou *aeronaves hostis*. Mas não... A eventualidade de aparelhos interplanetários foi também afastada, mau grado sua popularidade crescente. As astronaves — decidiram os sábios — seriam necessàriamente tão grandes que fàcilmente poderiam ser distinguidas.

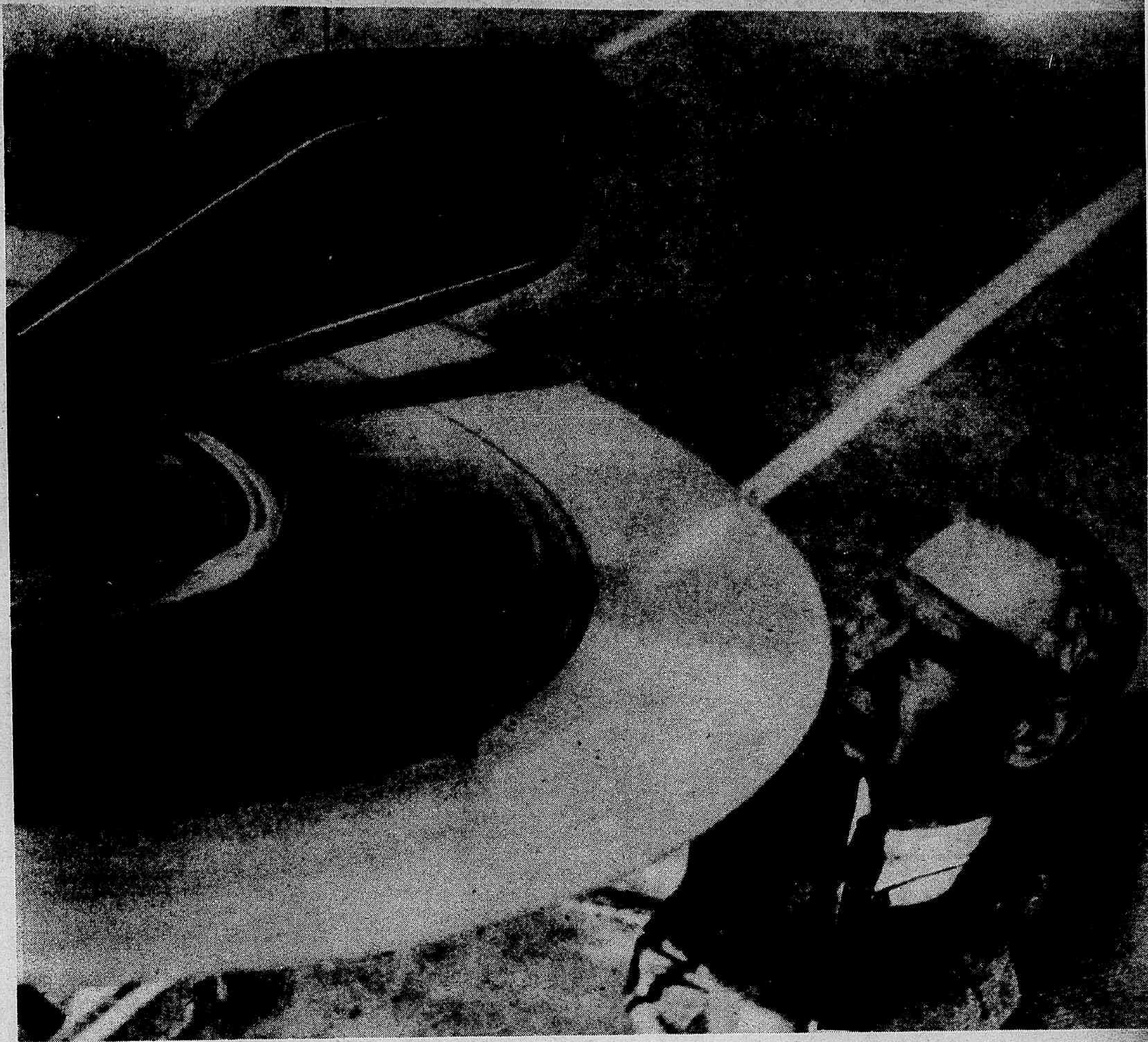
No relatório dos astrônomos sobressaiu que, além do campo dos cometas, meteoros e outros bólides, pensaram sèriamente nos planêtas vizinhos. Porém calculam os astrônomos que, mesmo que exista vida em Marte, os marcianos não seriam capazes de construir aeronaves dêsse tipo. Marte — conclusão talvez ligeiramente antropomórfica — é tão desolado e inóspito que tôda vida em sua superfície já seria muito difícil, por si só. Não etriam tempo para pensar nessas coisas interplanetárias, mesmo para procurar a salvação em clima melhor. Também evocaram Vênus. Entretanto, sua atmosfera, que se considera composta essencialmente de gás carbônico e imensas nuvens de gotículas de formaldehyda, proibe a prática da astronomia e, portanto, o conceito de um universo e a idéia de



E. W. Kay, engenheiro aeronáutico de Glendale — ao comando tático aeronáutico de Wright-Field, alia

fabricar astronaves. Mas a especulação dos astrônomos não se deteve no sistema solar. Pensaram também nas 22 estrêlas mais próximas e que possuem satélites. Dadas as distâncias, logo os sábios desistiram da idéia. A mais próxima estrêla possível, a Wolf 359 está a oito anos luz! Precisaria, pois, de oitenta anos para chegar até nós. Os astrônomos terrestres terminam confessando que *seus espíritos terrestres não podem admitir tal coisa*.

Mas, com a passagem dos anos, as comunicações sôbre discos voadores aumentaram assustadoramente, a ponto da grande revista "Life" perguntar, muito a sério:



Califórnia — construiu o protótipo dos discos voadores de amanhã. Êsse modêlo, que o inventor apresentou a manobrabilidade do helicóptero à velocidade dos aviões a jato. À direita, o engeiheiro E. W. Kay

"Temos visitantes do espaço?" Em março de 1952 a coisa chegou a tal ponto que o secretariado de Washington pediu explicações ao Comando da Fôrça Aérea, *pois o presidente estava muito interessado*... Por isso, a Fôrça Aérea se punha no céu sempre que recebia dêsses avisos. Uma certa manhã, doze dêsses misteriosos objetos foram assinalados por funcionários da Casa Branca, voando sôbre zona proibida mesmo aos aviões nacionais! Os pilotos de caça foram chamados a verificar, o que o próprio radar assinalava. A perseguição durou horas, finda a qual o comandante da esquadrilha, coronel Barnes, depois de anotar nada menos de dez objetos no *écran* do radar, declarou:

— Nada mais posso dizer, além disto: durante seis horas, dez objetos não identificados evoluíram sôbre Washington. Na minha opinião nenhum fenômeno natural poderia provocar essas manchas no nosso radar. Nem as estrêlas filantes, nem as tempestades elétricas, nem as nuvens! O que é, nem eu mesmo sei. E os senhores tanto quanto eu poderão dizer do que se trata.

Uma semana mais tarde, novamente, surgiram os discos no mesmo local. Dois caças a jato subiram para dar-lhes combate. Pelo ponto acusado no *écran* do

radar, foram guiados para os objetos. Um dos pilotos viu quatro luzes a 15 quilômetros à sua frente. Desapareceram à sua aproximação. Vinte minutos depois viu uma luz branca e fixa, que desapareceu um minuto depois.

— Não temos prova de que se trata de discos voadores. Inversamente não temos prova de que não sejam — disse, mais tarde um membro do Comando Gerul. — Simplesmente ignoramos o que seja.

O resultado dêsses dois incidentes, principalmente o segundo, foi nova chuva de telegramas, cartas e telefonemas. Um civil escreveu ao Comando, afirmando que revelaria o "segrêdo", em troca do pôsto de coronel. Um pastor de Los Angeles escreveu a Einstein pedindo que lhe desse a *chave do mistério*, e Einstein respondeu:

"Caro senhor. Alguns têm visto alguma coisa. O que seja, ignoro — e não me preocupa."

Algumas comunicações aventavam a possibilidade de abater os misteriosos objetos. Certos jornais exigiam que os aviadores militares atirassem logo que vissem êsses aparelhos, dado que não eram propriedade americana. Outros, porém, eram mais pacíficos. Uma menina de 12 anos pedia à Fôrça Aérea que "poupassem os *discorianos*" e um pastor de Massachussetts dizia:

— Por que não os convidamos a aterrar? A atitude da população e da Fôrça Aérea me parece infantil relativamente a êsses visitantes de nosso planêta. Um pouco de publicidade amistosa, poderia modificar completamente o quadro.

Outros, ainda, acusavam a Aeronáutica de *estar escondendo um segrêdo*... que devia esclarecer quanto antes "para tranqüilizar o público".

A Fôrça Aérea negou essa acusação. Não fazia nenhuma experiência secreta. Ignorava, também se se tratava de coisas vindas de uma nação estrangeira, *a menos que alguma nação tivesse conseguido domesticar uma fôrça ilimitada — ou de limite tão elevado que não podemos imaginar — e a utilizá-la em condições em que a massa não interviria. "E, sem massa, significa que nada há!"* — explicou o Comando à imprensa, provocando sorrisos.

Se essa entrevista tranqüilizou o público, não teve o dom de diminuir as *comunicações*, havendo mesmo quem afirmasse que a Fôrça Aérea abatera um disco que a atacara várias vêzes...

De tal forma que a Aeronáutica comprou aparelhos fotográficos especiais pelo preço total de dois milhões de dólares, para tomar incessantes fotografias do céu noturno.

Cêrca de dez anos após os primeiros sinais e ao fim de cinco mil informações e relatórios considerados sérios, a questão continua inteiramente de pé. A Fôrça Aérea não abandona a perseguição dêsses fugitivos discos. E muita gente aguarda a resposta.

Assim, hoje, podemos resumir a situação, dentro dos seguintes quadros:

AS HIPÓTESES

METEORO — É provável que muitos observadores tenham considerado como discos voadores simples meteoros ou estrêlas filantes, embora tais manifestações não costumem ocorrer durante o dia.

MIRAGEM — O dr. Menzel, professor de astrofísica da Universidade de Harvard, trata do fenômeno incluindo-o entre os casos de miragem, em seu estilo mais clássico, que, como sabemos, ocorrem na atmosfera em razão das variações de temperatura. Na verdade, é possível imitar êsse feito ótico num laboratório, com a ajuda de um aquário *cheio de líquido conveniente*. (O dr. Menzel não dá a receita.) Em suma, êsse estudioso atribui a origem do fenômeno aos faróis dos... automóveis! Todavia, durante o dia, os automóveis não acendem os faróis...

O PLANÊTA VÊNUS — Êsse planêta luminoso pode brilhar mesmo em pleno dia e durante as suas várias fases (semelhantes às da lua), pode assumir forma lenticular ou achatada. As nuvens, levadas pelo vento, podem dar a êsse corpo celeste uma ilusão de movimento. Mas o planêta Vênus é um só e os discos são muitos e muitas vêzes surgem em formação serrada.

PROTÓTIPO DO AVIÃO — A revista norte-americana "U. S. News and World Report" publicou, em 1951, um artigo no qual avançava a hipótese de ser o chamado prato-voador o protótipo de um avião construído naquela época, pela

fábrica Chance-Vought, segundo o projeto do engenheiro Zimmermann. A essa hipótese se opõem outros dois argumentos, a saber: 1) todo o avião é mais ou menos ruidoso, enquanto os discos sulcam o céu no silêncio mais absoluto; 2) o progresso técnico tende mais adotar a forma triangular que a forma circular.

BALÕES-SONDA — Essa é a hipótese mais géralmente aceita pelas autoridades oficiais. (Mesmo na Inglaterra, por ocasião dos aparecimentos dos últimos discos foi dada ao público essa versão). Ao terminar o ano de 1947, foi iniciada pelos Escritórios de Pesquisas Navais, a operação denominada "Skyhook", que dirigiu suas pesquisas para os balões-sonda. "Em sua maioria, os "discos", segundo ficou plenamente provado, não passavam de balões-sonda — declarou o dr. Liddel, que presidia êsse inquérito. — Tinham o diâmetro de 30 metros, podiam elevar-se a 30 quilômetros e correr, com o vento a favor, a mais de 300 quilômetros por hora."

MARCIANOS — A hipótese de que tais discos são provenientes de outros planêtas tem encontrado defensores mesmo entre os técnicos civis e militares, como já ocorreu na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França e, recentemente, no Brasil, pela palavra do cel. Adyl, da nossa Aeronáutica. Entretanto, essa hipótese, na realidade muito ousada, é amparada apenas com argumentos e nunca com documentos.

O dr. Walter Riedel, diretor das pesquisas que vêm sendo realizadas no Centro Razzi de Peenemunde, Alemanha, declarou a respeito:

— Estou absolutamente convencido de que tais objetos têm origem extraterrestre!

PUBLICIDADE OU ENGÔDO — Tais hipóteses não encontram uma resposta razoável relativamente ao escopo dessa campanha: criação de psicose coletiva, para ser aproveitada com fins políticos ou simples engôdo, para "mascarar" experiências realizadas com verdadeiros aparelhos aéreos?

ARMAS SECRETAS — Muitos têm querido ver um detalhe suspeito no fato de não ter aparecido ainda "discos voadores" na... Rússia! (Mas é preciso notar que da zona além da cortina-de-ferro não surge notícia sôbre nada que por lá possa ocorrer!) Acreditam êsses indivíduos que os "discos" não passam de armas-secretas daquela potência. Tais aparelhos viajariam pelos Estados Unidos, Europa Ocidental e América do Sul...



O fotógrafo Eric Citis «fabricando» uma fotografia de «disco voador» no seu laboratório. Basta modelar um disco de gêsso e colocá-lo sôbre um fundo negro.

em missão de espionagem, pura e simplesmente. Em todo caso essa hipótese não tem um mínimo elemento de prova.

PALAVRA FINAL — Apesar de tudo; apesar do excessivo trabalho com que se vê a braços, a Fôrça Aérea norte-americana não procura desanimar nem ridicularizar êsses observadores eventuais. Além de aconselhar, solicita mesmo a sua ajuda numa nota oficial na qual termina:

— *"Não receiem dizer: "Eu vi um Disco! Qualquer coisa que avistem no céu, comuniquem imediatamente!"*

UM DETALHE

O malfeitor esperto só ataca um policial quando está seguro de que o vai vencer...

O gerente, os funcionários e alguns clientes que se achavam no escritório da "City Finance Company" submeteram-se dòcilmente, quando Tobby Kew irrompeu no local com seu revólver 45 — um "Colt". Encheu, depressa, os bolsos com notas graúdas e, já estava junto da porta de saída, quando um rapaz, vestido à paisana, correu na sua direção.

— Sou da Polícia! — gritou, agarrando-se ao assaltante. — Largue essa arma!

Tobby, porém, reagiu com ferocidade. Dois balaços do "45", no peito do adversário. Quando o policial caiu, todos começaram a gritar. Tobby disparou uma terceira vez a arma contra êles, saiu e tomou um táxi que passava. Cinco blocos adiante, ordenou ao aterrorizado motorista que parasse, tratando de saltar depressa; com isso, a manga do paletó ficou prêsa na alça do fecho da porta, o bastante para fazer o bandido largar a arma, que caiu no interior do veículo. O motorista, logo que se viu livre da perigosa carga, pisou o acelerador, afastando-se. Tobby devia ter pensado logo no perigo que representava, para êle, aquela arma abandonada; mas estava muito preocupado com outros detalhes, no momento. De qualquer forma, não perderia a cabeça. Com êle isso não acontecia nunca! Largou seu paletó e o chapéu de fêltro num cano de esgôto, deixado pelos empregados municipais junto de um meio-fio, em rua discreta, e caminhou de volta até encontrar uma grande loja de roupas feitas, onde comprou um casaco-esporte e um chapéu de palha.

O mau, para êle, era que não podia comprar outra arma. Na Califórnia há uma lei que obriga os armeiros a só entregar uma arma vendida vinte e quatro horas depois da compra, a fim de que sejam feitas sindicâncias sôbre o adquirente. Perder aquêle revólver era mesmo azar. Teria que esperar muitos dias antes de conseguir outro. E, além do mais, gostava da arma; habituara-se a ela.

Usara-a muitas vêzes, na sua corrida criminosa de Seatle para Denver e daí para Sta. Mônica e, mais tarde, San Diego. Ficava-lhe na mão como uma luva, como se fizesse parte do seu corpo. E como praticara com ela! Com isso ganhara mais

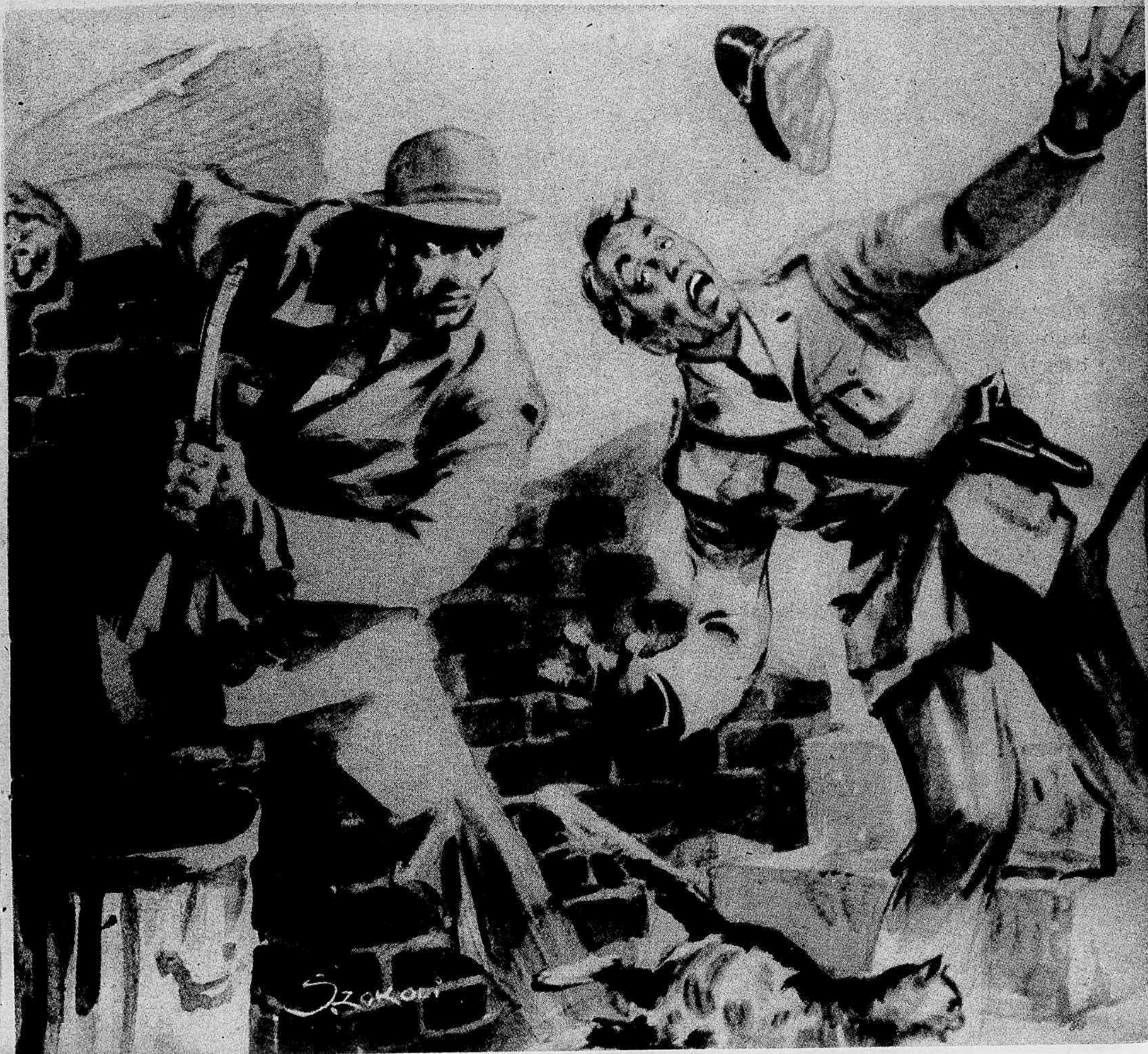


TÃO PEQUENINO!

Por
EDWARD A. DIECKMANN

rapidez e justeza de tiro. Podia disparar seis tiros, recarregar e soltar outros seis balaços em coisa de segundos — perfurando totalmente uma fôlha de papel de 13x18, a quinze metros de distância, sem perder um só tiro! E agora tinha que arranjar outro revólver! Por certo havia matado aquêle policialzinho atrevido, que tentara barrar-lhe a passagem. E perdera a arma, o seu velho "Colt"! — pensava, agora com a fronte vincada. — Aquilo poderia identificá-lo. "Tobby, o homem do Colt"! "O perigoso bandido"! Hmmm. Tinha que conseguir uma arma diferente...

O tenente Dick Hyde, da "Secção de Homicídio", foi encarregado daquele caso. Tobby conhecia-o muito bem. Policial esperto e valente como êle só. Dentro de no máximo dois meses, teriam um encontro decisivo. Tinham "conversado" havia coisa de dois meses. Tobby fôra levado ao distrito, a propósito de um furto ligeiro e de uma briga num bar. A polícia suspeitara dêle — como se Tobby fôsse homem para se arriscar com essas ninharias! Hyde estava presente e tentou descobrir alguma coisa a respeito do "mau elemento". Mas nada conseguiu, é claro! Tobby rira na cara dêle! Depois,



mais tranqüilos, conversaram. Sôbre armas, entre outras coisas. Um conhecedor de revólver, trocando idéias com outro perito em armas. Tobby maravilhara o policial com seus conhecimentos, segundo recordava muito bem. Impressionara mesmo aquêle "tira", afirmando ser partidário do "Colt", calibre 45. Aquilo, sim, era arma! E condenou a preferência da polícia pelos outros tipos. Hyde por exemplo, gostava mais do Smith & Wesson. Era essa, aliás, a arma oficial da polícia de San Diego.

Depois, desanimado, o policial havia dito:

— Bem, Tobby... Nada tenho contra você, desta vez. — Mas qualquer dêstes dias terei o prazer de trazer você para cá — e por muito tempo! Espero que o seu próximo crime seja em San Diego, para não perder êste prazer...

E agora Tobby não podia arriscar-se a deixar a cidade. Tinha que ficar ali mesmo. Os policiais deviam ser como môscas, a esta hora, nas estações de ônibus e de estrada de ferro. Também as estradas estariam bem guardadas. Portanto, aquela mesma noite, teria que trocar tiros com a polícia. E para isso precisava de uma arma.

Esperou, impacientemente, que anoitecesse. E, como conhecia San Diego, tratou de escolher o "campo de batalha" que lhe fôsse mais favorável. Tinha que ser escuro e discreto. Trataria de cercar-se de boas trincheiras. Tomou, afinal, posição no recuo de um velho prédio e *ficou de ôlho* para os lados de um lampião, cuja luz amarelada revelaria a aproximação do inimigo, uns cem metros além.

Já agora surgia um vulto. Um policial se aproximava, com os polegares enterrados no cinturão de couro. Sondou uma ou duas portas sombrias, olhando para um lado e para outro, atentamente. Chegou, pouco depois, diante do esconderijo de Tobby e caminhou mais alguns passos. Foi nesse instante que Tobby o agrediu com a barra de ferro com que se munira. O policial curvou o corpo para a frente, como se fôsse tombar. Tobby tornou a bater. Em dois segundos, tirou a arma de sua vítima. Havia alguma munição extra no bôlso do policial. Tobby tratou de se apoderar também dêsses sobressalentes. Nesse instante, porém, o farol de um automóvel, que virava a esquina próxima, caiu em cheio sôbre Tobby e o policial estirado na calçada.

Tinha apenas apanhado uma ou duas balas, quando reconheceu o automóvel. Prêto e branco! Polícia! Imediatamente disparou sua arma. O automóvel freou com um rincho forte, enquanto sua porta se abria. Tobby tornou a fazer fogo quando viu um sargento saltar para o asfalto, de pistola em punho. Depois, recuando para a entrada de uma ruazinha escura, começou a correr.

Corria e pensava. Arma amaldiçoada, aquela! Com seu "Colt" teria, com certeza, derrubado o "tira"! E agora fôra encontrado pela polícia! O que valia era aquela rua ser como um beco do inferno, muito escuro e fazendo uma curva em "L", no fundo. Mas... e agora? Aquela viela não tinha saída. Tobby se esforçou, desesperadamente contra um alto muro de tijolos. Nada! Nem uma janela... Nem uma porta... Agachou-se por trás de um imenso cano de ferro. Só poderia escapar pelo mesmo ponto por onde entrara. Mas, naturalmente, antes de se arriscar a penetrar naquela rua de trevas, o policial pediria ajuda por meio do rádio.

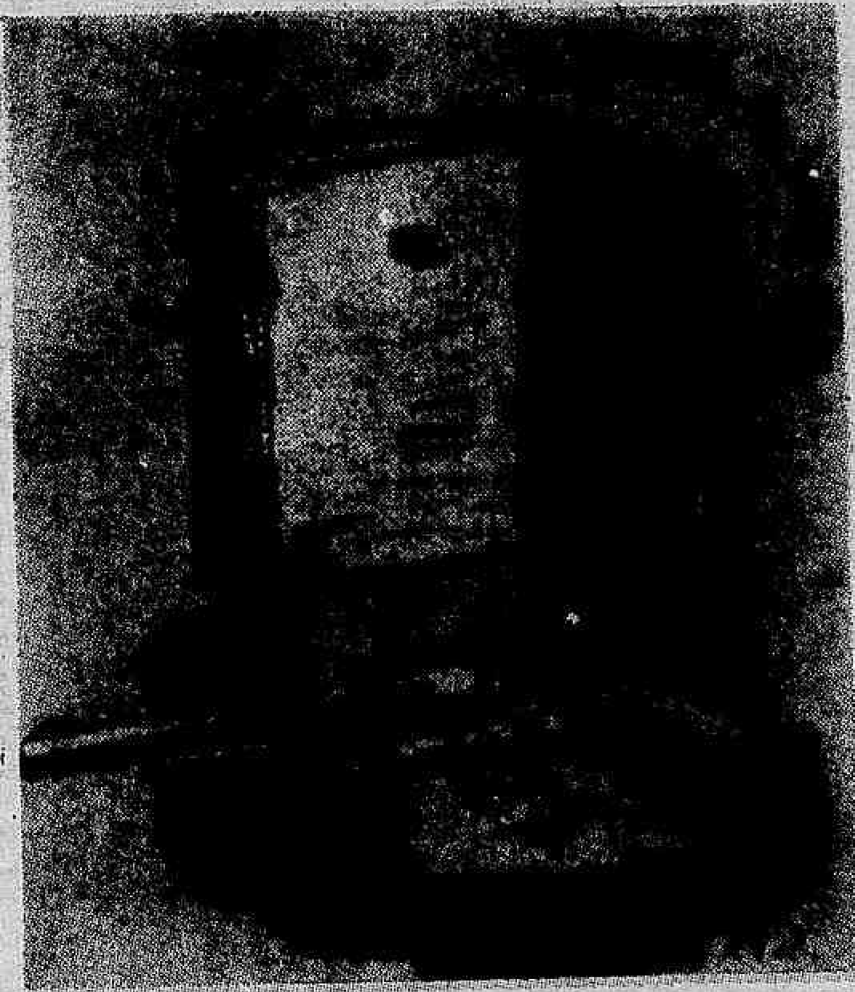
Com o revólver preparado para atirar, Tobby começou a caminhar, todo curvado, na direção da entrada. Atenção! Muito cuidado... Não fôsse cair em algum truque do "tira"... E, por falar em truque, seria bom empregar um velho truque, que sempre dava resultado... Tirou o chapéu e, esticando os dedos, apresentou o "alvo" por cima da sua trincheira. Logo ouviu um tiro e os tijolos, atrás de sua cabeça, saltaram em estilhaços. Logo o revólver de Tobby *roncou*. Diabos! Tornou a errar o alvo! Atirou mais duas vêzes, espaçadamente, na direção do ponto em que o revólver do policial deixara um rastro rubro, esperando que o "tira" respondesse ao fogo, e assim gastasse munição. Mas êle não fêz isso. Espertinho, hein? Diabos o levem!

Tobby tornou a recuar. Havia disparado dois tiros, quando o automóvel da

polícia tinha chegado. Três mais, agora. Ràpidamente, abriu o tambor da arma, retirou os cinco cartuchos usados e deixou ficar o que restava, ao qual juntou os dois, sobressalentes, que conseguira retirar do bôlso do guarda ferido. Colocou tudo no lugar, certinho e pronto para atirar, fechou outra vez o "tambor", meticulosamente, como sempre fizera com seu "Colt".

Mas, agora, estavam três carros estacionados à entrada da ruazinha. E, repentinamente, tudo foi violentamente iluminado. Os "tiras" tinham colocado todos os faróis voltados para o beco. Estava bem arranjado! Em desespêro de causa, Tobby olhou em redor para buscar a salvação. Uma janela! Mas muito alta... Nunca a alcançaria! Num instante pensou e decidiu agir. Empurrou o velho cano de ferro, até colocá-lo na melhor posição. Já começava a trepar para êsse improvisado degrau, quando um grito o imobilizou:

— Tobby Kew! Apareça! Você não poderá mais fugir. Jogue fora essa arma e venha para cá com as mãos levantadas. Você está perdido, Tobby!



Oh! Então já sabiam que era êle, hein? Aquêle maldito sargento! Tudo porque havia deixado cair o seu "Colt"-45! Além do mais, os empregados da Companhia assaltada logo o haviam identificado pelas fotografias que a polícia lhes apresentara e que retirara dos seus arquivos... E aquela voz era a do tenente Hyde!

— Você tem só três balas para usar, Tobby! Contei os seus tiros... e sei, tmabém, quantas tirou do bôlso do guarda que atacou... Então? Vai desistir?

Tobby estava pronto para saltar para a janela. Então, estaria livre! Levantou-se, devagar. Seus dentes estavam bem apertados, uns contra os outros, os lábios também. Segurava a arma roubada e prendia a respiração. Não podia falhar desta vez! Naquela distância... Menos de cinco metros! Três lindos, pesados grãos de chumbo para meter no corpo de Helly! Depois, passar pela janela do velho prédio... e adeus policial! Trataria de...

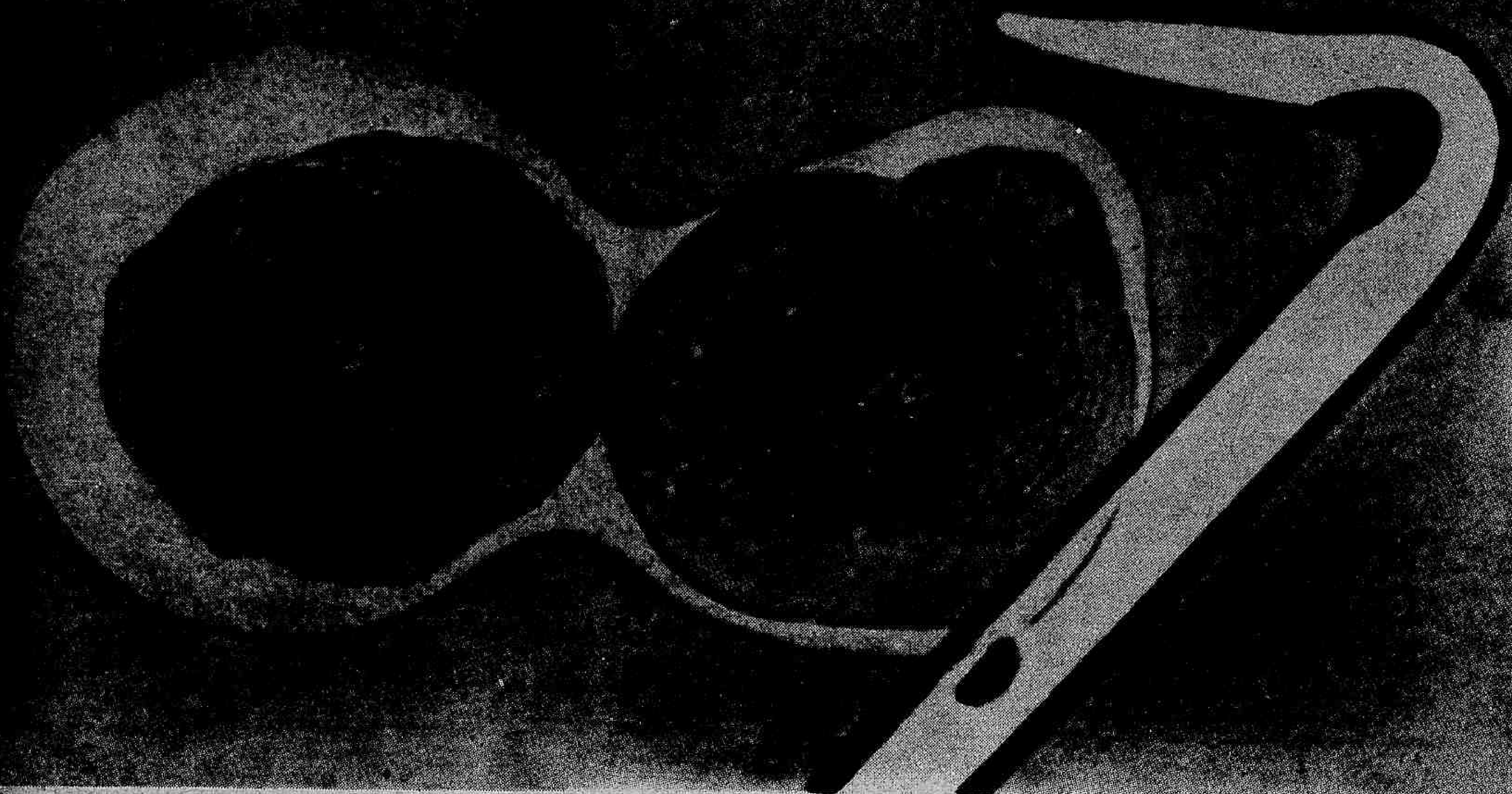
Oh! Ali estava Hyde! Um pouco agachado. Revólver em punho... e pronto para atirar também. Tobby levantou o braço, fêz pontaria e calcou o gatilho. Um tiro espoucou. Mas não da arma de Tobby. A vidraça da janela foi estilhaçada. Tobby tornou a apertar o gatilho, mais duas vêzes, apontando na direção do lampejo da arma do sargento. Um só tiro tornou a espoucar. Uma dor aguda e paralisante invadiu todo o ombro direito de Tobby, que largou a arma.

TOBBY estava consciente quando êles o apanharam atrás do cano e o levaram para a calçada, diante da entrada da ruazinha. A arma que roubara ao guarda estava agora nas mãos de Hyde, que a examinava, tendo aberto o tambor. Por todos os lados estavam outros guardas. Ninguém pensava em cuidar do seu ferimento. E como doía, demônios!

— Ótimo serviço, tenente! Mas teve muita sorte! Foi loucura enfrentar êsse cão-danado... E, ainda por cima, êle também estava com uma arma tão boa como a de qualquer de nós!

Hyde deixou escapar uma boa risada.

— Estava sim... Mas, por isso mesmo, não havia perigo para mim! Tobby sempre foi conhecido como bom atirador... Mas, com um "Colt"! Mas, perdeu a arma, quando assaltou o escritório da "City Finance Company"... Êste, porém, é um "Smith & Wesson"... Uma arma com a qual não estava habituado. Tornou a carregá-la como se lidasse com um "Colt", colocando as balas dêste lado. Ignorava que o "tambor" de um "Smith & Wesson" gira em sentido oposto ao de um "Colt". Cada vez que apertava o gatilho, as balas mais e mais se afastavam do cano e da ação do cão!



Esta fotografia excepcional mostra como é feita a substituição dos núcleos internos de duas amebas seccionadas. O instrumento encurvado serve para abrir as duas seções e o que se vê na parte superior (reto) serve para fazer o tresplanto. Nos laboratórios do «King's College», na cidade de Londres, estão colocando microcélulas cancerosas na ameba, para que possam estudar a reação.

OS CIRURGIÕES JÁ OPERAM OS MICRÓBIOS!

A ciência marcha em ritmo sempre mais veloz. Com os êxitos alcançados nos últimos dez anos, a coragem dos cientistas vai aumentando, mais confiantes, agora, de que pisam um caminho certo, embora cheio de riscos.

Entre os diferentes ramos da ciência, a cirurgia, sem contestação, foi a que maiores progressos alcançou, tendo o bisturi entrado a trabalhar em órgãos até pouco tempo considerados intocáveis. Porém, não satisfeitos com retocar o cérebro e o coração, em substituir o rim dos enfermos e realizar outras façanhas memoráveis, os cirurgiões decidiram alterar a vida humana desde os seus mais elementares organismos, alterando a própria forma e estrutura dos micróbios. Para isso trabalham ativamente há uns seis anos e dentro de mais alguns anos, todos os grandes

Num laboratório parisiense, a microcirurgia atingiu um alto grau de perfeição. Bisturis invisíveis ao ôlho humano, podem seccionar uma ameba.

laboratórios de biologia poderão estar dotados de "micro-instrumentos", invisíveis ao ôlho humano e que permitirão operar cirùrgicamente êsses organismos microscópicos.

Êsses "micro-instrumentos" serão fabricados em série nas chamadas "microforjas", que poderão fazer pinças, martelos, bisturis, etc., nas medidas de 200 microns (equivalente a um milésimo de milímetro). Êsses micro-instrumentos serão tão minúsculos que uma centena dêles poderá ser guardada no ôco de uma agulha de costureira!

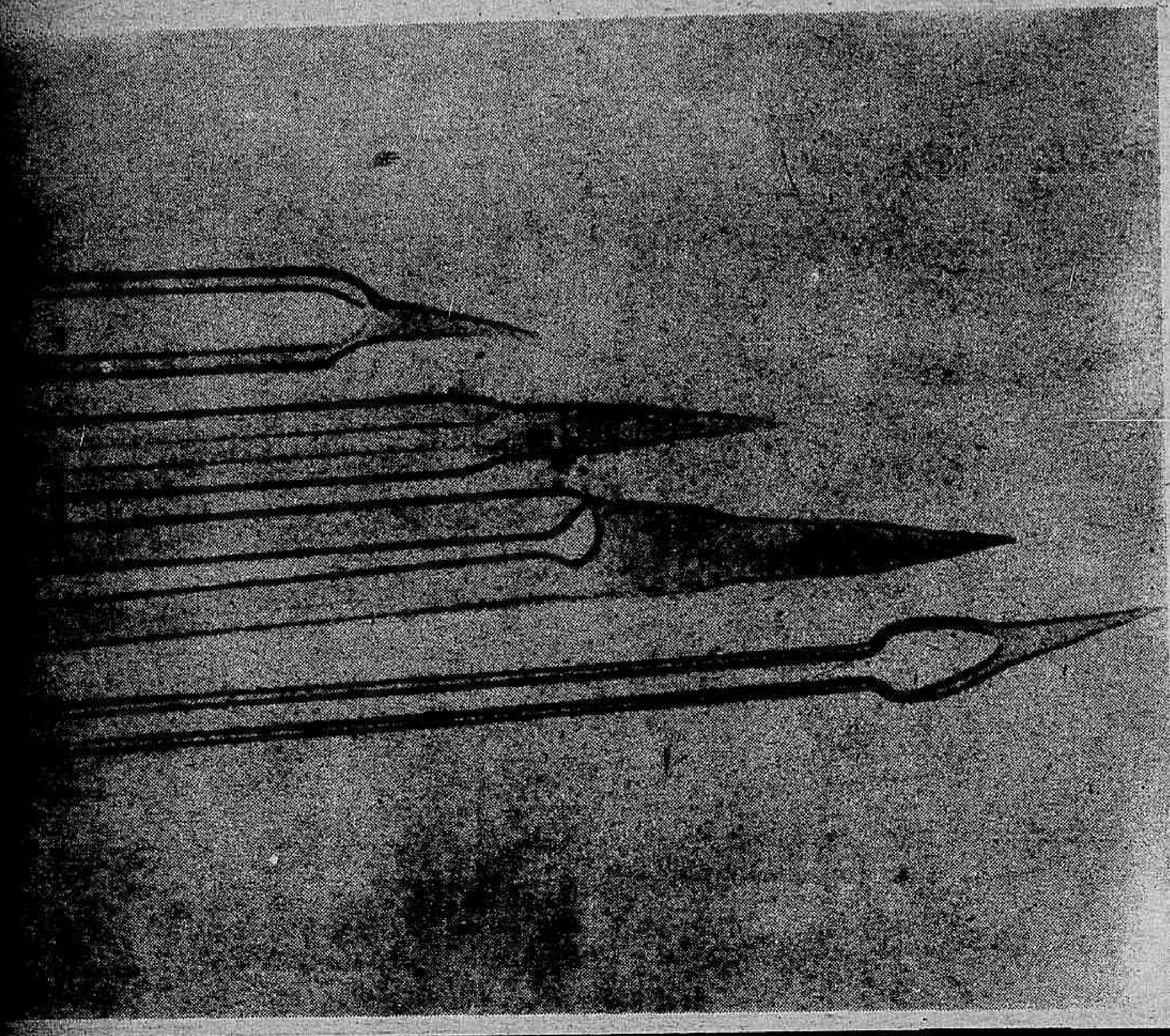


No seu laboratório de Paris, na mesma sala onde Pasteur preferentemente trabalhava, o dr. Comandon e seu colega, doutor Fontbrune, manipulam o aparelho que permite isolar e seccionar micróbios. O «micromanipulador» é fruto dos estudos de técnicos americanos e holandeses. A França está à frente nessa ciência.

Mas o problema não se resumiu apenas nisso. De fato, para construir essa microforja tornou-se necessário construir, primeiro, minúscula máquina a que deram o nome de "micromanipulador". Esta permite ter os instrumentos cirúrgicos de novo tipo sempre "à mão", absolutamente esterilizado, durante todos os trabalhos operatórios. Também serve para realizar êste prodígio: isolar em poucos segundos os micro-organismos, o que vale dizer: um micróbio, do ambiente em que se encontra com outros milhares — ou milhões — de seus semelhantes. Uma vez isolado êsse micro-organismo, o cirurgião poderá operá-lo com os micro - instrumentos. Já hoje, num laboratório parisiense, os drs. Comandon e seu colega, De Fontbrune, que há muitos anos se dedicam à realização dêsse prodígio, em busca das origens do câncer e outros males que atormentam ainda a Humanidade, com a ajuda dêsse micromanipulador e os instrumentos fabricados



Embora a microforgia deva ser vista ao microscópio, tão minúsculas são as suas peças, eis uma parte da fusão de uma proveta de vidro. Ao centro, dois eléctrodos tornam incandescentes um minúsculo fio de platina, cujo calor funde o vidro e lhe dá a forma desejada. À direita, dois tubos de retortas, através dos quais passa o material para o necessário resfriamento.



Uma série de instrumentos cirúrgicos fabricados com vidro na microforja e fotografados com potentíssima lente. Da direita para a esquerda: uma pequena sonda, uma cânula com orifício, uma ventosa e quatro provetas com abertura lateral, que permite injetar na célula seccionada e de membranas resistentes. Medem de 30 a 20 microns de diâmetro, ou seja, um vigésimo de milímetro.

pela microforja, realizaram importantes estudos com a ameba, êsse micróbio que mede cêrca de 100 microns, sendo composto de uma célula única, dentro da qual se encontra uma espécie de núcleo.

Depois de isolada a ameba pelo micro-manipulador, e trabalhando com os micro - instrumentos, feitos de vidro, puderam êles estabelecer que certos caracteres hereditários são transmitidos... de micróbio em micróbio.

Embora o micromanipulador seja devido aos estudos dos cientistas norte-americanos e holandeses, a França está, nesse terreno, à frente das demais nações, graças, principalmente, ao constante e bem orientado trabalho dos drs. Comandon e De Fontbrune, do Instituto Pasteur de Paris.

O progresso na fabricação dêsses micro-instrumentos abrirá, por certo, o caminho mais curto e mais seguro para importantíssimas descobertas científicas, podendo-se, até mesmo individualizar a origem do câncer, o que significará o completo domínio dêsse flagelo.

PROTEGENDO A VISTA DAS CRIANÇAS

A cegueira é a maior tragédia que afeta as crianças nascidas prematuramente. Até os doutôres Jonathan T. Lanman, Loren P. Guy e H. Joseph Dancis, da Escola de Medicina da Universidade de New York, completaram uma série de estudos sôbre o assunto, a causa de tal cegueira era um mistério. Aquêles cientistas chegaram à conclusão de que era possível que fôsse o excesso de oxigênio ministrado às crianças prematuras durante suas primeiras semanas de vida a causa da moléstia que produz a cegueira e que se denomina fibroplasia retrolenial. Anteriormente, havia uma teoria atribuindo o fato à falta de hormônios femininos, que a criança não poderia receber da mãe, devido ao nascimento prematuro.

Os médicos de New York fizeram experiências baseando-se em ambas as teorias. Ao passo que as experiências com hormônios davam resultados negativos, as experiências com oxigênio foram positivas. Trinta e seis crianças receberam o tratamento regular de oxigênio. Oito delas foram atacadas de fibroplasia em ambos os olhos, seis ficaram cegas e possìvelmente os outros ficaram com a vista prejudicada. Vinte e cinco crianças receberam tratamento com pequenas quantidades de oxigênio e nenhuma delas foi atacada de fibroplasia.



VALE A PENA SABER.

O ferro oxidado pode ficar limpo, empregando-se um pedaço de cêra que se envolverá num trapo, com o qual se esfregará a parte afetada, que deve ser aquecida primeiro. A seguir polir com papel e sal de cozinha.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACKE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria **George Rattery.** Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a aguardar o dia mais «favorável» aos seus planos.

A vista de George, que evoca perpètuamente a lembrança daquela noite, onde juntos esmagaram uma criança, devia realmente ser intolerável. Terei conseguido acalmá-la com vagas promessas? Romper com Lena? Impossível, pois que preciso dela, como aliada, quando fôr revelada a minha verdadeira identidade.

Não sei quanto daria para que Lena voltasse a ser a mesma criatura frívola e exuberante que conheci no início de nossa amizade. Seria tão mais fácil trair Lena *como era* do que *como* é, atualmente! Ela sentirá, fatalmente, a minha traição, cedo ou tarde; compreenderá que a utilizei como instrumento para servir aos meus desejos pessoais, mesmo que continue ignorando a natureza do meu drama íntimo.

19 DE AGÔSTO

Uma luz interessante, entrevista por acaso, hoje, sôbre a vida dos Rattery. Passava diante da porta entreaberta do salão quando um ruído de soluços chegou aos meus ouvidos. Acaba-se habituado a ouvir chorar nesse interior marcado pelos dramas incessantes. Já me afastava quando a voz imperiosa da velha senhora Rattery me reteve.

— Pára de choramingar, Phil! Lembra-te de que és um Rattery! Teu avô morreu heròicamente na África do Sul... Cercado por inimigos, deixou que o retalhassem a machado antes de se render. Que êle te sirva de exemplo! Não tens vergonha, realmente, de chorar como uma menina?...

— Mas, papai não devia... Êle... Oh! Não posso suportá-lo!

— Com a idade acabarás compreendendo muito melhor essas coisas. Teu pai é um tanto... vivo, sim; mas, nesta casa, tem que haver um só senhor!

— É um bruto, mas não tem o direito de maltratar mamãe como faz! É injusto! Eu...

— Silêncio, menino! Como te atreves a censurar teu pai?

— A senhora também o censura! Eu ouvi a senhora dizer a êle, ontem, que a sua atitude com essa mulher era um escândalo e que a senhora...

— Chega, Phil! Ai de ti se fôr comentar essas coisas com outra qualquer pessoa...

Cortante e rangente, como coisa enferrujada e lerda, a voz da velha dama tornou-se repentinamente paciente e meiga. Uma transformação horrível.

— Prometa-me que esquecerás tudo o que ouviu, ontem. És muito criança para estar preocupado com coisas que só interessam aos maiores. Prometa!

— Não posso prometer esquecer...

— Não é isso... Bem sabes o que quero dizer.

— Pois bem... Prometo não contar o que ouvi.

— Assim está melhor. Estás vendo o sabre que pertenceu ao teu avô, ali, na parede? Ajoelha-te e jura sôbre êsse sabre defender sempre a honra dos Rattery. Vamos... Jura!

Não pude suportar mais. Naquele andar George e a velha harpia acabariam enlouquecendo o pobre menino. Entrei no salão, dizendo:

— Olá, Phil! Céus, que faz você com êsse terrível sabre? Não o deixe cair, por favor; poderia ferir o pé. Oh! Perdoa-me, sra. Rattery. Não a tinha visto. Estava procurando Phil, para a lição...

Os olhos de Phil piscaram como os de uma criança que desperta de um sonho mau. Depois, lançou um olhar receioso para a avó.

— Vamos, Phil! — insisti.

Êle estremeceu, antes de sair, correndo, atrás de mim. Deixamos a sra. Rattery sentada na grande poltrona, com o sabre sôbre os joelhos, imóvel como uma estátua. Seu olhar varou-me as costas. Não podia voltar-me para ela, nesse instante, sem o risco de ser fulminado. Pena que não a possa matar, juntamente com George! Seria êsse o único meio de salvar Phil.

20 DE AGÔSTO

Eu próprio fico surpreendido com a calma que me domina na véspera (caso permita o tempo) de praticar um assassinato. Meu mal-estar não é maior que o de uma pessoa normal na sala-de-espera de um dentista. A longa premeditação de um crime parece limpar a sensibilidade. É um fenômeno interessante. Repito para mim, em voz baixa: *"Estás prestes a ser um assassino"*... e isso me parece natural, como se a voz me anunciasse: *"Estás prestes a ser pai."*

A propósito de crime, tive uma longa palestra com Carfax, esta manhã, conduzindo meu automóvel à garagem, a fim de encher o tanque. Carfax é homem orgulhoso (nem sei como pode suportar a sociedade de George). Sendo grande leitor de romances policiais, aproveitou a ocasião para fazer uma série de perguntas sôbre a técnica do assassinato na literatura. Discutimos sôbre ciência antropométrica, os méritos relativos do cianuro de potassium, da estriquinina e do arsênico, do ponto de vista do assassino imaginário. Receio ter sido pouco brilhante sôbre o último tema; preciso, de fato, seguir um curso de toxicologia antes de retomar minha pena de autor. De onde me vem essa certeza de continuar minha carreira literária, quando tiver terminado o malfadado e pequenino *intermédio* relativo a George? Um general se distrai com soldadinhos de chumbo, na véspera de uma esmagadora vitória?

Conversávamos havia já algum tempo, quando avistei George, de costas, obstruindo completamente a janela, no fundo da garagem; fêz-me pensar num soldado que atirasse através de uma janela, numa casa sitiada. Intrigado, aproximei-me: não me enganara... George estava armado com uma pequena carabina!

— Oh, é você, Felix? — disse êle, voltando-se. — Exercito-me sôbre os ratos que se escondem naquele monte de ferragens. Temos tentado tudo... Ratoeiras, venenos... Mas, nada adianta com êsses malditos! Ainda na última noite, penetraram na garagem e devoraram um pneu novo.

— Bela arma — disse eu, com sincera admiração.

— Sim. Comprei para Phil, no seu último aniversário, prometendo-lhe um *penny* sempre que acertasse num rato. Matou dois, ontem. Vamos nós dois disputar meia coroa? Ganhará o primeiro que conseguir matar seis ratos! Quer apostar?

— Está apostado!

E houve, então, o espetáculo divertido de um assassino e sua futura vítima, atirando amistosamente, ora um ora outro, sôbre um monte de ferro velho, infestado pelos ratos. Recomendo esta cena inédita a meus colegas, os especialistas dos romances policiais.

George levou a minha meia coroa. Atingimos três ratos, cada um, mas George jurou que eu apenas esfolara a pele de um dêles e eu não quis discutir, é claro. Ninguém discute com um amigo por uma moeda de meia coroa!

O vento caiu um pouco, hoje. Será assim amanhã? George, em geral, não trabalha aos sábados, depois do meio-dia

e eu não posso prolongar essa espera. Minhas relações com George Rattery terminarão como começaram: *com um acidente*.

21 DE AGÔSTO

Sim, hoje! Levo George, no barco, esta tarde. Minha longa viagem chega ao seu têrmo e a dêle vai começar. Minha voz tinha a intonação natural quando lhe pedi, durante o almôço, que me acompanhasse. Minha mão não treme ao traçar estas linhas. Nuvens brancas passeiam pelo céu e as fôlhas tremem alegremente ao sol. Os augúrios são favoráveis.

(Fim do *Diário de Felix Lane*)

II PARTE

UM DRAMA NO RIO

Voltando à sala-de-jantar, após curta ausência, George encontrou a companhia tomando café. Dirigiu-se a seu convidado, que observava o açúcar derretendo na colher, e disse:

— Tenho que tratar de duas coisas, antes de sair, Felix. Se quiser ir adiante, a fim de preparar o barco, eu irei ter lá, dentro de poucos minutos.

— Entendido. Não há pressa...

— Você já fêz o testamento, George? — perguntou Lena Lawson.

— É o que devia fazer, justamente. Mas a boa educação me impediu de dizer.

— Prometa-me ser prudente, Felix — disse Violeta Rattery. — Você é responsável pela vida do meu marido, não se esqueça!

— Não se preocupe, Vi — respondeu George. — Creio já ter passado a idade da mamadeira!

— Ouvindo o que dizem, é de jurar que vamos tentar a travessia do Atlântico em canoa — disse Felix Lane, com voz fria. — Tranqüilize-se. George viverá o suficiente para ser enforcado, desde — é claro — que siga as minhas instruções e que não se amotine em plena viagem.

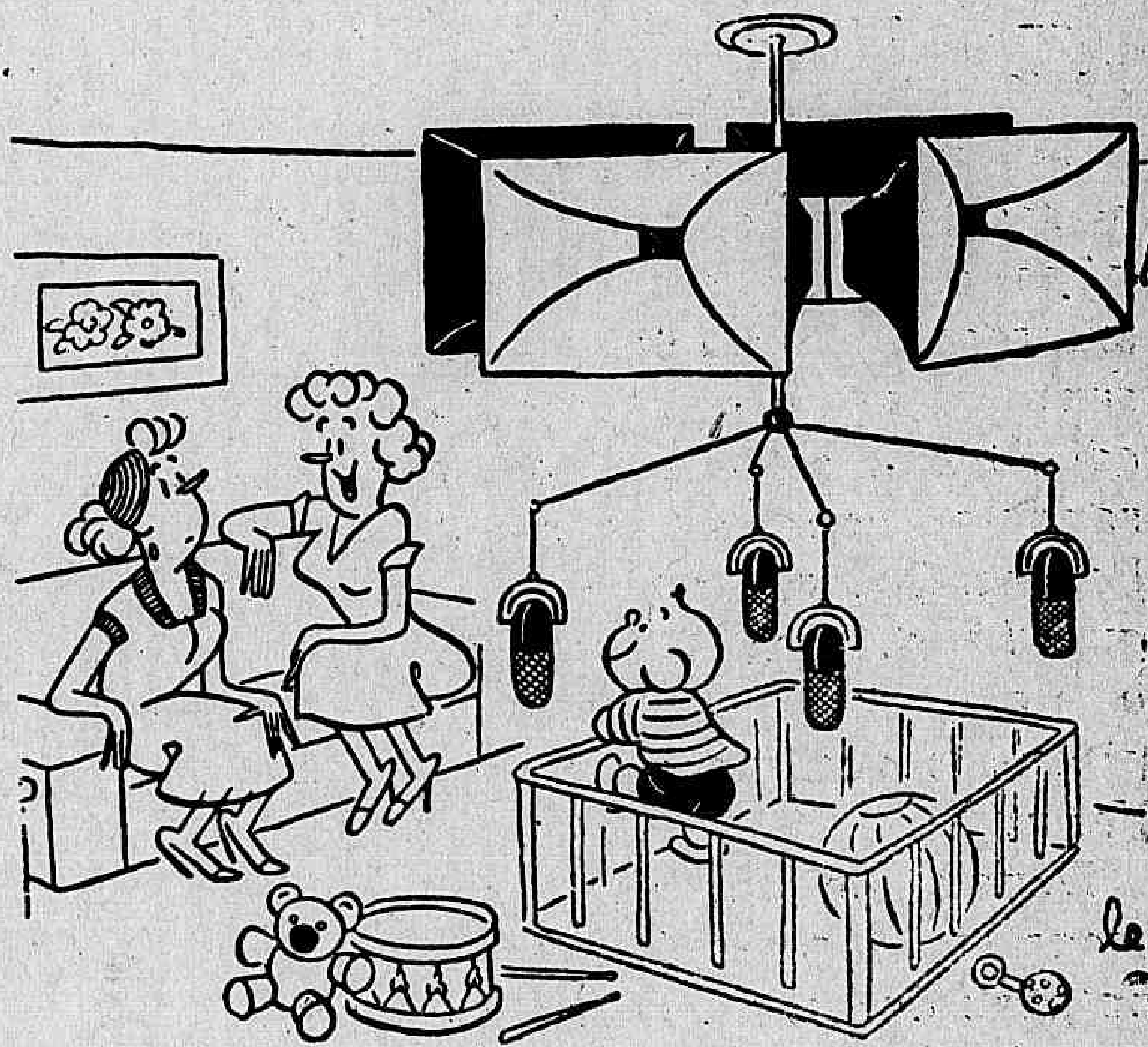
George fêz careta. A perspectiva de ter que obedecer não lhe agradava.

— Serei bonzinho — declarou êle. — Não pretendo me afogar, pode estar certo. Sempre tive horror à água... salvo para nela deitar uísque. Vá apanhar seu boné de *yachtman*, Felix. Estarei no ancoradouro dentro de quinze minutos.

Os dois homens se ergueram e deixaram a sala-de-jantar. Dez minutos depois, tendo conduzido a embarcação até junto do pequeno cais, Felix examinou os contrôles com os cuidados de um técnico. Levantou as tábuas do fundo, retirou a água e tornou a colocar as tábuas; a seguir montou o leme, assegurou-se do bom funcionamento das cordas, antes de deixar a grande vela prestes a ser içada. Esta não tardou a subir, logo enfunando-se com o vento. Felix a recolheu, novamente, com um sorriso de satisfação e sentou-se um instante, para fumar um cigarro, enquanto esperava George Rattery.

Tôdas as precauções tinham sido tomadas, de maneira a prevenir qualquer imprevisto fortuito, que seria fatal ao plano estabelecido. A água cantava, batendo contra o dorso da embarcação. Um pouco além, Lane via o ponto vizinho da barragem; era ali que George devia ter feito submergir as provas comprometedoras do acidente. Os lábios do desgraçado pai se contraíram e o cigarro

✶



— *É que desejamos ter a certeza de ouvir a primeira palavra que êle pronunciar!*

que tinha entre os dedos começou a tremer à recordação dêsse dia, velho de quase oito meses, mas cujos minutos dolorosos êle tornava a viver com intensidade implacável. A noção do bem e do mal estava para sempre abolida nêle e, de qualquer maneira, era muito tarde para recuar. Uma fôrça irresistível o arrastava para o final inevitável, como a corrente levava neste momento um velho tambor de gasolina e uma caixa de papelão... Para o fim inevitável... coroado ou não pelo êxito! Lane entreviu, repentinamente, a possibilidade de um fracasso; mas aceitou-o com o fatalismo de um soldado no mais aceso da luta. O futuro se detinha, para êle, na hora presente; além dela, tudo era irreal, sufocado pela nota aguda da exaltação do momento, pelo martelamento do seu coração e pelo sôpro intermitente do vento em seus ouvidos.

Um ruído de passos interrompeu seu sonho. George o fitava, do alto do pequeno cais, com as mãos na cintura.

— Santo Deus! Terei, mesmo, que entrar nessa casca de noz? — exclamou o colosso.

— Ora! A sorte está lançada!

— Aí não! Deve sentar bem no centro...

— Não poderei sentar jamais onde quero? Boa perspectiva!

— O barco, estando mais equilibrado, estaremos mais seguros. É só!

— Mais seguros! Oh! Então está bem... Partamos!

Felix Lane içou a vela menor e, logo a seguir, a vela grande. Sentou-se na pôpa e, com dois ou três movimentos, amarrou tudo convenientemente. O barco sentiu o vento e começou a afastar-se do cais, tendo a brisa pelo estibordo. Agarrando-se com ambas as mãos, aos dois bordos, George Rattery olhava a paisagem, que fugia. Era a primeira vez que via o panorama do centro do rio? "Um pitoresco vestígio do passado" — pensou Felix.

Depois de fustigar o dorso a água escumava, agora, formando uma esteira na pôpa do barco. O encanto pacato dêsse passeio de barco agiu sôbre George que sentiu sua apreensão diminuir. O manejo de Feliz pareceu interessá-lo e mesmo diverti-lo. Olhava constantemente por cima do ombro direito, mantendo a barra do leme com uma das mãos, a *escuta* com a outra, procurando convencer seu companheiro de que fazia qualquer coisa de muito difícil.

— Oh! Não julgue, entretanto, que seja brincadeira de crianças... Espere mais um pouco e verá — disse Felix.

Pareceu um tanto hesitante, depois concluiu:

— Quer experimentar um pouco?

George riu, alegremente.

— Um novato como eu? Não receia que eu faça o barco virar?

— Qual! Não corremos perigo, se você seguir corretamente minhas instruções. Preste atenção: "A barra ao vento", ou seja, aqui, dêste lado. Ponha sempre a barra sob o vento, quando sentir o barco muito forçado. Isso o endireitará, diminuindo a tomada de vento sôbre as velas. Mas não deve forçar muito, sem o que entraremos em *panne*.

— Em *panne*? Que graça! Como um *calhambeque*, hein?

— Exatamente. E quando um barco entra em *panne*, não o governamos mais e ficamos à mercê das ondas, que nos tomam de lado... e então o caso é muito sério!

O sorriso de George descobriu fortes dentes brancos.

— Entendido — disse êle. — Em suma, a pretensa dificuldade dessas manobras não passa de coisa à-toa... sòmente para os estúpidos?

Exasperante indivíduo! Sempre zombeteiro e orgulhoso!

Felix teve que reprimir uma forte vontade de o esbofetear. Segundo seu hábito, recorreu a uma diversão para acalmar os próprios nervos. A embriaguês do perigo o fazia esquecer, quase, a causa real de sua irritação... Olhando sôbre o ombro e vendo sôbre a água os sinais anunciadores de uma marola, moveu a vela grande. A canoa se deitou como se alguém, com mão poderosa a dominasse pelo alto do mastro. Felix logo correu para a barra colocando o leme na posição menos indicada. A água cobriu a prõa inundando a embarcação.

Êsse primeiro banho arrancou uma praga de George. Felix, porém, olhava-o com um prazer indescritível: o colosso estava verde de mêdo!

— Lane... — começou êle, com voz trêmula. — Com franqueza, eu preferia...

Porém, Felix o interrompeu com um sorriso espontâneo. Sua irritação passageira se dissipou e êle gozou intimamente o resultado dessa manobra propositada.

— Não é nada... Pode estar tranqüilo. Não procure dramatizar êsse pequeno incidente. Breve conheceremos outros, quando começarmos a tirar uns bordejos.

— Neste caso, prefiro desembarcar e voltar a pé — disse George, falando depressa e tentando sorrir. Depois pensou: — "Êste imbecil está procurando me amedrontar... Não lhe darei êsse prazer."

Atingiram a barragem em poucos minutos. O jardim da margem esquerda, onde havia uma casa de grandes proporções, lançava sôbre a água longos ramos floridos de dálias, rosas, etc. O manobreiro saía de casa nesse instante, cachimbo entre os dentes, e acompanhado de alguns companheiros. Como havia, ali, uma barreira, êle próprio acionou a alavanca que levantava a pesada peça.

— Bom-dia, sr. Rattery. É a primeira vez que o vejo por aqui. Está, aliás, um lindo dia para fazer canoagem.

Felix levou o barco para o embalsamento. Abertas as comportas, a água escapou com ruído de trovão e o nível baixou gradualmente até ao momento em que os dois homens se viram aprisionados entre duas muralhas verdes, estando o mastro-mor pouco acima da porta superior. Felix Lane se esforçou por conter sua impaciência crescente; cêrca de meia milha o separava ainda do local que escolhera... Tinha pressa de alcançá-lo para acabar de provar a exatidão dos seus cálculos. Teòricamente, o fracasso parecia coisa impossível, mas a prática coroaria suas esperanças? Se George, ao contrário da informação de Phil, soubesse nadar? A água se precipitava, roncando pelas comportas abertas, como um rebanho em tropel, através de passagem estreita, mas parecia a Felix que se esvaziava gôta a gôta. O nível inferior devia ser atingido, e o maldito George não cessava ed tagarelar com o manobreiro. Dir-se-ia que se esforçava por prolongar a agonia de Felix, como se o instinto de conservação o fizesse adiar o próprio fim.

"Nesse andar, passaremos o dia aqui..." — pensou Felix. — "O vento pode amainar antes de atingirmos a linha reta."

Observou o céu, disfarçadamente. Grandes nuvens levadas por forte brisa passavam, graças a Deus, quase acima de suas cabeças. Depois, concentrando sua atenção em Jorge, Felix notou suas mãos cabeludas, a marca de queimadura que tinha no antebraço, a maneira como fumava... Nesse instante, George não lhe inspirava nem ódio nem piedade; contemplava-o como um médico olha um cadáver que vai dissecar. A sensação de ser levado num turbilhão, de envôlta com uma estranha paz interior, colocava Felix acima dos sentimentos humanos.

O ronco da cachoeira expirou pouco a pouco. As portas foram abertas lentamente sôbre um horizonte de céu e água.

— Os senhores encontrarão uma boa brisa, na curva que daqui se avista — gritou o manobreiro, quando a canoa começou a se afastar.

George Rattery gritou, respondendo:

— Já recebemos um bom banho! O sr. Lane fêz o possível para me fazer cair à água!





— Que. que há? Vim vestido como gostaria de estar... na cama!

—O sr. Lane é bom pilôto e sabe o que faz, sr. Rattery. Com êle o senhor pode estar descansado.

— É bom que eu saiba — murmurou George, com um olhar indiferente para Felix.

A embarcação deslizou sôbre a água com uma docilidade de cordeiro. Enganadora indolência, porque o cordeiro se transformará em fogoso corcel, ardente e quase indomável, ao primeiro golpe do grande vento, do qual estava protegido pelos altos muros da margem. George acendeu novo cigarro e deixou escapar uma praga quando a brisa apagou o fósforo.

— Nós nos arrastamos, em vez de avançar — resmungou.

Felix não respondeu. *"Até êle acha que avançamos lentamente"* — pensou, invadido por nova onda de nervosismo. O vento encrespava a crista das ondas, acariciando por vêzes a fronte de Felix, que pensava em Tessa e em Martie. Entrevia mesmo, sem apreensão, um futuro cheio de incertezas. Um tufo de flores amarelas lembrou-lhe Lena, uma Lena distante, que desempenhara seu papel no prólogo do grande drama, cujo desfecho se aproximava.

Os dois homens tinham chegado ao cotovêlo do rio. George observara várias vêzes seu companheiro, abrindo a bôca para falar; mas, impressionado pela estranha autoridade de que Felix se revestira, desde o início do passeio, respeitara seu profundo devaneio, não sem morder o freio. O vento sul-sudoeste que os apanhou nessa curva acentuada, expulsou suas outras preocupações. O rio formava uma linha reta de quase meia milha, a partir da curva; era, agora, mais sombrio e sua superfície ondulava vagarosamente, revelando mais profundidade das águas.

Sentado bem na pôpa, com os pés apoiados no banco fronteiro, Felix navegava, mantendo a embarcação em rumo firme, contra o vento. Porém com seu tipo antiquado e impróprio a embarcação empinava e tombava com violência crescente. Olhando sempre sob um ombro calculava a fôrça e a direção de cada marola que chegava sôbre êles, escumando a água.

"Pena, se uma delas nos fizer virar *antes da hora escolhida!"* — pensou êle, aproveitando um momento de calma. Tôda sua energia se voltava, nesse instante, para um único alvo: salvaguardar a vida do homem a quem perseguia infatigàvelmente com o intuito de vingança!

Manejou o leme para mudar do bordo. E, como a proa enterrasse bastante, sob o vento, corrigiu com a *escuta* de tribordo; o vento se apoderou da vela e sacudiu o pano frenèticamente, como um cão, divertindo-se com um farrapo imprestável. George se sentiu levado num turbilhão de ruído e de movimento. Com a manobra brusca a água chegou até um dos bordos e, repentinamente, uma marola maior invadiu a embarcação, deitando-a brutalmente, porém já Felix tinha voltado a manejar o leme, corrigindo a posição e voltando tudo ao normal. George vira o repentino golpe da onda e do vento e vira, principalmente, a água subir até ao extremo limite do bordo. Curvado para a frente, apertou os lábios, decidido a não revelar novamente seu próprio terror ao homenzinho barbudo, que assobiava tranqüilamente, enquanto lutava contra o vento e o mar; ao senhor do momento ao qual êle, Rattery, gostaria de poder quebrar o pescoço, livremente e com facilidade, como se fôsse uma varêta de tambor.

Absorvido por suas incessantes manobras, Felix quase esquecera George Rattery; o sentimento do seu poder sôbre os elementos e sôbre aquêle *matamouros,* pálido de mêdo, o inebriava. Uma outra parte do seu espírito registrava o cenário movente; o albergue, negro e branco, situado no segundo plano; o destroço miserável de uma velha barcaça abandonada; os pescadores, contemplando seus "flutuadores" numa espécie de êxtase não interrompido pela passagem da embarcação, que seguia, ziguezagueando de uma margem à outra.

— "Eu poderia afogar George diante dêles — pensou Felix. — E aposto que nenhum notaria."

O lamento insólito de uma "sereia" o obrigou a voltar a cabeça. Dois poderosos rebocadores, navegando lado a lado e

arrastando duas barcaças cada um, atingiam o cotovêlo do rio, duzentas braças atrás. Felix calculou que os rebocadores o alcançariam ao fim do terceiro bordejo, a contar dêsse instante. Situação crítica. Tirar curtos bordejos entre a margem e o comboio mais próximo apresentaria o risco de ficar momentâneamente imobilizado pelo fundo arenoso e estar, então, à mercê das marolas provocadas pelas embarcações maiores e que se sucederiam perigosamente. Era preciso, também, prever o perigo de *fazer água* longe da margem ou ser alcançado pelos cabos que ligavam entre si as pesadas embarcações. A solução mais sensata era virar de bordo, a fim de cruzar com as embarcações tendo o vento pela pôpa, voltando ao rumo antigo, depois que se distanciassem. George interrompeu essas reflexões:

— Que vamos fazer? Êsses monstros ganham terreno de segundo em segundo.

— Oh... Pode ficar tranqüilo... Êles não nos atropelarão!

E Felix concluiu, não sem ironia:

—Os barcos a vapor são obrigados a ceder passagem aos veleiros... Não sabia?

— Ceder passagem? Hmm! Não vejo como êsses se arranjarão. Há criaturas que não raciocinam normalmente! Dois rebocadores, quase lado a lado, arrastando duas barcaças, cada um... Os proprietários dessas embarcações devem estar pensando que são os donos do rio! Vou anotar seus números e fazer uma reclamação!

George estava à beira de uma crise de nervos. Digamos, em sua defesa, que os dois poderosos rebocadores, avançando contra a "casca de noz" pareciam monstros temíveis, com seus dois brancos bigodes de espuma. Mas Felix tirou tranqüilamente um bordejo e começou a atravessar o rio a menos de setenta braças diante dêles. George passou as mãos pelos olhos e aproximou-se furtivamente de Felix, tendo os olhos abertos de espanto e terror. Repentinamente, começou a gritar:

— Que está você fazendo? Isso é loucura! Jamais terá tempo de passar...

Porém um prolongado mugido de "sereia" abafou sua voz! Notando os traços fisionômicos convulsionados de seu companheiro, Felix pensou que era o momento — ou jamais — de simular um acidente. O pânico de George o levava a agir imediatamente. Afastou, apesar de tudo, a tentação de modificar seu plano primitivo, *o plano que nada deixava ao acaso;* mais valia conservá-lo do que arriscar-se numa improvisação. Mas um pouco de terror não faria mal a George.

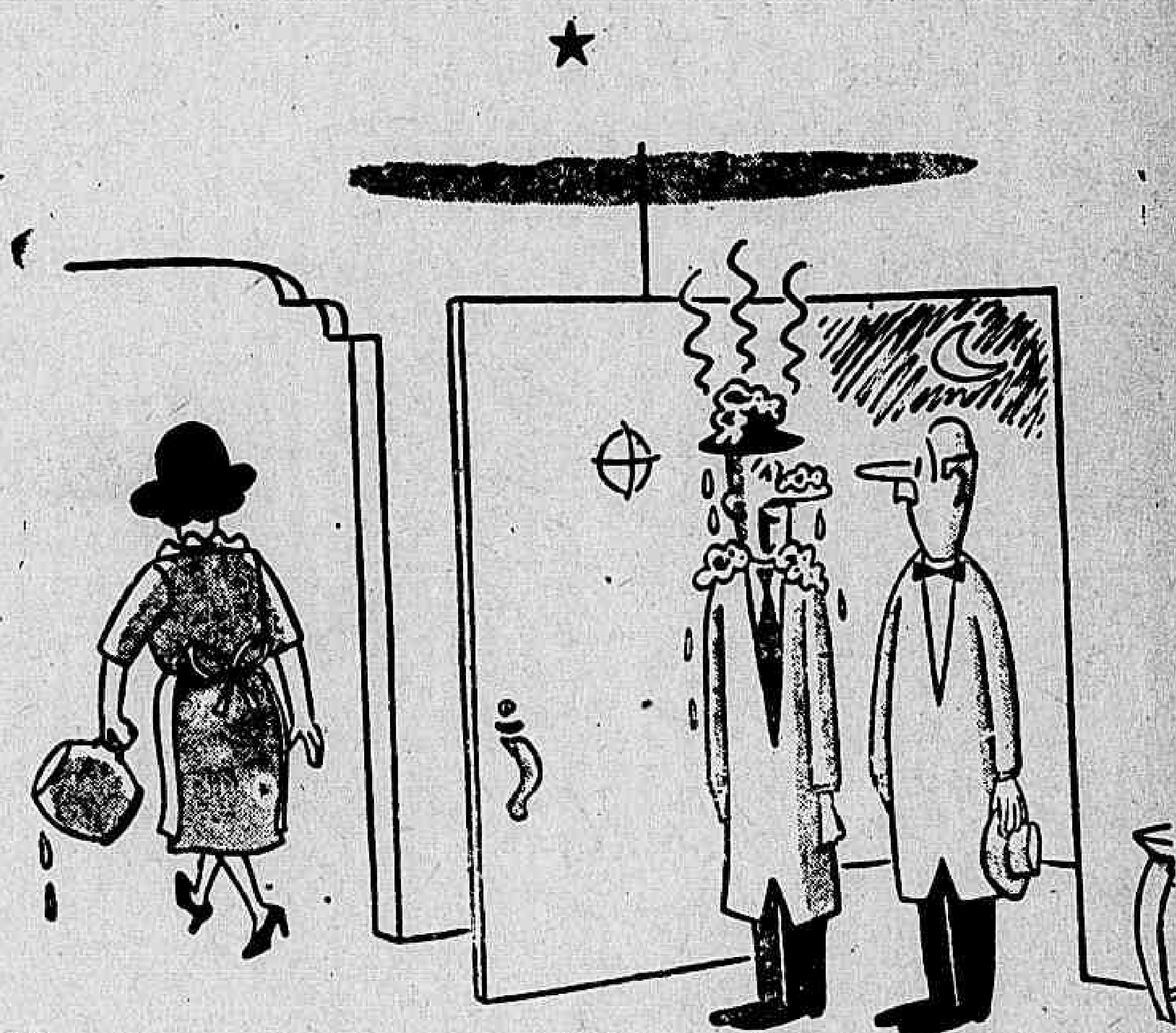
Os rebocadores agora estavam apenas a umas vinte braças, empurrando o barco para a margem e não deixando a Felix mais que um espaço estreito para manobrar. Então êste virou de bordo. As rotas da "casca de noz" e do grande rebocador, o mais próximo, convergiram um instante. Felix sentiu seu companheiro agarrar-se a uma de suas pernas, gritando:

— Iremos, juntos, para o fundo, se formos apanhados pelo rebocador, miserável imbecil! Eu me agarrarei a você e...

Felix, porém, não o ouvia. Com o leme ao vento, largou a escuta da vela grande. A canoa virou de bordo, mais uma vez, no instante em que a colisão parecia inevitável. Assim cruzou com as barcaças com uma margem de três metros.

Num movimento de furor incontrolável, George se levantou inteiramente, com os braços erguidos e os punhos fechados, para injuriar o pilôto do rebocador. Um jovem marinheiro, sentado no tombadilho

★



— *Que foi o que eu disse? Seja lá a que horas fôr que eu chegue para jantar ela sempre guarda uma sopa quente para mim!*

o observou, com ar curioso, enquanto êle gesticulava e praguejava. Mas nada respondeu. A seguir, a marola da barcaça fêz a pequena embarcação saltar. George perdeu o equilíbrio e escorregou até ao fundo do barco, com uma praga terrível.

— No seu lugar, eu ficaria aí mesmo — disse Felix Lane, com voz calma e sauve. — Da próxima vez poderia cair à água em vez de no fundo do barco...

— Diabos dos Infernos! Malditos rebocadores!... Malditos!

— Por favor... Acalme-se! Não corremos, em nenhum momento, qualquer perigo — continuou tranqüilamente Felix. — A mesma coisa ocorreu outro dia, no curso do seu passeio com Phil, e êle não se impressionou nem perdeu a cabeça um só segundo...

O segundo comboio passou. Eram duas barcaças maiores, embora mais baixas, trazendo o letreiro "INFLAMÁVEL", pintado na cabeça do tombadilho. Era de se jurar que Felix irritava seu companheiro pelo simples prazer de o ver enfurecido. Virando mais uma vez de bordo, para corrigir a embarcação, que balouçava como uma casca de noz, na esteira do comboio, disse sêcamente:

— É a primeira vez que vejo um homem importante cobrir-se de ridículo a êsse ponto!

George não estava, evidentemente, habituado a ser tratado dessa maneira. Fitou Felix com um olhar incrédulo, como se duvidasse dos próprios ouvidos; depois um brilho ameaçador passou por seus olhos. Mas novo pensamento devia ter atravessado seu espírito porque logo ergueu os ombros e desanuviou a fronte, ao mesmo tempo que sorria. Felix reagiu em sentido inverso. Seu nervosismo crescia de instante a instante e lançava, disfarçadamente, olhares hesitantes para seu companheiro. A canoa avançava ziguezagueando de uma margem para outra; George começou a assobiar, interrompendo-se, de tempos a tempos, para dizer um gracejo:

— Estou começando a gostar disto! — declarou, pouco depois.

— Muito bem. Quer comandar o leme, agora? Só para experimentar?

A voz de Felix era sêca, quase intimativa. Tantas coisas dependiam da resposta de George! Porém, êste não pareceu impressionado com isso.

— Estou à sua disposição — respondeu, com displicência.

Uma sombra, uma expressão indefinível e fugitiva passou pela fisionomia de Felix. Pouco depois voltou a falar, agora com voz surda e cheia de desafio:

— Muito bem. Vamos um pouco mais além; depois faremos meia-volta e eu entregarei o leme ao seu comando.

— "Cobarde!" — pensava êle, neste momento, dirigindo-se a si próprio. — "Foges sempre diante do obstáculo. Usas falsos pretextos para ganhar tempo. Que isca usará aquêle pescador? Minha linha também tem uma isca... Mas, George Rattery é um peixe todo especial..."

Os papéis se encontravam, agora, trocados. Os nervos de Felix estavam esticados como cordas prestes a rebentar; George retomara seu ar e seu tom de voz arrogantes. Era outra vez desdenhoso e grosseiro. Felix percebeu repentinamente, que o local que havia escolhido — um grupo de salgueiros, junto do rio, na margem direita, ficava próximo, agora, às suas costas. Com os dentes apertados, continuou a vigiar a aproximação das marolas. Virou de bordo, traçando sôbre o rio um grande marco de espuma em semicírculo. A água assim agitada torceu um canto de seus lábios, num sorriso carregado de ameaças. Disse então, com voz pausada, mantendo o rosto virado para o sentido contrário, a fim de evitar o olhar do companheiro:

— Segure bem o leme. Mantenha a escuta da vela grande, assim como está. Vou levantar o pano central. Estando menor a resistência, navegaremos melhor.

Enquanto falava, Felix teve a estranha impressão de que o vento havia caído e que um grande silêncio se fizera para recolher suas palavras fatídicas para aguardar seu resultado. A natureza parecia reter sua respiração e sua voz ressoou como o "Quem vem lá?" lançado do alto de uma tôrre, para uma sentinela.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM DEZEMBRO DE 1954

1 — QUARTA-FEIRA: — Concluídas negociações para assinatura de um pacto de segurança entre os Estados Unidos e a China Nacionalista. — Impressionado, após sua recente visita à América do Sul, o antigo político belga Van Zeland declara que os sul-americanos progridem num ritmo que a Europa já perdeu. — Prosseguem no Hotel Quitandinha os trabalhos da Conferência Interamericana de Ministros da Fazenda ou Economia. — Instalado em São Paulo o II Congresso Farmacêutico e Bio-Químico Pan-Americano. — Comemorado em todo o mundo o 80º aniversário de Churchill.

2 — QUINTA-FEIRA: — Propõe a Rússia uma conferência internacional com a participação dos países interessados na solução do problema coreano. — O Senado norte-americano aprova moção de censura contra o senador republicano Joseph McCarthy. — A Inglaterra adverte a China Comunista que deve abster-se de ataques armados contra as ilhas ocupadas pelos nacionalistas diante de Formosa. — Encerram-se em Petrópolis os trabalhos da Conferência Econômica Interamericana. — Assume a presidência da Confederação Nacional da Indústria o sr. Augusto Viana Ribeiro dos Santos.

3 — SEXTA-FEIRA: — Agrava-se a tensão entre a China Vermelha e os Estados Unidos, depois do encarceramento de 10 aviadores norte-americanos pelo govêrno de Pequim. — Falece nesta capital o ex-deputado Luís Barrêto de Oliveira Filho, da Bahia. — Assinado o decreto que inaugura, no Chile, o primeiro Plano Qüinqüenal de Obras Públicas, que inclui a construção da Rodovia Pan-Americana e importantes trabalhos de irrigação que entregará à Agricultura milhares de hectares de terra, até agora improdutivas. — Melhora o estado de saúde do Papa Pio XII.

4 — SÁBADO: — De Gaulle aconselha seus correligionários na câmara francesa a que assinem os acordos de Paris. — Voltam os políticos norte-americanos a revelar preocupação ante a alta do café brasileiro. — Considerado "fora de perigo" o Papa Pio XII, atacado por enfermidade gástrica há já alguns meses. — Várias condenações à morte, no Cairo,



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: ....

RUA: ....

CIDADE: ....

ESTADO: ....

de elementos participantes do atentado contra o primeiro ministro.

5 — DOMINGO: — Revela o Escritório Comercial do Brasil, em New York, sérias irregularidades no faturamento de produtos destinados ao nosso país, com graves prejuízos de milhões de dólares para nossos cofres. — Os dezesseis países participantes da guerra na Coréia estudam a elaboração de um protesto contra a detenção, pela China Comunista, de 13 aviadores norte-americanos. — Também a Inglaterra protesta violentamente.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — A Itália ameaça romper com a Tcheco-Eslováquia se o rádio oficial dêsse país não cessar a sua campanha de difamação contra aquêle govêrno. — Eleito para suceder a escritora Colette, na Academia Goncourt, o escritor Jean Giono. O "Prêmio Goncourt" é conferido à escritora Simone de Beauvoir. — O presidente provisório de Honduras, Lozano Diaz, assume todos os poderes por não ter o Congresso conseguido eleger o novo Presidente da República. — Instalado no Palácio Itamarati o Instituto Brasil-Finlândia. — Inaugurada em São Paulo a II Conferência Rural Brasileira.

7 — TÊRÇA-FEIRA: — Enforcados seis líderes da Fraternidade Muçulmana, condenados por atos terroristas contra o atual govêrno egípcio. — Acentuadas melhoras no estado de saúde do Sumo Pontífice, que preside o encerramento do Ano Mariano. — A Assembléia Nacional Portuguêsa ratifica o Tratado de Amizade Luso-Brasileiro.

8 — QUARTA-FEIRA: — Aprovada na ONU moção responsabilizando as potências comunistas pelo fracasso da Conferência de Genebra. — Eisenhower anuncia que "foi afastado bastante o perigo de uma guerra imediata". — Revestem-se de pompa extraordinária as solenidades do encerramento do Ano Mariano, em Roma. — Chega a esta capital o sr. Joaquim Ruiz Gimenez, ministro da Educação da Espanha. — Falece, nesta capital o professor emérito Cândido de Oliveira Filho.

9 — QUINTA-FEIRA: — A Rússia pede que as Nações Unidas declarem os Estados Unidos "responsáveis por atos de agressão, dirigidos contra a China Comunista". — Falece nesta capital o antigo jornalista Cândido de Campos. — Melhoram para o Brasil suas relações comerciais com os Estados Unidos. — Astrólogo indiano anuncia que "Hitler está vivo e aparecerá dia 8 de setembro de 1957". — Eleito Ichiro Hatayama primeiro ministro do Japão, em substituição a Shangem Yoshida — Varrida a Irlanda por violentíssimas tempestades.

10 — SEXTA-FEIRA: — Distribuídos os prêmios Nobel de 1954, de Literatura: Ernest Hemingway; de Química: doutor Linus Pauling; de Medicina: outorgado conjuntamente aos drs. John F. Finders,



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

Thomas H. Wefler e Frederick C. Robbins, que se distinguiram nas investigações sôbre a poliomielite; o de Física aos alemães, profs. Max Born e Walter Bothm. — Concedida soberania total à Alemanha Ocidental. — Falece nesta capital o general Deschamps Cavalcânti.

11 — SÁBADO: — Por intermédio da ONU, os Estados Unidos procuram obter a libertação dos seus 13 aviadores aprisionados pelos comunistas chineses. — Lançado ao mar, pelos Estados Unidos, o porta-aviões "Forrestal", considerado "a arma naval mais poderosa da História". — O novo gabinete japonês proclama sua fidelidade à aliança nipo-americana. — Entregue à Escola Naval o primeiro canhão anti-aéreo fabricado no Brasil.

12 — DOMINGO: — A imprensa oficial de Pequim desafia os Estados Unidos e a ONU a conseguir a liberdade dos aviadores prisioneiros dos vermelhos. Recrudesce, na Argentina, a ação do govêrno contra as instituições católicas. — Poderosas fôrças motorizadas francesas desembarcam em Argel com o fim de acabar com o terrorismo na Tunísia.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — Travam-se tremendas discussões na ONU relativamente ao "caso" sino-americano e também sôbre a questão marroquina. — Tornam-se mais lentas as melhoras do estado de saúde do Papa Pio XII. — Outro sacerdote prêso pela polícia peronista, sob a alegação de que pronunciara palavras ofensivas ao govêrno. — O presidente da República solicita licença do Congresso para ausentar-se do país. — Regressa a Madrid o ministro da Educação da Espanha, sr. Joaquim Ruiz Gimenez. — A cheia do Tâmisa ameaçava de inundação várias cidades inglêsas.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — Ruidosas manifestações antinorte-americanas em Atenas, por haver êste país mantido seu apoio à Inglaterra, recusando aprovar a anexação da ilha de Chipre à Grécia. — Preocupados os médicos do Sumo Pontífice, que está novamente atacado de soluços. — Nomeado bispo de Niterói, monsenhor Carlos Coelho, atualmente bispo de Nazaré. — Prorrogada até 30-6-56 a vigência do regime de licença prévia para as importações. — Inaugurada a Refinaria de Petróleo de Manguinhos. — A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal dá parecer contrário ao projeto que dispunha sôbre aliança de legendas para a eleição do presidente e vice-presidente da República.

15 — QUARTA-FEIRA: — A Rússia protesta enèrgicamente contra o ato dos Estados Unidos assinando pacto de assistência mútua com a China Nacionalista e declara que apóia a exigência de Pequim para assumir o domínio de Formosa. — Continuam as discussões entre Londres e Washington quanto às autoridades que poderão ordenar o emprêgo das armas atômicas. — Voltam a divergir França e Alemanha sôbre o problema do Sarre.

16 — QUINTA-FEIRA: — Exame radiológico do Papa Pio XII revela estar o mesmo sofrendo de gastrite e hérnia do

diafragma. — Max Pierre eleito presidente da Suíça, para o exercício de 1955. — Disposta a Rússia a promover o reatamento das relações entre a União Soviética e o Japão. — Notícia-se, sem confirmação, ter sido libertado pelas autoridades húngaras o cardeal-primaz, Mindzenti.

17 — SEXTA-FEIRA: — Convidando todos os governos a que cessem de injuriar os demais governos pelo rádio, condenando o uso de trabalhadores escravos e, também, as medidas visando tolher a liberdade de informação, a Ass. Geral da ONU encerra seu período de sessões. — Cai o govêrno finlandês, esperando-se seja amanhã organizado novo gabinete. — A fim de passar o Natal com as tropas norte-americanas, segue para a Coréia o cardeal Spelman, arcebispo de New York.

18 — SÁBADO: — Amparado por médicos, o Papa Pio XII passeia vinte minutos pelos jardins do Vaticano, embora seja ainda grave seu estado de saúde. — Desastre ferroviário na Argélia, com dezenas de mortos e feridos. — Cai, em Idlewild, Estado de New York, aparelho comercial italiano, que conduzia 31 passageiros, dos quais poucos se salvaram. — A ONU decide que Chipre não será incorporada à Grécia, provocando sérios conflitos e manifestações anti-ocidentais entre os gregos. — O marechal Tito conferencia em Nova Delhi com o "premier" indiano Nehru. — Cresce a luta entre o govêrno argentino e a Igreja Católica. — Descoberto na região da Baixa-Áustria o esqueleto de um mamute de cêrca de 600.000 anos, em excelente estado de conservação.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

19 — DOMINGO: — A imprensa soviética ataca enèrgicamente os acordos de Paris. — A imprensa inglêsa, refletindo a palavra do gabinete tranqüiliza o povo declarando que as obrigações da Inglaterra, no caso de um ataque à Ilha Formosa são apenas as derivadas de sua condição de membro da ONU. — Violento tremor de terra na Califórnia, tendo ruído dezenas de prédios. Não houve vítimas pessoais. — Continua melhorando o Sumo Pontífice, que pretende falar ao mundo na véspera do Natal.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — A Rússia envia nota à Inglaterra ameaçando anular o tratado de amizade anglo-soviético caso seja executado o plano de rearmamento da Alemanha. — Revela-se ter sido quintuplicada nos últimos 25 anos a produção de café na África francesa. — Asila-se na embaixada do Brasil no Peru, o senhor Henrique Miro Quesada, antigo embaixador do seu país no Rio de Janeiro. — Um norte-americano, Charles Laughead, afirma que o mundo vai acabar... hoje! — 40 pessoas morrem em desastre de trem ocorrido a 150 quilômetros da capital mexicana.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Repele a Inglaterra o protesto russo, enquanto em Paris e Roma continuam os debates parlamentares para aprovação dos acordos referentes à Alemanha. — A Inglaterra ingressa na comunidade Européia do Carvão e do Aço. — Os católicos argentinos aguardam o "veto" do presidente Perón ao projeto que institui o divórcio

na vizinha república. — Suicida-se na prisão, no Cairo, Max Bennett, principal acusado na conspiração sionista. — O Pentágono, de Washington, revela estudar ativamente, com ajuda da Marinha e Exército norte-americanos a possibilidade de criar satélite artificial que gire em tôrno da Terra, em órbita situada além da atmosfera terrestre.

22 — QUARTA-FEIRA: — Lembra Mendès-France aos parlamentares franceses que a não aprovação dos acordos de Paris significará o afastamento da França da Aliança Atlântica. — Três adidos militares da embaixada tchecoslovaca na Suíça considerados "indesejáveis". — Preocupado o govêrno egípcio com as atividades comunistas "na difícil hora que o país está vivendo". — O presidente Perón sanciona a lei que institui o divórcio na Argentina, não atendendo aos apelos dos católicos. — O govêrno belga pede à Espanha a extradição do ex-líder fascista Leon Degrelle, condenado à morte. — Nomeado ministro do Tribunal Federal de Recursos o desembargador Arthur de Souza Marinho. — Nomeado diretor-geral da Fazenda Nacional, o sr. Eduardo Lopes Rodrigues.

23 — QUINTA-FEIRA: — Confusa a situação interna no Equador, com a crescente desinteligência entre as Fôrças Armadas e o Executivo. — Criticado fortemente na Imprensa italiana o presidente Perón. — Quatro antigos e ex-subordinados de Béria condenados à morte na Rússia. — Redige o Papa Pio XII a sua saudação do Natal. — Regressa de sua longa viagem de instrução o navio-escola "Almirante Saldanha". — Combatem ferozmente, na Indonésia, as fôrças do govêrno e as dos rebeldes da chamada República das Molucas do Sul.

24 — SEXTA-FEIRA: — Em todo o mundo cristão são iniciados os festejos do nascimento de N. S. Jesus Cristo. — Aprovados, finalmente, pelo parlamento francês os acordos de Paris. — Também a Câmara italiana aprova os referidos acordos, que permite, entre outras coisas, o rearmamento da Alemanha. — Terrível tempestade assalta as costas holandesas, onde cinco navios naufragam, subindo a 50 o número de marinheiros desaparecidos. — Mais de 2.000 turistas e árabes cristãos chegam a Jerusalém. — Novos incidentes de fronteira, entre fôrças portuguêsas e indianas, em Goa. — O mundo ouve, emocionado, a mensagem de Natal do Papa Pio XII convalescente da grave enfermidade que ameaçou sua preciosa vida. — Delicada a situação política no Equador, com o crescente choque entre as fôrças armadas e o govêrno. — O episcopado argentino dirige pastoral sôbre o matrimônio, declarando que êsse ato "não foi instituído pelos homens e sim por Deus e que por isso o divórcio é contrário ao direito da Igreja e também ao direito natural".

25 — SÁBADO: — Comemorado em todo o mundo o nascimento de N. S. Jesus Cristo. — A Rússia realiza sondagens em Tóquio, no sentido de reatar as relações com o govêrno japonês. — Falando por ocasião do Natal, o chanceler Adenauer, da Alemanha Ocidental, declara que o mundo nada deve temer com o rearmamento do povo alemão.

26 — DOMINGO: — Surge livro de autor colombiano, perito em assuntos

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

cafèeiros, despertando o maior interêsse entre os países consumidores e os produtores. — Agrava-se tràgicamente o problema de alimentação na China, onde está previsto que mais de vinte milhões de bôcas estarão privadas no correr de 1955 de comer o indispensável à sua subsistência. — Deixada a embaixada do Brasil em Lima, pelo sr. Carlos Miro Quesada Laos, ex-embaixador no Chile e em nosso país e que ali se refugiara, pedindo asilo político. — Revela-se de Bonn que 170 mil alemães da zona oriental já pediram asilo na Alemanha Ocidental. — Vendido em leilão, em São Paulo, um saco de café intitulado IV Centenário, pela quantia de 1.910.340 cruzeiros. — Grande número de prisões, no Equador, de pessoas implicadas numa recente conspiração. — Iniciada na Espanha campanha contra Papai Noel e as árvores de Natal. — Inaugurados grandes melhoramentos no Campo de Provas de Marambaia.

27 — SEGUNDA-FEIRA: — Mendès-France alcança retumbante vitória na Assembléia Nacional francesa, conseguindo aprovação da maioria dos acordos de Paris. — Também a China Comunista revela suas intenções de reatar negociações a fim de atingir o restabelecimento de suas relações com o Japão. — Prosseguindo em seus comentários sôbre o rearmamento alemão, o chanceler Adenauer declara que "estamos no domínio das armas atômicas, cuja fabricação é impossível no nosso país. Dai a sem razão dos protestos levantados contra a medida que nos concedeu aquêle direito".

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Prosseguindo em sua campanha contra a Igreja Católica, o Partido Peronista sanciona, por intermédio do Senado, lei que suprime as verbas destinadas aos colégios e instituições católicas na Argentina. — O Vaticano, segundo o "Osservatore Romano", não acredita na legitimidade da notícia que disse ter sido libertado o cardeal-primaz da Hungria, Mindzenti. — O primeiro ministro japonês conferencia com o embaixador norte-americano em Tóquio, a respeito das sondagens russas e chinesas no sentido do reatamento das relações entre os três países. — A Iugoslávia solicita aos seus credores estrangeiros maior prazo para pagar parte dos 480 milhões de dólares, a que atinge a sua dívida externa.

29 — QUARTA-FEIRA: — Washington revela que pretende nomear o sr. James Clement Dunn, atual embaixador norte-americano em Madrid, embaixador no Brasil, em substituição ao sr. James Kempler. — Será aumentada a ajuda norte-americana à América Latina. — Demitidos 46 educadores católicos das escolas municipais na Argentina. — A China Comunista paga à Inglaterra a indenização por esta exigida, pela perda de um avião atacado por aviões vermelhos. — A terra está tremendo na ilha de Salina, pertencente ao grupo das Lipari, Itália. — Nova onda de terrorismo em Marrocos, desafiando a recente remessa de fôrças poderosas, feita pela França. — Surge na Itália, embora clandestina, intensa propaganda fascista. — Violento ciclone açoita várias localidades do Uruguai. — Revela-se que o cardeal Mindzenti não foi libertado, mas apenas transferido de prisão, por se achar gravemente enfêrmo. — Entra em erupção o famoso vulcão Stromboli. — Distúrbios comunistas no Chile. — Descobertos em Bom Jesus da Lapa, Bahia, os maiores depósitos de fluorita do mundo.

30 — QUINTA-FEIRA: — Vitória total de Mendès-France na Assembléia francesa, com a total ratificação dos acordos de Paris. — Para tratar da situação dos aviadores norte-americanos, presos na China Vermelha, segue para Pequim o secretário geral da ONU. — Recebido na chancelaria francesa, em Paris, o sr. Jânio Quadros, governador eleito de São Paulo. — Londres e Washington rejubilam-se com a vitória de Mendès-France. — Eleito para a Academia de Letras, na vaga do sr. Getúlio Vargas, o sr. Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados". — Eleito presidente da mesma academia para o exercício

de 1955, o sr. Rodrigo Otávio Filho. — Mais condenações em massa no Egito, para membros da Fraternidade Muçulmana, variando as sentenças entre pena de morte, prisão perpétua e outras de vinte e trinta anos. — Continuam os abalos sísmicos na região de Messina, Itália. — Revela-se que 96.436 imigrantes nacionais entraram em São Paulo de fevereiro a março de 1954. — Delicada a situação política no Chile, tendo renunciado o gabinete. — Prestes novo expurgo na alta política iugoslava. — Violentos temporais causam grandes inundações em Israel.

31 — SEXTA-FEIRA: — Confessa Mendès-France que foi o mais trágico momento da sua vida convencer a Assembléia Nacional, quase sòzinho, de que não havia perigo no atual rearmamento alemão. — Os médicos do Papa Pio XII voltam a preocupar-se com os soluços que tornaram a abalar a saúde do Sumo Pontífice. — Grave acidente no Canal de Suez, tendo a ponte ferroviária desmoronado sôbre as águas do canal e o petroleiro "World Peace", que pelo mesmo navegava. Há total obstrução dessa importante passagem. — Revela-se que estão cotadíssimos para o Prêmio Nobel da Paz os srs. Anthony Eden, da Inglaterra, e Mendès-France, da França. — Recusado pelo Congresso chileno o pedido presidencial para a instituição do Estado de Sítio. — Cresce novamente o terrorismo em Marrocos, sendo assaltados militares franceses. — O Papa Pio XII cria duas novas circunscrições eclesiásticas no Brasil: a Diocese de Tubarão, em Santa Catarina: Prelatura Nullius de Sto. Antônio de Balsas e Prelatura Nullius de Tocantinópolis, ambas em Goiás. — Em Buenos Aires, continuando na campanha anti-católica, a polícia proíbe a tradicional procissão do encontro das imagens de S. Nicolau de Bari, patrono da cidade, e do Menino Jesus (Pequeno Prefeito).

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Não costuma dizer muito quem fala muito.» — LOPEZ ALCARAZ

UM POUCO DE ANÁLISE

Carta assinada por B.A. (D.F.), levanos ao terreno da análise sintática, através de trechos clássicos, submetidos à nossa consideração.

"Estando nesta quietação[1], o infante D. Henrique, seu irmão, que era homem cobiçoso de honra[2], e desejava passar a África[3], persuadiu a seu irmão[4], o infante D. Fernando, que o ajudasse nesta pretensão[5], e requeresse com grande instância a el-rei[6] o deixasse ir[7] a Inglaterra[8], à casa de el-rei seu tio, a ganhar honra pelas armas, como já seus irmãos tinham ganho; ou ordenasse[9] com[10] que fôsse cercar Tânger." — *Duarte Nunes de Leão*

Respondemos:

1) *nesta quietação* — trata-se de predicativo subjetivo. Convém salientar que o predicativo é representado por adjetivo qualificativo, por substantivo ou por expressão preposicionada.

Construção paralela encontramos no seguinte passo de Manuel Bernardes:

"*Estando em artigo de morte* um padre antigo do famoso deserto de Cites, os outros monges, rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravam amargamente."

2) *cobiçoso de honra* — a expressão *de honra* é complemento terminativo.

Complemento terminativo[(1)] é a palavra ou expressão que integra o sentido de substantivo ou de adjetivo.

Outros exemplos:

"Eu era-*lhes* em extremo afeiçoado, pela virtude, letras e engenho que nêles via; e êles tinham-*me* a mesma afeição". *Heitor Pinto*

O *lhes* é complemento terminativo do adjetivo *afeiçoado;* o *me* é complemento terminativo do substantivo *afeição*.

3) *passar a África*. Outrora, os nomes dos continentes e dos países não admitiam artigo. Daí a construção, sem acento grave, porque o *a* é simples preposição. Em João de Barros encontramos:

"A qual terra estavam os homens tão crentes em não haver alguma firme ocidental a tôda costa *de África*".

Hoje, diríamos: *passar à África*, costa *da África*.

4) — *persuadiu a seu irmão*. O verbo *persuadir* é transitivo direto, ou bitransitivo (nesta hipótese, constrói-se com objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa, ou vice-versa.)

Exemplos:

a) transitivo direto — "Com que razão a forças a persuadi-*lo*?" (Camilo Castelo Branco).

b) bitranstivo — "Se ela *o* persuadiu *de alguma cousa,* com que razão..." (idem).

"Então os príncipes dos sacerdotes persuadiram *à turba que pedisse antes a Barrabás*". — (*B. Viegas*)

Na construção acima, a expressão *a seu irmão* é objeto indireto.

5) *que o ajudasse nesta pretensão* — oração subordinada, substantiva, objetiva direta (complemento do verbo *persuadir*).

6) *e requeresse com grande instância a el-rei* — oração equipolente à anterior, isto é, subordinada, substantiva, objetiva direta (do verbo *persuadir*).

7) *o deixasse ir* — caso de orações entrelaçadas (denominação que criamos para a hipótese de orações cujos têrmos se interpenetram).

Desdobra-se a construção:

a) (que) *deixasse*

b) *o ir* (que êle fôsse); o *o* é sujeito do infinitivo.

8) *a Inglaterra* — veja o comentário n. 3.

9) *ou ordenasse* — equipolente à oração do verbo *deixasse* (objetiva direta).

10) *com* — mero expletivo: *ordenasse com que fôsse = ordenasse que fôsse.*

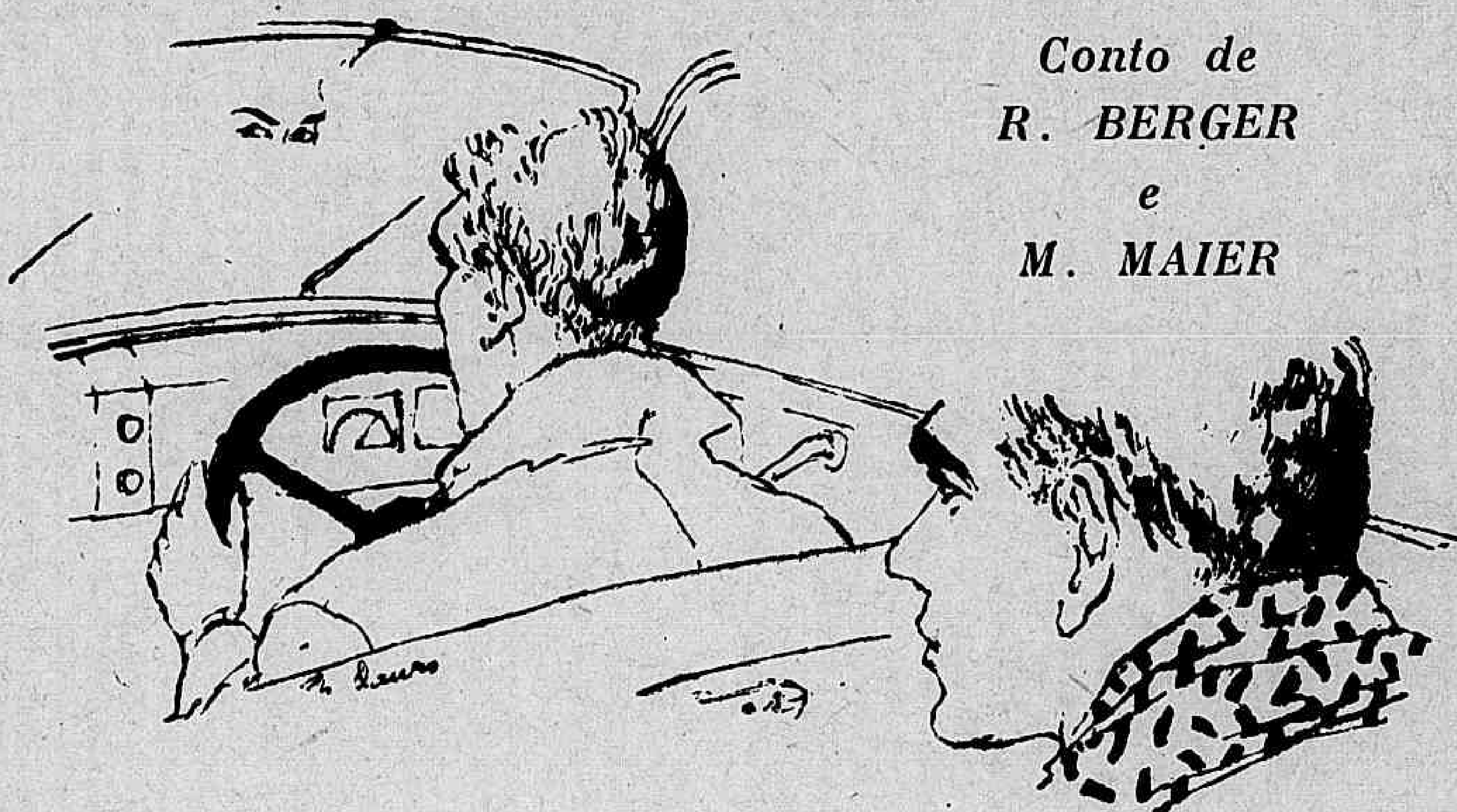
No próximo número examinaremos o trecho seguinte.

JOSÉ RICARDO NETO

(1) São os seguintes os têrmos da oração: **sujeito, predicado** (ou verbo), **objeto direto, objeto indireto, predicativo (subjetivo ou objetivo), adjuntos (atributivo, limitativo** ou **adverbial), complemento terminativo, complemento de causa eficiente, vocativo, apôsto, partícula apassivadora, expletivo.**

O ASSASSINO ESTAVA NO TÁXI

Conto de
R. BERGER
e
M. MAIER



"HEI, táxi!" — O homem saía de um canto da rua, correndo o mais que podia. À luz de um lampião, o chofer viu que êle agitava frenèticamente o braço. Pisou o freio e, antes mesmo de que tivesse conseguido parar totalmente o veículo, já o homem abrira a porta de trás e lançava-se no fundo do banco.

— Estação do Rhone, e depressa! Se chegarmos a tempo, darei uma gorgeta digna de um príncipe.

A voz do desconhecido era rouca, entrecortada pela respiração ofegante. Sua corrida, provàvelmente longa, deixara-o quase sem fôlego.

— Quer apanhar o trem de onze e treze, he? Neste caso temos mesmo que correr. Gastaremos no mínimo vinte e cinco minutos, atravessando a cidade, e assim mesmo se conseguir viajar pisado. Enfim, vamos fazer fôrça.

Enquanto falava, o chofer tinha acelerado e o veículo estava agora lançado a setenta a hora, pelo asfalto do grande "boulevard".

— Por enquanto vamos bem, pois há pouca circulação. Mas, depois do cruzamento da avenida Barbier, terei que ir mais de vagar. Aquilo está cheio de sinais e guardas em quase tôdas as esquinas...

As palavras do chofer não tiveram eco.

Atrás, o viajante havia retirado o chapéu, descobrindo os cabelos negros e cortados à escovinha. Na penumbra do táxi, quebrada regularmente pela luz dos lampiões, o chofer, pelo retrovisor, viu-o apanhar o lenço e enxugar nervosamente o rosto reluzente de suor.

— Diga-me... Não o atrapalha... o rádio... para dirigir?

— Francamente... Não atrapalha... Mas se prefere que desligue...

— Não... Não falo por mim, falo pelo senhor. Por mim, prefiro até ouvir rádio. Assim o tempo passará melhor...

O táxi continuava correndo em boa velocidade pelo "boulevard" violentamente iluminado. Os tons crus do "neon" caíam sôbre o rosto do desconhecido, iluminando estranhamente em vermelho, verde ou azul, com alternativas de sombra, que burilavam mais acentuadamente seu rosto.

Entremeando-se com o ruído do motor, os cobres da orquestra de Duke Ellington explodiam em fanfarras barulhentas, para logo passar à calma de gemidos lamentosos.

Bruscamente, a música morreu. A voz neutra do "speaker" ressoou no alto-falante.

"A polícia solicita informarmos que está procurando ativamente o indivíduo Fernando Potier. Trata-se de perigoso bandido, que se evadiu esta manhã da penitenciária de Chassebelle, depois de matar um guarda. Eis seus sinais principais: aparenta 40 anos, tem 1m.75 de altura, corpulência mediana, cabelos negros, cortados bem curtos, tez morena. Tem sôbre a nuca uma grande cicatriz em forma de cruz. Veste sobretudo cinzento. Deve estar procurando atingir a fronteira. Favor transmitir qualquer informação susceptível de auxiliar sua prisão para Polícia Central, telefone oito-três-três-zero-zero. Vamos repetir..."

As notas desesperadas e loucas de "Ecos do Harlem" subiram novamente da caixa do rádio, no momento em que o viajante surpreendeu no retrovisor, o olhar assustado do chofer, que procurava esquadrinhar a escuridão às suas costas.

— Vamos ver se andamos mais depressa, homem. Faltam menos de cinco minutos!

— Faço o que é possível.

No cruzamento da rua Neuve, o sinal acabava de passar do verde para o amarelo. O chofer acelerou brutalmente, para forçar a passagem. Um violento trilar de apito o deteve imediatamente, com um ranger terrível dos pneus sôbre o asfalto.

— Só me faltava isso! Aí vem o guarda!

— Trate de seguir!

— Pois sim! Para piorar a situação? Não quero ganhar uma multa grande e ainda perder a carteira por um mês, só para fazer a vontade ao senhor.

O guarda já estava ao lado do veículo.

— Que maneira de dirigir é essa? — perguntou, irritado, curvando-se para a vidraça do veículo e soprando contra o rosto do chofer seu hálito carregado de nicotina. — Forçando o sinal, hein?

— O senhor desculpe... Estava ainda amarelo, quando tentei passar. Meu freguês está apressado. Precisa apanhar um trem...

O desconhecido se encolhera bem no fundo do banco traseiro, mantendo o rosto na sombra. Tornara a colocar o chapéu e parecia roer as unhas, em dentadinhas apressadas.

— Bem. Não lhe farei nada, por hoje. Mas guardarei seu número! E outra coisa... Trate de acender a luz traseira. Esqueceu o regulamento do tráfego?

— Tem razão, seu guarda. Peço que me desculpe.

A luz interior do táxi brilhou imediatamente.

— Vamos... Pode seguir!

O veículo pareceu empinar, sob o impulso do acelerador. Novamente, pelo retrovisor, o passageiro colheu o olhar do chofer, que o vigiava com atenção.

Tinham agora ultrapassado as artérias animadas e seguiam por um dédalo de ruelas sombrias e desertas àquela hora, que conduziam para a estação.

— Por que segue por essas ruazinhas difíceis? Não é o melhor caminho.

— A rua Violeta está em obras. Sou obrigado a fazer êste rodeio.

O olhar do chofer não abandonava mais seu cliente, saltando infatigàvelmente da estrada para o pequenino espelho. O desconhecido compreendeu que devia agir sem mais tardar, que sua vida disso dependia.

— Olá, amigo! Pare! Vou descer aqui mesmo... Pare!

Um gesto rápido e a luz interior do táxi se extinguiu. O desconhecido se ergueu a meio, enquanto o veículo freava violentamente.

— Patife! Vais pagar-me!

Uma breve luta. O tiro partiu, quase à queima-roupa, abafado pelo tecido grosso do sobretudo e pelas modulações do rádio.

A portinhola bateu e o assassino desceu, retomando sua corrida louca, a corrida que o trouxera do presídio para a liberdade, essa liberdade que estivera prestes a perder...

Na rua nada mais havia, agora, além do ronco suave e contínuo do motor, de envôlta com as estridências da orquestra "colored". Depois, uma segunda vez, a música parou, voltando a voz do "speaker".

— Atenção. Acabamos de ser informados de que o bandido, cujos sinais já foram por nós anunciados, roubou um táxi, matrícula 21AD23, no volante do qual deve estar a esta hora. Pedimos comunicar qualquer informação...

O resto, o ocupante do táxi não pôde ouvir... Estava morto... justamente por haver compreendido, quando a luz interior foi acesa por ordem do guarda. Pudera ver, apesar da gola do sobretudo estar levantada, a cicatriz na nuca do chofer... Uma cicatriz muito larga e feia, em forma de cruz...

O SORRISO DA GIOCONDA

HÁ séculos os eruditos, os artistas, os poetas e o próprio vulgo têm-se mostrado fascinados pelo sorriso de Gioconda. E durante séculos, discutiu-se que sentimento secreto estaria por trás daquele sorriso tão discreto que mal faz entreabrir os lábios de Mona Lisa.

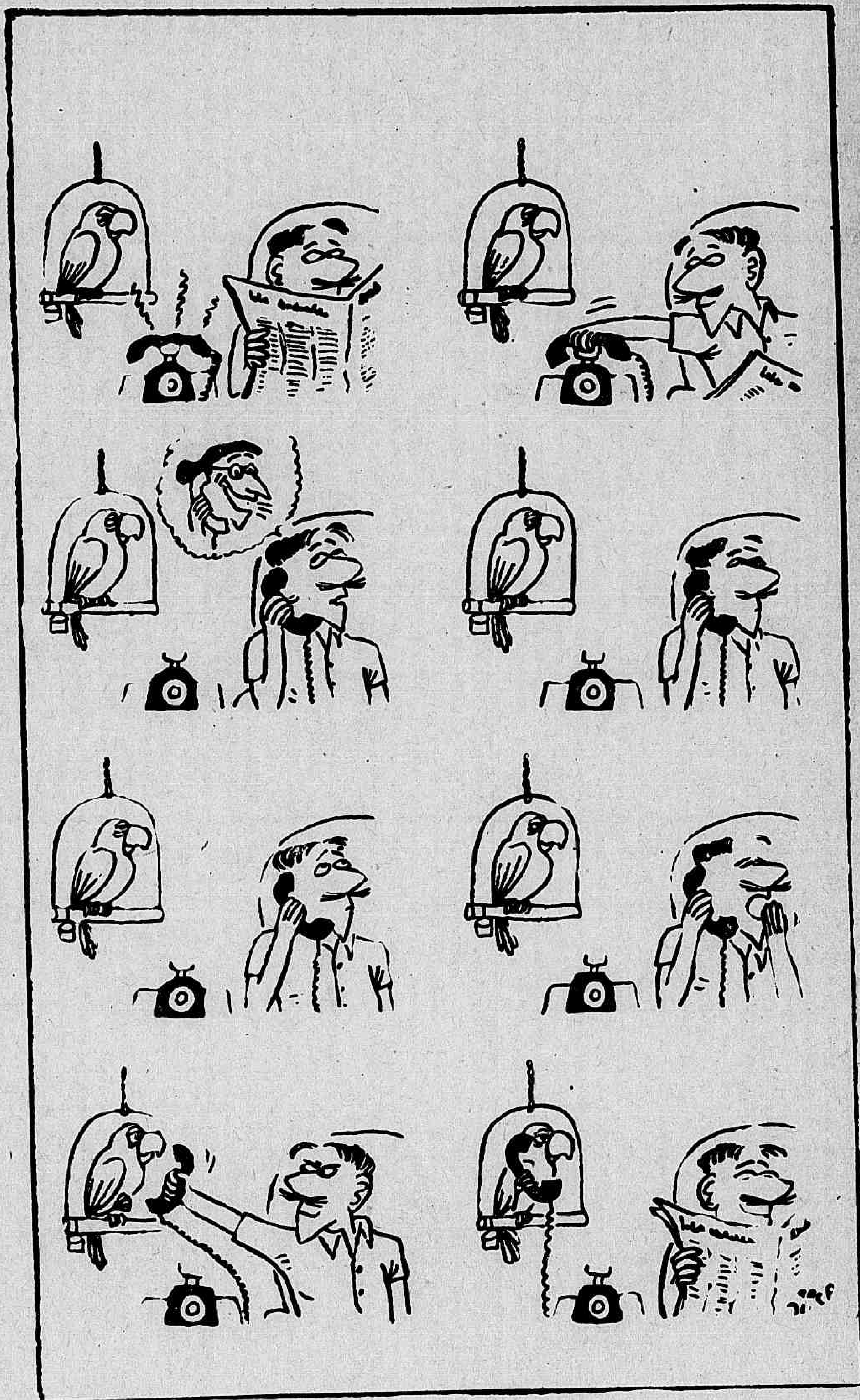
Houve quem chegasse a sugerir que Mona Lisa não se atrevera a abrir a bôca num sorriso franco porque possuía maus dentes e não queria exibir as cáries. Agora, um otorrinolaringologista norte-americano, doutor Peter N. Pastore, de Rochemond, Estado da Virgínia, afirma que Mona Lisa tinha, provàvelmente, «um nó na garganta».

O «nó na garganta» pode ter, segundo explica o arguto médico norte-americano, inúmeras causas: catarro, hipertrofia das amígdalas, alergia, etc. Também pode provir de uma simples crise emocional, provocada pelo sofrimento ou pelo temor.

Seja como fôr, a teoria do dr. Pastore apenas transfere a solução do problema, pois ninguém sabe o motivo do «nó na garganta» de Mona Lisa.



PARA TAGARELAS...



CURIOSIDADE

COMO provàvelmente ninguém ignora, celebra-se êste ano o Jubileu de Diamante da Luz Elétrica. Há 75 anos, Thomas A. Edison inventou a lâmpada incandescente prática, com um filamento de fio carbonizado, que iluminou durante 40 horas. Êsse fato é bem conhecido, assim como a fundação, por Edison, da Edison Illuminating Co., que, mais tarde, se transformou na General Electric Company. Existe, contudo, um episódio pouco conhecido, ocorrido durante a primeira demonstração pública da luz, que achamos bastante interessante.

Na pequena localidade de Menlo Park, Edison havia dependurado 60 lâmpadas, ao longo de uma rua coberta de neve. Era a noite de Ano Novo de 1879 e mais de três mil pessoas se reuniram, para admirar o acontecimento. Quando escureceu, houve um profundo silêncio; Edison moveu um comutador, e a rua se iluminou repentinamente. A multidão aplaudia, entusiasmada, quando um velho cético comentou:

— Não resta dúvida que está muito bonito. Mas só queria saber o que êle fêz para meter êsses pavios iluminados dentro do vidro.



A Inglaterra tem três mil e quinhentos e quarenta quilômetros de costa.

MUITO FÁCIL

MUITO interessada, a velha senhora observa um carpinteiro que bate pregos numa tábua. Segura a tábua com a mão esquerda e o martelo com a direita. Quanto aos pregos, guarda-os dentro da bôca.

— Cuidado! — diz a observadora. — O senhor pode, sem querer, engolir um prego!

— Isso é fácil de remediar — responde o carpinteiro. — Tenho outros!



ARMISTÍCIOS

PARA ser franca, eu e meu marido nos entendemos muito bem. Discutimos apènas uma vez por semana... — conta uma dama.

— Lá em casa é diferente — responde a amiga. — Meu marido recebe por mês, não por semana!



ACROBACIAS...

EM Roma, um rapazinho de dezessete anos caiu, de costas, da beira de um telhado, quando tentava empinar um papagáio.

Na queda foi bater contra o grupo de fios telefônicos e ali ficou, emaranhado, uns cinco minutos, antes de continuar a cair... e ser amparado pelos que correram em seu socorro.

Quase no mesmo dia, uma senhora, em Milão, desgôstosa da vida, atirou-se da janela do quarto andar de um edifício e foi cair sôbre os arames que sustentavam roupas.

Os fios, resistentes, num impulso violento, jogaram a quase suicida, pela janela, num apartamento do primeiro andar.



NA Alemanha existem igrejas especiais para surdos, com fones especiais que põem o pregador em contacto com os paroquianos.

OPERAÇÃO DE AMÍGDALAS —



«Abre a boquinha!» — Mamãe suspeita de uma infecção nas amígdalas.

EMBORA sejam muitíssimas as crianças às quais os cirurgiões extirpam as amígdalas sem que sofram complicações ulteriores, esta operação não deixa de ser, sempre, uma prova pouco agradável. Para a gente miúda, a perspectiva de uma intervenção cirúrgica costuma ser aterradora. Os pais inteligentes podem minorar as dificuldades psíquicas, preparando eficazmente o ânimo do filhinho.

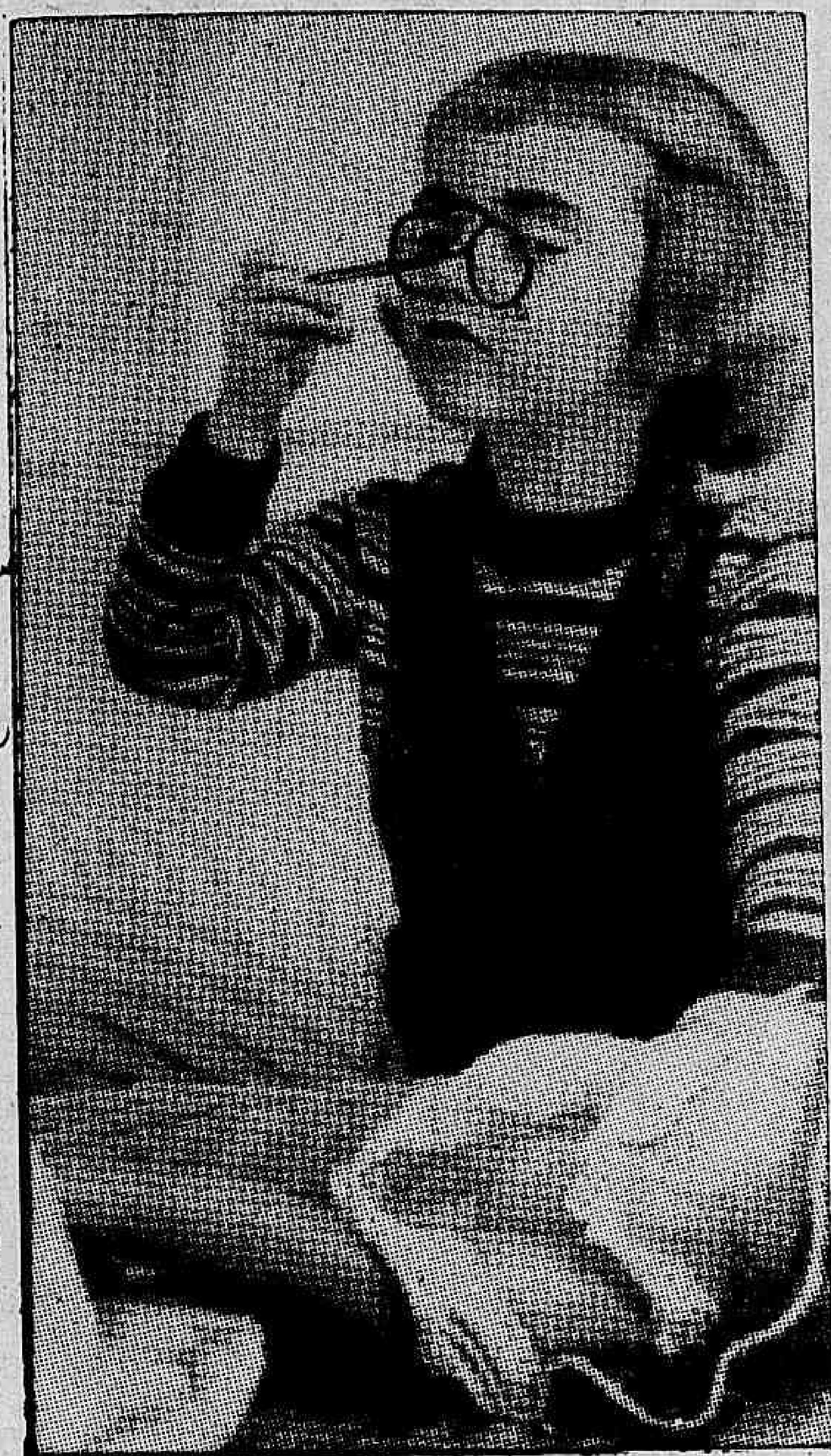
Vamos citar um caso recente, que vem provar quão grande é essa ajuda.

Quando Aninha se queixou de dor de garganta e o médico afirmou que era necessário extirpar-lhe as amígdalas, a mãe da pequenina enfêrma estudou e executou um programa preparatório "para que a menina perdesse tôda sensação de mêdo *ao desconhecido*".

Seu primeiro passo foi comprar um equipamento médico de brinquedo, a fim de que a pequenina se familiarizasse com os instrumentos que seriam utilizados para o exame clínico. Dessa forma, todo o processo se transformou em um entretenimento dos mais divertidos, em vez de ser uma ameaça atemorizadora.

Por sua vez, o próprio médico contribuiu para predispor Aninha, dando-lhe algumas explicações para

COMO, EM CASA, UMA CRIANÇA PODE SER PREPARADA





Faz «Ah!» — ordena Aninha a sua amiguinha, que se deixa examinar. Tenho que ver como andam essas amígdalas.

Aninha imita as atividades do médico, usando aparelhos de brinquedo. A paciente, para isso, é a sua boneca.

despertar seu interêsse e infundir-lhe confiança.

Completando êsse "preparo", Aninha foi levada por sua mãe para visitar o hospital, o que foi feito várias vêzes, a fim de que bem conhecesse médicos e enfermeiras.

Naturalmente, em casa, era realizado o preparo mais esmerado. Ora Aninha, ora mamãe, ora também o papai, prestava-se





O segundo exame é minucioso. «Hum... A garganta vai mal.»

Parte importante da brincadeira: administrar sono na mamãe.



Aninha escuta, com o estetoscópio, as pancadas do coração de mamãe, durante uma visita ao médico.



Uma enfermeira mantém conversa amistosa com a menina dias antes de ser realizada a operação.

a ser "operado". O "paciente era deitado na casa", "tomavam-lhe" a "temperatura", examinavam mais uma vez a garganta e finalmente colocavam sôbre o seu nariz e a sua bôca um "funil" de papel, para "cloroformizar". O "paciente" imediatamente fechava os olhos e fingia dormir.



Aninha fica sumamente encantada quando o médico lhe mostra os coelhinhos pertencentes ao laboratório.

Minutos depois, abria os olhos e perguntava: "Eu dormi? Que graça! Foi um soninho tão gostoso...". Então ouvia a revelação risonha e explicada entre gargalhadas: "Pois é! Fizemos você dormir... e tiramos as suas amígdalas, *sem você sentir!*"

Tudo era festejado com palmas ruidosas e, finalmente, o operado de mentira ganhava (infalivelmente) um gostosíssimo sorvete (anunciado como fazendo parte da operação).

É claro, êste programa prévio não pôde impedir que Aninha sentisse a garganta um pouco "engraçada", após a operação de fato. Os preparativos não aceleram o processo de recuperação da criança, mas fazem com que o episódio não deixe uma recordação muito desagradável. E, se fôr necessária nova intervenção cirúrgica, esta deverá ser anunciada como notícia jocosa. A criança irá para o hospital sem excessivo desgaste emocional, que torna a experiência ainda mais difícil para muitos adultos.



O sorvte post-operatório é um consôlo bem recebido e que faz esquecer a intervenção cirúrgica.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 9 — FEVEREIRO — 1955
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

1.º TORNEIO — 1955

LOGOGRIFOS

— 59 —

Muito **tempestuosa** — 7, 4, 10, 6, 8
Minha velha professôra
Faz retirar, mui raivosa, — 1. 2, 5, 4, 8
Da aula, a Eleonôra.

Em **miscelânea** de côres — 2, 10, 6, 8, 7, 9, 5
Simples, ela desenhou — 6, 5, 3, 4, 7, 10
A velha, entre professôres,
Vestida em **doce** maiô

Bisilva — Manaus

———

— 60 —

Eu nunca fui **potoqueiro** — 6, 7, 2, 3, 8, 5, 1, 2
Pouco gosto de **conversar** — 5, 8, 6, 7, 9, 2, 10
Falo pouco e ligeiro,
Para conversa encurtar.

A história — arrisco,
A história do **Sagui** — 1, 2, 5, 5, 2, 7
Que quis arrancar um **cisco** — 5, 7, 3, 10, 11
No ôlho de um jabuti.

Jabuti, é que não era.
Vez, **espécie de rato** — 5, 11, 7, 2
Bem finório, uma fera, 1, 2, 10, 2, 7
Acostumado no mato.

O **sagui**, muito ligeiro — 5, 11, 4, 1
Quis arrancar o entrave,
Mas o rato mui arteiro,
Sai voando como ave.
História inventada.
Ora, você me deixe.
Jabuti? Nem rato, nada.
Era sim um **Pica-peixe.**

Dr. Legnar — Urupés-S.P.

CHARADAS NOVÍSSIMAS

61 — Duas — uma — Sempre nos **causa** prejuízo e **aflição** um homem **mentiroso.**

Antomar — João Pessoa

———

62 — Uma — duas — No **estado do negócio** não foi vendida **nenhuma capa.**

Segon — Rio

———

63 — Uma — duas — Da **parte de trás** da pensão ouve-se **o toque dos sinos a finado,** pois morreu um **velhaco** e foi perdoado.

Guilherme Tell — Rio

———

64 — Uma — duas — No **quinto mês do ano maçônico foi pôsto em liberdade um criminoso perdoado** do resto da pena.

Beatriz Cardoso - C.E.P. - S.P.

65 — Uma — duas — Sob pretexto algum recusa briga o **corajoso caipira.**

Dr. Zinho — S. Paulo

———

66 — Três — duas — **Fuja** daqui sem demora, senão arrumo o **cacete** no lombo; não suporto **indivíduo neurastênico.**

Heron Silpes — Canavieiras

———

67 — Três — uma — Na minha **cabana** há grandes **complicações** com os **berliques que as crianças usam no pescoço.**

José Renaud Lapolli - Curitiba

———

68 — Uma — duas — Só tem **presunção**, mas é louca por soldado de polícia, mesmo sem **dinheiro**, a **mulher que fala esgoelando-se.**

Florentino — J. Pessoa

———

Ao bom amigo Emidlej

69 — Duas — duas — Todo pai de família fica **alegre** quan-

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

do salda **qualquer letra de câmbio**.

Manduca - ACCB - Salvador

---

70 — Uma — três — **Desde** que o homem passa a **insistir** pela sua felicidade, vem **confiar** em si próprio.

MAG - ACCB - Salvador

---

71 — Duas — duas — O homem na **chuva, mancha** a reputação por simples **barulhada**.

Ordisi — Lisboa

---

72 — Uma — duas — **É um desfrute** não querer bom clima e boa **aparência**, passando férias em uma **casa de campo**.

Pompeu Júnior — Botucatu

ENIGMAS

A distinta confreira Heron Silpes, agradecendo a "Safarrascada"

— 73 —

Parai sòmente um instante
Olhai o **céu** do Brasil,
Nosso torrão varonil
De beleza cintilante.
Vêde, pois, como é tão lindo
O seu firmamento azul
De puríssima côr de anil
Onde o Cruzeiro do Sul
Rebrilha entre estrêlas mil
Onde?

Mavicaro

— 74 —

Aqui em cada habitante,
Existe um riso exultante
Que anima nosso povoado.
O viajor que aqui aporta,
Provindo de praça morta,
Fica logo **amalucado**.

Gil Vírio — Andradina

— 75 —

Trabalhando com ardor,
Ela fia no sobrado
Um tecido de valor,
De lavores em bordado
Em seu trabalho ideal
Há muito esmêro, cuidado
Em que se vê um animal
Semelhante ao veado.
Onde?

Ismênia — Recife





CHARADAS SINCOPADAS

76 — Três (duas) — Logo **que fermentou** a cachaça, êle ficou **alegre**.

Antomar — João Pessoa

---

77 — Três (duas) — **Antigamente** uma **vertigem** logo terminava com uma simples aspiração de éter.

Beatriz Cardoso - C.E.P. - S.P.

---

78 — Três (duas) — Várias foram as **desinteligências** entre os garotos na hora de repartirem a **sopa de pão**.

Cysneirense — Viçosa - Mg

---

79 — Três (duas) — Com indivíduo **petulante**, não **procuro** conversa.

Emidlej - ACCB - DSP - P. A.

---

80 — Três (duas) — Não há **remédio** se não aceitar o **quinhão de roubo**, quando macomunado com ladrões.

Fusinho - CEC - Bangu

---

81 — Três (duas) — Foi visto o menino **indisciplinado, contente** com as travessuras.

Fiote — Cuiabá

---

82 — Três (duas) — **A aparição da baleia após o mergulho não é feita sem ruído**.

Gomes Júnior - CEC - Maceió

---

83 — Três (duas) — Queres trocar esta **jaqueta** por tua **cartola?**

H. França — Recife

---

84 — Três (duas) — **A naveta está no altar dos sacrifícios**.

Iris — T. Otoni

---

85 — Três (duas) — Foi **queimado** em praça pública o **programa de partido** de conhecido político.

Florentino — João Pessoa

86 — Três (duas) — **Mulher colérica** é o **diabo** em forma de gente.
José Coelho Vieira — Maceió

87 — Três (duas) — Descobri um **meio indireto** de não pagar essa **espécie de derrama.**
Malba Tantan - P.S. - Santos

88 — Três (duas) — O **tratante** vendia uma **espécie de bôlo leve de mandioca.**
Oarcim

89 — Três (duas) — **Defendo-me,** num ponto de vista sem **receio.**
Pompeu Júnior — Botucatu

90 — Três (duas) — Ao **caudilho** coube a **maior parte** dos bens.
P. Del Debbio - CEP - S. Paulo

91 — Três (duas) — **Velhaco** só **cuida** de velhacaria.
Sertanejo II - Lavras



CHARADAS ANTIGAS

(Ao grande mestre amigo, Dr. Lavrud, com um forte abraço)

— 92 —

Ela **põe em ordem** a casa — 3
Pois a sogra é uma brasa
Que em tudo vê desagrado;
Ela "**nota**", que a maldita — 1
Faz-lhe sempre uma visita
Num fito propositado.

Bisilva - Manaus - Amazonas

— 93 —

Bonita por **natureza** — 2
Iaiá se enfeita com zêlo — 1
Ficando horas torcendo
Um só **rôlo de cabelo.**

R. Kurban - T.B. - São Paulo

— 94 —

Se encontra **complicação** — 1
lança logo o desafio — 1
quer seja sobrinho ou tio
não lhe falta **inclinação.**

Ordisi — Lisboa

CHARADAS CASAIS

95 — Três — Quem **exalta** o belo ama o **perfeito.**
Asil - ACCB - Salvador

96 — Cinco — Uma professôra **excessivamente** severa diplomou-se em um colégio **muito rigoroso.**
Cysneirense — Viçosa - M.G.

97 — Quatro — Para quem não é charadista torna-se **difícil de compreender** uma carta **enigmática.**
Cysneirense Jor.

98 — Quatro — Eu toco **sanfona,** mas francamente, nunca fui **tocador de safona...**
Dr. Legnar - Urupés - S.P.

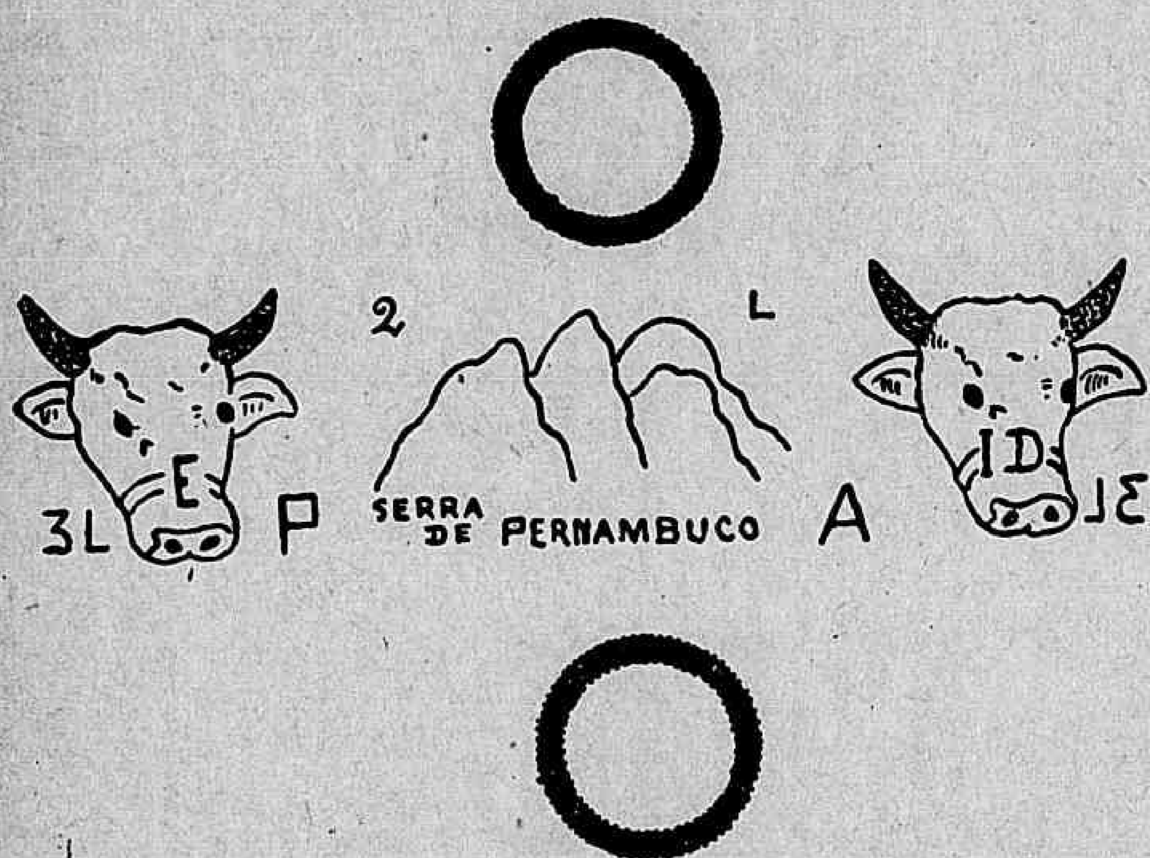
99 — Quatro — É preferível uma **pancada com a ponta dos dedos, dada em geral nas orelhas das crianças,** que uma **bofetada.**
Edur G. Monteiro — Cuiabá

100 — Três — Ora essa! — **companheiro,** explique-me porque gosta tanto de **cachaça.**
Heron Silpes — Canavieiras

101 — Quatro — Fica o chão **poeirento** quando há **agitação** do vento.
H. França — Recife

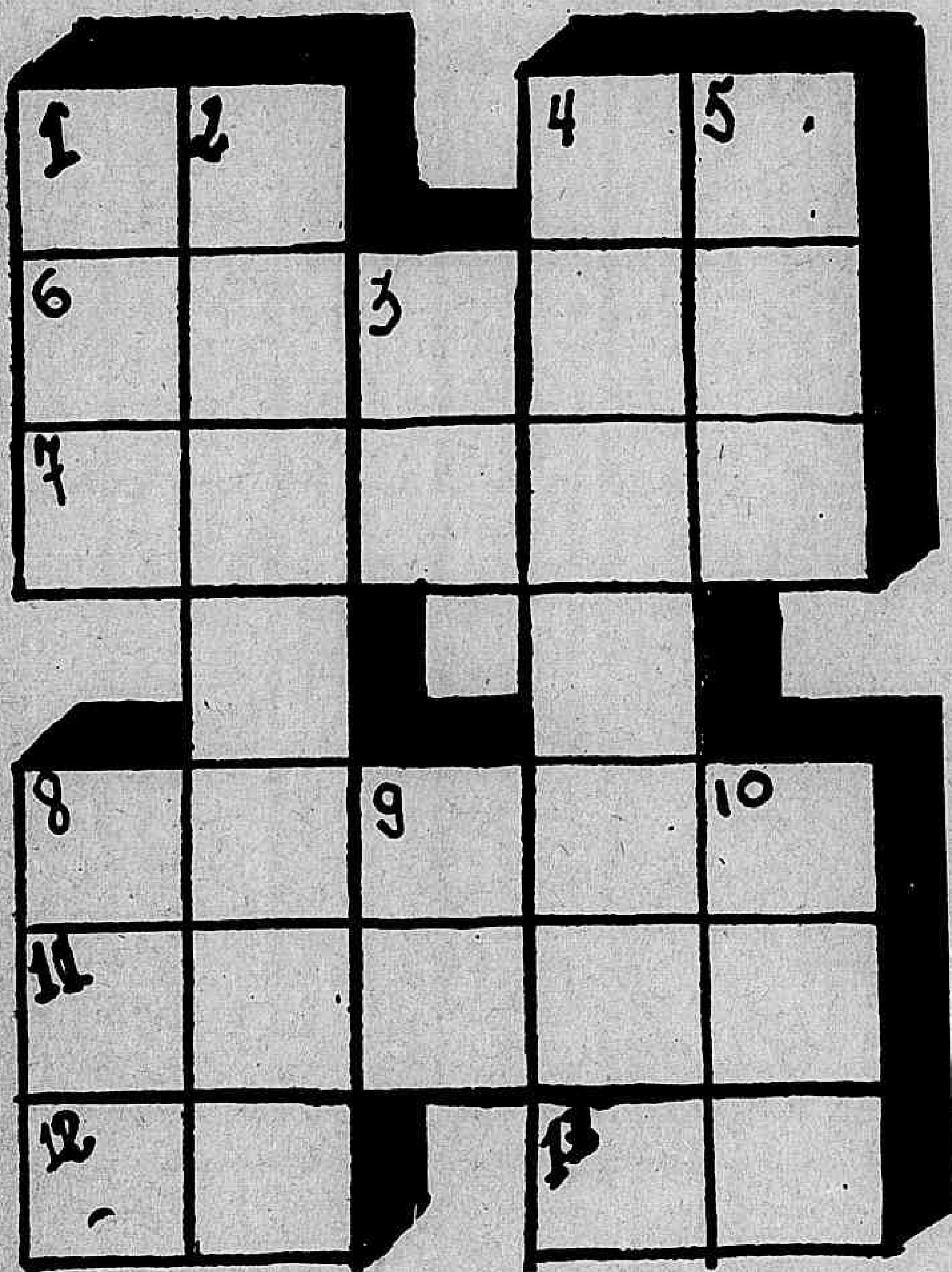
102 — Três — **Encanto extraordinário.**
Irahydes — Rio

ENIGMA PITORESCO
— 113 —



Radge — G. C. N. — Recife

PALAVRAS CRUZADAS
PROBLEMA N.º 3

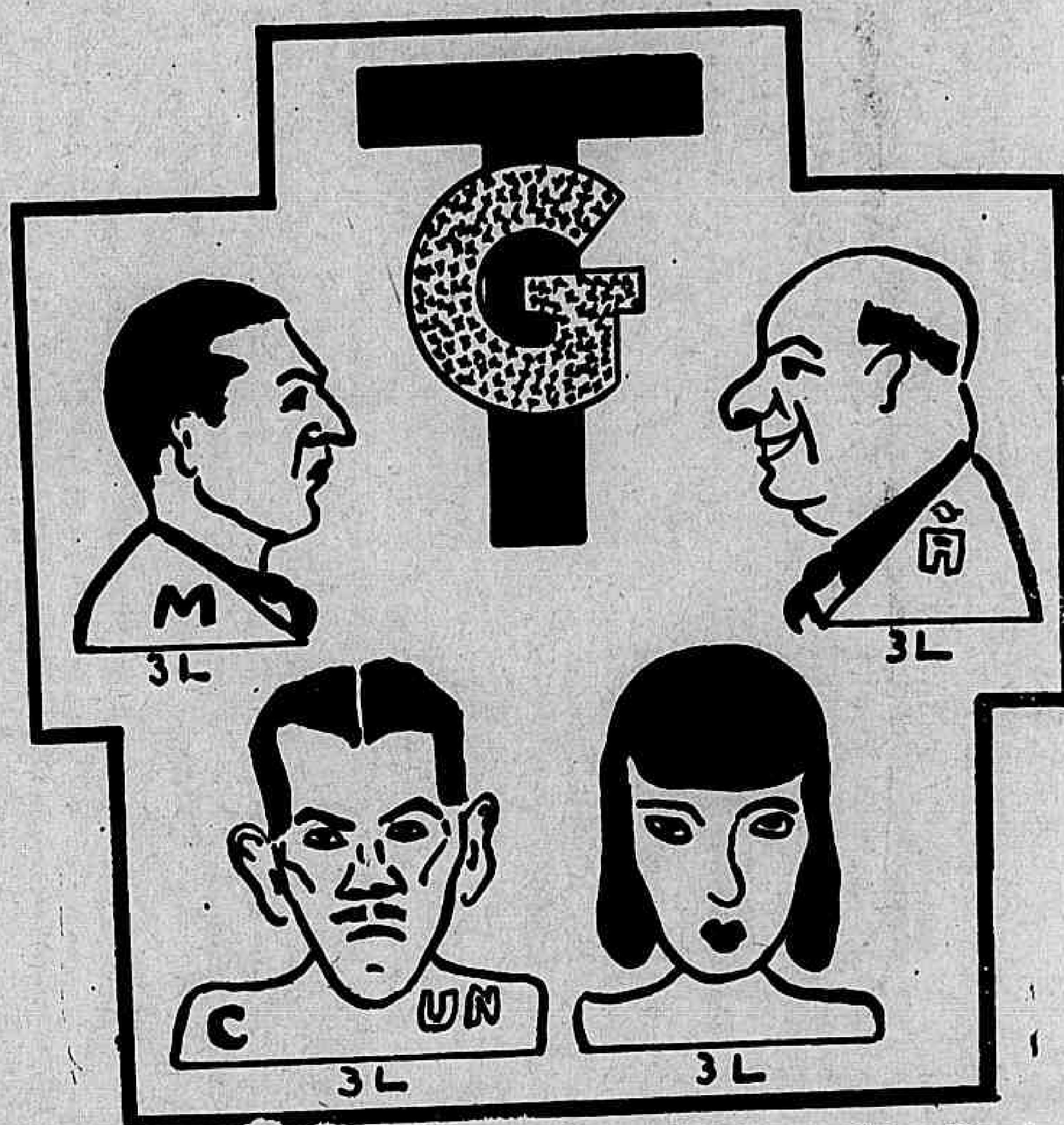


Nelson Bernarde — São Paulo

Horizontais — 1 — Simb. do tantalo; 4 — Rio da Sibéria; 6 — Mamífero ungulado da fam. das girafas; 7 — Ave da fam. dos psitacídeos; 8 — Calor atmosférico; 11 — Dividir ao meio; 12 — Nota musical; 13 — Tumor também chamado arrieira.

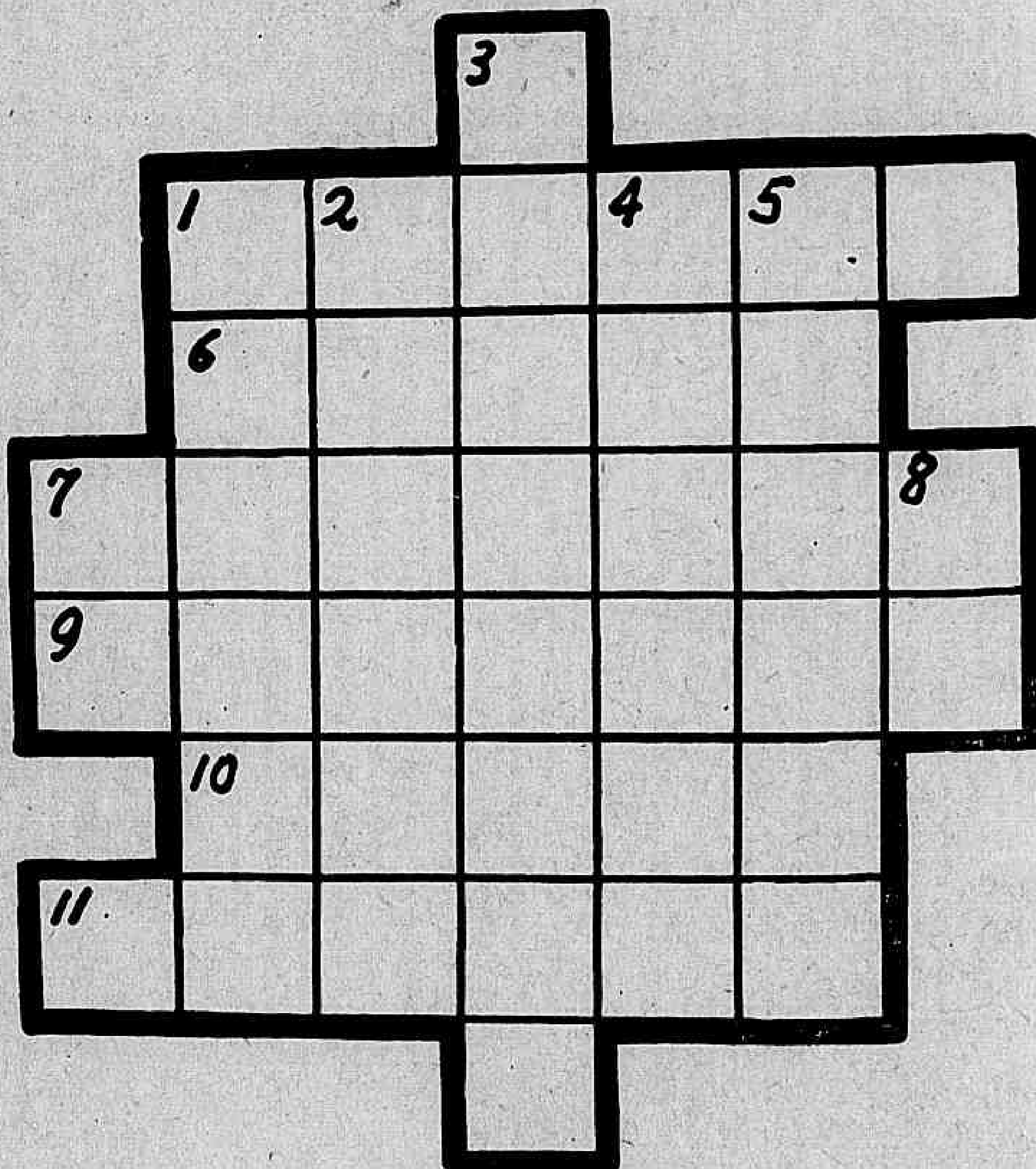
Verticais — Sirga; 2 — Música instrumental dos romanos; 3 — Nome de diversos rios da Europa; 4 — Apertem; 5 — Templo Japonês; 8 — Protóxido de cálcio; 9 — Decifra: 10 — Altar de sacrifício.

ENIGMA PITORESCO
— 114 —



P. Del Debbio — CEP — São Paulo

PROBLEMA N.º 4



Bereco — Recife

Horizontais — 1 — Mergulhão da família dos solídeos (pl.); 3 — Última das 7 letras dominicais; 7 — Belicoso; 9 — Cometo; 10 — Mole; 11 — Certo peixe do Mediterrâneo (pl.).

Verticais — 1 — Planta espinhosa de fôlhas largas e recortadas; 2 — Alterar; 3 — Mina de riquezas, no sentido literal e no figurado; antigo nome de Hiderabad; 4 — Pequeno povoado ou arraial; 5 — Amaros; 7 — Nota musical; 8 — Gase da China.

PONTO ANULADO

Foi anulado por ter saído com incorreções o enigma n.º 75, de novembro.

— 103 — Três —
O Primeiro de Abril
É celebrado de fato,
E é tido no Brasil
Como o dia do **boato**.
Jaspar - T.E.M. - B. Horizonte

— 104 — Três —
Canta o galo. É **madrugada**.
Põe-se o céu a enrubescer,
E a lua **foge** apressada
Ante o sol que vai nascer.
J. D. Mingo - Senhor do Bonfim

---

105 — Três — Pelo carnaval um jovem **trigueiro** fêz sucesso pondo na cabeça uma **mitra extravagante dos condenados da Inquisição**.
José Coelho Vieira - Maceió

---

106 — Três — Entrei em ação e já tenho **concluído um bom negócio**; agora é a sua vez.
KTQZ — S. Paulo

---

107 — Duas — Que **disfarce** tão sem **brilho**!
Laranjeirense — Aracaju

---

108 — Quatro — O **aristocrata** também bebe **cachaça**.
Ismênia — Recife

---

109 — Três — Tôda aquela **que compra e não paga** é, realmente, mulher de **estradeiro**.
Mavicaro

---

110 — Três — **Reverte** em benefício para outros a **decadência** de muitos.
MAG - ACCB - Salvador

---

111 — Duas — Qualquer **papão** espanta a **ave**.
Racha — Rio

---

112 — Duas — O superior que **domina**, abusando de sua **autoridade**, é um tirano.
Roama — São Paulo

"ALVAZIL"

Auxiliar do Charadista, vocabulário monossilábico de autoria do confrade Carlos Costa, de Salvador, Bahia.

É o terceiro volume da série, contendo uma desenvolvida coleção de monossílabos, estudados como ainda não foram; basta dizer que o verbete que ocupa 17 páginas.

Alvazil é um trabalho que muito honra o seu autor e merece o apoio de todos os charadistas.

"A TURMA EM FOCO"

É o órgão dos alunos da 4.ª série do Colégio de Viçosa, no Estado de Minas Gerais. É seu diretor o confrade Sidney Alves Affonso nosso colaborador e o redator Bráulio de Oliveira Fernandes.

A turma da 4.ª série começa bem, pois tem muita vontade de acertar.

GAZETA NOS ENÍGMAS

É uma nova seção charadística que aparece na **Gazeta do Rádio**, sob a direção de Ivan Evangelista.

GRUPO ENIGMÍSTICO CRUZEIRO

Foi fundado nesta capital êste grupo constituído pelos seguintes confrades:
Trica Antônio (Triton); Yeddo de Carvalho (Oddey) e Nildo Ormunde Dantas.

O G. E. C. tem por fim insentivar e trabalhar em prol do charadismo em geral.

Parabéns ao seu organizador Trica e a sua trinca.

CÍRCULO ENIGMÍSTICO PAULISTANO

Foi eleita a nova diretoria do C. E. P. constituída pelos seguintes confrades: Presidente — Raif Kurban (R. Kurban); Vice-Presidente — José Anchieta Tôrres (Anchieta); 1.º Secretário: Sidney Camargo (Paco); 1.º Tesoureiro — José d'Almeida Barbosa (Zèquinha); 2.º Tesoureiro — Israel Brasil Corrêa (O Sineiro).

CASAMENTO

Realizou-se no dia 18 de dezembro o casamento do nosso confrade Valter Fernandes (Gualtércio) com a senhorita Heloísa Marques.

BOAS FESTAS

A todos os confrades que nos enviaram cartões de Boas Festas, apresentamos aqui os nossos agradecimentos retribuindo.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 28 de dezembro:

Segon — (Rio) — Agora sim, estamos bem sortidos de seus bons trabalhos.

Seamva — (Santos) — O confrade tem a totalidade no 1.º Torneio de 1954.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli
RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

"FIU-FIU"

(*Continuação da página* 50)

— Porque desejo uma investigaçãozinha... — explicou ela. — E, depois porque gostei do título da firma... *Amalgamated Investigations*...

— Oh! Êsse nome foi escolhido apenas porque meu pai queria ser o primeiro na lista telefônica.

— E teve razão, porque por isso mesmo estou agora aqui. Como deve saber, sou procurada por muita gente. Uns querem meu autógrafo para quinquilharias, outros desejam ser meus arranjadores de contratos para os palcos e outros, enfim, querem apenas o meu dinheiro. Por isso cheguei a um ponto em que não posso mais distinguir o bem intencionado do interesseiro. Eis porque desejo o seu auxílio, sr. Adams.

— Pode chamar-me apenas de "B.J." — pediu êle.

Ela retirou da carteira uma fôlha de papel e um caderno de cheques.

— Reduzi a lista a êstes três — prosseguiu. — São os pretendentes mais teimosos e vivem afirmando desejar-me para espôsa. Desejo que verifique o que são e o que pretendem realmente.

— Desconfia de que sejam... insinceros?

— Sim. Podem ser, todos, apenas *assobiadores*! — declarou Linda.

NA quinta-feira seguinte Barney já havia feito sindicâncias a respeito do trio que merecia as preferências de Linda. Ainda podia recordar o perfume que ela usava, naquela sua inesperada aparição, quando estêve mais de duas horas sentada ao seu lado. Só não podia compreender porque havia aceitado aquêle caso. De qualquer maneira podia ser considerado de rotina. Telefonara várias vêzes para Brooklyn, enviara telegramas para Des Moines, conversara com um repórter amigo, num estádio de futebol, comprara a discrição de um porteiro de hotel e chegara até a conferenciar com um senador, que era um grande e velho amigo de seu pai. Os resultados, incompletos porém indicativos, forneceram-lhe fartos *dossiers* relativamente a Thurman Mason, Jeffrey Hunterdon e George Nye. Assim armado, telefonou para Linda Thompson nessa mesma tarde.

— Quem? Oh, B. J.! Sim, é claro...

Mesmo com sua inicial indecisão e o ruído que havia por trás da voz dela, Barney sentiu que seu coração derretia.

— Tenho algumas informações interessantes...

— Oh! Ótimo...

Um fonógrafo não parava de trabalhar com músicas dolentes. Tudo, porém, piorou quando êle ouviu, repentinamente, uma voz de homem dizendo qualquer coisa.

— Bem — disse Barney, cortêsmente. — Se a interrompo...

Oh, não! Apenas estou oferecendo uma festinha. Se quiser vir... Oh! (A voz dela subiu e desceu uma oitava, entre surprêsa e indignação.) Com franqueza, George!

Uma onda de amargura e revolta acabou com a paciência de Barney.

— Se é com George Nye que está de namôro, saiba de uma vez que êle tem espôsa e três filhos!

A fôrça com que bateu o fone foi suficiente para despertar Graham Bell em seu túmulo. A seguir, ficou inerte, no escritório, tentando acalmar os nervos.

DEZ minutos depois, batia à porta do apartamento de Linda Thompson. Porém a porta cedeu logo que êle torceu o trinco e empurrou com violência. Entrou pelo apartamento como um vendaval e foi esbarrar violentamente contra um rapagão, que conversava com Linda. Os dois homens caíram sôbre o tapête, misturando pernas. Depois de um prolongado esfôrço, Barney conseguiu livrar-se e pôs-se de pé.

— Você está bem? — perguntou para a assombrada Linda.

Estavam ali apenas os três. Êle, Linda e o homem que parecia olhá-lo da estratosfera. Ao seu lado, Barney mal chegava aos seus ombros.

— Afinal, que significa isso? — perguntou o desconhecido.

Barney, porém, fingiu não ouvi-lo. Linda arranjava os cabelos.

— Você está bem? — teimou Barney.

Ela sorriu, ao dizer:

— Olá, B. J.! Não estava pensando em chamar a polícia. Mas sempre foi bom você ter vindo.

O grandalhão agora empurrava Barney, ameaçadoramente, e dizia:

— Agora ouça, intrometido...

— É um... "assobiador"? — perguntou Barney, sempre voltado para Linda.

— Hum, hum...

— Não pense que pode assim derrubar os outros! — gritava agora o outro.

— Não amola! — respondeu Barney, com ar de desprêzo.

Foi seu último ato consciente. Repentinamente, uma "bomba" explodiu entre os seus olhos...

AS ondas se abriram gentilmente e êle mergulhou em águas douradas, cercado de peixinhos curiosos. Um sono delicioso o invadiu e começou a sonhar com Linda, ajoelhada a seu lado, falando incessantemente, deliciosamente junto do seu ouvido.

Aconchegou-se mais em seus braços, murmurando: "Linda... Querida!" — e procurou beijar a visão. Estava tonto, sim; mas estava gostando de sentir-se preguiçoso... Ouviu Linda dizer qualquer coisa como *"Ainda bem que você está vivo..."* Agora recuperava consciência e sentia o queixo doendo muito. Depois abriu os olhos e viu Linda sentada, contemplando-o com ar divertido.

— Como está agora, Valentão? Quebrou alguma coisa?

Sentou-se, apesar da dor, procurando reunir as idéias. Estivera desacordado alguns minutos. Linda mudara de roupa e agora vestia um estranho *short* siamês, que lhe deixava as belas pernas à mostra.

— Tenho o mau costume de esperar que batam primeiro... — explicou êle, desolado.

Linda riu e ajudou-o a pôr-se de pé. Com a ponta dos dedos inspecionou a parte atingida pela "bomba" do grandalhão e, com isso, Barney melhorou extraordinàriamente.

— Mas, também, êle era muito maior que você e já foi campeão olímpico de boxe.

— Oh, sim! George tem a mão pesada!

— George? Mas não era George! Era Thurman. Thurman Mason. Mas foi bom você ter me livrado dêle.

Apanhou um lápis e um caderninho, riscando o nome de Thurman da página. Depois, perguntou:

— E você disse, B. J. que Nye é casado? Quem diria? Aí está — acrescentou sorrindo — como você me é útil!

— Sim. A sra. Nye está atualmente na Europa; os filhos estão num colégio... e êle aproveita para ser saliente com você! Mas pensei que George estivesse fazendo-se de "engraçado" com você! Ouvi você pronunciar o nome dêle, no telefone.

— Oh, J. B.! Como você pode ser um detetive? O George que você ouviu chamar era o garção, que quase derrubou *hors-d'oeuvres* em meu vestido. Thurman apareceu depois, querendo que eu fôsse jantar com êle; mas também quis ser saliente...

Guardou o lápis e piscou os lindos olhos azuis, antes de dizer:

— Foi muita gentileza sua, B. J., correndo até cá para salvar-me!

E, sem qualquer aviso, avançou o rosto e beijou-o. Não sôbre os lábios, mas, firmemente, numa das faces.

Barney subiu duas vêzes ao céu e desceu pesadamente para refletir que aquilo fôra

★



— Só que isso se chama "planta" e não "receita"!

apenas um impulso de gratidão. Pela primeira vez, desde que a conhecera, Linda Thompson falava sòzinha. Êle tinha a garganta muito apertada para isso. Finalmente, ela tornou a apanhar o caderninho:

— E sôbre Jeff Hunterdon? Pôde colhêr informações?

— Quem? Oh, sim! Muitas informações, embora não completas...

— Que tal a conta dêle nos bancos? Tenho notado que êle abre a carteira com facilidade...

— Oh! Muito boa situação... Tem muito dinheiro, mesmo. Duas fábricas lá para os lados de Brooklyn, com as quais consegue todos os contratos do govêrno. Muitos negócios. Mas dinheiro não é tudo, você sabe!

— Pelo menos significa que não se interessa pelo *meu* dinheiro!

— Mas há outras coisas... Quero dizer, representação, associações, interêsses gerais...

— Isso significa que é homem de valor... e que, mesmo assim, se interessou por mim, não acha?

A conversa começava a assustar Barney.

— Bem — disse, finalmente. — As coisas boas demais assustam... Um homem perfeito! Não tem um inimigo... Isso o torna até suspeito!

— Não acho... — disse Linda, com uma caretinha de faceirice.

— Grande Irmão da Maçonaria, membro da Câmara do Comércio — começou Barney, contando pelos dedos. — Diretor de várias companhias de seguros, tesoureiro da Igreja Republicana, conselheiro da Municipalidade... Não acho que seja homem para casar e fazer nenhuma moça feliz... Homem muito importante... e muito ocupado!

— Não sei por quê! Isso até me deixaria com uma vida calma, no lar. Já disse que prefiro a quietude, não sabe? E Jeff parece um marido ideal. Além do mais é cheio da *gaita*. Que mais pode desejar uma mulher?

— Ainda não completei as informações. Preciso ainda de esclarecer certos detalhes — disse Barney, na defensiva.

— Pois esclareça. Quero tudo bem explicadinho, B .J. Se pudesse conseguir isso para amanhã, à noite, seria ótimo!

— Tanta pressa assim? — perguntou Barney, alarmado.

— Jeff quer que eu vá jantar com sua família, sábado... Mas que tem você, B. J.? Está sentindo tonteira, outra vez? Parece alguém prestes a perder os sentidos... Que está sentindo?

— Nada, nada... Estou bem.

Sentia-se como um homem perdido. Aquêle jantar de sábado, com a família de Jeff podia ser o *final*... para êle mesmo!

— É melhor você sentar um pouco, B. J. Quer um cafèzinho? Provàvelmente nada comeu, até agora... e eu já perdi um encontro para jantar. Que tal se eu fôsse preparar qualquer coisa para nós dois? Depois você poderá ir colhêr mais informações sôbre Jeff...

Barney se levantou num salto, disse que não, agradeceu e saiu, pretextando ter um encontro inadiável.

MAIS tarde, raciocinando, Barney imaginou até que ponto ia a sua responsabilidade e que mentira poderia tornar aquêle jantar impossível. Poderia, por exemplo, dizer que Jeff bebia até ficar embriagado ou que era casado, ou jogador viciado ou gostava de perseguir as jovens atrizes dos teatros de revista... Mas a ética não permitia; nem a tabuleta no escritório do seu pai... Mas, se exagerasse as perfeições do homem visado, talvez conseguisse assustar Linda...

A noite que passou foi miserável. O Purgatório devia ser um paraíso tropical, comparado com a sua tortura, rolando na cama, sem poder dormir. Consumiu uma cafeteira inteirinha e ficou ouvindo programas horrorosos, no rádio. Já dia claro, levantou-se. Estava decidido! Tinha que haver uma nódoa na armadura de Jeff. E êle a descobriria! Passou a manhã inteira em Brooklyn, indagando sôbre Hunterdon. O homem era perfeito mesmo. E soube, até, que o presidente estava pensando em nomeá-lo para o seu secretariado!

À tardinha, Linda telefonou. Barney estava de gênio negro. Escrevera ao pai,

na Flórida, perguntando o que devia fazer com a agência, pois estava disposto a abandonar o serviço. Estava estudando o que faria, depois, quando o telefone chamou:

— Olá, B. J.! Que tal o trabalhinho?

— Pode casar com Hunterdom! — disse êle. — E seja muito feliz! — concluiu, desligando imediatamente.

Ela tornou a chamar, quando êle estava imaginando o próprio futuro na "Legião Estrangeira".

— Barney! Que tem você nesta manhã tão linda?

— Nada... Você pediu minha opinião sôbre Jeffrey Hunterdom. Eu dei: pode casar com êle!

— E... assim, tão "delicadamente"? Isso é maneira de falar com uma moça?

— Se você exige um relatório oficial, posso batê-lo na máquina e enviar para você. Se fui indelicado, perdoe-me. Agora, infelizmente, estou muito ocupado...

Sentia-se miserável, mas, no último torturado instante, acrescentou:

— Cuida de agradar à família dêle, pois é um partidão! Case com êle!

— Obrigada. Sei o que devo fazer... — a voz fôra fria e cortante.

NA manhã seguinte, uma segunda-feira, Barney entrou resolutamente no seu edifício e passou pela portaria sem um olhar nessa direção. Tivera todo um *week-end* para testar sua resistência de homem. Depois tivera um sonho reconfortante, em que êle, sòzinho, derrubava um cavalheiro, todo protegido numa armadura reluzente, depositando-o a seguir aos pés de uma criatura muito parecida com Linda Thompson.

Não viu a linda criatura que penetrou no elevador, caminhando junto dos seus calcanhares. Só a viu quando ela saiu, atrás dêle, no *hall* do terceiro andar, vazio àquela hora.

— Linda!

Levou-a imediatamente para o seu escritório, envergonhado com a própria veemência.

Ela sorria um tanto friamente e tratou de livrar-se do seu braço.

— Creio... que você vai abrir o escritório... *para trabalhar*, esta manhã?

Abriu a porta, deixou que ela entrasse e foi logo abrir a janela.

— Como foi o seu fim-de-semana? — perguntou, depois.

Ela se sentara na poltrona, à direita da sua mesa de trabalho, e abrira a bôlsa.

— Vim procurá-lo para *isto*... — disse, abrindo o caderninho. — Tenho mais trabalho para você... Quero que me investigue a respeito de mais alguém. Jeffrey é, realmente, tudo quanto você disse, B. J. Um perfeito cavalheiro; mas tão correto que me assusta...

Êle não podia acreditar no que ouvia e, além do mais, o convite que lia nos olhos azuis, o deixava moroso. Baixou o olhar para o pedacinho de papel e leu o nôvo nome ali escrito:

"Bernard J. Adams."

— Sei que não estou realmente qualificada para julgar os homens — falava Linda. — Mas você, realmente, sobressaltou meu coração... ao me beijar, outro dia, quando delirava, depois de receber o sôco de Thurman... Ontem, quando Jeffrey me beijou, ao despedir-se, senti como se trocasse um simples apêrto de mão, com um velho amigo...

Parou, hesitante, depois, levantando-se, gritou:

— Mas fale alguma coisa! Não fique aí, sentado!

Barney se levantou, movendo a cabeça com ar desolado:

— Você sabe... Não sou um cavalheiro, nem tenho conta volumosa no banco...

— Eu tenho — disse Linda.

— Nem sou, mesmo, um detetive. Na verdade, sou um geologista. Talvez tenha que viajar pelo mundo todo...

— Formidável! Assim poderei conhecer o mundo!

Sorrindo, êle acrescentou:

— E também gosto de... *assobiar*!

— E eu vou gostar, quando você fizer... — disse Linda, beijando-o.

As guitarras voltaram a gemer, distantes, e no escritório subiu o perfume das palmeiras batidas pelo vento tropical...

EU SEI TUDO

Nº 453 — Ano XXXVIII   Nº 9 — Fevereiro — 1955

S U M Á R I O :

Milagre (conto) 3
Dormir e roncar (Os últimos descobrimentos da ciência para combater velho problema doméstico) 7
Resolva seus problemas 8
Tespestade de verão (conto) 9
Não estrague a sua mesa 19
S.O.S. para o seu lar 20
Carnaval — O festim que salta dos guizos estridulantes — As multidões em pânico jovial 21
Para reforçar o leito das vias-férreas 27
Essa estranha alergia 28
"El Revólver Fatal" (Episódio real) 34
A fôrça de um juramento (Romance, continuação) 35
Foi Esopo quem começou 43
Os livros também enfeitam uma casa 44
Sapatos dourados 46
Ouvindo a côr 46
A poça-d'água irresistível 46
Fiu-fiu (conto) 47
O submarino que voa (A nova arma da marinha norte-americana pesa só 25 toneladas. Menos, portanto, que a âncora do "Queen Mary" e poderá navegar, mergulhado, por tôda a extensão do Mar Báltico) 51
Conselhos de uma quituteira 60
E, se eu viver... (conto) 61
Agora, já fizeram isto! (Radiotelefone de bôlso — Cartas rodoviárias que não rasgam nem desbotam — Borracha para máquina de escrever — Novas aplicações do vidro) 69
Não receie dizer: "Eu vi um disco!" 70
Um detalhe tão pequenino... (conto) 80
Os cirurgiões já operam os micróbios! 84
O diário de Felix Lane (Romance, continuação) . 87
Olhando o mundo há 60 dias. Memento EU SEI TUDO (Dezembro de 1954) 95
Nos domínios da gramática 102
O assassino estava no táxi 103
Para tagarelas 105
Operação de amígdalas 106
Quebra-cabeças, charadas, etc. 109

CORRESPONDÊNCIA

Aristóbulo Cavalcânti de Albuquerque (D. Federal) — Foi publicado com as ilustrações apontadas, porém, no Almanaque de 1953. O assunto será tratado, com dados novos, em número próximo de EU SEI TUDO.

Álvaro da Cruz Lima (D. Federal) — Simplesmente divulgamos êsses progressos da medicina, justamente para que o leitor — como no seu caso — conheça êsses adiantamentos. Aconselhamos o amigo a procurar um médico.

Manuel C. Nunes (D. Federal) — Não conhecemos melhores do que os publicados pelo National Geographic Magazine. Em várias livrarias da R. São José, nesta capital, poderá encontrar o que deseja.

Narciso C h a f i n o (S. Paulo) — Houve, realmente, um pequeno atraso, motivado por acidente com as nossas máquinas. Esperamos, no entanto, que já esteja regularizado. Não vendemos "clichés" nem fotografias. Gratos.

Célia Magalhães (D. Federal) — Não existe nas livrarias. Não conhecemos com o título que indicou. Não será "Marier Sa Fille"? Os demais já publicamos.



A CAPA — Aí está, de novo, o Carnaval e o seu cortejo de músicas alegres, guizos, confetes e bailes para todos. Os mais pacatos arrumam as malas para cair fora da cidade enlouquecida. Outros, ao contrário, aqui chegam, dispostos a tudo. O nosso desejo é que o leitor, fique ou fuja do Rio, tenha um bom Carnaval, pulando ou simplesmente descansando.